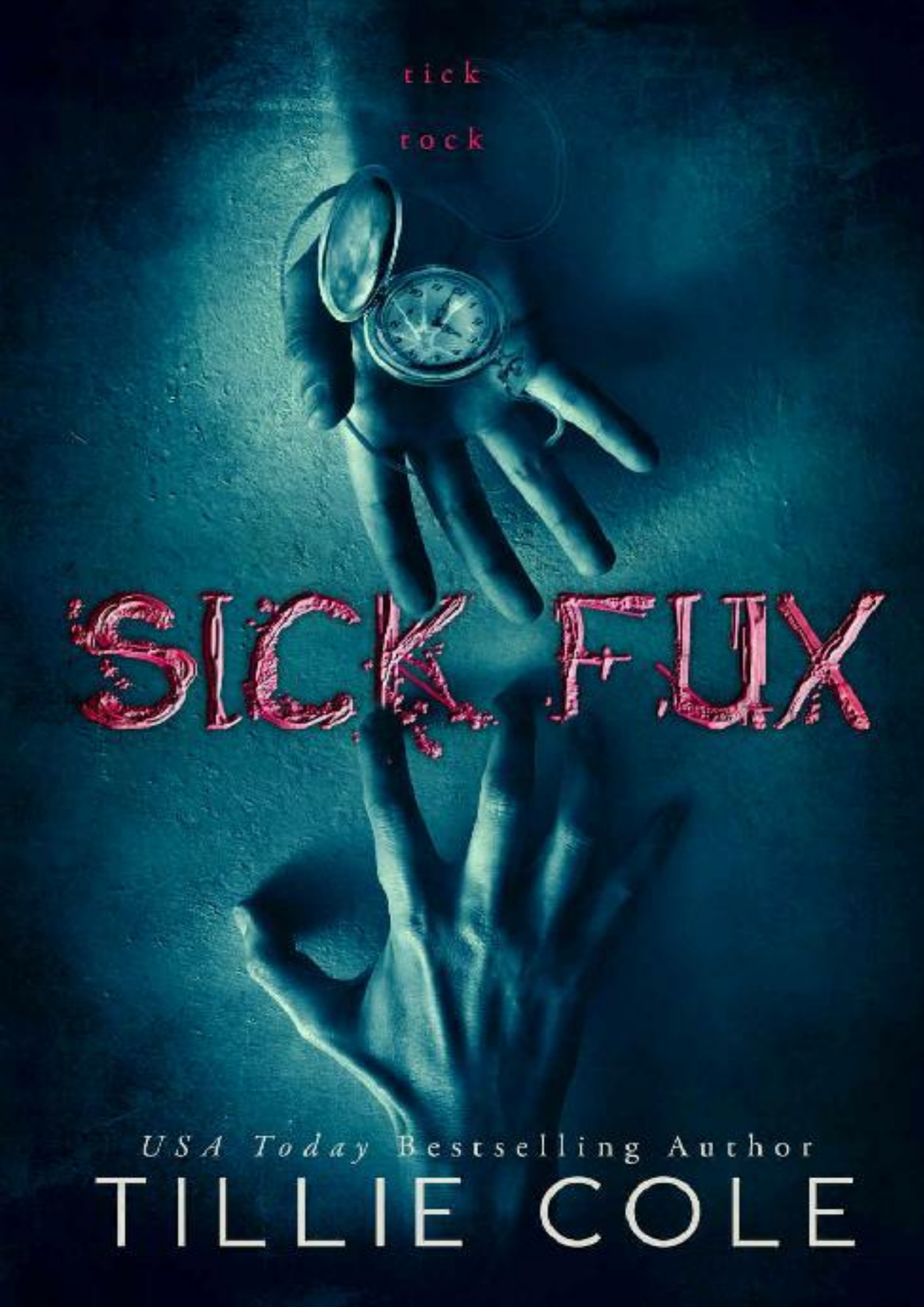
tick

tock



SICK FUX

USA Today Bestselling Author

TILLIE COLE



Distribuição: Eva

Tradução: Andrea, Cristina, Larissa, Mônica, Margarida, Regina, Dany, Gabriela

Revisão: Josi, Amy, Ma.k, Juzita

Arte: Niquevenen

Leitura Final e Formatação: Eva

TILLIE COLE
SICK FUX

Durante a infância, quando Ellis Earnshaw e Heathan James se conheceram, os dois não poderiam ser mais diferentes. Ellis era alegre e bonita – tinha cabelos loiros, risadas e sorrisos radiantes. Heathan era sombrio, introvertido e obcecado com mortes.

O casal forjou uma amizade improvável, única e estranha. Até serem destruídos pela crueldade doentia de outras pessoas e separados durante anos, ambos aprisionados em um inferno perpétuo.

Onze anos depois, Heathan está de volta por sua garota. De volta de um lugar do qual ele achava que não haveria retorno. De volta para se vingar daqueles que os trataram tão injustamente.

O tempo obscureceu a alma de Heathan, corrompida por ódio e sede de sangue.

O tempo transformou Ellis em uma mera sombra do que foi no passado, uma menina perdida na vastidão de sua dor.

Quando Heathan arranca Ellis de sua prisão mental, resgatando a essência de quem ela era, os dois se aventuram pela toca do Coelho.

Com rancor em seus corações e vingança correndo em suas veias, eles vão atrás daqueles que os machucaram e destruíram.

Um de cada vez.

Cada vez mais letais que o anterior.

Tique taque.

Romance dark e contemporâneo. Contém cenas sexuais explícitas, violência, abordagem de assuntos sensíveis e tabus, linguagem ofensiva e tópicos maduros. Recomendado para maiores de 18 anos ou mais.

SWEET CLUB BOOK'S

GLOSSÁRIO

Com a intenção de facilitar a leitura do livro, a equipe do Sweet Club Book´s, preparou um breve glossário sobre os principais personagens de Sick Fux, que são citados com o mesmo nome dos personagens do livro Alice no País das Maravilhas.

Alice: Nessa história, Alice é a boneca da Ellis.

Dolly: Ellis.

Rabbit — White Rabbit – Coelho Branco. A Ellis/Dolly, chama o Heathan James de Rabbit, e o compara ao Coelho Branco. Optamos por manter o nome em inglês, tendo em vista que não se tratou de mera referência ou comparação do Heathan ao personagem do livro, mas sim um 'apelido' — nome próprio. Onde o livro faz referência ao coelho (animal), foi traduzido. Quanto aos demais, Heathan e Ellis escolheu um personagem para representar cada um, sem a conotação de apelido ou nome próprio, traduzimos os nomes de acordo com o livro, para facilitar a leitura e entendimento.

Mad Hatter — Chapeleiro Maluco: Eddie Smith

Queen of Hearts — Rainha Vermelha: Sra. Jenkins – babá da Ellis (Rainha de Copas)

Caterpillar — Lagarta Azul: Tio Lester Knowles (Três de Copas)

Cheshire Cat - Gato Cheshire/Gato Risonho: Tio Clive (Quatro de Copas)

Gêmeos Tweedledum e **Tweedledee**: Tio Jeffrey e Tio Samuel.

Jabberwock — **Jaguadarte**: Tio John. (Ás de Copas)

King of Hearts — Rei de Copas: Sr. Earnshaw, pai de Ellis.

DEDICATÓRIA

Para os adeptos da revolução do Romance Dark.

Adoro seus corações escuros!

TILLIE COLE
SICK FUX

"Se tudo o mais perecesse e ele ficasse, eu continuaria, mesmo assim, a existir; e, se tudo o mais ficasse e ele fosse aniquilado, o universo se tornaria, para mim, uma vastidão desconhecida."

Emily Brontë, O Morro dos Ventos Uivantes.

TILLIE COLE
SICK FUX

PRÓLOGO



Ellis

A primeira vez que encontrei com Heathan James, ele estava arrancando as asas de uma borboleta. Quando perguntei o motivo, ele virou os olhos cinza claro em minha direção e disse: “Porque eu quero vê-la morrer.”

Assisti o seu olhar retornar para o inseto sem asa que se contorcia em sua mão. Observei seus lábios enquanto a triste criatura secava e morria na palma da sua mão. Uma respiração longa e suave escapou de seus lábios abertos e um sorriso vitorioso surgiu em sua boca.

Uma vez ouvi a teoria que o simples bater das asas de uma borboleta, uma pequena vibração, aquele mero sussurro de movimento no ar, poderia iniciar o processo de construção de algo muito maior; um furacão, devastando milhares. Um tsunami esmagando a costa arenosa com suas ondas pesadas, destruindo tudo em seu caminho.

Quando relembro o momento em que nos encontramos, essa introdução a Heathan James, o homem que se tornou meu mundo inteiro, a medula pulsando em meus ossos, questiono se o seu ato mortal de arrancar as asas da linda borboleta preta azulada foi o início de toda perturbação em *nossas* vidas. Não um tsunami ou

um tornado causado por uma simples vibração, mas algo muito mais escuro e mais sinistro causado por retirar de uma bela criatura a sua capacidade de voar e sobreviver. Um caminho de destruição que ninguém viu chegando; as mortes mais doces e violentas realizadas com o mais gentil dos sorrisos em nossos rostos e um inferno intenso em nossos corações.

Heathan James nunca foi a luz em minha vida, mas, em vez disso, um forte eclipse, apagando o sol e qualquer coisa luminosa, trazendo com ele uma noite infinita, eterna, e um sangue negro assassino bombeando em minhas veias.

Heathan James foi a origem do despertar da minha alma. . . Uma alma que não foi feita para a paz, mas feita à mão para a morte e assassinato, sangue e ossos...

Almas gêmeas forjadas no fogo, sob o olhar atento e zombador de Satanás.

Heathan.

Ellis.

Apenas um casal de doentes fodidos...

CAPÍTULO 1



Ellis

Idade sete

Propriedade Earnshaw

Dallas, Texas

"É estranho."

Seguro minha boneca em minhas mãos enquanto olho para Heathan James sentado na grama. Ele está vestido todo de preto—camisa preta, calça preta...e estranhamente, um colete preto com bolsos. Nunca tinha visto ninguém além de um adulto usar um desses antes. Seu cabelo é preto—curto nos lados, mas longo no topo. Insistentemente caindo em seus olhos. Seus olhos parecem prateados ao sol. Eles são realmente cinza-claros. Nunca tinha visto aquela cor nos olhos de alguém.

"Ellis." Eddie puxa meu braço. Puxo de volta me afastando do seu controle.

"Ele é novo. E ele não conhece ninguém." Chego mais perto de Eddie, meu melhor amigo e vizinho. Seu chapéu protege seus olhos. Ele sempre usa um chapéu de cowboy. Disse que um dia

seria um Texas Ranger como o seu tio. Acho que ele será um dos bons. “Ouvi meu pai conversando com meus tios na noite passada. Saí do meu quarto e escutei pela porta do seu escritório. Eu o ouvi dizer que a mãe de Heathan não o queria mais. Disse que ele a assustou. Então ela decidiu entregá-lo ao pai—Sr. James, o jardineiro.” Balanço minha cabeça. “Ouvi dizer que ele também não o queria, mas não teve escolha. Sua mãe está longe de ser encontrada. Ela fugiu e o deixou sozinho.”

Os olhos azuis de Eddie se arregalam. “Sua mãe o entregou? O que ele fez para assustá-la?” Olho para trás em Heathan sentado na grama. Ele segura uma lupa nas mãos. Está queimando formigas. Dou de ombros em resposta à pergunta de Eddie. Eu não sei o que ele tinha feito.

“Ele não me parece muito assustador,” declaro, estudando-o atentamente. “Acho que ele é mais velho que nós. Ouvi um dos meus tios dizer que ele já tem nove.” Eddie tem oito anos. Eu tenho sete anos.

“Quando você o conheceu ontem, ele estava matando uma borboleta.” Eddie olha por cima do seu ombro para Heathan. “Agora ele está matando formigas. Ele é realmente estranho, Ellis. Por que ele continua matando coisas?” Ele faz uma pausa. “Eu acho que ele é muito estranho para ser seu amigo.” Ele respira fundo. “Meu tio diz para ficar longe de crianças como ele. Que são aquelas que vão acabar te causando problemas um dia. Você sabe que não posso me meter em problemas se quero ser um Texas Ranger um dia.”

“Eu quero falar com ele.” Empurro Eddie e desço correndo pela grama morna. Corro até ficar sem fôlego e paro ao lado de Heathan. Verifico se a minha faixa está no lugar e se o meu cabelo ainda está liso.

Heathan não me olha, então olho por cima do seu ombro para ver o que ele está fazendo. Uma pilha de formigas mortas está debaixo da lupa em suas mãos. Fumaça sai dos seus pequenos

corpos negros danificados. “Olhando elas morrerem também?” Pergunto, e suas costas se contraem sob a camisa.

Um pássaro canta em uma árvore próxima enquanto espero ele responder. “Morreram mais devagar que a borboleta ontem,” finalmente diz. “Elas tentaram sobreviver, tentaram escapar, fugir... mas não conseguiram. Eu as mantive presas. Elas lutaram muito... mas tive que matá-las.”

Quero ver mais de perto. Agacho em sua frente e ele sorri enquanto afasta a lupa das formigas mortas. Ele está olhando para o meu rosto, posso sentir, por isso levanto meus olhos e dou um sorriso enorme. “Sou Ellis Earnshaw. Não consegui dizer isso ontem. Eu moro aqui também.” Aponto para a casa principal. Minha casa. Propriedade do meu pai.

Heathan não sorri de volta. Ele não se mexe, não diz nada. Ele apenas me observa. Seus olhos se movem para a faixa preta em meu cabelo, depois descem para o meu vestido azul, sobre meu avental branco, em seguida, para minhas longas meias brancas e sapatos pretos. Por último, ele olha para a minha boneca de porcelana em minhas mãos. “Esta é Alice,” anuncio e a levanto para que ele a veja. Ela está vestida exatamente como eu. E também tem longos cabelos loiros e olhos azuis.

“Não.” Heathan balança a cabeça.

“Não o quê?”

“*Você é* Dolly.”

Olho para a minha boneca novamente. “Eu não entendo,” digo enrugando o nariz. Estou tão confusa.

Ele aponta para mim. “Você não se chama Ellis. Seu nome é Dolly. Decidi isso ontem. Você é igualzinha a sua boneca. Dei o nome de Dolly. Eu não gosto de Ellis. É um nome estúpido. Não combina com você.”

Olho para ele em choque, depois olho para a minha boneca. Sorrio novamente. “Gosto disso.” Heathan rapidamente desvia o olhar. “Ela é Alice. Do País das Maravilhas.” Aponto para o meu vestido azul, avental branco e meias brancas. “É o meu livro *favorito*. Minha *Mummy* me deu essa boneca no ano passado. Meu pai me deu as roupas para combinar.” Abraço minha boneca perto do meu peito. “Quando crescer eu quero ser como Alice. Ir para novos lugares, cair em um estranho novo mundo. Quero conhecer o Gato Risonho e o Chapeleiro Maluco.” Eu balanço minha cabeça. “Mas não a Rainha de Copas. Ela é um monstro! Ela...” Eu me aproximo mais. “Ela me assusta.”

“Por que você diz 'Mummy'?” Ele pergunta.

Meus ombros caem. “Minha mãe era inglesa. É como eles chamam suas mães na Inglaterra. Os olhos de Heathan se estreitam. Inclino minha cabeça para um lado. “Bem? Você conhece esse livro? *Alice no País das Maravilhas?*”

Heathan agita a cabeça. Uma mecha de cabelo preto cai sobre o seu olho esquerdo. Estendo a mão para afastá-la, mas sua mão levanta e agarra o meu pulso. Suspiro e olho para os seus dedos na minha pele. Seu aperto não me machuca, mas... Mas quando olho em seus olhos, meu coração começa a bater muito rápido. “Ninguém me toca,” ele diz entre os dentes.

“Ok.” Engulo.

Heathan me encara e continua olhando, então solta meu braço. Puxo de volta e esfrego o local em que ele segurava. Heathan pega sua lupa e coloca outra vez sobre a pilha de formigas mortas. Não tiro meus olhos dele enquanto os raios do sol atingem o espesso vidro e começa a queimar os insetos pretos mais uma vez.

“Por que você usa um colete?” Pergunto.

A mão de Heathan congela. Ele me olha pelo canto dos olhos. “Um casaco?”

Aponto para as suas roupas.

“Um casaco?”

Sorrio e balanço minha cabeça. “Um colete. Que tolice. Eu costumo confundir os dois nomes às vezes.”

“Por quê?”

Subitamente sinto meu coração pesado, e baixo minha cabeça. Brinco com o cabelo da minha boneca para não chorar. “Eu te disse. Minha mãe era da Inglaterra. Ela era de um lugar chamado Oxford. Eu nunca estive lá. Mas ela chamava as coisas com nomes diferentes às vezes.” Aponto para o colete dele. “Ela chamava os casacos de ‘coletes’, chamava o capô de um carro de ‘capota’. Coisas bobas assim.”

“Onde ela está?” Heather pergunta, e eu sinto as lágrimas queimando em meus olhos.

“Ela morreu no ano passado.” Abraço minha boneca com mais força. “Antes de morrer, ela me disse que me encontraria no País das Maravilhas um dia.” Aperto minha boneca. “Ela me deu isso. Ela me disse que me manteria segura.”

“De que?”

“Pessoas ruins.” Olho para Heathan. Ele não diz nada. “Ela disse que havia pessoas ruins no mundo. Algumas estão bem por perto. Ela me disse que Alice me manteria segura.”

“Você já conheceu pessoas más?”

Sacudo minha cabeça. “Não. Só vejo por aqui meu pai e meus tios. Ah, e minha babá, Sra. Jenkins. E também seu pai... e agora você!”

Heathan olha para a minha boneca desviando seu olhar do meu. Ele solta a lupa e passa a mão pelo bolso do colete.

“O que está aí dentro?” Inclino para ver melhor. A mão de Heathan bate no bolso para mantê-lo fechado. Olho em seus olhos. Não importa o que tem ali dentro, acho que ele não vai me deixar ver. Mas, logo em seguida, ele expira profundamente e enfia sua mão no bolso. Espero, segurando minha respiração enquanto ele tira algo brilhante e dourado. Inclino cada vez mais perto, até que minha cabeça está pairando acima da sua mão. Meu rosto está a apenas um centímetro do seu. Heathan encontra meu olhar, então lentamente abre a mão. Dedo por dedo.

“Heathan.” Meu coração começa a bater forte. “É um relógio de bolso?”

“Está ficando tarde.” Ele olha fixamente para frente. Enrugo a testa quando noto que o vidro está quebrado e os ponteiros não se movem. Uma longa corrente pende do seu bolso.

“Heathan,” engasgo. Preciso segurar minha mão para me impedir de tocar o vidro quebrado. “Está quebrado. Não funciona,” digo com tristeza.

Heathan parece confuso. Ele segura o relógio em sua orelha, bate no lado e diz: “Tique taque.” Ele o aponta para mim. “Tique taque. Tique taque. Tique taque.” Sua cabeça inclina para o lado. “Isso funciona muito bem. Você não consegue ouvir isso? *Tique taque. Tique taque. Tique taque.* Você não consegue ver?”

Olho para o relógio. Encaro atentamente por um tempo. Não consigo ver ou ouvir nada. Até perceber que Heathan está fingindo. Assim como faço em minhas cerimônias do chá. Ele quer que eu jogue o seu jogo.

“Eu posso ouvir isso!” Dou um sorriso. Heathan congela com minhas palavras, então o canto do seu lábio começa a subir e acho que também posso ver um sorriso.

Ao menos. É uma espécie de sorriso.

Não acho que Heathan sorria tanto. Ele parece triste. Diferente de Eddie. Os dois são sérios. Mas com Heathan, é diferente. E eu quero saber por quê.

Então, congelo. Minha mão voa para minha boca quando percebo algo. "Heathan," sussurro ansiosamente enquanto olho para a minha boneca. Para a minha roupa. Olho para o seu colete e depois no relógio de bolso. . . "O coelho branco." Eu me afasto e sento bem em frente a ele. Heathan não se move. "O relógio... Você é como o Coelho Branco de *Alice no País das Maravilhas*."

Começo a sorrir e não paro.

"Rabbit." Aponto para o seu peito. "Tique taque, tique taque, tique taque. . . você é o Rabbit!"

"Dolly."

"Rabbit!" Concordo e sorrimos para os nossos novos nomes. "Dolly e Rabbit. Alice seguiu o coelho pelo buraco. Ele a levou para o País das Maravilhas. Ele a tirou do seu mundo chato para um de cores brilhantes e criaturas mágicas." Aperto minha boneca. "E agora eu conheci você. *Você* veio para me mostrar um novo mundo?"

Espero com entusiasmo por sua resposta, então uma sombra de repente bloqueia o sol.

"Ellis."

Olho para cima e vejo Eddie parado acima de nós. Seus braços estão cruzados sobre seu peito. "Eddie!" Eu aponto para Heathan. "Ele é Rabbit e sou Dolly! Você acredita nisso?"

"O que?" Eddie pergunta, com suas sobrancelhas completamente franzidas. "O que você quer dizer?"

"Do País das Maravilhas!" Inclino minha cabeça em felicidade. "Como aquela coisa que minha mãe sempre disse..." Eu tento pensar. "Destino!" Grito, lembrando suas palavras. "É o destino!"

O rosto de Eddie se fecha. “Por que você nunca me fez um dos personagens desse livro?”

Meu rosto também se fecha. “Quem você seria?” Eu nunca vi Eddie como alguém do País das Maravilhas.

Ele encolhe os ombros, seu rosto se ilumina e ele bate em seu chapéu. “Eu poderia ser o Chapeleiro Maluco! Sempre uso meu chapéu. Ele também.”

Estudo o seu chapéu. Balanço a cabeça e dou risada da sua tolice. “Você nunca poderia ser o Chapeleiro Maluco.”

“Por quê?” Eddie cruza os braços sobre o peito novamente.

“Porque o Chapeleiro Maluco é *louco*, bobo! Você não é. Você é ‘sensível’,” digo fazendo aspas no ar. “Sra. Jenkins sempre me diz como você é um ‘bom menino’ e muito ajuizado.” Balanço minha cabeça. “Por isso você não pode ser o Chapeleiro Maluco, Eddie. Simplesmente não serve. Você não pertence ao País das Maravilhas.” Olho de volta para Heathan para vê-lo olhando para mim. “Mas Heathan e eu...”

Heathan vira a cabeça para olhar para Eddie. Então Heathan se move bem ao meu lado, quase na minha frente e olha para Eddie. Eddie engole. Ele fica muito pálido quando Heathan franze o cenho para ele.

“Estou indo para casa agora,” Eddie diz lentamente enquanto se afasta. “Você quer vir comigo? Minha mãe disse que você pode jantar. Talvez faça um passeio no nosso mais novo potro.” Eddie mora ao lado—bem, na próxima propriedade. A propriedade de Smith é um rancho. Ele atravessa as cercas separando as propriedades para me ver. Nunca fui para a sua casa. Meu pai nunca deixou. Nunca deixei o terreno da nossa propriedade em toda a minha vida.

“Não,” Heathan responde por mim, e Eddie recua. “Ela vai ficar aqui.” Heathan estende o braço para que eu não possa passar por ele. “Vá para casa.”

Bato na mão dele e balanço a cabeça. “Rabbit tolo! Você está sendo tão malvado e grosseiro!” Dou risada, e olho para Eddie. “Eu vou ficar aqui, Eddie. Você sabe que papai não me deixa sair, mas você sempre pergunta.”

“Tudo bem.” Eddie se afasta com os braços cruzados em seu peito novamente. “Eddie!” Grito, vendo que ele está chateado, mas ele não se vira. Suspiro e me sento de novo. Eu não quero que Eddie fique triste ou zangado comigo. Ninguém tem culpa se ele não pertence ao País das Maravilhas.

Heathan se vira para mim. “Eu não gosto dele.”

“Rabbit. Pare com isso. Ele é meu amigo.”

“Amigos?” Ele pergunta. “Eu não tenho amigos.”

Minha boca abre em estado de choque. “Você tem agora.” Heathan não responde, então aponto meu peito. “Rabbit e Dolly, lembra?” Sorrio novamente quando sua testa enruga em confusão. Eu, por um lado, amo o som de nossos novos nomes. “Você quer ver minhas coisas favoritas?” Pergunto, mudando de assunto.

Heathan ainda parece confuso, mas ele finalmente encolhe os ombros. “Fique aqui,” digo e fico em pé. Corro todo o caminho de volta para minha casa e pego meu saco de coisas favoritas. Estou sem fôlego quando volto para Heathan. Ele não se move. Nem um único músculo.

Coloco o saco no chão e abro a fita rosa que o mantém fechado. Começo a tirar tudo. Pego a toalha de piquenique rosa e coloco no chão. Meu coração acelera com entusiasmo enquanto organizo o conjunto de chá. Quando tudo está arrumado entre nós, eu me levanto e estendo minhas mãos. “Vamos lá! O que você acha?”

TILLIE COLE
SICK FUX

Heathan olha para mim, depois para o conjunto de chá no chão sobre a toalha. Fico de joelhos e coloco sua xícara e pires na frente dele. “É Earl Grey[1],” digo enquanto levanto o bule e derramo o chá. “O favorito da mamãe. Ela sempre bebeu chá — às vezes, seis xícaras por dia!” Uma vez que a xícara de Rabbit está cheia até a borda, encho a minha. Levo a xícara até o meu nariz e cheiro, rindo enquanto o vapor atinge minhas narinas. “Isso faz cócegas!” Cheiro e enrugo meu nariz. “O vapor faz cócegas no meu nariz toda vez que cheiro a essência da bergamota. Mas sempre faço isso de qualquer maneira, porque isso cheira tão bem.”

“Você está falando engraçado,” ele diz abruptamente.

Reviro os olhos. “É chá da tarde. O chá da tarde *deve* ser tomado com um sotaque inglês. É o meu favorito. Quando falo assim, é tão parecido com a minha mamãe. Ela sempre teve chá da tarde. Todos os dias às quatro da tarde. Em ponto.”

Estou prestes a tomar um gole, quando vejo sobre a borda da minha xícara, Heathan me observar de forma estranha outra vez. Sua xícara ainda está na toalha entre nós. Pergunto se ele já teve chá da tarde antes. Se não teve, é uma vergonha!

Inclino para frente. “Você precisa beber logo, Rabbit. Enquanto está quente. Certifique-se apenas de primeiro soprar antes de beber. Você não quer ter uma língua queimada. Essa é a pior sensação do mundo!”

Heather inclina sobre sua xícara e então me olha entre as mechas de seus cabelos. “Não há nada aqui dentro.”

Minha mão congela na minha xícara. Tenho o cuidado de segurar na asa para não tocar na porcelana. Não quero queimar meu dedo. “Sobre o que você está falando, Rabbit? Acabei de lhe servir uma xícara.” Minha cabeça cai para o lado. “Você nunca teve chá da tarde antes, não é?”

---

[1] Conhecido como chá inglês, por ser o predileto na Inglaterra como o típico “chá das cinco,” a erva possui em sua composição uma mistura de ceilão e chá preto indiano, aromatizado com óleo essencial de bergamota, mais conhecida no Brasil como tangerina.

Heathan balança lentamente a cabeça. Coloco minha xícara na toalha. “Eu normalmente tenho bolos e guloseimas também. Mas como sou boba, não os trouxe hoje. Não esperava ter uma nova companhia. Novos *conhecidos*, como mamãe diria.”

Heathan franze a testa e olha para a sua xícara. O rosa da xícara e da toalha brilha contra a sua roupa preta. “Gostaria que eu lhe ensinasse como beber o seu chá adequadamente?” Passo por cima da toalha até que estou sentada ao seu lado. Abaixo e coloco minha mão sobre a dele. Sobressalto quando Heathan congela e vira sua cabeça em minha direção. Esqueci que ele não queria que eu o tocasse.

Não consigo evitar. Sempre toco nas pessoas. Eu sou uma pessoa sensível.

Triste, começo a retirar minha mão, quando ele diz: “Não...” Posso sentir meu coração bater mais rápido no meu peito. “Pode deixar aí,” diz. Mas ele parece engraçado. Seus dentes estão cerrados, como se estivesse sofrendo ou algo assim.

Eu me aproximo mais, até que meu braço pressiona o dele. “Você cheira bem,” digo. Os olhos de Heathan olham para os meus. “E você tem os olhos mais bonitos que já vi.” Seu maxilar cerra, e ele se aproxima até seu nariz estar perto do meu pescoço. Meus olhos se arregalam enquanto me pergunto o que ele está fazendo.

Ele se move até o seu nariz ficar perto do meu e diz: “Você também cheira bem demais.” Seus olhos fecham e abrem novamente um segundo depois. “Como rosas.”

Dou um sorriso e concordo com a cabeça. “São rosas. Era o perfume da minha mamãe.” Verifico que não tem ninguém por perto antes de dizer: “Eu não deveria usar isso— papai me disse — mas eu passo um pouquinho escondido todos os dias. Apenas uma pequena gota atrás de cada orelha.” Toco atrás da minha orelha para mostrar. “Fora da vista.”

Aumento meu aperto em sua mão, olho de volta para a xícara de chá diante de nós. “Para beber chá, você deve pegar os dedos e colocá-los através da asa.” Aceno com a cabeça para Heathan e guio sua mão para a xícara. Coloco os dedos onde eles deveriam ficar. “Agora você traz a xícara para seus lábios.” Heathan faz o que eu digo, nunca tirando os olhos do meu. Assim quando a xícara quase toca seus lábios, eu me sento mais reta e grito: “Espere!” Heathan para. Bato em minha testa com a palma da minha mão. “Esqueci o mais importante!” Estendo a mão e puxo seu dedo mindinho no ar. Aplaudo e sorrio. “Aí. Para beber chá adequadamente, você tem que levantar o seu mindinho. É a lei ao beber chá. Mamãe me disse que na Inglaterra, se você não fizer isso, a Rainha pode cortar sua cabeça.” Toco rapidamente o cabelo preto de Heathan. “E sua cabeça é muito bonita para ser cortada, Rabbit.”

Sento e espero que ele beba. “Continue,” insisto. “Dê um gole.” As sobrancelhas de Heathan ainda estão franzidas, mas ele toma um gole do chá, em seguida, baixa a xícara e o pires de volta a toalha. “Então?” Seguro minha respiração.

“Muito bom.” Heathan diz meio sem jeito, mas ainda assim vibro em alegria.

“Não está muito quente?”

“Na medida certa,” ele declara, e volto para a minha xícara e tomo um gole também. Eu amo tanto o chá. Mas apenas Earl Grey. Nenhum outro. Beber chá preto, acima de tudo, é certamente um crime.

“O que mais está no saco?” Heather pergunta quando coloco minha xícara no chão. Deslizo e tiro o meu bem mais precioso. Eu me arrasto de joelhos para Heathan e coloco o som portátil no cobertor.

Heathan levanta a sobrancelha. Puxo o som rosa brilhante em minha direção e ligo. “Era da mamãe. Há uma fita dentro. Uma fita cassete. Tem todas as suas músicas favoritas nela. São da

década de oitenta. Eu realmente não sei o que isso significa, mas elas são minhas músicas favoritas no mundo inteiro. Escuto todo santo dia."

Corro minha mão sobre os adesivos de coração que minha mãe colou quando era mais nova. Viro para Heathan. "Você quer ouvir, Rabbit?"

Ele assente. Rebobino a fita até encontrar a minha música favorita e pressiono. A música começa. "Esta música se chama "Querida Jessie," é de uma mulher chamada Madonna. Era a música favorita de Mamãe."

Balanço quando a música começa. Incapaz de me manter sentada, pulo ficando de pé e, segurando minha boneca Alice em minhas mãos, começo a dançar e cantar. Giro com a cabeça inclinada para trás enquanto canto em voz alta. Quando não consigo mais girar, olho para Heathan. Ele está me observando com uma expressão estranha no rosto.

Baixo meu ombro e olho diretamente em seus olhos. Canto e danço, indo em direção a ele, me exibindo. Sempre faço isso para meu pai e meus tios. Quase todas as noites. Sempre me pedem para dançar para eles no meu vestido de Alice no País das Maravilhas— este meu vestido é o favorito deles. Adoro dançar para pessoas. Isso sempre os deixa sorrindo.

Quando a música termina, desabo ao lado dele, sem fôlego. "Você gostou Rabbit?" Puxo Alice para o meu peito.

Seus olhos prateados deslizam pelo meu vestido e voltam para o meu rosto. "Sim," ele diz com sua voz rouca. "Eu gostei muito."

"Mesmo?"

Ele assente.

“Estou tão feliz!” Tomo outro gole do meu chá, e Heathan faz o mesmo. Sirvo mais uma xícara. Quando todo o chá tinha sido bebido, busco no saco o meu último tesouro.

Coloco o livro na frente de Heathan. *“Alice no País das Maravilhas.”*

Heathan pega o livro e passa os dedos pela capa frontal. “Seu livro favorito.” Ele abre a capa e começa a olhar para as páginas.

Suspiro. “Você pode ler, Rabbit?”

As mãos de Heathan param, e ele olha para mim. “Sim. Você não pode? “

Concordo. “Sou educada em casa. Meu pai é um homem muito ocupado e ele não tem muito tempo para me ensinar. Passo a maior parte dos meus dias brincando aqui no quintal.” Brinco com os cabelos de Alice. Quando levanto os olhos para Heathan, ele ainda está me observando. “Você... poderia ler o livro para mim, Rabbit?”

Heathan parece querer dizer não, mas depois seus ombros caem e ele assente. Sorrindo, me movo até minha cabeça descansar em sua perna. Escuto Heathan respirar estranho, mas não digo nada. Olho para cima, e ele está me olhando.

Ele é muito bonito.

“Minha mãe fazia isso todas as noites quando estava viva. Desde então, ninguém leu para mim... até agora.”

Heathan engole e começa na primeira página. Fico sorrindo enquanto ele lê. E ele lê bem. *Ele deve ser muito inteligente*, penso. *Tranquilo e inteligente.*

Observo Heathan enquanto lê. Escuto sua voz, seu forte sotaque texano...como o meu quando não estou usando o meu sotaque inglês. “Por que sua mãe não queria você, Rabbit?”

TILLIE COLE
SICK FUX

Heathan para de ler e olha para mim. Seus olhos prateados parecem escurecer. “Ninguém nunca me quer,” isso é tudo o que ele diz.

“Seu pai? Sr. James não?”

Heathan sacode a cabeça uma vez. “Ele também não me quer. Mas não tenho para onde ir. Ele me disse para ficar longe dele enquanto estiver aqui. E assim o faço.”

Sinto meu coração encher de tristeza. “Então eu quero você,” digo baixinho, e os olhos de Heathan se ampliam tanto que parecem duas luas brilhantes cintilando no céu da meia-noite. Coloco minha mão na sua e aperto suavemente. “Eu serei sua amiga e você será o meu. Dolly e Rabbit. Amigos da propriedade Earnshaw. . . sua primeira amiga em todo o mundo.”

Puxo o som para o meu lado e aperto o botão play. Quando a fita de mamãe toca, repouso minha cabeça na perna de Heathan e lhe dou um enorme sorriso. A mão de Heathan deixa o livro, em seguida, muito devagar, baixa os dedos para o meu rosto e em meu cabelo. Ele endireita a minha faixa. Espero ele sorrir para mim, mas não faz. Ele volta a olhar para o livro. Fecho os olhos enquanto ele continua lendo. E todo o tempo que ele faz, imagino poder ouvir o tique taque do seu relógio de bolso em seu colete.

Sabia que ia gostar muito desse som.

Tique taque.

Heathan James.

Meu novo amigo.

Tique taque.

CAPÍTULO 2



Heathan

Dois anos depois...

Todos esperam que eu sinta algo. Todos me olham enquanto estamos ao lado do túmulo. Meu pai é baixado ao chão, e assisto alheio a tudo, enquanto seu caixão é colocado na sepultura. O pastor diz alguma coisa, mas não me incomodo em ouvir. Estou muito ocupado imaginando o que está acontecendo com seu corpo enquanto ele definha na caixa de madeira. Quero saber qual a aparência do seu sangue após cinco dias morto. É grosso e vermelho? Viscoso, como gelatina? Mudou de cor? Sua pele ficou seca, rachada, cinza? Ele fede? Se ele começou a deteriorar, os lábios perderam a carne, mostrando os dentes amarelados?

Uma mão desliza na minha. Não preciso olhar para saber que é a Dolly. Ela é a única pessoa que ousa me tocar. Ela é a única pessoa que fala comigo. Da forma que gosto.

Levanto meus olhos e vejo Eddie Smith olhando para mim do outro lado do túmulo, com aquele estúpido chapéu em sua cabeça. Ele observa a cabeça de Dolly cair contra meu braço e abraçá-lo. Quando ele encontra meus olhos, dou um sorriso, os olhos queimando. Ela é *minha*. Ele a teve uma vez, mas desde o momento em que apareci, ele não existe mais em seu mundo. Agora eu existo,

o único em sua vida. Avisei que para ser minha amiga, ela teria que cortar Eddie. Eu não compartilho. Especialmente com babacas como ele. Ela me escolheu. Num piscar de olhos. A decisão entre mim e Eddie nunca *foi* uma escolha. Ela me pertence... e sabe disso.

Eddie odeia isso, é claro. Vejo em seu rosto toda vez que olha para ela como se fosse um brinquedo favorito que ele havia perdido. Toda vez que ele me olha com sua ex-melhor amiga no meu braço, ele irradia ódio.

Ele *deve* me odiar.

Nunca vou devolvê-la.

Vou mantê-la... Para sempre.

Nos últimos dois anos, Eddie vinha cada vez menos à propriedade. Ele já foi essencial, mas desde que cheguei, a sua presença não é mais necessária. Eu o vejo quase todos os dias olhando pela cerca, mas me certifico que ela diga a ele que não é bem-vindo.

Ele agora é desnecessário na vida de Dolly.

Sou tudo o que ela precisa.

E me encarrego disso.

“Rabbit?” A voz de Dolly me afasta de Eddie e seu rosto assustado. Quando olho para seus olhos azuis e tristes, ela aponta para seu pai ao lado dela. O Sr. Earnshaw está segurando um balde de terra.

“Pegue um punhado da terra, filho. Jogue no túmulo, sobre o caixão do seu papai.” Eu faço como pedido. Mas nunca largo a mão de Dolly. Ela funga, e quando olho para ela novamente, vejo que está chorando. Limpo a lágrima de sua bochecha com meu polegar e depois levo a lágrima à minha boca.

Tem gosto de sal.

Tem o gosto dela.

Isso tem um gosto bom.

O pastor diz outra coisa, e então todos começam a voltar para a casa principal. Vejo o Sr. Earnshaw e os "tios," seus parceiros de negócios, caminhando na frente da pequena multidão. São apenas os funcionários da propriedade. O Sr. Earnshaw e seus parceiros de negócios nunca deixam a propriedade. Estamos sozinhos por toda a zona rural de Dallas. Mas tenho Dolly. Então não me importo.

Desde que cheguei, estou sendo educado em casa. Mas, assim como Dolly, não fui educado por ninguém. Por isso, passei meus dias com ela, bebendo chá em suas cerimônias e tentando ensiná-la a ler e escrever. Ela tentou, mas ela não é muito boa. Ela sabe o básico, mas tem dificuldade na maioria das coisas.

Isso me irrita pra caramba.

"Você quer ir para o meu quarto, Rabbit?" Dolly segura com mais força no meu braço, com sua bochecha contra o meu casaco. Concordo com um aceno de cabeça, sem dizer uma palavra, deixo ela me levar até a casa e entro calado em seu quarto. Escuto o som dos adultos na sala principal no andar de baixo. Mas não quero ficar perto deles. Não gosto deles. Estar perto me faz querer machucá-los. Estar perto de alguém, além de Dolly me fez querer pegar uma arma e perfurar seus grossos crânios com uma bala. Não sei por quê. Esses são apenas pensamentos diários que tenho sobre as pessoas desde que consigo me lembrar. Na maioria das noites, adormeço imaginando como todos iam parecer quando estivessem mortos.

Dolly senta em sua cama, sua boneca de porcelana, como sempre, agarrada firmemente ao seu peito. Hoje ela está usando preto. Parece estranha, sem o seu vestido azul, avental e meias brancas.

Odeio isso.

Vou até o seu armário e puxo um de seus muitos vestidos azuis idênticos. Seus grandes olhos azuis brilhantes estão fixos em mim enquanto seguro o vestido. “Troque para isso.”

Dolly olha para o vestido preto e casaco. “Papai disse que eu tinha que usar preto hoje. Para homenagear seu pai. Como fiz no funeral da minha mamãe.”

“Odeio você de preto. Você pertence à cor.” Empurro o vestido novamente.

Dolly franze o cenho. “*Você está* sempre de preto,” ela diz e faz beicinho. “Por que eu não posso usar preto também?”

Estou ficando irritado. “Eu vivo na sombra. Você não. Você vive na luz... *agora troque*.”

Mantenho meus olhos fixos nela, até ela suspirar dramaticamente e tirar o vestido da minha mão. A única emoção que sinto durante todo o dia inunda meu peito enquanto ela passa por mim até seu banheiro, pisando firme os pés. Senti um puxão no canto do lábio. É o mais perto de um sorriso que já tive.

E só para ela.

Ela sempre foi dramática. Cheia de vida. Pressionando cada um dos meus pontos fracos.

Jogo em uma cadeira o longo casaco preto que o Sr. Earnshaw tinha comprado para mim hoje, e sento na cama. Coloco minha mão no bolso do colete e tiro meu relógio de bolso. Corro meus dedos sobre o visor e observo os ponteiros se mover. Tique taque, tique taque, tique taque...

A porta do banheiro abre e Dolly sai, mais uma vez usando seu vestido azul. Sua boneca Alice pendurada ao seu lado. Ela sorri e estende os braços para o lado, buscando a aprovação de sua roupa. Ela sabe que eu a amo nessas roupas.

Só com estas roupas.

Minha boneca viva, respirando.

Ela caminha até sua penteadeira e senta no banquinho, piscando um olho para mim em seu espelho, dando outro sorriso tímido. Cantarola baixinho, mais uma música da fita da sua mãe. Reconheço a música. Ela sempre canta e dança esta música. Muitas vezes, todos os dias. Não me importo. Adoro vê-la dançar.

Deito na cama, minha cabeça apoiada contra a parede amarela brilhantemente pintada. Dolly alcança o batom que está na sua cômoda — o velho batom da sua mãe.

Rosa.

É rosa brilhante.

Aplica seu batom, espirra um pouco de perfume no pescoço e depois senta ao meu lado. Quando ela brinca, sempre está fantasiada. Faz de conta e chás da tarde. Sotaques ingleses e batom rosa brilhante. Ela tem uma foto de sua mãe ao lado de sua cama. Ela quer parecer exatamente como ela; isso é óbvio. Com o batom rosa e os longos cabelos loiros, ela consegue.

“Rabbit?” Dolly se deita ao meu lado.

“Sim?”

“Você está triste?” Seus olhos estão tão grandes que posso ver lágrimas neles.

“Não estou triste,” respondo categoricamente e viro até encontrar o seu olhar. Dolly cheira a rosas novamente—meu aroma favorito. *Esse perfume...* ela ...

Dolly coloca a mão sobre a minha no espaço do colchão entre nós. “Seu pai morreu. É um dia triste. Você...” Ela parece nervosa. “Você pode chorar se quiser. Está bem. Não vou contar a ninguém.”

Faço uma careta. “Eu não choro.”

“Nunca?”

“Não.” Tento pensar em um momento em que chorei. Nunca houve um.

“Você não vai sentir saudades do seu pai?”

Penso na pergunta dela. Então respondo com a verdade. “Não.”

Dolly engasga. “Mas você sente falta da sua mamãe, certo?”

Balanço a cabeça negando. “Não.” Meus olhos se estreitam enquanto tento ler o rosto chocado de Dolly. Penso em minha mãe. Penso nela quando me deixou nas portas da propriedade de Earnshaw. Lembro como ela me observava na cozinha antes de desistir de mim. Penso em como ela chorou para dormir à noite enquanto sussurrava meu nome.

E não sinto nada.

“Ela não significa nada para mim. Ninguém significa.” Enquanto Dolly suga uma respiração rápida, sinto algo queimar no meu peito.

“Eu... Não significo nada para você, Rabbit? Até *eu*? Sua Dolly?” Uma lágrima cai do canto de seus olhos e rola por sua bochecha. Assisto a gota escorrer e sinto algo rasgar em meu estômago. Seu lábio inferior está tremendo.

Minha mão se move e limpo a lágrima com o meu polegar. “Só você.” Dolly prende a respiração, procurando meu rosto. Olho para baixo, sem saber o que é essa sensação em meu peito e agora em meu estômago.

“O que?” Pergunta Dolly, fungando suas lágrimas. Ela pega minha mão na sua e aperta.

Olho nossas mãos e tento imaginar a vida se Dolly me abandonasse. Se nunca mais a visse, como fiz com a minha mãe e meu pai. Desta vez não sinto nada... Sinto *tudo*. Sinto fogo em meu sangue e uma raiva tão ofuscante que queima meus olhos.

“Você quer dizer algo,” digo entre os dentes cerrados. “Você não é como todo mundo. Não dou a mínima para mais ninguém. Nem uma única fodida alma... só você.”

Os lábios trêmulos de Dolly se movem para um sorriso lento. Ela joga seus braços em volta de mim e me abraça. Não suporto que alguém me toque, a não ser ela. E *tudo* o que ela faz é tocar— segurar minha mão, abraçar. Suas mãos estão sempre em mim.

Ninguém jamais se aproxima.

“Bom,” ela respira. “Porque você é minha pessoa favorita. Que já existiu em todo o mundo.”

O nó em meu estomago desaparece.

Dolly deita de novo, descansando a cabeça em sua mão. “Você vai morar com a gente agora, Rabbit.”

Concordo. O Sr. Earnshaw me disse isso logo depois do meu pai morrer. Avisou que ele seria meu tutor legal, e que tudo foi arranjado com meu pai, desde que vim morar aqui. Se algo acontecesse com o meu pai, eu pertenceria ao Sr. Earnshaw. Agora pertenço. Ele disse que está fazendo um quarto para mim.

Quero que seja próximo ao de Dolly.

Melhor ainda, quero compartilhar o quarto de Dolly. Na verdade, realmente não durmo de qualquer jeito.

Há uma batida na porta. Sentamos assim que a babá de Dolly, a Sra. Jenkins, aparece. Seus olhos se estreitam enquanto nos olha sentados na cama, tão perto. “Heathan,” ela diz. “Sr. Earnshaw gostaria de vê-lo em seu escritório.” Ela olha para Dolly e cruza os braços sobre o peito. “Onde está sua roupa de luto, Ellis? É desrespeitoso vestir-se de cor em um dia tão triste como este.”

“Eu disse para ela trocar,” digo. Não gosto da Sra. Jenkins. Não gosto de como ela fala com Dolly, paira ao redor dela. “Eu

sempre a quero com cor." A Sra. Jenkins olha para mim. Eu olho para ela, meu lábio com um sorriso de escárnio. "*Nunca* em preto."

O sangue foge do seu rosto.

"Venha, Sr. James," ela diz nervosa, e vira para a porta. Olho para Dolly. Sua cabeça está abaixada, seus ombros curvados. Levanto da cama e coloco meu dedo sob o queixo de Dolly. Sua cabeça se ergue lentamente e, eventualmente, assim faz seus olhos.

"Volto em breve," prometo. Inclino minha cabeça em direção ao seu livro favorito na sua mesinha de cabeceira. "Vou ler para você assim que voltar."

Ela dá um sorriso, e tudo está bem novamente.

"Sr. James!" Levanto minha cabeça para a Sra. Jenkins, que está batendo seu pé com impaciência, enquanto espera na porta.

Coloco minha mão no meu bolso, passo meus dedos na frente do meu relógio. Sigo a Sra. Jenkins pelo corredor. Estamos percorrendo a rota de volta para o escritório do Sr. Earnshaw.

A Sra. Jenkins olha para mim. Quando encontro seus olhos, ela rapidamente olha para frente novamente. "Não há crianças aqui hoje," observo quando paramos no elevador privado que leva ao corredor do escritório do Sr. Earnshaw.

A Sra. Jenkins paralisa. Ela lentamente se vira para mim. "O que você quer dizer?"

Estudo seu rosto. Suas bochechas coradas quando o sangue sob sua pele corre para encher seu rosto inchado. Pergunto como esse sangue cheira. Pergunto com que rapidez ele iria jorrar de sua veia se eu arrastasse uma faca sobre sua garganta. "Este corredor." Faço uma pausa, minha atenção agora no pulso latejante em seu pescoço. . . *Tique taque, tique taque, tique taque,* ele canta, me atraindo. Ficando cada vez mais rápido, como se fosse explodir do seu pescoço a qualquer momento. "Já vi crianças andando nesses

corredores à noite, trazidas pela porta da frente por um furgão apagado na calada da noite."

Ela engole em seco.

"Eu os vi serem trazidos para esta casa por você e os tios de Dolly, e depois levados até este andar. Por esta rota de volta para o escritório do Sr. Earnshaw."

A boca da Sra. Jenkins se abre enquanto tenta falar, mas, justo quando ela ia falar, o elevador apita e a porta se abre. Nós entramos, e quando a porta se fecha, digo: "Meninos e meninas. Da minha idade, eu diria."

As costas da Sra. Jenkins endurecem. Ela balança a cabeça. "Realmente, Heathan, você tem delírios tão estranhos. Você não viu tal coisa." Ela ri nervosamente, o som irritante em meus ossos. "Crianças entrando nesta casa na calada da noite? O que isso seria?"

Ela está mentindo.

Eu não sei por quê.

Eu os vi.

Eu sei.

Ela também.

A porta se abre e a sigo até o escritório. A sra. Jenkins bate, e logo em seguida, segura a porta aberta para que eu possa entrar. Assim que entro, ela fecha a porta atrás de mim e me deixa sozinho.

Olho redor da sala. O Sr. Earnshaw está sentado atrás de sua mesa, e os tios de Dolly estão sentados em frente à lareira. Eles estão sempre aqui. Acho que alguns deles moram nesta casa — é grande o suficiente — e raramente os vejo sair da propriedade. São seis tios, e enquanto estou aqui, todos me encaram.

“Heathan!” O Sr. Earnshaw se levanta. Ele está vestido como sempre, com um terno escuro e riscado. Os cabelos escuros estão para trás e ele segura um charuto na mão.

Ele para diante de mim e coloca a mão no meu ombro. Congelo. Ele não é Dolly. Ninguém está autorizado a me tocar. Assim que estou prestes a arrancar sua mão, ele a retira e se senta na borda da mesa. “Como você está, filho?” Ele sacode a cabeça. “Que tragédia, o que aconteceu com seu pai. Um acidente estranho. Eu sinto muito. A vida pode ser tão injusta.”

Não respondo. Em vez disso, olho para os “tios” de Dolly. Ela sabe e eu também, que eles não são realmente seus tios, apenas os parceiros comerciais do seu pai, a quem ela conhece por toda a sua vida.

“Como se sente morando aqui agora? Nesta casa, com a gente?” Minha atenção se volta para o Sr. Earnshaw.

“Bem.”

O Sr. Earnshaw sorri, então estende a mão e passa o dedo pela minha bochecha. Gelo escorre por minhas costas ao seu toque. Não quero a porra do seu toque fodido em mim. O Sr. Earnshaw afasta a mão e vai para o barzinho na parte de trás da sala. “Temos seu quarto pronto. Será neste andar, não muito longe do meu escritório—”

“Quero ficar ao lado de Dolly.”

O Sr. Earnshaw se vira e caminha em minha direção, com um copo de bebida em sua mão. Faço uma careta. “Você teve um longo dia. Você merece, filho. Uísque sempre melhora as coisas.” Ele empurra a bebida em minha mão.

“Quero ficar perto de Dolly. Quero um quarto ao lado do dela.”

“Agora, filho.” Ele faz uma pausa. “Eu vejo como vocês estão juntos. Não seria... *apropriado* colocá-los um ao lado do outro.” Ele

sorri, e quero arrancar cada um de seus dentes brancos como lírios. “Ellis ainda tem apenas nove anos de idade. Ela fará dez muito em breve.” O sorriso que ele dá faz com que os pelos na minha nuca se levantem. “Ela ficará mais velha em pouco tempo, mais uma menina do que uma criança e capaz de fazer... mais com ela e com os outros. Você entende o que quero dizer, certo? Você já tem onze anos, quase doze. Você já é jovem garoto, e como tal, quero mantê-lo mais perto de mim. Para protegê-lo.”

Sinto minhas sobrancelhas franzir, mas assim que estou prestes a argumentar, o Sr. Earnshaw coloca o braço em volta de mim. “Venha, tome uma bebida conosco.” Ele me leva ao círculo de assentos, e sento no assento ao lado dele. Conheço cada um dos olhares dos tios. Todos estão me observando.

Detesto a maneira como eles estão me encarando. Isso faz meu sangue gelar... ainda mais frio do que já era.

“Ao Derek James.” O Sr. Earnshaw levanta o copo em um brinde para o meu falecido pai. Os tios repetem suas palavras e bebem seus uísques. A mão do Sr. Earnshaw vem por baixo do meu copo e o guia até a minha boca. Nego com a cabeça, não querendo a bebida — nunca experimentei uma gota de álcool antes — mas ele continua até a borda do copo encostar em meus lábios. Inclina o copo mais alto, e o uísque derrama na minha garganta. Ele o mantém lá até que começo a tossir com a queimadura. O copo cai no chão sem quebrar. Enxugo a boca e encaro o Sr. Earnshaw em estado de choque. Ele segura meu rosto. “Isso vai fazer você se sentir melhor, filho. Acredite em mim. Vai fazer você... relaxar. Você vai começar a gostar tanto do gosto, quanto do efeito, em pouco tempo.” Uma pausa. “Queremos que você fique mais relaxado conosco. Nós somos sua família agora.”

De repente, fico tonto e a sala começa a girar. Odeio isso. Não gosto do que a bebida está fazendo comigo. Não gosto de não estar no controle.

Devo ter adormecido logo depois. Quando abro os olhos, encontro a Sra. Jenkins me levando desajeitadamente para o meu novo quarto. Fica a apenas duas portas do escritório do Sr. Earnshaw. Ela abre a porta e entro.

O quarto gira enquanto caio na cama e adormeço.

Não chego a voltar para Dolly e nem leio para ela.

***

Abro meus olhos quando escuto uma batida na porta. Levanto a cabeça e esfrego a mão pelo meu rosto. A batida soa novamente, em seguida, a maçaneta gira e a Sra. Jenkins entra no meu quarto.

“Quero ver a Dolly,” rosno quando seus olhos encontram os meus.

“O Sr. Earnshaw quer vê-lo em seu escritório. Ellis está ocupada.”

Meu maxilar se contrai, e passo o meu braço ao longo da minha mesa de cabeceira. O copo de água do meu lado cai no chão, quebrando com o impacto no tapete fino. Meu braço dói pelo movimento. O Sr. Earnshaw me convidou para o seu escritório, com ele e os “tios,” todas as noites desta semana. E todas as noites, ele me faz beber o uísque até que eu não consiga ver em linha reta, dizendo que eu preciso relaxar. Todos os dias desde então, mal consigo abrir os olhos durante o dia. Estou fraco. Não consigo lembrar muito do que acontece no escritório depois que bebo, mas algumas partes no meu corpo sempre doem no dia seguinte. Partes que não tenho certeza se *deveriam* doer... Minha cabeça parece sempre distorcida e acho difícil me concentrar.

“Heathan!” Disse a Sra. Jenkins. “Venha comigo. Eles estão esperando.”

Querendo lutar, mas sem energia para fazê-lo, fico de pé e a sigo para fora do quarto. Arrumo o meu colete, passando meus dedos pelo bolso familiar, sentindo o relógio dentro. Meu estômago revira quando paramos na porta do Sr. Earnshaw.

A Sra. Jenkins bate, como sempre. Mas quando atravesso a porta e ela fecha atrás de mim, as coisas parecem diferentes. Em vez de estarem sentados em frente à lareira, os ‘tios’ estavam sentados em círculo, no centro da sala. E em vez de estar atrás de sua mesa, o Sr. Earnshaw também estava sentado no círculo.

“Heathan,” ele diz, virando-se em seu assento para me olhar. “Venha aqui,” ele ordena. Caminho em sua direção. “Vá para o centro.”

Entro no centro do círculo e sinto todos os olhos dos tios em mim. Minhas pernas parecem que vão ceder a qualquer momento. Estou tão cansado...

“Agora, Heathan,” o Sr. Earnshaw diz. Olho para ele sentado lá, fumando o seu charuto. Ele age como se fosse um rei nesta casa. “Precisamos ter uma conversa.” Não digo nada, apenas espero que ele continue. “Sobre o fato de não ter outra família para cuidar de você após a morte do seu pai” Ele sorri. “Então concordei em ser seu tutor legal. Como você já sabe.” Balança a cabeça tristemente. “Mas o que você não sabe é o quanto custa criar uma criança.” Franzi o cenho em confusão. “Alimentação. Moradia. Sua escolaridade—”

“Não recebemos nenhuma escolaridade. Ninguém nos ensina. Desde que cheguei aqui, há dois anos, e me disseram que eu teria um tutor. Nenhum apareceu.”

O Sr. Earnshaw acena sua mão no ar com desdém. “Bem, veja, Heathan, seu pai me devia muito dinheiro.” Olho em volta do escritório elegante. Nada sobre o escritório me faz pensar que o Sr.

Earnshaw precisa de dinheiro. A propriedade Earnshaw é a maior e mais luxuosa coisa que já vi em toda a minha vida. “Peguei o dinheiro que ele deixou, como reembolso... mas não foi o suficiente. E agora tenho que cuidar de você. Tenho que te vestir, te alimentar.” Ele encolhe os ombros. “Tudo custa dinheiro.” Ele relaxa em sua cadeira. “Você é um homem jovem, agora, não é mais uma criança. A questão é a seguinte, o que você vai fazer para ganhar o seu sustento? Para pagar o que é devido? É dever de um homem nunca ficar em dívida.”

Uma cadeira range atrás de mim. Viro e vejo tio Clive se levantando... e ele está olhando para mim. O tio Clive é o maior dos homens. E com maior, quero dizer gordo. Seu cabelo é curto, e ele ofega quando respira.

Ele me enoja.

Ele me lembra de um porco assado.

E pior, ele sempre sorri. Um sorriso enorme e assustador.

Neste momento, esse sorriso é para mim.

Tio Clive aponta com a cabeça em direção à porta. “Venha comigo, Heathan. Tenho uma ideia sobre como você pode começar a pagar sua dívida,” ele diz, e sinto meus dedos se fecharem. “Quero te ajudar... agora que é da família.” Minha pele se arrepia sob sua atenção. Ele passa por mim, seu braço esbarra contra o meu, em seguida sai pela porta.

“Vá com ele,” ordena o Sr. Earnshaw severamente.

Faço meus pés se moverem e tropeço para fora da porta depois do tio Clive. Quando entro no corredor, ele está esperando na porta do quarto. Entra no meu quarto, e lentamente ando atrás dele. Não o vejo no início, mas quando a porta se fecha atrás de mim, percebo que ele estava esperando atrás da porta.

Minha respiração ecoa em meus ouvidos. Minhas mãos ficam molhadas com o suor. Então, tio Clive se move. Ele dá quatro

passos na minha direção, então para. Começa a desafivelar o cinto. Sua testa, como sempre, está suada e suas bochechas estão marcadas com manchas vermelhas.

Minhas narinas inflam quando meus olhos cruzam com os dele. Suas pupilas se dilatam enquanto ele me observa. Dou um passo atrás, recuando até as minhas pernas baterem na minha cama. Tento manter o equilíbrio, mas meus pés vacilam e caio sobre o colchão. O quarto gira devido a toda a bebida que estou tomando ultimamente. Estou fraco. Não gosto de não estar no controle.

Então tio Clive fica parado diante de mim, com o cinto aberto e calças desabotoadas.

Pego o vislumbre da pele do seu estômago avantajado e tento me levantar. Mas tio Clive empurra meu ombro para baixo. Sua mão livre percorre o meu cabelo. “Você realmente é um menino bonito, Heathan. E tão grande para a sua idade, alto e forte. E esses olhos cinza prateados...”

“Saia de cima mim.” Cambaleio para o lado, tentando fugir. Mas tio Clive é mais forte que eu. Suas mãos me soltam, mas apenas para alcança sua calça. Fecho os olhos, não querendo ver o que ele fará a seguir. Seus dedos agarram minha camisa e ele me força de volta ao colchão. Luto e continuo lutando até que sua mão acerta meu rosto, me deixando tonto. O braço do tio Clive está apoiado na minha garganta, suas pernas mantêm as minhas pernas presas, e sinto-o desabotoar minhas calças. Ele começa a puxá-las pelas minhas pernas. Tento gritar, dizer-lhe para se afastar de mim, mas minha voz foi cortada pelo seu braço em minha garganta.

Ele puxa minha calça para baixo até que fica amontoada em meus tornozelos, então me coloca de pé pelo colarinho da minha camisa. Arrasta-me pelo quarto e me inclina sobre a mesa, chutando meus tornozelos separados com o pé. Sua mão empurra

minha cabeça para a mesa até que posso sentir o cheiro do carvalho. Tento lutar, me libertar, mas não consigo...

Paro de tentar.

Retiro o relógio de bolso e olho para o vidro. Pisco, estudando os ponteiros, bloqueando a dor que chega rapidamente. Bloqueando os grunhidos, os gemidos, as gotas de suor que pinga na parte de trás do meu pescoço... a sensação dele atrás de mim. . .

"Tique taque," sussurro, enquanto minha bochecha se move para frente e para trás ao longo da superfície da mesa de carvalho. "Tique taque, tique taque, tique taque..." mantenho os olhos no meu relógio de bolso, afastando tudo da minha cabeça até ouvir a porta do quarto fechar. O quarto está mergulhado no silêncio. Mas não consigo me mexer. Minha bochecha fica pressionada contra a mesa de madeira. Carvalho. Não consigo parar de sentir o cheiro de carvalho.

Meu relógio de bolso pega a luz e reflete um padrão dourado no teto. Está cintilando. Percebo que é devido ao tremor da minha mão.

Respiro.

Respiro.

Respiro mais uma vez.

Aperto o relógio de bolso no meu peito e levanto da mesa. A dor dispara em minas costas, mas aperto os dentes e puxo minhas calças, prendendo-as tão apertadas quanto posso. Minhas mãos ainda tremem. Minha respiração parece estranha.

Há apenas um lugar para o qual quero ir.

Atravesso o quarto e abro a porta silenciosamente. Olho para o corredor. Está vazio. Corro sobre o tapete, apertando o maxilar quando cada passo dói mais que o próximo. Mas não vou chorar.

Acho que ainda não sei como.

Evito o elevador e uso a escada de trás. Subo cada passo o mais rápido que consigo até estar no andar do quarto de Dolly. Vendo que sua porta está fechada, abro e fecho rápido atrás de mim. Corro para o canto do quarto e escorrego pela parede até cair no chão, mantendo-me fora da vista. Tento recuperar o fôlego.

Mas não consigo recuperar o fôlego.

Tudo parece errado.

"Rabbit?" A voz sonolenta de Dolly vem da cama dela. Não olho para onde ela está. Em vez disso, olho para a minha mão... Olho para o sangue brotando da palma. Abro lentamente meus dedos e vejo que meu relógio de bolso ainda está em minha mão. O vidro cortando a minha pele.

"Rabbit?" A voz de Dolly está mais próxima dessa vez. Mas me sinto abalado. Observo os ponteiros enquanto meus dedos deslizam pelo relógio.

"Tique taque," sussurro, balançando para frente e para trás, para frente e para trás. "Tique taque, tique taque, tique taque..." Tento bloquear tudo.

"Rabbit? O que há de errado?" Sinto Dolly se abaixar ao meu lado. Sinto o cheiro do perfume de rosas que ela sempre usa. Ela engasga. "Você está sangrando." Corre para o banheiro. Quando volta, tira o relógio da minha mão e cobre minha palma com uma toalha. "Você está ferido?" Ela pergunta. Finalmente me permito olhar para cima. Ela está vestida com uma longa camisola branca, mas a faixa preta que sempre usa ainda está no lugar. E em sua mão segura a boneca.

Ela disse que havia pessoas ruins no mundo. Alguns estão bem perto. Ela me disse que Alice me manteria em segurança...

As palavras de Dolly, há dois anos, circulam na minha cabeça. Foi o que a mãe havia lhe dito, antes de morrer.

Pessoas ruins.

Ela queria proteger Dolly de pessoas más.

Pessoas ruins e bem próximas.

Seu pai. . . Seus tios. . .

“Onde você esteve?” Pergunta. Olho em seus olhos azuis enquanto fala. Estão tristes novamente. Não tenho palavras para dizer. “Senti tanto a sua falta. A Sra. Jenkins me disse que você estava ocupado com o meu pai e os meus tios.” Ela morde o lábio inferior. “Muito ocupado para me visitar. Para brincar e ler para mim.” Seu lábio começa a tremer. “Estive tão sozinha sem você. E agora você parece triste,” ela diz, seus ombros caem. “Não quero que você fique triste.” Sua voz agora é um sussurro.

Quando ainda não falo nada, ela recua e tenta sorrir. “Acho que sei o que vai fazer você se sentir melhor.” Dolly fica de pé e corre para seu velho aparelho de som rosa que era da sua mãe e que sempre fica sobre a sua mesinha. Liga e começa a dançar.

Fico a observando. Nunca afasto meus olhos dela, enquanto balança e cantarola as palavras da música. Ela sorri enquanto dança... Então outra memória vem a minha cabeça. Palavras que ela me disse uma vez, quando estávamos na sua toalha de piquenique em uma tarde de verão.

Eu sempre danço para o meu papai e meus tios. Eles adoram me ver dançar. Faço isso muito... eles amam isso... sempre me pedem...

“Pare,” digo em voz baixa, mas Dolly não escuta. Ela fecha os olhos e levanta as mãos no ar enquanto continua a dançar. “Pare!” Digo mais alto, mas ela ainda não escuta. “Pare, porra!” Eu finalmente grito, alto o suficiente para que minha voz ultrapasse a música e minha raiva encha o ar.

Dolly para e me olha fixamente com os olhos azuis arregalados. “Rabbit?” Ela sussurra, e seu lábio inferior treme outra vez.

“Desligue a merda da música!” Grito. Logo Dolly faz o que mando com a cabeça baixa e o rosto todo triste. Ela se vira envergonhada e nervosa, e estendo a minha mão. Ela aperta sua boneca contra o seu peito como fosse um escudo, mas ainda assim, ela se aproxima de qualquer maneira. Quando está ao meu alcance, pego sua mão e a puxo para sentar ao meu lado. “Não dance mais.”

“Por quê?” Ela pisca seus longos cílios. “Eu amo dançar.”

“Não dance mais para seu pai e seus tios,” digo com mais firmeza, e Dolly balança a cabeça. “Prometa-me.”

Dolly faz uma pausa. “Posso... ainda posso dançar para você?”

Sinto aquela sensação estranha no meu peito outra vez. A que só sinto perto dela. Aquela onde meu coração acelera e minha garganta aperta. “Você pode dançar para mim. Mas *só* para mim.”

“Ok.” Ela concorda nervosamente com as mãos no colo.

Olho para o meu relógio no chão. “Eu quero protegê-la,” digo, e Dolly levanta os olhos. Pego o relógio na minha mão ensanguentada. “Quero te manter segura.”

“De que?”

“Pessoas ruins,” respondo. Dolly olha para a boneca, depois concorda com a cabeça. Como se entendesse.

Ela sempre me entende.

Mas ela não tem ideia do perigo que está correndo dentro dessa casa.

Dolly segura sua boneca mais firme. “Rabbit?” Ela sussurra. Olho para seu rosto. Ela é tão bonita. “Você está triste agora? Meu coração está me dizendo que você está muito triste.”

Tento acenar minha cabeça dizendo que não, mas quando abro a boca, concordo com um aceno e automaticamente sussurro em resposta, “Sim.”

Lágrimas surgem nos olhos de Dolly, e ela se move para frente e joga os braços ao redor do meu pescoço. Nunca nos abraçamos. Pelo menos nunca a abracei — ela sempre me abraça. Mas hoje a deixo me abraçar por mais tempo que o normal. Eu a deixo segurar. Eu não a afasto como normalmente faço quando não suporto mais ser tocado.

Quero que o *seu* toque substitua o *dele*.

“Seu cheiro está estranho,” ela diz contra o meu pescoço. “Você cheira a fumaça... Como meus tios e papai cheiram.” Fecho meus olhos e penso em meu relógio, penso em quando me concentrei nos ponteiros se movendo, enquanto tudo acontecia. “Eu realmente queria que pudéssemos fugir agora para O País das Maravilhas, Rabbit. Eu...eu acho que você precisa.” Ela suspira. Sinto o sorriso em seu rosto enquanto fala. “Pense em todas as aventuras que poderíamos ter. Todas as cores que iríamos ver e todas as pessoas que iríamos encontrar. Se pudéssemos encontrar o buraco do coelho nesta casa... deve haver um, em algum lugar. Uma maneira de escapar.”

Respiro profundamente e sinto o perfume de rosas da sua mãe de novo. Então penso nos seus tios e em seu pai. Penso nas crianças que vi sendo trazidas durante a noite em vans escuras. Agora sei o que fazem. Não sei de onde são essas crianças ou quem elas são. Mas agora o Sr. Earnshaw e os tios também me têm...

“Rabbit?” Dolly lentamente inclina a cabeça para trás. Ela me olha nos olhos e tento manter seu olhar. Em seguida, antes de poder fazer qualquer coisa, ela avança, e de repente seus lábios esmagam os meus. Congelo, sem saber o que fazer. Minha cabeça me diz para empurrá-la, para afastá-la de toda a porra de poluição que está presa ao meu corpo. Cobrindo cada centímetro. Mas algo

em meu peito me disse para mantê-la junto a mim. Manter seu cheiro de rosas e gosto doce aqui, removendo tudo de ruim.

Dolly se afasta, sem fôlego. Seus olhos estão arregalados enquanto olha para mim. “Rabbit...” ela sussurra e levanta as mãos para tocar seus lábios. “Eu só tinha que fazer isso...” Ela engole em seco. “Não aguento mais te ver tão triste. E tive que te beijar, Rabbit. Eu só tinha que...”

Não falo. Não consigo falar. Apenas sentir a Dolly em meus lábios. Sentir Dolly em toda minha pele. Eu a quero de volta. Eu a quero de volta aos meus braços. Esfregando seu cheiro em mim, deixando-o escorrer em meu sangue e ossos.

Levo meu braço ao redor do seu pescoço e a puxo para dentro dos meus braços. Não demora muito para que sinta as lágrimas de Dolly correr sobre a pele do meu pescoço e me inclino em sua direção. Ela sempre sente o que eu sinto. Sempre sinto o que ela sente. Que se fodam os outros. Apenas sou eu e ela.

Dolly me abraça mais forte e prometo que eles jamais a tocariam. Nunca vou permitir. Eles me teriam em vez disso. Tanto de mim quanto possam tomar. Faria e suportaria isso para protegê-la. Para manter sua pureza. E a sua inocência.

Minha pequena Alice no País das Maravilhas.

Mas se alguma vez eles tentarem machucá-la, ou tirá-la de mim, vou matar todos. Não sei como ou quando, mas se a fizerem sofrer ou a violentarem do jeito que fizeram comigo...

... vou foder tudo e acabar com cada um deles.

E sei que vou gostar.

CAPÍTULO 3



Ellis

Seis meses depois...

"Você pode acreditar que é o meu aniversário amanhã, Sra. Jenkins?" Pergunto quando saio do banho. "Dez anos." Sento na penteadeira e deixo a Sra. Jenkins esfregar uma toalha sobre os meus cabelos molhados.

Ela sorri pra mim no espelho quando termina com a toalha e pega uma escova. "Bem," ela diz, "Será seu aniversário em apenas uma hora." Dou um sorriso entusiasmado. "Seu pai a mimou esta noite, permitindo que você fique acordada até tarde."

A Sra. Jenkins seca meu cabelo e o alisa pelas minhas costas com minha escova. Ela fixa minha faixa preta no lugar, as pontas do meu cabelo estão ligeiramente onduladas contra os meus ombros. "Agora, presumo que vai querer usar um vestido azul novamente?" Ela balança a cabeça. "Pelo menos, temos um novo. Um especial para o seu aniversário. Um para meninas mais velhas."

"Sim!" Falo animada. Estou desesperada para usar esse vestido. Coloco minha mão em seu braço. "Mas agora que tenho dez anos, posso usar as outras meias?" Seguro a respiração, cruzando

TILLIE COLE
SICK FUX

os dedos da minha mão, saltando de um pé para o outro, rezando que ela diga sim.

A Sra. Jenkins se inclina e beija a minha cabeça. “Claro, minha jovem. Você é uma menina grande agora.”

Grito e corro para o meu armário. Pego as meias listradas em preto e branco que o meu papai comprou para mim no ano passado. Elas ainda têm cheiro de novas. Quando as viu, depois que chegaram do correio, ele me disse que não eram adequadas para a minha idade. Mas disse que eu poderia usá-las no meu aniversário. Quando fizesse dez. Porque seria um dia especial para mim.

Eu seria uma garota *crescida*.

“Para onde vamos?” Pergunto a Sra. Jenkins enquanto coloco meu vestido e meias novas. Quando estou pronta, olho para o meu novo vestido azul. É mais apertado que os outros. Mais curto e a saia rodada bate em minhas coxas. Tem até uma faixa preta ao redor da minha cintura. Eu a aperto e me olho no espelho. Meus olhos se arregalam. Pareço tão crescida!

“É uma surpresa.” A Sra. Jenkins me traz uma xícara de chá. “Aqui, beba isso.” Pego o chá fumegante de sua mão e sento em frente a minha penteadeira. Levo a xícara ao meu nariz. Fecho meus olhos enquanto sinto o cheiro familiar de Earl Grey — meu chá favorito absoluto. Não bebo nenhum outro.

Tomo um gole, depois outro, e o coloco sobre a mesinha. A Sra. Jenkins sai pela porta. Quando retorna, ela segura uma caixa. “Continue bebendo esse chá, Ellis,” ela insiste e para em minha frente.

Bebo um pouco mais do chá. “O que tem na caixa?”

A Sra. Jenkins a coloca em meu colo. Tem uma fita azul amarrada em torno da tampa. “É do seu pai.”

Muito ansiosa para esperar, abro a caixa e empurro o papel de seda azul para revelar um sapato de couro preto. Não, não um sapato, mas uma bota de cano alto. Pego a bota. Ela tem quatro fivelas douradas na lateral. Mas a melhor parte é o pequeno salto. Papai nunca me deixou usar saltos; ele disse que não eram adequados para menininhas.

Mas estas tinham saltos... porque ele me disse que aos dez anos, eu já não seria mais uma criança.

"São lindas," sussurro quando tiro a segunda bota e olho para as duas juntas. Um par.

A Sra. Jenkins tira as botas da minha mão e se ajoelha. "Vamos colocá-las em seus pés." Levanto o meu pé. A Sra. Jenkins faz uma pausa, a bota ainda em meus dedos. "Chá," ela diz. "Quero ver aquela xícara vazia antes de descer as escadas."

"Sim, senhora." Bebo o resto de um só gole.

A Sra. Jenkins sorri para mim quando mostro que a xícara está vazia. "Boa garota," ela sussurra e continua a colocar as botas em meus pés.

Quando termina, ela fica de pé e me oferece sua mão. "Venha, senhorita, vamos ver se você pode ficar com elas." Sempre brinquei com os velhos sapatos altos da minha mãe, então sei que posso. Mas quando levanto da cadeira, cambaleio. Agarro a Sra. Jenkins. O quarto se inclina ligeiramente para a direita. Coloco minha mão na minha cabeça. "Sra... Sra. Jenkins... eu não... eu não me sinto bem." Esfrego meus olhos. Eles estão embaçados.

"Você está bem, Ellis," diz e segura minha mão. Ela olha para o relógio na minha parede. "É meia-noite, Srta. Earnshaw. Você tem oficialmente dez anos de idade." Ela sorri, mas parece falso aos meus olhos. "Feliz Aniversário!"

"Sra..." Tento dizer novamente, mas ela me empurra para frente, em direção à porta. Seguro nela o mais forte que consigo.

Minha respiração soa engraçada em meus ouvidos. Como se estivesse muito rápida, então muito lenta, e há um zumbindo no fundo.

A Sra. Jenkins me leva ao elevador e aperta o botão. Ela sorri outra vez pra mim. Quero dizer a ela que ainda não me sinto bem, mas minha garganta está estranha — está muito apertada. Seguro minha garganta e sinto as lágrimas surgindo em meus olhos. Fecho minhas pálpebras.

Eu quero Rabbit.

Ele sempre me faz sentir melhor. Mas ele continua sendo tirado de mim. Nunca mais o vi. Só quando ele entra no meu quarto à noite, sem ninguém saber. Mas quando ele vem, sempre age estranho. Ele sempre se encolhe contra a parede, balançando para frente e para trás, olhando para o relógio. *Tique taque, tique taque, tique taque...*

Mas, ele me abraça. Sempre me mantém perto. Ele não costumava fazer isso, mas agora me aperta tão forte que às vezes não consigo respirar. E na semana passada... na semana passada, ele mesmo pressionou seus lábios contra minha cabeça. Meu coração quase explodiu. Rabbit *me* beijou. Eu o beijei nos lábios quando ele estava triste. Mas eu nunca sonhei que ele me beijaria.

Quero esse abraço novamente agora. Quero esse beijo. Heathan sempre me faz sentir segura.

Estremeço quando a porta do elevador se abre e meus olhos doem com as luzes brilhantes do teto. Tropeço no tapete enquanto sigo a Sra. Jenkins. Olho para as minhas mãos, e consigo respirar um pouco. Ainda seguro a minha boneca, agarrando-a pelos longos cabelos loiros.

Isso irá te proteger de pessoas ruins... escuto a voz de minha mãe dizer em minha cabeça.

O som de passos me faz olhar para cima. Quando faço, vejo Rabbit a distância. Tio Clive tem uma mão no ombro de Heathan, e ele o conduz a um quarto. Tento chamar Heathan, mas antes que possa tio Clive o leva para o quarto e fecha a porta. Ainda tento abrir minha boca, para perguntar a Sra. Jenkins o que Heathan e tio Clive estão fazendo, mas não consigo mover meus lábios. Eles estão entorpecidos.

Heathan também está aqui para a minha surpresa de aniversário?

Essa é a grande surpresa, tê-lo depois de ter ficado longe por tanto tempo?

A Sra. Jenkins para em frente a porta do escritório do meu pai. Ela arruma a faixa em minha cabeça e alisa meu cabelo. “Seu pai vai achar você tão bonita, Srta. Earnshaw. Sua garotinha perfeita.”

Minhas pálpebras estão pesadas enquanto tento piscar. Abro minha boca para lhe dizer que quero voltar para a minha cama, mas minha boca está muito seca para fazer a minha língua funcionar. Meus lábios estão inchados demais para abri-los, e não consigo formar palavras.

A Sra. Jenkins me conduz para dentro do escritório de papai. Sua mão segura a minha um pouco mais apertado quando fecha a porta atrás de nós. Meu pai se levanta da sua cadeira com um enorme sorriso no rosto. “Ellis!” Ele diz e vem em minha direção com os braços abertos. Então me abraça e segura com força. Beija a minha bochecha, fazendo um som estridente contra minha pele. “Feliz aniversário, baby.” Recua e me olha de cima a baixo, segurando meus braços com as mãos. “Você está tão bonita.” Cambaleio enquanto tento vê-lo melhor.

Meus tios me dão um abraço apertado. Quando o último se afasta, sinto lágrimas nas minhas bochechas. *Socorro*! Quero gritar, mas não consigo. *Alguma coisa está errada comigo!*

“Venha aqui, baby.” Meu pai me leva ao centro de um círculo com cadeiras de veludo. Ele se move para o lado da sala, e o som de “Dear Jessie,” minha música favorita, enche o ar. Meus tios sentam em suas cadeiras, assim como o meu pai. “Dance para nós, querida,” meu pai diz, e de repente o quarto para de girar.

Tento negar com um aceno em minha cabeça. Heathan me disse para nunca mais dançar pra eles. Ele me disse isso todas as noites. Ele me fez prometer, todas as noites. E não tenho mais dançado pra eles, não desde a primeira vez que ele me falou.

Não sei se viram minha cabeça balançar, mas meu pai não parece feliz comigo. Agarro o cabelo da minha boneca em meu punho. “Dance, querida,” ele diz novamente. Mas quando não faço, ele se levanta. Sua mão toca meu rosto, seguido do seu dedo deslizando pela minha bochecha. “Ela bebeu?” Ele pergunta a alguém sobre minha cabeça, atrás de mim.

“Tudo,” responde a Sra. Jenkins. “Eu me assegurei disso.” Escuto a porta abrir e fechar quando ela sai da sala.

Meu tio John levanta e vem até nós. Ele puxa meu pai pelo braço e diz, “Ganhei o direito a esta noite, Jacob. Eu vou primeiro. Foi um acordo justo. Ganhei aquele jogo de pôquer honestamente.”

Meu pai concorda e aponta para a porta. O tio John segura minha mão e depois me leva para fora da sala. Volto para olhar meu pai, mas ele já está conversando com meus outros tios. Eles estão apertando a mão e rindo. Tio Samuel lhe dá um tapinha nas costas.

Tio John puxa minha mão, me puxando atrás dele. O movimento faz minha mão abrir e minha boneca cai no chão. *Não*! Tento gritar quando Alice cai no tapete, mas minha boca ainda não se move. Olho para ela deitada no tapete enquanto tio John me conduz pelo corredor. Paramos em uma porta em frente a que Heathan havia entrado com o tio Clive. Estendo a mão e passo os dedos pela madeira da porta de Heathan. Tento chamar seu nome.

Nenhum som sai. Antes que possa bater, para que meu Rabbit venha para mim, para contar ao meu pai e aos meus tios que estou muito doente para sua surpresa de aniversário, tio John me leva para dentro do quarto.

Ele me leva para uma cama, e suspiro de alívio. Ele sabe que estou doente. Ele vai me deixar dormir. Ele vai cuidar de mim.

Ele me guia até a beira da cama. Sento, fechando os olhos para fazer o quarto parar de girar, sinto as mãos de tio John correr sobre minhas novas meias listradas até minhas coxas. Ele levanta o meu vestido e meus olhos se abrem. Pulo, tentando me afastar quando ele segura as novas calcinhas de renda e babados que a Sra. Jenkins havia me dado de presente. Tio John sorri pra mim, então se inclina e me beija nos lábios, enquanto desliza a minha calcinha pelas minhas pernas. Quando ele a tira dos meus pés, empurra para dentro do bolso da sua calça.

"Deite-se, menina." Ele passa a mão pelo meu cabelo. Meu coração dispara. Balanço minha cabeça, mas ele empurra meu ombro, me esmagando no colchão. Rasteja em cima de mim, e quando olho para baixo, ele está segurando algo em sua mão. Não sei dizer o que é, mas ele está movendo-o para frente e para trás. Suas bochechas estão vermelhas, sua respiração está engraçada, como se estivesse sem fôlego, e ele se inclina e me beija de novo. "Feliz, feliz aniversário, menina," sussurra em meu ouvido, então sinto sua mão se mover. Indo para um lugar que não quero que ele toque.

Não! Eu quero gritar, mas a luz acima de mim balança e não consigo me mover. Pisco muitas vezes. Algo me machuca. Dói tanto que lágrimas caem dos meus olhos.

Alice, minha boneca, não está aqui. Ela não está aqui para me proteger como minha mãe tinha me falado.

"Heathan," tento sussurrar, mas minha boca não se move. "Heathan," tento novamente, mas acho que só ressoa em minha

cabeça. “Eu não... não gosto do meu presente de aniversário, Rabbit... isto... dói... ajude-me... leve-me para longe, para o buraco do coelho, para o País das Maravilhas.”

Mas Heathan nunca veio.

O País das Maravilhas nunca chegou.

O buraco do coelho não podia ser encontrado.

Então eu só fechei os olhos...

***

Estou tão fria enquanto caminho atrás do meu tio, de volta ao escritório. Arrepios correm pelo meu corpo, e os meus lábios estão tremendo. Eles tremem tanto que não consigo controlar.

Estou mancando. Entre minhas pernas dói tanto que as lágrimas ainda caem em minhas bochechas. Mas tio John ignora minha dor, em vez disso bate na minha cabeça me dizendo que sou uma boa garota. Ele me diz que agora estamos ainda mais próximos. Todos nós. Que todos os meus tios querem ficar tão próximos quanto nós... Porque eles me amam muito. Que esse foi o meu presente de aniversário.

Acho que não os quero tão próximos. Mas não ouso dizer.

Tio John empurra a porta do escritório e me leva de volta para o círculo. Vejo minha boneca Alice na mesa do meu pai. Eu quero abraçá-la. Quero que ela me faça sentir melhor, me proteja. Talvez se ela estivesse em meus braços à dor entre minhas pernas não seria tão ruim.

Mas então escuto um sussurro *“Não...”* vindo do círculo. Olho para cima. Meu coração cai e um grande nó se forma em minha garganta quando vejo Heathan no meio. Outros dos meus tios o

segura, prestes a levá-lo porta a fora. Balanço minha cabeça para vê-lo melhor. Limpo as lágrimas dos meus olhos. Mas quando faço isso, tudo o que sinto é tristeza. Ele está ficando magro. E seus belos olhos cinza prateado parecem diferentes. Eles estão vermelhos e tem grandes círculos escuros embaixo deles. Já não brilham.

Meu lábio inferior treme. Levanto os braços, segurando-os, querendo abraçá-lo. Rabbit sempre me mantém segura e quente. E me sinto tão fria. Ele me deixaria quente. E talvez... talvez eu possa fazer ele se sentir melhor também.

Talvez possamos ter outro beijo.

"Não..." ele diz novamente, mas desta vez sua voz é mais alta e sua boca tensa. "Dolly." Ele empurra a mão do tio Samuel do seu ombro. Tio Samuel bate a mão no braço de Heathan, mas ele luta contra e foge. Ele corre pra mim e joga seus braços à minha volta. Eu o agarro o mais forte que posso.

Ele está tremendo.

Sua respiração está diferente.

Inspiro profundamente... Heathan. Ele pode parecer diferente, mas ele ainda cheira como o meu Heathan.

Sombrio. A única maneira que posso explicar seu perfume é como *sombrio*.

Ele recua e olha para baixo. Seus olhos se arregalam quando olha para as minhas coxas, então seu corpo estremece ainda mais. Ele está tão bravo. Inclino contra ele e olho para baixo no que ele está olhando. Tudo o que posso ver é vermelho. Minhas meias estão abaixadas em torno dos meus tornozelos, no topo das minhas botas novas, mas toda a minha pele está vermelha.

Engasgo quando percebo o que estou vendo.

"Rabbit," consigo sussurrar. "É... isso é sangue?"

Minha cabeça está tonta. Rabbit vira e me empurra contra a mesa do meu pai. Sento na borda, precisando de apoio. Ele fica na minha frente. Bloqueando-me do meu pai e tios. Espreito em volta do seu braço para ver o que está acontecendo.

“Eu quero os dois,” escuto Tio Lester falar. “Quero ter os dois ao mesmo tempo. Foda-se os jogos de pôquer, vou pagar o que for necessário para ter os dois. Basta olhar para eles juntos... o jeito que ele a ama. Que a protege. A forma que ela é atraída para ele. Eles são como ímãs.” Ele balança a cabeça. “Durante anos, assisti eles se aproximarem. Você não pode criar esse tipo de conexão.” Ele suga o lábio inferior. “Imagine quão explosivo apenas dez minutos com eles serão... você sabe que gosto de uma boa luta. Pronto, preparado e submisso é chato pra caralho.”

Heathan faz um barulho estrangulado na garganta. Então meu pai vem em nossa direção. Abaixo-me atrás do ombro de Heathan. Fico tensa. Não gosto muito do meu pai agora. Ele deixou o tio John me machucar.

“Saia,” grita Heathan. “Foda-me o quanto você quiser, mas se tocar nela novamente, porra, vou matar todos vocês. Ninguém toca a Dolly.”

Meu pai fez uma pausa, todos os meus tios fizeram... então todos começaram a rir. O riso alto feria os meus ouvidos; suas bocas abertas e sorridentes feriam os meus olhos. Quero que eles parem. Quero que parem de rir do meu Rabbit. Aperto minhas mãos sobre meus ouvidos e tento não ouvir as risadas.

“Afaste-se, Heathan. Vocês dois vão se divertir com o tio Lester.”

“Leve-me. Deixe-a.” Heathan se aproxima tão perto de mim que suas costas estão planas contra meu peito. Não gosto do cheiro que Heathan voltou a exalar. Cheira a fumaça de novo... Como os meus tios.

Como o tio John cheira.

“Última chance, garoto,” meu pai adverte Heathan. “Não me provoque. Essa merda honrosa é admirável, mas inútil.”

Então, de repente, tio Eric corre da parte de trás da sala, até o Heathan. Heathan recua e passa a mão pela mesa. Ele pega algo em suas mãos. Quando tio Eric agarra os cabelos pretos de Heathan para afastá-lo de mim, Heathan ergue a mão e faz algo com o pescoço do tio Eric.

Meus olhos se fecham. Eles não me deixam ver o que Heathan fez. Ouço um grunhido e um baque, e o corpo de Heathan não está mais pressionado contra o meu. Abro, esfrego os olhos e, quando olho para o chão, vejo Heathan apunhalando a garganta do tio Eric... Seu peito... Seu estômago. O sangue esguicha e espirra no meu rosto, o líquido quente deslizando em minhas bochechas.

As roupas pretas de Heathan estão cobertas de vermelho, assim como o seu rosto, suas mãos, cada centímetro de pele nua.

Meu pai e tio Lester avançam e tiram Heathan de cima do tio Eric. Solto um grito quando eles batem em meu Rabbit... Eles batem sem parar. Heathan deixa cair o que ele está segurando, e percebo qual era o objeto coberto de sangue. O abridor de cartas do meu pai pousa no chão, aquele gravado com uma imagem do Rei de Copas. Papai e meus tios adoravam jogar pôquer. Eles sempre deixavam cartas pela casa. Copas é o naipe favorito do meu pai.

Olho atentamente para o tio Eric no chão, em seguida, choro. Ele está tão quieto, e seus olhos estão abertos e olhando para o teto. Ele não está piscando. Sai sangue do seu pescoço.

“Rabbit!” Sinto minhas lágrimas virem mais rápido. Preciso dele. Quero protegê-lo. Quero ter certeza de que não está ferido. “Rabbit...” Soluço enquanto ele luta para voltar pra mim. Ele bate no meu pai, nos meus tios, mas não consegue fugir.

“Dolly... Dol... ly...” ele engasga quando o tio John envolve seu braço ao redor da sua garganta. Heathan não consegue falar,

mas seus olhos nunca deixam os meus. Estendo a minha mão para segurar a dele.

Meu pai corre para o telefone ao meu lado. Faz uma ligação, desliga e volta para Heathan, que ainda está lutando contra o braço do tio John. “Você fodeu tudo, menino.”

“Deixe-a em paz,” rosna Heathan, livrando a cabeça do aperto do tio John. Meu pai bate em Heathan novamente. O lábio de Heathan se abre, o sangue escorre pelo queixo. Meu pai continua batendo nele. Acertando-o até que os dentes de Heathan estão cobertos de sangue. Heather zomba do meu pai, sangue e saliva pingando no chão.

Não aguento mais isso.

Saio da mesa e corro para detê-los. Mas meu pai segura meu braço e me empurra contra o peito dele. Heathan me olha no rosto. Há tanto sangue. A boca do meu pai chega ao meu ouvido. “Diga adeus ao seu amiguinho, baby.” Paraliso. “Ele vai embora agora... Para um lugar de onde não pode voltar.”

“Não!” Heathan e eu gritamos ao mesmo tempo. Meu pai acaricia meus cabelos enquanto olho para Heathan. Ele também olha para mim. Estou chorando. Chorando tão forte porque meu coração está quebrando. Heathan é o meu melhor amigo. Minha pessoa preferida no mundo. Não quero que ele vá embora.

Ele não tem outros amigos.

Sou a sua Dolly.

Ele é meu Rabbit.

Eu... eu o amo...

Então, vejo. Encaro os olhos prateados do Heathan enquanto uma única lágrima desliza de um canto do seu olho. Engasgo, e meu coração se quebra em pequenos pedaços. Porque Rabbit nunca

chora. *Nunca* chorou. Nem quando seu pai morreu, ele derramou uma lágrima.

Mas ele está chorando agora...

Porque está sendo afastado de mim.

"Não... Não chore Rabbit," sussurro. Minha garganta está fechando. Estou tão triste que mal consigo falar. Tento estender a mão e limpar a lágrima de sua bochecha, mas meu pai baixa minha mão.

Ouço a porta se abrir atrás de mim. "Leve-a para o quarto dela," diz o meu pai sem olhar ao redor. A mão da Sra. Jenkins agarra a minha. Eu me afasto. Preciso ficar com Heathan. Estou com medo. Assustada que eles possam machucá-lo ainda mais.

Papai enfia meu cabelo atrás da minha orelha. "Diga adeus a Heathan, baby."

"Não!" Grito, balançando a cabeça.

Heathan luta para escapar do aperto do meu tio, mas ele não pode. Empurro pra frente, escapando das correntes invisíveis que parecem ter me trancado no lugar, e envolvo meus braços ao redor do pescoço de Heathan. Escuto o som de um carro se aproximando e o aperto mais forte. "Rabbit... estou com medo." Sinto a lágrima de sua bochecha beijar a minha.

"Vou voltar para você, Dolly," ele sussurra. "Espere por mim. Vou voltar para você. Para tirar você deste lugar... para o País das Maravilhas. Está bem?"

Meu choro se transforma em um soluço. "Ok." Então Heathan coloca a boca no meu ouvido e diz: "No bolso do meu colete. Pegue."

Coloco a mão e retiro o relógio de bolso. Aperto em minha mão, e então a Sra. Jenkins começa a me arrastar da sala. "Heathan!" Grito. Encaro os seus olhos e falo o que está no meu

coração. “Eu te amo, Rabbit!” Seus olhos se arregalam. “Você é meu melhor amigo!”

Não escuto a resposta de Heathan, porque tropeço em algo. Quase vomito quando vejo que é o tio Eric.

“Rabbit!” Agora que encontrei as palavras novamente, não posso parar de chamar Heathan, querendo que meu Rabbit me abrace. Choro seu nome repetidamente, até que a Sra. Jenkins me joga em meu quarto e fecha a porta. Grito desesperada, batendo na porta, raspando a madeira com as minhas unhas, mas ela não volta. Ela me tranca lá dentro.

Ouço do meu quarto o barulho das portas do carro se abrindo. Corro para a janela e pressiono minha mão contra o vidro. Uma grande van preta está na frente da casa. Meu pai sai, seguido por dois dos meus tios, que seguram Heathan. Grito seu nome, batendo no vidro, enquanto o jogam de costas. Grito quando a van se afasta, levando meu coração com ela.

Assisto o carro se afastar até que não consigo ver as luzes traseiras.

Meu pai e tios voltaram para dentro da casa. Chorei sem parar por horas enquanto olhava a estrada, mas Heathan e a van não voltaram. Minhas pernas bambeiam, não conseguindo me segurar, e escorrego pela parede. Caio no chão, a dor entre as pernas me fazendo gemer. Olho para a porta. Não sei se o meu pai ou os meus tios ainda retornariam, então apenas olho, rezando para que não voltem.

Meu lábio treme quando lembro que Heathan disse que voltaria para mim. Que eu só tinha que esperar até ele voltasse. Olho para a minha mão. Está fechada em punho. Embora estivesse tremendo, abro meus dedos. O sangue cobre a minha palma, mas quando limpo o sangue, vejo o relógio de bolso de Heathan em minha mão. Olho para o vidro rachado... com as duas mãos no rosto. E ouço em minha cabeça. *Estou voltando para você...*

Meu Rabbit vai voltar e me pegar. Até então, vou contar o tempo. Suspiro. Os ponteiros que estavam quebrados ganharam vida. Estão se movendo! Os ponteiros estão se movendo! Estou vendo o que Heathan sempre viu. Não era fingimento... posso vê-los contar a hora!

Levando o relógio ao meu ouvido, mantenho meus olhos na porta, verificando o movimento do corredor e se tem alguém entrando. Toco no relógio — assim como Heathan — e sussurro, "Tique taque." Engulo, e dou um sorriso quando escuto o toque dos ponteiros do relógio. Sei que Rabbit jamais quebraria sua promessa. "Tique taque... tique taque... tique taque.." Sussurro ao ritmo do relógio, uma e outra vez, até que minha voz já não funciona.

Tique taque... tique taque... tique taque.

Vou contar até que meu Rabbit volte para casa.

CAPÍTULO 4



Heathan

Onze anos depois. . .

Troco a marcha, reduzindo a velocidade, quando chego a um conjunto familiar de portões. Estão enferrujados e desgastados, pendurados frouxamente em suas frágeis dobradiças. Ervas daninhas enroladas, como garras, ao redor das grades. Não parecem os portões imponentes dos quais me lembro dos anos que passei vivendo aqui. Estão arruinados e destruídos...

Assim como se tornou, qualquer um que já entrou neste lugar fodido.

Pensando bem, talvez eu já fosse diferente e alterado, quando cheguei aqui pela primeira vez. Mas *ela* não.

Saio do carro e me aproximo dos portões. O sol quente que irradia no alto queima sobre mim. Arrumo minha gravata, endireito minha camisa e colete preto, depois bato o meu pé contra a lamentável fechadura do portão. O portão range sob minha força, mas depois abre, revelando o vasto inferno que se segue. Fico parado, respirando lentamente, profundamente, tentando acalmar as vozes girando em minha cabeça. As que me dizem para não deixar nenhuma alma viva aqui, derrubar todos os fodidos e fazê-

los pagar com sangue, gritos e tortura... as vozes que me acompanham por todos esses anos e que nunca me permitiram esquecer a penitência que deve ser paga.

"Na hora," digo em voz alta. Por instinto, minha mão vai para o bolso do meu colete, procurando o relógio de bolso que tinha ficado ao meu lado por tantos anos. Tique taque, tique taque, tique taque...

Estou aqui, parece chamar a partir da mansão que está no final da longa calçada e árvores antigas. O canto da sereia, o convite para as duas únicas coisas que significam algo na minha essência apodrecida. Minha mão se fecha em volta da bengala. Olho para baixo, deslizando os dedos pelo bastão de metal preto.

Rabbit, escuto a voz de Dolly sussurrar, um eco distante do passado, enquanto olho para a cabeça ornamentada na ponta bengala. Uma cabeça de coelho branco, com as orelhas para trás e os dentes a mostra.

Rabbit.

Seu Rabbit.

Agito minha bengala em um círculo, viro e volto para o meu carro. Acelero, criando uma nuvem de poeira esfumaçada atrás de mim, enquanto os pneus guincham na estrada que agora é de terra. Que uma vez foi pavimentada e plana, mas agora está rachada e degradada. Rugi pela estrada, através das curvas e voltas sinuosas. Minhas mãos apertam o volante quando me aproximo da curva final.

A visão extensa da mansão de Earnshaw está logo a seguir. A casa que fez nascer em mim a batida que deu vida e a ferida que destruiu qualquer semelhança de um coração que eu já tive.

Minha respiração para quando a borda do edifício de tijolos marrons aparece. Musgos e ervas daninhas rastejam, como um enxame de gafanhotos sobre a casa que uma vez foi bela, assim

como as videiras enredadas nos portões. A decadência no exterior reflete o que existia no interior, há muitos anos atrás.

Sei que aqueles que haviam poluído este lugar com seu veneno já não estão mais aqui, mas *ela* está.

Finalmente, estou aqui para recuperá-la.

Quando estaciono o carro em frente à entrada, olho para a escada que leva às portas principais. Na minha mente, as ervas daninhas que cobrem as grandes portas de carvalho, pelas quais fui empurrado quando era criança, retroagem e voltam a exibir a madeira brilhante e cara. O bronze da maçaneta, polvilhado de ferrugem laranja e marrom, agora brilha novamente ao sol. O mato e a grama alta encolhem, para revelar acres de terra bem-conservada, e a cerca florida que emoldura a casa e que agora está morta, brota mais uma vez em cores, ricos vermelhos e amarelos, afugentando os espinhos da escuridão e da noite. Na minha mente, a propriedade Earnshaw, está mais uma vez intocada.

Então, eu também estou lá. Na noite em que fui levado. Tirado do meu amor... minha Dolly... minha respiração, meu norte... minha alma...

A porta se abre. O Sr. Earnshaw caminha, seguido pelos "tios" que me arrastaram para fora. Meus dentes cerram com tanta força, que acho que vão quebrar enquanto eles me puxam pela escada e me jogam direto em uma van.

Poucos segundos depois de ter sido jogado dentro, a van se afasta. Sento na escuridão, batendo meus punhos ensanguentados contra as paredes, tentando encontrar uma saída. "Dolly!" Grito. "DOLLY!" Grito sem parar. Grito até minha voz falhar. Minhas pernas cedem, e ignoro a dor que dispara em meu corpo, quando lembro o que tinham feito comigo. Um após o outro durante meses e meses. Sem descanso. Sem intervalos. Apenas eles atrás de mim, grunhindo

e ofegando, me machucando, pressionando suas barrigas contra as minhas costas.

O que eles fizeram, agora, com a Dolly. Minha Dolly. Seus olhos... seus olhos quando aquela gorda maldita a levou de volta ao quarto. Mancando, sangue escorrendo por suas coxas. Chorosa, pálida... destruída.

Minha delicada boneca viva, arruinada.

Em minha mente, repito o momento em que mergulhei o abridor de cartas no pescoço do tio Eric, no peito, no estômago. O sangue que salpicou minha pele, quente, úmido e com forte aroma metálico. O gosto que invadiu minha boca, o sabor explodindo em minha língua — o gosto da sua morte. O gosto da vitória do assassino em mim. A sensação do poder me percorrendo, enquanto sentia seu pulso abrandar sob meus dedos. Assisti a sua vida esvair dos seus olhos.

Eu *tinha feito isso.*

Eu *arranquei a vida dele. Com minhas próprias mãos.*

Por Dolly. Pela minha Dolly.

Viajamos por tanto tempo que adormeci. Quando acordo, está escuro novamente. Um homem vestido de preto me puxa da van e em direção a uma grande torre de água. É branca, mas não tem nenhum nome pintado sobre ela. Olho ao meu redor: não há nada além de um vasto campo. O homem me arrasta para o dentro do local, onde uma porta se abre. Empurrado para frente, tropeço na entrada e vejo um de degraus que descem para baixo do solo.

O homem agarra a minha nuca, me forçando a mover. Descendo, ando, através do escuro, até chegar a uma porta de ferro. Trancas destravadas, chão de metal, então a porta se abre e sou empurrado para dentro. Meus olhos se arregalam. Um corredor e filas de celas estão diante de mim. Então, um homem sai das sombras. Um homem velho. No instante em que meus olhos pousam sobre ele, meus lábios se curvam em advertência. Ele sorri para mim.

Imagino sua morte em minha mente. Uma bala em sua boca explodiria seu cérebro pela parte de trás do seu crânio. Sangrento. Fodido. Brutal.

"Você fodeu com o grupo errado de homens, garoto," diz. Ele balança a cabeça. "Tenho algumas pessoas fodidas aqui há anos, alguns já vieram ainda na adolescência, mas você deve ser um dos mais novos registrados." O homem atrás de mim ri e esfrega a mão pelas minhas costas. Afasto-me e viro, olhando para o filho da puta. Odeio ser tocado.

*"Alguns dos meus homens, vão gostar muito que você seja tão jovem." Volto para o homem mais velho e o encaro com raiva. "Oh, veja só? O pequeno assassino sádico está irritado." Ele coloca a mão sobre o seu coração. "Permita que eu me apresente. Sou o diretor deste estabelecimento. A terra dos esquecidos. Um lugar que nem o governo conhece. Nada de polícia. Nenhum serviço de proteção infantil. Apenas você e eu, e meus homens, e uma centena de outros doentes fodidos que mexeram com as pessoas erradas." Ele dá um passo à frente. Tão perto que sinto o cheiro de fumaça de charuto em sua respiração. Assim como o Sr. Earnshaw cheirava. Assim como os tios. "Ninguém virá para te salvar. Esta é a sua nova casa. Uma Alcatraz secreta, financiado por ricos imundos, aquele um por cento da população que me paga muito bem para remover... p*roblemas*... de suas vidas." Ele encolhe os ombros. "Homens ricos, veja. Eles gostam de cometer crimes, mas não gostam de lidar com as consequências. É aí que entramos. Um serviço de limpeza, caso queiram."*

O diretor olha para o homem atrás de mim. "A única cela com espaço disponível é a cinquenta e dois."

"Isso é sábio?" Diz o guarda. "Não tenho certeza se é prudente colocar mais alguém com eles. Eles são ruins o suficiente sem adicionar um terceiro. Não quero torná-los mais perigosos."

O diretor faz uma pausa. "Entendo o que você está dizendo. Será difícil para os guardas chegarem a ele para ter prazer, com

esses companheiros de cela." Ele move sua mão. "Mas não há escolha. Ele foi uma adição de última hora. Terá que ser assim. De qualquer forma, ele é apenas uma criança. Que mal pode fazer?"

O guarda resmunga com aborrecimento e me empurra para frente. Ele me leva por vários lances de escadas. Em cada novo nível, eu vejo celas guardando três ou quatro homens. Alguns lambem as grades. Alguns apontam em minha direção com ameaças de morte. Não sinto medo. Mataria qualquer um que se aproxime de mim.

Tarado de merda, após tarado de merda e depois mais tarado de merda.

Paramos em uma cela, e o guarda tira uma arma do coldre. Ele a segura na escuridão da cela. Abre rapidamente a porta. Quando não me movo, ele me empurra, fecha rápido e imediatamente recua. Viro-me com as mãos cerradas, observando enquanto ele caminha de volta para os degraus.

Um arrepio sobe pelas minhas costas quando sinto alguém me observando por trás. "E quem nós temos aqui?" Diz uma voz profunda do canto da sala.

Escuto um sussurro quando alguém se mexe no outro canto. Estou cercado. "Um pouco Mauricinho[2], a julgar por suas roupas. Calças, camisa e colete. Tudo preto. Delicado para alguém tão jovem... impressionante."

Estreito meus olhos para a escuridão. Uma única lâmpada sombria está na parede dos fundos, mas quem está aqui comigo está envolto pela escuridão. Então vejo um flash branco a minha esquerda. Alguém fica de pé. Mantenho minha posição, minhas mãos fechando em punhos, prontas para lutar.

"Olhe para isso, Henry. O Mauricinho está pronto para me atacar."

[2] Dapper Dan – Expressão que indica alguém que se veste bem, gosta de ostentar. Equivalente a *Mauricinho* no Brasil.

"Bom. Ele precisará desse tipo de força neste lugar," diz uma voz mais rouca à minha direita.

Dois passos soam no chão de pedra, e um homem entra na luz. Um homem com longos cabelos loiros caindo pelas costas. Ele está vestido com calças pretas e uma camisa branca — ambos imundos. Ele parece jovem. Talvez, nos seus vinte anos. Ele coloca uma mão em seu peito e se curva dramaticamente. "O meu nome é Chapel." Ele se endireita e depois sorri. Ele é bonito, com um sotaque que nunca ouvi antes. Ele parecia rico, como se tivesse dinheiro... sofisticação. "Bem-vindo à Torre de Água. A guardiã de todas as coisas obscuras. Como o troféu do colecionador mais fodido do submundo." Ele sorri mais amplo. "Eu, como eles podem afirmar, sou uma espécie de estripador." Minha testa enruga enquanto tento entender o que ele quer dizer. "É muito para você compreender?" Ele assente. "Você é jovem. Você ainda não ouviu histórias de homens como eu." Ele chega ainda mais perto. "Tenho uma obsessão doentia pelas prostitutas, por assim dizer, gosto de cortá-las das mais deliciosas maneiras."

Engulo em seco, mas não afasto meus olhos dos dele. Ele ri e arruma as abotoaduras de ouro em sua camisa. "Advogado por profissão. Algo como um jovem figurão, pode-se dizer. Educado na Ivy League, anos antes dos meus colegas. Mas, infelizmente, estou aqui há dois anos." Chapel olha para o canto mais distante e acena com a cabeça. Ele revira os olhos quando quem está lá não se move. "Henry, temos um convidado. As apresentações devem ser feitas. Essa é a etiqueta adequada." Chapel balança a cabeça para mim. "Yankees, você vê. Sem modos, ao contrário do meu jeito sulista."

Há silêncio no canto escuro e depois alguém se move. Um homem alto, bem construído, de cabelos castanhos entra na luz. Seu cabelo também é longo, mas o dele é castanho. Ele tem os olhos castanhos mais claros que já vi. Quase dourados. Ele parece ter a idade de Chapel. Talvez um pouco mais jovem? Mas muito mais velho que eu. "Este é Henry," explica Chapel. Henry olha para mim, mas não diz nada. Apenas afasta o cabelo do seu rosto. "Agora,

Henry aqui é médico." Chapel bate em sua cabeça. "Da mente. Um psicólogo." Ele ri. "Muito irônico, não?"

Quero saber o motivo do Henry estar nesse lugar, quando Chapel acrescenta, "Henry aqui nunca fez nada de errado. Ele é inocente." De repente, os olhos de Henry se fecham, seus dentes cerram e um som tenso sai da sua garganta. Seus longos cabelos caem sobre o rosto. Seus ombros rolam para frente, os músculos em seu pescoço e ombros se contraem com o movimento. A mudança em sua postura o fez parecer enorme. Maior e mais intimidante do que antes.

Quando os olhos de Henry voltam a abrir, ele me encara de novo. Mas desta vez, está diferente. Seus olhos estão estreitos e tensos. Suas narinas se abrem e suas mãos fecham em punhos.

"Mas esse é Hyde," diz Chapel. "Ele é... não tão inocente. Vamos apenas dizer que gosta de ver pessoas morrerem... sob sua mão experiente."

"Eu gosto de assistir isso também," *digo.*

Chapel dá um sorriso surpreso. "Esplêndido!" Ele pisca.

"Embora não tanto quanto gosto de matá-los eu mesmo," acrescento. Hyde fica mais reto, o vislumbre de um sorriso em sua boca.

"Henry e Hyde são duas pessoas diferentes que vivem no mesmo corpo," explica Chapel. "Um sempre lutando pelo domínio sobre o outro. Um transtorno de personalidade múltipla é o diagnóstico científico. Henry é um profissional. Um homem honesto. Tranquilo. Reservado. Hyde... é completamente o contrário."

"O que é esse lugar?" Pergunto, olhando ao meu redor. Não me importo o que são esses homens. Eu só preciso sair. Preciso voltar para a minha Dolly.

"Onde aqueles que querem a nossa ausência nos enviam." Chapel inclina a cabeça para um lado. "Mas você é tão jovem que

despertou a minha curiosidade. Quantos anos você tem, Mauricinho?"

"Doze," respondo. As sobrancelhas do Chapel sobem. Ele olha para as minhas mãos e sorri.

"Sangue nas mãos? Literalmente? Jovem Mauricinho..." ele estala a língua, então ri.

"Eles machucaram a Dolly. Eles a tocaram. Tocaram como eles me tocam. Os olhos dela..." sinto minhas mãos tremerem. "Eles a fizeram chorar. Seu pai. Seus tios... eles a fizeram sangrar..." paro quando sinto que explodiria de tanta raiva.

"Então eu diria que você tinha razão para derramar esse sangue," observa Chapel, seu sorriso desaparecendo.

"Preciso voltar para ela. Eu preciso salvá-la. Impedi-los de machucá-la mais. Não estou lá para protegê-la. Ela está sozinha. Ela..." Balanço a cabeça, pensando em Dolly. "Ela é muito frágil. Ela não será capaz de lidar com o que eles vão fazer com ela. Eu sei disso. Ela... ela vai... eles a destruirão. Não só seu corpo, mas também a sua mente. Ela é... diferente. Muito delicada para este mundo." Viro para as grades trancadas e agito o metal. Não se move.

"Aqui, todos têm para quem voltar, seja por vingança, proteção ou afeto, mas precisamos esperar nosso tempo..." diz Chapel. "Acabo de perceber que não sabemos o seu nome."

Não me viro. Olho para as escadas que levam de volta ao diretor e a sua porta de ferro fechada. A porta que leva ao mundo exterior. "Rabbit. Meu nome é Rabbit. O coelho branco."

"Bem, Rabbit*," diz Chapel, movendo-se ao meu lado. "Todos planejamos sair algum dia. E algum dia isso acontecerá. Até então, esperamos. Em breve você perceberá que tudo o que fazemos nessa torre é esperar. Planejamos sempre. Planejamos o dia em que, mais uma vez, veremos o sol e buscaremos vingança sobre aqueles que pensaram que poderiam nos esconder do mundo."*

TRÊS MESES ATRÁS...

OS GUARDAS nunca chegam perto da porta da nossa cela.

Onze anos. Onze anos esperando. Escuto os guardas, é claro. Escuto enquanto entram nas celas dos outros prisioneiros. Fodem. Torturam e fazem com eles o que bem querem.

Mas nunca na nossa.

Hyde e Chapel se asseguram disso.

Hyde e Chapel quase escaparam um ano antes da minha chegada. Hyde rasgou a garganta de um guarda, quando ele se aproximou das grades. O guarda era muito arrogante. Ele tinha provocado o monstro dentro de Henry. Até que o monstro foi libertado e matou-o onde ele estava.

"Não vamos falhar novamente," Chapel me contou logo depois que cheguei, todos esses anos atrás. "Quando surgir a próxima oportunidade, teremos sucesso."

Então, quando um novo guarda começou... um guarda que não conseguia tirar os olhos da boa aparência de Chapel, a oportunidade explodiu nos olhos de Chapel.

Um sorriso aqui.

Uma piscadinha lá.

Cada dia o guarda chegava mais perto.

Uma mosca para a sua armadilha pegajosa.

Giro a agulha em minha mão, aquela que Chapel usa para desenhar minhas tatuagens. A agulha foi jogada na minha cela, quando uma infecção quase me matou. A infecção foi grave, mas não me permitiria morrer. Preciso voltar para a Dolly...

“Por que eles estão me ajudando?” Pergunto a Chapel com os dentes cerrados, enquanto espeta a agulha na minha perna.

“Aqueles que pagaram uma ótima soma para nos colocar aqui, nos querem vivos. Para que viver seja o castigo, Mauricinho. Uma vida passada em uma cela úmida e escura. A maioria, em algum momento deseja a morte. É mais fácil do que suportar, dia após dia.”

Meus olhos estão duros como aço. “Eu não desejo a morte,” mordo, quando calafrios atingem o meu corpo. “Não vou morrer sem a Dolly.”

Henry se move para sentar ao meu lado, jogando sua camisa sobre meu corpo para me aquecer. “E é isso que o torna diferente. Você e Chapel.” Ele solta uma risada sem humor. “E Hyde. Eu não queria nada além do que acabar com a minha miséria. Saúdo a paz que a morte traria. Mas o Sr. Hyde dentro de mim nunca vai deixar isso...”

Eu me sento no escuro. O baralho de cartas que desenhei está em segurança no meu bolso. *Todas, menos uma. A da minha Dolly. A única que Chapel usou para desenhar uma tatuagem nas minhas* costas. Sua perfeita imagem e semelhança. A imagem que a mantém viva na minha cabeça enquanto a cada dia a Torre de Água se torna mais e mais escura.

Levanto meu olhar, quando o novo guarda passa por nossa cela pela terceira vez nos últimos trinta minutos. Chapel já está de pé, esperando por ele. Sem camisa, seu peito e abdômen estão nus. Os olhos do guarda se incendeiam quando pousam em Chapel. Chapel caminha lentamente para as grades, passando a mão pelo peito. Então sua mão cai mais para baixo em seu pau. Hyde sufoca uma risada ao meu lado, quando o guarda quase cai sobre ele com a visão.

Quando o guarda se afasta, Chapel vem e senta ao meu lado, esperando que ele volte novamente. Todos os dias, ele alimenta a sedução.

"Você gosta dele?" Pergunto, estreitando meus olhos para Chapel. Devo tudo a ele, Henry e Hyde. Os guardas nunca me tocaram, por medo deles. Chapel me ensinou matemática, literatura e arte. Como um artista, com apenas pedras afiadas como ferramentas e paredes como tela, ele me ensinou tudo o que sabe. Henry me preparou para o estado no qual posso encontrar Dolly.

Hyde me ensinou a matar.

Tudo o que preciso agora é colocar em prática.

Chapel vira a cabeça pra mim. "Ele é jovem e não muito ruim de olhar." Ele sorri e, em seguida, se inclina mais perto. "Eu posso apreciar a forma masculina, Mauricinho, mas tenho medo que meu pau não faça nada. Gosto da buceta quente e úmida de uma prostituta... depois, ela morre em meus braços, é claro." Ele encolhe os ombros e se senta de volta. "Embora eu não me oponha a usar meu... as maravilhas concedidas por Deus para ajudar a nossa causa." Ele afasta seus longos cabelos loiros. "Eu sou narcisista por excelência, Mauricinho. Acredito que minha incomparável aparência pode conquistar qualquer um."

Ele está certo.

Com o passar dos dias, o guarda se aproximou cada vez mais das grades. Ao longo dos meses, ele nos trouxe papel, cartão, lápis e canetas. Escrevi minhas cartas. Chapel usou a tinta para desenhar minhas tatuagens.

Tudo a pedido de Chapel. Tudo por causa de seus esforços sedutores com o guarda-faminto-por-pau...

"Você não vai me matar por tocá-lo, não é, Mauricinho?" Ele pergunta enquanto paira sobre a minha pele nua, com a agulha e a tinta.

“Apenas faça,” digo com os dentes cerrados. Enquanto suas mãos tocam minha pele, penso na Dolly. É a única maneira de me impedir de atacar o homem que me manteve vivo e intocado até agora...

Acordo com o som de algo batendo contra o metal. Sento-me rápido, meus olhos tentam ver o que está acontecendo. Chapel está nu... e segura o guarda pela garganta contra as grades. A mão de Chapel cobre a sua boca. O guarda espalma, tentando fugir. Fico em pé, mas Hyde já correu para as grades, minha agulha em sua mão, antes que eu consiga me mover. Ele espeta a agulha no pescoço do guarda.

Hyde segura o guarda enquanto Chapel alcança as chaves no seu cinto. Em questão de segundos, a porta está aberta. Olho fixamente, encarando a fodida porta aberta, o coração acelerando no meu peito. Chapel parece tão surpreso quanto eu, enquanto ele paira na linha invisível que separa a cela da liberdade à frente.

Chapel olha para mim e um enorme sorriso começa a curvar os seus lábios.

Ele atravessa o limiar e pega a faca e a arma do guarda. O sangue do guarda escorre por seu pescoço e desce pelo seu corpo. Minha respiração acelera, quando vejo o sangue. Ao contrário da maioria das pessoas, o sangue não me repulsa... faz o meu pau ficar duro.

Caminho para o sangue escorrendo, como se fosse um imã me atraindo. Hyde olha para trás, quando os olhos do guarda começam a ser drenados da vida. Não estou mais prestando atenção à porta aberta, muito focado no sangue que escorre do seu pescoço.

Hyde sorri, mostrando todos os dentes. “Acabe com ele,” ele instrui. Seu pescoço estala enquanto ele o rola de um lado para o outro. “Use a escuridão que vive dentro de você. Pense nas coisas que te ensinei... e, finalmente, use-as.”

Uma faca está, de repente, em frente ao meu rosto. Olho para cima. Chapel, ainda nu, está segurando a lâmina do guarda para eu pegar. "Precisamos ficar quietos," ele sussurra. "Melhor não deixar os outros guardas saberem que estamos livres. Surpresa será a chave aqui, Mauricinho."

Pego a faca.

Olho nos olhos do guarda.

E mergulho a lâmina diretamente em seu coração.

Giro a faca, sangue quente cobrindo as minhas mãos tatuadas. "Eu quero mais," rosno, apenas removendo a lâmina quando os olhos do guarda congelam no sono eterno.

"Então, devemos prosseguir," Chapel diz e pega a arma do guarda. Hyde abaixa a guarda no chão, ainda segurando a pressão da agulha. E nos movemos. Um a um, derrubamos os guardas até não sobrar nenhum.

Paramos em frente a porta que leva à escada que promete a nossa liberdade. Ficamos em silêncio enquanto olhamos para a porra da porta. Eventualmente, Chapel coloca a chave na fechadura e abre. Se virando, pega todas as chaves que ele reuniu e as joga nas outras celas. O som das portas abrindo nos acompanha enquanto subimos as escadas pelas quais havíamos descido, há tantos anos atrás.

Quando entramos na noite escura, engasgo com o ar fresco invadindo os meus pulmões. Hyde se move ao meu lado e pego suas mãos apertando em punhos, pelo canto do meu olho. Ele dispara correndo, indo para uma casa. "O diretor," diz Chapel, depois segue Hyde.

Sinto o meu sangue correndo pelas veias, deixo a adrenalina tomar conta e corro também. Quando atravesso a porta, escuto o som de gritos no andar de cima. Chapel chega ao quarto apenas um segundo antes de mim.

O diretor e sua esposa estão deitados na cama, o sangue escorre das facadas que Hyde tinha lhes infligido. Hyde está ofegante, sem fôlego, com os olhos iluminados pela sede de sangue.

Chapel caminha até o armário e puxa uma camisa e uma calça. Enquanto veste ele diz, "Nós precisamos de dinheiro e um carro. Vou pegar as chaves do carro, vocês dois achem dinheiro. Não há como esse filho da puta ter escondido o que fazia, sendo pago em um banco."

Trinta minutos depois, estávamos em uma caminhonete, Chapel no banco do motorista. Hyde ao seu lado e eu fiquei na parte de trás, as bolsas de dinheiro do diretor me cercando. Olho pela janela enquanto cruzamos os estados, dirigindo para uma das casas secretas de Chapel. Penso em Dolly e no plano que preparei com a ajuda de Chapel e Hyde.

Durante os meses seguintes, planejei meu retorno, reunindo as informações que precisava para fazer tudo funcionar sem problemas. Treinei para matar com Hyde. Trabalhei nos detalhes do meu plano com o Chapel. Comprei roupas. Fiz armas. Conversei com um investigador particular corrupto, que Chapel conhecia dos dias que antecederam a Torre de Água.

Depois de três meses, eu estava pronto.

Pronto para voltar para a minha garota.

Pronto para levá-la para o buraco do coelho.

Pronto para matar com ela ao meu lado.

CAPÍTULO 5



~~Heathan~~

Rabbit

Pego a caixa do porta-malas e paro no início da escada de pedra que leva à porta principal. Minha mão aperta ao redor da cabeça de coelho da minha bengala, meus dentes rangem e meu maxilar cerra.

Dolly, eu recordo a mim mesmo. *Você está aqui pela Dolly.*

Estalo meu pescoço, estreito meus olhos na porta da frente e dou o primeiro passo. A cada passo, sinto o cheiro da fumaça dos seus charutos. Escuto suas respirações em meu ouvido. Mas continuo. Continuo, embora ainda escute seus grunhidos, suas risadas... e sinta a sensação deles sobre mim, balançando para frente e para trás.

"Você está pronto para recuperar sua querida?" Chapel me perguntou há vários dias atrás.

"Minha Dolly," rebati de volta.

"Sua querida pequena Dolly." Ele sorriu e se curvou como sempre fez. "*Então, Mauricinho, mande meus mais afetuosos cumprimentos, e boa sorte."* Sorri. *"Que o diabo esteja firmemente ao seu lado..."*

"Dolly querida," repito em voz baixa, olhando para as janelas no alto que sei que são as dela. Giro a maçaneta na porta, a madeira velha range ruidosamente enquanto abre. Uma nuvem de ar quente atinge o meu rosto. Ar carregado de poeira. Entro no corredor, meus olhos imediatamente aliviados pela falta de luz. Meus olhos não gostam de claridade, depois de permanecer no escuro por tanto tempo. Olho para a minha esquerda e vejo diversos lençóis brancos cobrindo o mobiliário da sala de jantar. O mesmo se repete na sala de estar. Tudo está coberto. Ocultos, como se nunca tivessem existido. Como se esta fodida casa do inferno não tivesse segredos e gritos presos em suas paredes, pulsando com o seu passado. Não ecoasse os gritos e a dor das crianças.

Não vibrasse com depravação.

Franzindo o cenho, olho para a minha mão na bengala. Está trêmula. Assovio, minha cabeça inclina para o lado em uma rara demonstração de emoção do meu corpo. Nunca sinto nada. Nada, exceto o desejo de matar e destruir aqueles que nos destruíram.

Mas, então, existe Dolly... e existe as memórias deste maldito lugar. As sombras que me procuram à noite, me obrigando a reviver a incessante sensação de violação. Os demônios do passado que me fazem repetir cada momento, cada sopro de fôlego na minha orelha, cada pedaço de pele encharcada de suor que esfregou contra a minha.

Um barulho no andar de cima me faz voltar ao foco. Seguro com mais firmeza a caixa na outra mão e sigo para as escadas. Um, dois, três passos... mantenho meus olhos focados no andar superior. Movo minha mão sobre a cabeça de coelho, passando meu dedo sobre a trava que irá desencadear seu inferno, se necessário.

Quando chego ao topo, os tapetes estão mofados e desgastados, debaixo dos meus pés, o vermelho e o dourado das paredes desapareceram, e o papel de parede está descascando, escuto o som distante de passos que vem da escada a minha direita. Fecho os olhos, ouvindo os sons. Meus olhos se abrem e meus lábios se curvam sobre meus dentes.

Sei a quem pertence esses passos.

Avanço em direção a uma porta que é um farol para tudo o que sou. Parando em frente à porta fechada, olho para a madeira. *Rabbit bobo...* escuto uma voz do passado em minha cabeça. Um sorriso meigo, alegres olhos azuis, uma risada estridente e uma bronca divertida. *Você é minha pessoa favorita em todo o mundo, Rabbit. Espero que você saiba disso.*

Então... *eu te amo...* três palavras nunca ditas para mim antes, pronunciadas pela boca de Dolly.

Eu te amo...

Coloco minha bengala debaixo do meu braço e entro no quarto. Minha respiração engata enquanto atravesso o batente familiar. Nenhum cheiro de rosas me cumprimenta. Nenhuma música dos anos oitenta. Nenhum aparelho de som portátil rosa. Nenhum conjunto de chá ou risadas.

O quarto está morto.

Extinto de vida.

Coloco a ponta da minha bengala no chão e olho para a esquerda. O som de uma leve respiração vem do canto. Tento me mover, mas meu coração bate rápido, paralisando meus passos. Minhas narinas inflam enquanto fecho os olhos e tento respirar profundamente. Nunca me senti assim, nunca tive esse tipo de reação a nada. Não em onze anos. Não enquanto estive preso na escuridão. Nem quando escapamos — de forma violenta, selvagem e sombria. Nem mesmo quando minha faca mergulhou nos corações

dos guardas e assisti a vida desaparecer dos seus olhos, o puro fascínio de arrancar a essência de suas vidas dominando a minha mente.

Mas esta é Dolly. A única pessoa com quem me importo.

Não tenho ideia de em qual estado vou a encontrar. Se sua mente frágil está destruída ou não. Se seu coração de vidro está quebrado ou não. Sem esperança de salvação.

Não faço ideia se o meu único motivo para viver, possa ser salvo. Estremeço diante de uma raiva venenosa, enquanto me permito imaginar o inferno que aqueles filhos da puta sádicos podem ter feito na minha ausência. Mas as palavras de Chapel soam em meus ouvidos... *solte a ira apenas naqueles que a merecem. Deixe que ela se desenvolva dentro do seu coração como um poço que enche com água... em seguida, desencadeie o inferno sobre aqueles que roubaram sua liberdade.*

Abrindo meus olhos, controlo minha raiva e contorno silenciosamente o espaço... paro. Lá está ela, sentada em uma cadeira. Puxo uma respiração tão profunda que escuto ressoar em meus ouvidos. Seu cabelo. O seu cabelo está puxado para trás em uma trança longa, os fios entrelaçados caem na parte inferior de suas costas. Está vestida de preto. Mangas longas e largas cobrem os seus braços.

Maldito preto. Dolly não pertence ao preto. Apenas ao colorido. Azul, branco, dourado e o fodido rosa.

Atravesso o contorno do quarto até parar na sua frente. Meu coração rasga e seguro um grunhido alto, quando a vejo encolhida na cadeira. Um cobertor grosso cobre suas pernas e cintura fina enquanto ela olha sem vida pela janela. A janela que, uma vez já teve uma bela vista para gramados bem cuidados, agora com nada além de ervas daninhas, mato alto e árvores antigas cobertas por musgos. Olho para o que ela está olhando, na direção do que a mantém tão cativa.

Meu coração se parte completamente, uma parte repelindo a outra, tentando escapar da fúria, da dor e da porra da escuridão que consome.

Ela está olhando para o local onde costumávamos brincar quando éramos crianças. Onde ela me encontrou todos aqueles anos atrás, arrancando asas de borboletas coloridas em minhas mãos. Entro em sua linha de visão, mas seus olhos azuis não se levantam para encontrar os meus, apenas olha para mim como se eu nem estivesse lá. Agacho e estudo o seu rosto. Pele de porcelana. Lábios carnudos. Maldita perfeição.

Mas não restou vida nela.

Nunca senti medo antes, mas imagino que o buraco que está se formando em meu estômago, seja algo parecido com isso. Uma sensação de frustração de que a Dolly possa ter ido para um lugar onde não existe escapatória, uma prisioneira em sua própria mente.

Consumida por sua fragilidade.

“Dolly querida,” digo com a porra da minha voz falhando.

Vinte e um. Ela tem vinte e um anos e está mais bonita do que jamais poderia ter imaginado. Perfeição. Minha boneca viva.

Um fio de cabelo está sobre o seu rosto. Meus dedos abrem e fecham enquanto tento me forçar a tocá-la. Mas não consigo. Com exceção de Chapel, que fez as minhas tatuagens, não toquei nem fui tocado em anos. Não sei como fazer. Alérgico ao afeto humano. Repelido pela sensação degradante do toque.

Eu... eu... não consigo.

Quando abro minha boca para falar com Dolly novamente, um suspiro alto atravessa ar, por trás dela. Endireito minha postura, agarro a bengala, para ver um rosto velho e familiar aparecer. Observo atentamente, enquanto o buraco em meu estômago é substituído rapidamente por uma satisfação sombria,

em ver o sangue fugir do seu rosto. “Bom Deus,” ela sussurra enquanto aliso minha gravata e colete pretos.

Olho para a cadela. Inclinando-me casualmente sobre a minha bengala e digo, “Mais como Lúcifer, eu diria.” Movo minha cabeça em sua direção. “Para você, de qualquer maneira.”

A Sra. Jenkins engole em seco e tenta sair do quarto. “*Tsc, tsc, tsc,”* falo e balanço minha cabeça. Ela imediatamente para, olhos fixos nos meus.

“Hea... Heathan James... isso... não é possível...” Ela gagueja e corre os olhos em mim. Em cada centímetro meu.

“Rabbit.” A cadela encolhe com a minha correção. “Eu sou Rabbit. O maldito Coelho Branco. Então nunca pronuncie esse nome miserável para mim novamente.”

A sua pele fica pálida e seus olhos caem para Dolly, sentada na cadeira. Dolly ainda não se moveu. Troco a caixa que trouxe comigo de mão, prestes a entregá-la para a Sra. Jenkins, quando ela pergunta: “Como você chegou aqui?”

Jogo a caixa do outro lado da sala. Ela pousa em seus pés. “Vista-a.”

“O... o que?” Pergunta a Sra. Jenkins.

Aponto para a caixa aos seus pés. “Vista-a. Não é um pedido.” A Sra. Jenkins estremece quando pega a caixa e se move para onde Dolly está sentada. Dolly também não a olha. A Sra. Jenkins abre a tampa da caixa e ofega novamente.

Os velhos olhos enrugados encaram os meus. “Não—”

Antes que ela consiga terminar a frase, coloco minha mão no bolso e puxo a minha faca. Corro o lado cego da lâmina em minha bochecha. Lentamente. Controlado. Observando seu olhar aterrorizado monitorar cada movimento que faço. “É melhor fazer o

que mando, Sra. Jenkins. Minha paciência e tolerância para você parecem estar no seu ponto mais baixo."

Ela engole em seco, e com as mãos trêmulas como um terremoto, tira um vestido azul, com cinto preto e meias listradas em preto e branco. Seguidas por botas de cano alto pretas, juntamente com uma faixa de seda adornada com um laço preto.

A Sra. Jenkins endurece. "Ela não usou esses vestidos desde o dia da sua partida. Ela... ela não é mais a mesma pessoa. Ela não está mais obcecada por esse livro..."

Lembro vividamente do dia a que ela se refere. O sangue nas meias listradas reunidas nos tornozelos de Dolly, o sangue na bainha do seu vestido azul novo e em modelo adulto... "Estou de volta, cadela," cuspo. "E Dolly usará cores mais uma vez. Ela será minha Dolly, não essa fodida coisa em que vocês a transformaram, quando destruíram sua mente inocente." Aponto a faca para o rosto da velha. "Vista-a. E faça isso rápido."

A Sra. Jenkins estende a sua frágil e velha mão para Dolly. Leva cada grama do meu autocontrole para não me precipitar para frente e quebrar esses ossos em minhas mãos. Em muitos lugares, saboreando cada estalo.

A Sra. Jenkins puxa Dolly para se levantar e a leva ao banheiro anexado ao quarto. Dolly segue sua babá sem qualquer tipo de consciência. Seu vestido preto chega ao chão, cobrindo seu corpo gracioso. Dolly é pequena. Talvez apenas um metro e cinquenta e cinco de altura.

Pequena, mas completamente constituída.

Quando a porta se fecha, meu coração luta para abrandar com o pensamento de como ela vai parecer quando retornar. Então penso em seus olhos sem vida e sei que Henry tem razão. Sei que o meu maior medo se concretizou e rezo para que os sábios conselhos de Henry funcionem.

“Se ela sofreu tanto quanto você acredita, se sua mente é tão frágil e inocente como você acredita,” disse Henry, “Ela pode não ser a pessoa que você conheceu.”

“O que você quer dizer?”

“Repressão, provavelmente; Eu trabalhei principalmente com pacientes reprimidos, quando praticava psicologia. Um abuso ou trauma severo pode levar personalidades tímidas e fantasiosas, como Dolly, a desligar-se. Como uma criança assustada pode se esconder debaixo de uma cama, quando ela está assustada, uma pessoa com uma mente frágil pode encontrar consolo de maneira semelhante. Mas seu lugar seguro não estará debaixo de uma cama, sob seu edredom ou em um armário, mas sim no fundo da mente. Dolly pode ter se trancado atrás de uma porta mental metafórica — sem falar, sem vida real. Buscando o seu próprio modo de proteção. Ela pode ter adotado outra personalidade para lidar com tudo. Uma nova personalidade, que na sua maneira de pensar não foi tocada ou manchada. Uma que pode enfrentar o mundo quando seu eu verdadeiro não pode.”

“Como você,” perguntei. “Como você com Hyde?”

O rosto de Henry nubla com a mera menção do outro que espreita escondido em sua mente. “Hyde e eu somos... um caso único. Vamos deixá-lo lá.” Ele se inclina para a frente. “Se você encontrar sua Dolly reprimida, no repouso deste mundo, você pode tentar atraí-la de volta com coisas familiares, mas muito importantes. As coisas que ela amava, adorava e gostava. Coisas exclusivamente seguras para ela. Acima de tudo, coisas que ela reconhece como pertencentes ao seu mundo.” Escuto cada parte de conselho que Henry fala. “Pode não funcionar. Algumas mentes, uma vez danificadas, estão perdidas para sempre, suas prisões são imunes ao avanço. Mas se há uma chance, é assim que você trará de volta a sua querida de dentro da sala do pânico em sua cabeça. Com coisas que ela amava.”

Quando me encosto contra a parede, descanso minha mão na bengala, a porta do banheiro se abre e me arranca das lembranças. Isso tem que funcionar. Ela precisa retornar.

Não existe a mínima chance de fazer tudo isso sozinho.

A Sra. Jenkins conduz Dolly para fora do banheiro. No momento em que Dolly aparece, me afasto da parede e sinto aquela centelha familiar, que estava completamente perdida, mas que agora faz cintilar um sorriso zombador em meus lábios.

Dolly.

Minha maldita Dolly querida... bem, quase.

A Sra. Jenkins a senta de volta na cadeira. “Seu cabelo,” digo, apontando para a faixa ainda na mão da Sra. Jenkins. A Sra. Jenkins se move para a penteadeira, que agora está degradada e claramente não tem sido utilizada. Tira uma escova, e em poucos minutos a faixa de Dolly está no lugar. Movo-me lentamente para ficar em frente a Dolly e me agacho para inspecioná-la.

“Batom rosa e perfume. O perfume e o batom da sua mãe,” falo, com a familiaridade de Dolly voltando, minuto a minuto.

“R-Rabbit...” Sra. Jenkins gagueja.

“Eu não estou pedindo,” grito. A Sra. Jenkins abre nervosamente uma gaveta na penteadeira. Do outro lado da sala, algo rosa em cima de um gaveteiro me chama a atenção. O som portátil que ela amava tanto. Atravesso a sala e sopro o pó do topo. Pressiono o botão play. A canção que Dolly sempre dançava vem crepitando nos alto-falantes.

Sua música favorita.

Olho para trás e sinto meu sangue frio esquentar até o ponto de ebulição, quando meu olhar cai sobre Dolly. Lábios rosados... fecho os olhos. O cheiro de rosas permeia o ar, afastando os

resquícios de escuridão da Torre de Água que permanecia em meus sentidos.

Abro os olhos. A música enche o quarto. Então, minha bochecha estremece quando vejo um pequeno indicio de movimento vindo de Dolly. Seu dedo, descansando na coxa, levanta ligeiramente. É um movimento tão pequeno, quase imperceptível, mas é real.

Ela ainda está lá.

Eu sei. Posso sentir. Eu sempre posso lê-la, e ela a mim.

A Sra. Jenkins se afasta do meu caminho quando agacho novamente em frente à Dolly. “Querida,” sussurro e levanto a mão. Sem tocar, traço meu dedo em cada centímetro do seu rosto perfeito, de seus longos cabelos loiros até a sua mão. Pairando, desesperado, mas incapaz de sentir o calor do seu sangue bombeando sob sua pele pálida.

Então, paro. Congelo quando olho para a porra dos seus antebraços nus.

Raiva e ódio como nunca senti antes invadem o meu corpo.

Cicatrizes.

Cicatriz após cicatriz, manchando seus braços uma vez perfeitos. Cicatrizes brancas e proeminentes. Irradiando a fúria que ameaça desencadear dentro de mim, levanto e me afasto de Dolly.

A Sra. Jenkins vê o que despertou minha raiva. Ela se afasta de mim em direção à porta. Suas costas batem contra a madeira e pequenos sons assustados escapam da sua garganta, enquanto sua mão procura freneticamente pela maçaneta. Avanço e lentamente reduzo a distância.

“Ele... ele vai saber que você escapou,” ela avisa, o branco dos seus olhos brilha com medo. Posso sentir o cheiro de mofo permeando o ar pesado entre nós.

“Ele não vai.” Levanto minha faca e corro o lado cego por sua bochecha enrugada. Sua respiração engata, quando o aço frio beija sua pele fina e enrugada. “Diga-me,” digo, observando a luz que vem da janela refletir sobre a lâmina de aço escovado. “Você gostou?”

Sua respiração falha e ela solta um gemido.

“Você gostou de levar as crianças para o covil dos lobos? Você gostou de ouvir os seus gritos? A visão do sangue e do sêmen escorrendo por suas pernas enquanto cambaleavam de volta para o escritório, apenas para serem tomadas por outro, depois outro, depois outro, noite após noite, ano após ano?” Movo minha cabeça mais perto do seu rosto, até a ponta do meu nariz estar apenas a milímetros de sua bochecha. “Você gostou de vestir minha Dolly em seu vestido favorito e apresentá-la, como um brinquedo de porcelana brilhante, para o seu papai fodido? Seus tios? Drogada e incapaz de lutar contra eles?”

“P-por favor,” implora a Sra. Jenkins.

“O dinheiro deve ter sido muito bom para sacrificar sua vida desse jeito.” Corro a lâmina até o pulso palpitante da Sra. Jenkins. Faço uma pausa, minha boca ao lado de sua orelha. “Eu sempre quis saber como seria seu sangue jorrando de sua veia principal. Escorrendo por seu peito e sujando suas roupas.” Sra. Jenkins geme novamente. Eu me afasto, fingindo surpresa. “Oh, você realmente alimentou o pensamento que teria permissão para viver?” Balanço a cabeça lentamente em decepção. “Nenhum de vocês terá, Sra. Jenkins. Cada um vai pagar da maneira mais dolorosa possível. Por mim, e pela minha Dolly, em meu querido País das Maravilhas... e o seu sangue, e todo o sangue dos outros, vai escorrer em rios de penitência, atravessando as rachaduras nos pisos de madeira das casas por todo o estado de Lone Star[3].” Movo-me para a sua frente, meu rosto a apenas centímetros do dela.

[3] O apelido do Texas é *Lone Star State,* por causa da estrela solitária na bandeira. A palavra Texas deriva de *Tejas,* uma palavra indígena que significa "amigos".

“Mmm... Posso sentir o cheiro agora. Provar. Saborear seu gosto enquanto passo a minha língua.” Mordo meu lábio inferior e dou um gemido. “Meu pau fica duro apenas em pensar nisso.”

“Você sempre foi doente, garoto. Desde o momento em que sua mãe o abandonou nesses portões, você poluiu o ar.”

Afasto um pouco. “Você pode estar certa.” Dou um sorriso frio. “Eu sempre tive uma inclinação para o escuro.” Encolho os ombros. “E a morte... mortes poéticas, tão doces e bagunçadas.”

Com um movimento rápido da minha mão, passo a lâmina em sua garganta e recuo, quando a Sra. Jenkins agarra o seu pescoço. O sangue escorre entre seus dedos enquanto seus olhos me fixam com horror e ela gagueja, afogando-se diante dos meus próprios olhos.

Inclino a cabeça enquanto a observo fascinado. Suas pernas tremem, até que finalmente cedem e ela cai no chão. Agacho ao seu lado, estudando seu corpo escoar a vida. Ela me observa e o seu olhar se prende ao meu.

Nunca desvio o olhar.

Ela ofega. Engasga. Então, com um engasgo final, ela paralisa. Suas mãos caem ao lado, seus olhos congelam em um olhar sem vida.

Suspiro e enxugo o sangue da minha lâmina em suas roupas. “Tal como esperava... altamente decepcionante.”

De pé, coloco a mão no bolso do meu colete e tiro as cartas. “Rainha de Copas,” anuncio, passando o polegar sobre a carta que fiz à mão, a semelhança perfeita dela ao meu lado — o rosto da Sra. Jenkins desenhado a lápis me encarando. Meu lábio curva em desgosto, então, com um movimento de pulso, lanço a carta pelo ar para pousar em seu peito ensanguentado. “Um a menos, faltam seis.”

Volto para Dolly, que ainda está sentada na cadeira. O aparelho de som continua tocando as músicas favoritas de sua mãe. Observo seus dedos e os vejo contrair novamente.

Ela, definitivamente, está lá.

Inclino para frente, coloco minha boca em seu ouvido. “Dolly, eu voltei para te buscar, querida.” Fecho meus olhos, quando seu perfume de rosas invade o meu nariz. “Como eu disse que faria.” Respiro fundo. “Vamos partir em uma aventura, querida. Seu Coelho Branco está aqui para te levar ao País das Maravilhas. Encontrei o buraco do coelho nesta casa. Durante anos, enquanto éramos ainda crianças, procuramos, sem sorte. Mas, eu o achei, querida. E logo, para o buraco do coelho, iremos.”

Fecho os olhos e me recordo daqueles dias...

“Hoje vamos tentar a ala leste, Rabbit.” Dolly tira um mapa desenhado à mão da bolsa cor-de-rosa que cruza seu peito e o coloca no chão. “Começaremos aqui e passaremos por todos os cômodos, buscando todos os recantos, cada fresta, todas as fendas e todas as tábuas soltas do piso.” Ela sorri com emoção. “Hoje é o dia, Rabbit. Eu posso sentir isso!” Ela diz toda vez que procuramos na casa e fica triste quando não encontramos nada. Depois de cada busca mal sucedida, ela coloca o braço em volta da minha cintura, abraçando-me, dizia: “O caminho para o País das Maravilhas está aqui, Rabbit. Eu sei disso... e um dia vamos encontrá-lo. Encontrar e escapar. Você e eu, Rabbit. Teremos a maior aventura de todas. Tenho certeza...”

A cabeça de Dolly se move, me arrancando do passado. Dou um sorriso quando me viro e seus olhos azuis se afastam da janela para encontrar os meus. Ainda não tem vida. No entanto, existe um pequeno sinal real da minha querida, um movimento que mostra que ela ainda está aqui.

Ela está me ouvindo.

Existe um mínimo de esperança.

“Já volto, querida.”

Corro para o meu carro. Pego o que preciso do porta-malas e subo as escadas correndo. Enrolando o tapete no corredor dos fundos, começo a abrir um buraco no chão com a serra. Levo uma hora para terminar. Em seguida, entro no quarto da Sra. Jenkins. Previsivelmente, seu dinheiro está sob o seu colchão: centenas e centenas de milhares de dólares. Tudo para alimentar os lobos, incapaz de ser depositado em um banco, por que ela não teria como explicar a fonte do pagamento. Abusadores se esgueiram furtivamente no escuro.

Deixo a corda que está enrolada em meu tronco ao lado do buraco, volto para Dolly. Guardo seu batom e perfume em uma bolsa. Embalo seu livro favorito, o que resta da velha boneca que ela amava tanto, seu aparelho de som e coloco tudo em meu carro. Em questão de minutos estou de pé diante dela novamente. Levanto-a na cadeira, pisando no cadáver ainda quente da Sra. Jenkins e saio pela porta. Coloco a Dolly, ainda na cadeira, ao lado do buraco e amarro a corda ao redor da sua cintura. Guio a outra extremidade da corda através do buraco até o andar abaixo, exatamente onde preciso. Quando volto para Dolly, noto que sua mão está fechada. Permaneceu cerrada o tempo todo. Olhando para baixo em seus olhos, abaixo, estendo minha mão e gentilmente tiro os dedos daquilo que estão agarrando.

Minha respiração acelera quando vejo um brilho familiar de metal. “Tique, taque,” sussurro automaticamente, quando meu velho relógio de bolso aparece. Engulo, lutando contra o nó em minha garganta, enquanto a respiração de Dolly muda de silenciosa para rápida e alta. Seus olhos estão mais uma vez em mim. Pego o relógio da palma de sua mão, e como sempre fiz, seguro no meu ouvido e toco no topo. “Vamos nos atrasar, Dolly querida. Nós vamos nos atrasar.” Sua cabeça se vira para mim, inclinando ligeiramente. “Siga-me pelo buraco do coelho, Alice.”

Desço correndo pelas escadas até o fim da corda, e a agarro. A cadeira de Dolly balança acima na borda do buraco. Olho para

ela, minha boneca viva, sentada congelada... até que ela olha para baixo. E só por um segundo, o menor instante, vejo-a por trás de seus olhos. A menina que significa tudo em minha vida.

Dolly.

Puxo suavemente a corda, e seu corpo magro tomba pra frente, caindo pelo buraco e em meus braços. A cadeira de madeira despenca no chão, com suas pernas separando. Estremeço quando a seguro contra meu peito. Respiro profundamente pelo meu nariz com sua proximidade. Minha cabeça ordena que a solte. Que a afaste.

Ela está perto. Tão perto de mim. Sua cabeça está apoiada no meu pescoço e sinto sua respiração quente contra minha pele. Arrepios correm por minhas costas, tão forte que preciso segurar um assovio. Inalo o desconforto que o seu toque causa.

É Dolly, Rabbit. Ela não é uma ameaça. Ela é o seu mundo.

Ela não pesa nada em meus braços. Seu cheiro me envolve.

Rosas.

Rosas.

Rosas.

Então ela se mexe...

Continuo segurando enquanto sua cabeça se inclina para trás e vejo o seu rosto. Meu coração dispara em meu peito quando ela pisca. Uma, duas, três vezes, como se acordasse de um sono profundo. Suas bochechas, uma vez pálidas, estão tingidas de rosa. Seus lábios estão fazendo beicinho, do mesmo modo que os lábios de Dolly sempre faziam beicinho.

Seus olhos examinam a sala, explorando tudo ao nosso redor e no buraco através do qual ela acabou de cair. Um suspiro baixo escapa de sua garganta, então ela lentamente vira o rosto para o

meu. Prendo a respiração enquanto seus olhos azuis — não mais entorpecidos, mas brilhantes — olham para os meus.

Ela esfrega os olhos, afastando a latência deles. Quando sua mão cai, sua boca se abre em um pequeno 'O'. Ela engole, nunca tirando seu olhar do meu, então sussurra rouca, "R-Rab... Rabbit?"

Meus olhos se fecham enquanto meu nome deixa sua boca. Sua voz, debaixo da rouquidão, é tão doce e suave como sempre foi.

Mas ela não tem o seu sotaque texano. Em seu lugar está o sotaque de 'Festa do chá'. Inglês. Minha Dolly voltou para mim com seu perfeito sotaque inglês.

"Dolly querida." Minha voz está baixa, áspera e fodidamente quebrada.

Ela fica imóvel, e um amplo sorriso curva sua boca, o batom rosa brilhando em seus lábios rachados. "Rabbit," ela diz novamente, sua voz ainda está rouca. "Meu Rabbit. Meu Rabbit bobo. Voltou para mim." No instante em que as palavras saem de sua boca, o sorriso foge do seu rosto tão rapidamente quanto ela caiu no buraco.

"O que foi, querida?" Pergunto, segurando-a mais perto. Quero passar minha mão por seus cabelos. Quero beijar sua cabeça, assim como fazia quando era criança. Mas... mas eu apenas... não consigo. Segurá-la tão perto já me causa muita dor.

Mas é uma dor que suportaria, por ela.

"Eu estava presa, Rabbit," Dolly diz, desviando minha atenção para ela. Ela sempre comanda cada parte de mim, apenas falando, tocando... Respirando.

Lágrimas brotam em seus olhos, seus longos e escuros cílios vibram para impedir que as gotas deslizem. Não funciona. "Estava trancada em uma sala cheia de portas, Rabbit, e não conseguia sair." Sua respiração falha. Ela balança a cabeça e aperta os olhos. "Havia tantas portas, e a sala estava escura. Eu tentei cada

maçaneta, mas nenhuma abria." Uma pausa. "Então, a única que consegui abrir era muito pequena e eu era grande demais." Seus olhos arregalam e ficam presos aos meus. "Estava presa, Rabbit. Por muito tempo." Seu lábio inferior treme, eviscerando meu coração fodido e esvaziando a escuridão da minha alma.

Luz. Ela sempre foi a única luz que conseguiu penetrar.

"Estava esperando por você, Rabbit. Por tanto, por tanto tempo." Ela estremece, arrepios cobrem sua pele cicatrizada. "Estava tão frio e escuro lá dentro... mas eu esperei, assim como você me disse, encolhida no canto da sala. Estava frio e úmido, e os ruídos do exterior me deixavam com medo, mas tentei me manter forte. Forte para você." Ela soluça. "Tique taque, Rabbit. Tique taque, tique taque, tique taque. Tantos toques até você voltar pra mim. Isso me deixou mais triste e infeliz a cada dia que você não voltava."

Uma única lágrima desliza em sua bochecha. Levanto minha mão, pego a lágrima em meu dedo. Então, assim como fiz quando criança, levo a gota a minha boca.

Ela ainda tem o mesmo sabor.

Os olhos de Dolly vasculham a sala, e ela endurece em meus braços, seus olhos arregalam enquanto nota a mesma fodida casa do inferno de onde nunca escapou. "Nós ainda estamos aqui," ela diz com um pavor absoluto atado ao seu tom. "Nós ainda estamos no quarto, Rabbit. Há tantas portas. E eu sou muito alta." Seu peito sobe e desce de forma irregular.

O seu livro. Sua história favorita. Alice era muito alta para sair do quarto das portas. Dolly pensa que ela também é. Muito alta para deixar esta maldita casa.

Se você encontrar a sua Dolly reprimida... traga-a de volta com coisas familiares, mas, mais importantes. As coisas que ela gostava, amava e que ela adorava. Coisas únicas e seguras para ela... coisas que ela reconhece como pertencentes ao seu mundo...

As palavras de Henry ecoam em minha cabeça. Coloco Dolly de pé, em minha frente. Ela está muito magra, mas ainda muito bela. Ela dá um passo desequilibrado, mas curto, nunca tirando sua atenção do meu rosto. Inclina-se para mim, mas nunca tocando... como se não suportasse me tocar também.

Eles fizeram isso com ela.

Com nós dois.

Alcançando o bolso do colete, tiro um pequeno frasco de vidro... idêntico ao do seu livro favorito. O frasco de líquido azul tem uma etiqueta na frente que diz: 'Beba-me'. E amarrei uma fita preta nele para criar um colar.

"Rabbit? É... isso é o que eu imagino?" Seus olhos azuis se arregalam e sua cor impressionante combina com o líquido no frasco.

Água com açúcar, tingida de azul.

"Isso vai fazer você encolher, querida. Então você pode me seguir pela porta e para o País das Maravilhas... finalmente." Resisto em tocar seus cabelos. Parece seda dourada. "Temos uma aventura para começar, e precisamos sair do quarto das portas."

"Sim," ela diz dando uma risada, a mesma que ecoou em minha mente por onze anos. Um sorriso ofuscante surge em seus lábios.

Ela alcança o frasco.

"Só um gole. Podemos precisar dele novamente em nossa aventura," digo.

"Tudo bem," ela sussurra sem fôlego e pega o frasco em sua mão. Olhando para o colar como se fosse à coisa mais preciosa do mundo, ela retira suavemente a rolha do topo e leva a mistura aos lábios. Ela engole uma pequena quantidade, depois volta a colocar a rolha e amarrar a fita em volta do seu pescoço.

Seus braços de repente se abrem, e uma inalação chocada ecoa ao redor da sala velha e vazia. “Está funcionando, Rabbit!” Ela olha para seus pés. “Estou encolhendo! Você pode ver? Estou realmente diminuindo!”

Sorrio para a minha garota e a porra do olhar bonito em seu rosto. Cruzo meus braços sobre meu peito e deixo o som de sua risada preencher meus ouvidos, minha mente e minhas veias. “Eu vejo, querida. Eu sempre vejo você.”

Poucos segundos depois, Dolly ergue a cabeça com um brilho excitado em seus olhos. “A porta!” Ela move a cabeça na direção da entrada principal. Ela corre com suas longas pernas magras, levando-a através das tábuas de madeira. Sua mão estende e gira a maçaneta. A porta se abre, e Dolly cambaleia para trás, quando a luz do sol se filtra no vestíbulo empoeirado. Fico de pé e observo enquanto suas mãos voam para sua boca. Estremeço quando a luz ofuscante invade, mas ignoro a dor que causam aos meus olhos, para que eu possa vê-la dar seus primeiros passos sobre o batente da porta.

Então, ela se vira e olha para a minha mão. Olha para o relógio de bolso em minha mão, e sorri. Avanço lentamente e paro a poucos centímetros dela. Inalo seu aroma e levanto meu relógio até minha orelha. Suas bochechas coram de excitação enquanto espera... e espera... e espera... então... Toco o lado do relógio. “Nós vamos chegar atrasados, querida...” Minhas narinas inflam quando seus olhos se arregalam para o tamanho da lua. “Tique taque.”

Passo por ela, atravessando a porta e descendo para o meu Mustang. Ouço uma risada de excitação atrás de mim e o som dos saltos de Dolly clicando na escada, enquanto ela corre por cada degrau. Seguro a porta do passageiro aberta para ela entrar, em seguida, sento no banco do motorista.

Coloco meus óculos de sol e ligo o motor.

Escuto a porta do passageiro se fechar e olho para a garota sentada ao meu lado. “Você está pronta para o País das Maravilhas, querida?”

“País das Maravilhas,” sussurra Dolly com espanto. “Acho que nunca estive fora destes portões, certo, Rabbit? A última barreira antes de entrar no País das Maravilhas.”

“Não.”

“E o País das Maravilhas definitivamente começa logo depois?”

“País das maravilhas e nossa aventura, querida. Nossa grande aventura, a que esperamos todos esses anos para começar.”

Dolly aperta suas delicadas mãos em seu colo e respira fundo. “Estou pronta.” Ela me lança um grande sorriso, um que onze anos no inferno não conseguiu escurecer. “Pronta para o que o País das Maravilhas tem guardado para nós.”

O sangue bombeia mais rápido em minhas veias, quando suas palavras escorrem em meus ouvidos. Quando nos afastamos da casa que nos causou tanta escuridão, penso no sangue que vamos derramar. Nos corações que vamos parar e nas vidas que iremos roubar. E o tempo todo, um sorriso ameaça agraciar meus lábios, quando penso em minha Dolly ao meu lado, cortando gargantas, cortando carne—seu sangue contaminado guiando nossa vingança.

A matança de Dolly, uma risada saindo dos seus lábios cor-de-rosa e sangue carmesim cobrindo suas frágeis mãos...

...eu não consigo imaginar nada mais bonito neste ou em qualquer outro mundo.

CAPÍTULO 6



~~Ellis~~

Dolly

Estreito os olhos contra o sol brilhante, inclino minha cabeça para trás e olho para o céu. Está tão azul. Tão vigoroso — nunca tinha visto cores tão vívidas. No quarto das portas, habitava um mundo de sombras. As sombras dançavam ameaçadoramente nas paredes, tentáculos tentando me alcançar em meu canto, onde eu me agachava com medo de me tocarem. Se me alcançassem, instintivamente, sabia que tudo estaria perdido. Rabbit nunca mais me encontraria. Então eu as bloqueava, fechando meus olhos e vivendo no escuro.

Noite. Noite eterna.

No buraco do coelho, existia muita luz. Muita cor, como se um arco-íris tivesse banhado o mundo com seus belos raios. Passo minhas mãos pelo meu vestido. Meu vestido azul, tão impressionante e bonito.

O vestido mais bonito que já vi.

TILLIE COLE
SICK FUX

Inclino minha cabeça novamente, observo as enormes nuvens brancas e suaves enquanto vagam pelo céu e deixo a emoção encher o meu coração.

Está batendo muito rápido.

Abaixo a cabeça e olho pelo para-brisa na longa entrada. Os pneus do carro esmagam a estrada embaixo de nós.

Então, olho para Rabbit.

Minha respiração está presa na garganta. Ele olha direto para a estrada, uma mão no volante e a outra descansando na porta do carro. O teto está baixo, e o vento sopra sobre nós como uma carícia de plumas. Ao contrário do resto do mundo, Rabbit não está banhado em cores. Ele está vestido com a escuridão... exceto por seus olhos.

Esferas prateadas... assim como a lua.

Ele usa um estranho dedal no dedo indicador da mão esquerda. É dourado e brilha na luz. Curiosamente, não é sem ponta como um dedal tradicional, mas afiado, como uma garra. Não tenho ideia de por que ele usa isso.

Rabbit vira a cabeça e aqueles olhos prateados pousam em mim. “Você está bem, querida?” Estremeço ao som de sua voz. É mais rouca do que eu me lembro. Rouca e mais baixa.

Sinto minhas bochechas ficarem vermelhas. Ele levanta uma sobrancelha. “Você soa diferente,” digo. “Sua voz está mais rouca.” Meu olhar cai em seu corpo. Ele também está maior, mais alto e mais largo. Suas roupas são semelhantes, mas as mangas da camisa estão enroladas nos cotovelos e a pele exposta está marcada com desenhos. Relógios pretos e cinzas. Relógios e relógios de todos os tipos cobrem cada centímetro de sua pele — em seus braços e subindo até o topo do seu pescoço. Em sua bochecha, ao lado do seu olho esquerdo, existe um único desenho preto.

Uma espada, de um baralho de cartas.

“Você parece diferente.” Toco em minha cabeça. “Aqui, eu me lembro de você de forma diferente.” Sorrio quando olho para o seu cabelo. “Mas seu cabelo ainda é o mesmo. E seus olhos. Eu nunca poderia esquecer esses olhos.” Dou um sorriso e sussurro, “*Meu* Rabbit.” Não tenho certeza se ele ouviu, ou se o vento levou meu sussurro para o céu.

Ele não diz nada por um tempo, então se arrisca, “Você também parece a mesma. Mas diferente. Cresceu.” Ele passa os dentes sobre o lábio inferior, e as narinas dilatam. “Como uma boneca viva.” Seu lábio se contrai. Sua mão aperta o volante. “Minha pequena Dolly, toda crescida.” A voz de Rabbit está mais intensa que um minuto atrás, por algum motivo. Confusa, estou prestes a perguntar-lhe o porquê quando ele para o carro e respira fundo. “Olhe para a frente, querida.” Ele aponta para o para-brisa.

Sigo sua mão e olho para frente. Meu coração dispara. Nós paramos nos portões. Eles estão quebrados e abertos, e meus olhos não conseguem deixar de olhar, fixamente, para a estrada adiante.

“País das Maravilhas,” eu sussurro.

“Você está pronta?”

Abaixo a minha cabeça e brinco com meus dedos no colo. “Eu... eu nunca estive fora desses portões antes, Rabbit. Eu nunca estive no País das Maravilhas.”

“Eu estive.” Ele diz. Levanto meus olhos para encontrar os dele. Ele está olhando através do para-brisa. Ele vira lentamente para me encarar. “É diferente, e será assustador para você às vezes, mas estou aqui para guiá-la, Dolly.” Ele ergue o relógio de bolso até o lado do seu rosto. “Este é o meu trabalho, lembra-se? Estou aqui para guiá-la nessa aventura.” Ele coloca o relógio de volta no bolso. “Você confia em mim?”

Olho para aqueles olhos prateados e imediatamente sei a resposta. Sorrio, balanço a cabeça e dou uma risada. “Rabbit bobo. Claro que sim.”

“Então vamos,” Rabbit diz. “Temos lugares para ir e pessoas a conhecer. Temos que cumprir nosso destino.”

Solto uma respiração profunda e retorno a minha posição no meu assento. “Estou pronta, Rabbit.” Estendo a mão e aperto o frasco ao redor do meu pescoço. “Estou pronta para ver esse novo mundo.”

Rabbit acelera o carro, e eu engasgo quando passamos pelos portões quebrados. Olho de relance para a casa onde estive presa. Franzo o cenho quando me lembro da minha amiga, que costumava viver além do quarto das portas. Eu falava com ela às vezes. Ela estava do outro lado de uma porta particular, mas não era uma boa porta. Não era uma daquelas que levava a uma parte boa do País das Maravilhas. Era uma porta ruim, onde ela se machucava. Não quero, nunca, acabar naquela parte do País das Maravilhas.

Espero que ela esteja bem. Espero que um dia ela consiga sair e escapar das pessoas que a machucavam.

“Você está bem, querida?” Rabbit pergunta. Viro minha cabeça para frente e sinto o vento bater em minhas bochechas. Quando levanto a mão, percebo que minhas bochechas estão molhadas com lágrimas.

“Dolly?” Rabbit para o carro subitamente. Olho em volta. Campos verdes brilhantes estão ao nosso redor. Eles são tão bonitos. “Por que você está chorando?” Rabbit pergunta. Olho para ele e vejo seu maxilar contrair.

“Eu...” murmuro e enxugo outra lágrima do meu rosto. “Eu tinha uma amiga naquela casa, Rabbit. Uma que acabei de perceber que nunca mais vou voltar a falar. Se eu for embora... ela vai ficar sozinha.”

“Um amigo?” Rabbit pergunta. Seus olhos parecem escurecer. “Eddie?” Ele diz com os dentes cerrados. “Eddie fodido Smith? É seu amigo?”

“Eddie?” Pergunto em confusão. “Eu não conheço nenhum Eddie.”

“Você não conhece?” Rabbit se encosta novamente no assento e suas sobrancelhas escuras franzem. “Você não conhece nenhum Eddie?”

“Não.” Balanço minha cabeça. “Eu deveria?”

Ele faz uma pausa. Então, “Não... isso não importa.” Ele desvia o olhar. Quando ele me encara novamente, diz, “Então, quem é?” Ele ainda parece tenso e um pouco confuso.

Meu coração pesa com tristeza. “O nome dela é Ellis.”

Rabbit congela. Sua pele parece perder todo o sangue ficando pálida. “Ellis?” Ele diz meio que sussurrando.

Aceno com a cabeça, lutando contra as lágrimas quando penso na sua voz suave e assustada. “Ela... ela está presa atrás de uma das portas. Ela falou comigo algumas vezes.” Meu lábio treme. “Ela não teve uma vida agradável, Rabbit. Havia alguns homens em sua casa... machucando-a. Eles a machucaram tanto.” Rabbit faz um barulho na garganta, como se estivesse sofrendo também. “Ela estava tão sozinha. Ela chorava muito.” Murmuro. “Eu tentei fazê-la se sentir melhor falando com ela, mas nada funcionou. Então, um dia, ela parou de vir à porta. Eu... não sei o que aconteceu com ela. Nunca mais ouvi falar dela.” Pisco afastando minhas lágrimas e olho para Rabbit. Seu rosto parece afetado. Sei que ele também está triste por minha amiga. “Você acha que Ellis está bem?” Sussurro, com minha voz presa na garganta. “Não quero deixá-la lá sozinha, se ela ainda estiver lá, atrás da porta. Sozinha, com medo, com medo dos homens que vêm para ela todas as noites.”

Rabbit limpa a garganta e baixa os olhos. Quando ele olha para cima alguns segundos depois, ele diz, “Ellis... sua amiga... eu acho que ela vai ficar bem. Com o tempo.”

Concordo, com um suspiro de alívio. Rabbit conhece O País das Maravilhas. Ele sabe se ela estaria bem ou não. Olho para ele. “Ellis também tinha um amigo. Como eu tenho você. Ela falava comigo sobre ele. Ele se chama Heathan.”

Um gemido escapa da boca de Rabbit, e faço uma careta em pânico. “Você está ferido, Rabbit?” Ele respira forte e bate sua mão contra o volante. “Rabbit?”

“O que aconteceu com... Heathan?” Sua voz parece tensa. Ele está falando com os dentes cerrados mais uma vez.

“Eles o enviaram para longe, e ela nunca mais o viu. Ela chorou quando me contou sobre ele. Ela estava esperando que ele voltasse. Mas todos os dias, quando não voltou, ficou cada vez mais triste. Sua voz ficou cada vez mais silenciosa, até não falar mais.” Engulo o nó na garganta. “Ela me disse que o amava... e que ele também foi maltratado pelos homens maus, então eles o mandaram embora. Ela ficou sozinha. Sem esperança e sem Heathan.”

Rabbit encara os campos. “Elas são tão verdes. As árvores,” observo. Rabbit concorda com a cabeça. Ele não fala por alguns minutos. Por fim, ele se vira e parece... chateado? Estou acostumada a vê-lo irritado e triste, mas não chateado.

“Rabbit-?” Ia falar, mas ele liga o carro, me cortando.

“Nós vamos nos atrasar,” ele diz com uma voz rouca, então ergue o relógio de bolso para a orelha e bate no metal. Franzo a testa quando vejo sua mão tremer. No entanto, não digo nada, porque às vezes minhas mãos tremem também.

Olhando para frente, digo, “Estou pronta.” Dou uma longa respiração. “Pronta para a nossa aventura, no País das Maravilhas.”

* * *

Nunca tinha visto nada parecido com isso. Árvores altas estão espalhadas pelas estradas, e veículos de todas as formas e tamanhos passam por nós - as pessoas do País das Maravilhas

seguem suas vidas. Assisto, segurando a respiração, quando passamos por edifícios e luzes brilhantes. Quando passamos por campos que deslizam em tons verdes e amarelos por tanto tempo, que luto para ver onde eles terminam.

O vento sopra pelo meu cabelo, bagunçando meus cachos. Enquanto dirige, Rabbit olha em minha direção algumas vezes. Dou sempre um sorriso, mas ele ainda parece confuso, como se eu fosse um enigma que ele está tentando resolver. Não faço ideia do porquê, mas estou muito focada nas paisagens estranhas para perguntar.

Passa tanto tempo, que o sol começa a se pôr. Assim que toca o horizonte, Rabbit sai da estrada da região em que estamos e entra em uma estrada de terra. Galhos ramificados das árvores se curvam sobre nós, para criar um túnel. Inclino a cabeça para trás e pego os últimos raios de sol através das folhas. Quando levanto a cabeça, vejo um edifício à frente. Uma casa de madeira está à nossa frente.

Rabbit para o carro. Não existe nenhum som vindo desta casa. Sem gritos nem choros. Tudo é apenas... silencioso.

As mãos do Rabbit deslizam do volante, e sem olhar para mim, ele diz, “É aqui que vamos ficar pelos próximos dias.”

Inclino para frente e olho pelo para-brisa. “Sua casa?”

Ele balança sua cabeça. “A primeira parada na nossa aventura.” Olho para ele e vejo que seus olhos prateados já estão em mim. “Temos muitas paradas para fazer.”

Meu coração vibra com excitação nervosa. “E esta é a número um...” sussurro, mais para mim do que para o Rabbit.

Rabbit abre a porta. Ainda estou olhando para os bosques que cercam este lugar, quando a porta ao meu lado também se abre. Rabbit está parado, com a bengala de cabeça de coelho em sua mão, esperando que eu saia do carro. Engulo o nó subindo em minha garganta e saio. O chão range sob meus sapatos.

“Por aqui.” Rabbit estende o seu braço em direção a casa. Sigo ao seu lado. Olho ao nosso redor, procurando por qualquer sinal de pessoas. Como se estivesse lendo minha mente, Rabbit diz, “Há apenas você e eu aqui, por enquanto. Conheceremos mais pessoas quando nossa jornada realmente começar.”

“Não começou?”

Rabbit nos conduz a uma porta de madeira e para. Agarrando a cabeça da sua bengala mais firme, ele olha para mim e diz, “Em breve, querida. Antes de partirmos, devemos nos preparar.” Ele abre a porta. “Mas primeiro... chá.”

Minha respiração fica presa na garganta. Além do limiar, está a mais perfeita festa do chá que já vi. “Rabbit!” Engasgo. Minhas mãos voam para a boca. Entro na casa e sigo para a sala mágica, logo em frente. Quando passo por Rabbit, olho para cima e o vejo me observando. Caminho rapidamente para a longa mesa no centro da sala com painéis de madeira, e meus olhos se arregalam quando vejo o banquete. Uma toalha branca está sobre a mesa. Cadeiras altas estão posicionadas em torno dela — oito para ser exata — e em frente a cada cadeira, foi colocado um prato, uma xícara de chá e um pires. Passo a mão sobre a toalha e sorrio para as travessas prateadas com tampas arredondadas no centro da mesa. Olho atrás de mim para encontrar Rabbit, mas ele não está à vista. Voltando à mesa, levanto a primeira tampa para espreitar o que está embaixo. Minha boca enche de água, quando vejo tortas de morango. Sorrindo em excitação, passo para a próxima. Victoria Sponge[4]. Desesperada por ver tudo, tiro todas as tampas — sanduíches de pepino, tortas Bakewell[5], bolo Battenberg[6], bolo de cenoura... muitos bolos! Todas as melhores iguarias da Inglaterra.

---

[4] *Victoria Sponge* é um bolo que leva esse nome em homenagem a Rainha Victoria e consiste de um pão-de-ló (*sponge cake*) recheado com geleia de framboesa (muitas vezes é utilizada de morango) além de um creme de baunilha ou chantilly. E para decorar, açúcar de confeiteiro.

[5] A Bakewell Tart é mais uma torta clássica inglesa, derivada de outra sobremesa, o Bakewell Pudding, e consiste em uma massa crocante, recheada de geleia e coberta por um creme de ovos, manteiga, açúcar e amêndoas

Minhas favoritas.

Uma tabua do assoalho range atrás de mim, e me viro para ver Rabbit entrando na sala. Abro a boca para perguntar de onde tudo isso veio, mas vejo o que ele segura nas mãos.

“Chá?” Pergunto enquanto Rabbit coloca a bandeja de prata, que contém um bule de chá, uma jarra de leite e uma tigela de açúcar na mesa. Chego mais perto e fecho os olhos enquanto inalo profundamente. “Earl Grey,” sussurro, cheirando o meu chá favorito em todo o mundo.

“Somente o Earl Grey para a minha pequena Dolly,” confirma Rabbit e puxa uma cadeira para mim. Sento e Rabbit empurra minha cadeira. Ele se senta numa cadeira distante de mim e gesticula para a comida. “Fique à vontade. Afinal, esta festa do chá é em sua homenagem.”

Uma risada alegre escapa da minha garganta enquanto avanço e cuidadosamente seleciono uma variedade de bolos e sanduíches. Quando encho o meu prato, pego o bule e me sirvo uma xícara. Rabbit me observa com uma expressão peculiar no rosto. Seu lábio está curvado nos cantos e seus olhos estão... suaves. Seus olhos nunca estão suaves, são sempre severos e concentrados, mas quando ele olha para mim agora, estão quase gentis.

Engulo, sem saber o que é essa estranha sensação em meu estômago. Pressiono minha mão livre no meu estômago, como um conforto contra as estranhas sensações de formigamento dentro dele. “Chá?” Ofereço com a minha voz mal passando de um sussurro.

Rabbit assente com a cabeça; nenhuma palavra escapa de sua boca. Seu olhar fica mais intenso, quando me movo ao lado

---

[6] Bolo Battenberg é um charmoso doce, dividido em quatro partes e intercalado como em um tabuleiro de xadrez. Originalmente, a cobertura é feita com marzipan. Os quadrados são amarelos e rosas, o sabor é de amêndoas e a geleia usada é a de damasco.

dele e derramo o líquido fumegante em sua xicara. Quando meu braço se aproxima, sinto que ele fica rígido em sua cadeira. Apenas uma porção de ar impede que nossos membros se toquem. Sua respiração acelera enquanto ele me observa servir o chá.

Mas não nos tocamos.

Limpando a garganta, coloco o bule de volta na bandeja e volto para me sentar em minha cadeira mais uma vez. Assim que dou um passo, uma imagem flutua na minha cabeça. De mim e Rabbit. Lábios se tocando. Todo o meu corpo fica tenso.

Escuto a respiração irregular de Rabbit atrás de mim. Arrepios brotam ao longo do meu corpo, perseguindo uns aos outros, pelos meus braços até minha nuca. Sacudo a cabeça para limpar a imagem e sento outra vez.

Levanto os olhos e encontro Rabbit me olhando intensamente. Levanto minha xícara de chá em direção aos meus lábios. Rabbit faz o mesmo, mas assim que a borda da xícara de chá quase atinge a sua boca, grito, “Rabbit!” Ele congela. “Seu dedo mindinho!” Repreendo. Baixo minha xícara e balanço minha cabeça. “Você não pode beber chá sem levantar o dedo mindinho, bobo!”

Rabbit exala, então inclina a cabeça. “Você está certa, querida. Como eu pude esquecer?”

Seu dedo mindinho levanta e, sem tirar os olhos dos meus, toma um gole do seu chá. Ele levanta a sobrancelha enquanto coloca a xícara de volta ao pires. Não consigo evitar de sorrir. Sorrio. Sorrio mais e depois tomo um gole do meu.

“Mmm.” Coloco o meu chá de volta no pires. Como uma fatia da torta de morango e depois digo, “Minha primeira festa do chá no País das Maravilhas, Rabbit. Esperei toda minha vida por esse momento!”

“Eu sei querida.”

Olho para as outras cadeiras vazias. “Alguém mais vai se juntar a nós? O Chapeleiro Maluco? Arganaz[7]? Talvez até a Lebre de Março[8]?”

Rabbit recosta-se em sua cadeira, segurando a bengala que descansa ao seu lado. Uma mecha de cabelo preto cai preguiçosamente em seu olho esquerdo, deixando apenas a espada tatuada visível. Ele não faz nenhum esforço para movê-lo. “País das Maravilhas não é tudo o que parece, querida.”

Faço uma careta. “Não é?”

Ele balança a cabeça. “Nem todos são...bons.”

“Não entendo.” Tomo outro gole do meu chá.

Rabbit se inclina para frente e me olha diretamente nos olhos. Ele ia dizer algo, mas depois se afasta. Ele comprime os lábios e se vira para mim. “Há uma razão pela qual eu fui enviado para você.” Rabbit coloca a mão no bolso e tira um pacote de cartas. Meus olhos se arregalam. Ele gira o pacote em suas mãos. “Dolly querida,” ele diz e coloca o pacote na mesa. Meus olhos cruzam com os dele. As narinas de Rabbit dilatam. “Eu...” seus lábios franzem, a língua passando sobre seus dentes. “Fui enviado para você porque o País das Maravilhas está com problemas.”

Minha respiração falha. “Está?” Sussurro, com receio enchendo o meu coração.

Ele acena devagar e se inclina para frente. Faz uma pausa e me pergunto por que. A bochecha de Rabbit se contrai, e então ele diz, “Sua amiga... Ellis...” ele para de falar. Meu coração para de bater. O sanduíche de geleia que estou segurando escorrega da minha mão, caindo desordenadamente em meu prato. Ele me observa de perto. Eu não digo nada. “Ela está... perdida,” ele diz com sua voz rouca. “Ela está... em apuros... aqui no País das Maravilhas.”

---

[7] É um roedor, personagem de Alice no País das Maravilhas.

[8] Personagem de Alice no País das Maravilhas.

Olho para a minha mão. Está tremendo. Meus olhos se fecham, e uma pontada de dor irradia pelo meu peito. A escuridão me envolve, apagando a sala brilhante, e eu me encontro de volta na sala das portas. Agachada no canto, os olhos fechados e contra a parede. Então escuto a voz suave atrás da porta ruim, aquela que nunca quis abrir. “Me... ajude... Heathan... ajude-me...”

Respiro fundo enquanto abro os olhos. A sala está borrada, e sinto lágrimas escorrerem pela minha face. “Ellis...” sussurro, “Está presa aqui? No País das Maravilhas?”

Rabbit assente e os cantos dos seus olhos apertam. Um soluço escapa da minha garganta e meu estômago embrulha. Rabbit aproxima sua cadeira mais perto da minha. Prendo a respiração diante do que ele vai dizer. “Dolly querida.” Faz uma pausa e esfrega os lábios. “O amigo de Ellis... Heathan?”

Fico em silêncio.

“Ele... foi ele quem me enviou para você.”

“Você o conhece?” Pergunto, chocada. E o Heathan me conhece? Como?

Rabbit assente e recosta-se na cadeira. Ele toma outro gole de chá e pega o pacote de cartas da mesa. Ele as gira em suas mãos novamente, e olho hipnotizada, enquanto a caixa dança entre seus dedos. “Heathan...” Rabbit diz o nome através dos dentes cerrados, como se não suportasse pronunciar isso. “Ele está... indisponível no momento. Ele me pediu para ajudá-la.”

“Você o conhece?” Pergunto novamente, ainda em choque.

Rabbit assente com a cabeça mais uma vez. Seu rosto pálido novamente, mas antes de ter uma chance de perguntar por que, ele diz, “Ele quer a sua garota de volta. Ele quer sua Ellis de volta.” Rabbit tosse. “Ele quer libertá-la. Libertá-la do lugar ruim em que foi deixada, há muitos anos. Dos homens maus que a capturaram...

os homens que a machucaram e a fizeram desaparecer, presa atrás da porta trancada onde você a encontrou."

"Como?" Sussurro. *Como ela pode ser salva?*

Rabbit toca as cartas na mesa e abre a caixa. As cartas caem sobre a mesa, todas de cabeça para baixo. Estreito os olhos, confusa. "Existem apenas cinco cartas," digo.

"Eram seis, antes. Uma já foi eliminada." Não sei o que ele quer dizer. Rabbit passa os dedos pelo verso vermelho das cartas. "Ellis precisa de uma salvadora, querida. Uma guerreira valente para encontrá-la e salvá-la" meu coração começa a acelerar.

Balanço minha cabeça. "Eu não posso... não sei como lutar..."

"É por isso que Heathan me enviou para você. Vou te ensinar. Irei com você em sua jornada. Eu a guiarei. Sou o *Coelho Branco*, afinal." Rabbit pega seu relógio de bolso do colete e passa o dedo sobre o vidro. "Heathan sabia que Ellis conhecia você. Ele... ele sabia que ela confiava em você. Você..." respira profundamente. "Ele sabia que você era sua amiga." Balança a cabeça. "Não há ninguém mais digno de levar os homens responsáveis pela dor dela à justiça, do que você."

Olho para os bolos deixados no meu prato. No meu chá, uma vez quente, que agora está frio. "E... e se conseguirmos resgatá-la..." olho para cima. Os olhos prateados estão me observando. "Ellis ficará livre? Ela vai ficar... bem novamente?"

Rabbit engole em seco. "Nós esperamos que sim... nós sempre podemos esperar." Rabbit passa o dedo pela primeira carta e a vira. É uma foto de um homem, desenhado a lápis. "A Lagarta[9]." O rosto de Rabbit se contrai, e a raiva consome seus olhos prateados. "Ele é o primeiro." Vira a segunda, terceira, quarta e a quinta carta. "O

[9] Personagem de Alice no País das Maravilhas – é a que tudo sabe e guardiã absoluta do Oraculo.

Gato Risonho[10], os gêmeos Tweedledum e Tweedledee[11], o Jaguadarte[12] e, finalmente... o Rei de Copas."

"O Rei de Copas? Não é a rainha?"

"A rainha já foi eliminada," ele diz rapidamente e volta a se recostar. Ele olha para mim... esperando.

Fecho os olhos. Imediatamente, estou na sala das portas, acompanhada pelo som de Ellis chorando. O meu peito estremece com tristeza quando o eco de seus gritos se infiltra em meus ossos. Uma frieza profunda me apodera. Meus músculos enrijecem, quando os gritos de Ellis ficam cada vez mais altos... de repente, eles desaparecem, para nunca mais serem ouvidos.

"Vou fazer isso." Abro lentamente os olhos. "Mas não sei como."

Os lábios do Rabbit se levantam de um lado. Não é um sorriso, mas um sussurro do que está por vir. Uma promessa.

Ele se levanta, com a bengala na mão. "Venha comigo." Atravessa uma porta no final da sala. Sigo, atravessando um corredor e uma porta. Atravessamos um pátio que fica nos fundos de um edifício. Rabbit abre a porta, seus braços marcados de tinta flexionam, quando abre a porta para mim. Entro e sou atingida por uma onda de ar gelado. Grito e esfrego os braços, e então sinto Rabbit vindo atrás de mim. Estremeço de novo, mas desta vez, provocada pela respiração quente de Rabbit na parte de trás do meu pescoço nu. Ele está atrás de mim, me segurando.

Eu o quero aqui... e ao mesmo tempo o quero longe.

Meus olhos se fecham enquanto espero ele falar. Depois de alguns segundos, ele diz com a voz rouca, "Para ser uma campeã, minha pequena Dolly, você deve aprender a derrotar os homens

[10] O Gato Cheshire ou Gato Risonho – é um gato malhado com habilidade de aparecer e desaparecer, tem um sorriso sedutor que mascara sua covardia.

[11] TWEEDLEDEE e TWEEDLEDUM – são os gêmeos gorduchos, que sempre complementam as frases um do outro.

[12] É o dragão da Rainha Vermelha.

TILLIE COLE SICK FUX

maus.” Ele faz uma pausa. “Você deve aprender a matar, querida. Matar, matar e matar.” Inspiro rapidamente pelo nariz com as suas palavras. “Sangue, sabe?” Ele continua. Sua mão paira sobre meu braço, mas permanece a alguns centímetros de distância. Como se estivesse testando me tocar, mas não se permitindo realmente fazê-lo. “Sangue... é uma coisa fascinante. Do modo que cheira quando está fresco na veia. Como ele jorra, quando você corta a carne no ponto certo.” Ele sibila através de seus dentes, com a respiração levantando o meu cabelo. Meus olhos se fecham e minhas pernas se apertam, enquanto um sentimento estranho se acomoda no meu estômago e no alto das minhas coxas. “É uma visão como nenhuma outra.” Dá um passo mais perto. Sua respiração atinge o meu couro cabeludo. “Sentir a vida de alguém se esvair do seu corpo por suas mãos... pessoas ruins, que precisam ser arrancadas desta terra como as pulgas que são... isto é... um sabor do divino.”

Minha respiração está pesada; meu peito está arfando. Suas palavras despertam um desejo... uma necessidade que nunca senti antes. “Você nasceu para isso, pequena Dolly.” Respiro forte, quando Rabbit afasta um cacho louro do meu ombro. Seu corpo está tão perto que posso ouvir o seu coração. Está disparado. “Você nasceu para ficar ao meu lado no País das Maravilhas.” A força de sua respiração aumenta até eu saber que sua boca está a um mero centímetro da minha orelha. “Nasceu para matar, ao meu lado.” Ele toma mais duas respirações profundas. “Venha.” Rabbit caminha ao meu redor e vai para a direita.

Sigo. Sua voz, meu mestre.

Quando viro para o canto, encontro-o diante de uma mesa longa e cheia de... “Armas,” diz, quando paro e olho. “Venha,” ele ordena de novo.

Sigo mais uma vez.

Caminho até a mesa e vejo facas, lâminas e armas. Rabbit se apoia sobre a bengala e pega uma grande faca com a mão livre. A lâmina é decorada com desenhos e filigranas, gravados no aço.

Meus olhos se arregalam com sua beleza. “Fiz algumas coisas para você,” ele diz. “Esta é a primeira.” Rabbit segura o cabo de marfim da faca, e eu a pego em minha mão.

“É lindo!” Sinto um sorriso dominar meus lábios. Giro a lâmina no ar e penso em Ellis. Penso nos homens maus, desenhados naquelas cartas no bolso de Rabbit. Penso no que os homens maus tinham feito com a minha amiga. O que ela tinha dito que fizeram com ela todas as noites, desde que era uma garotinha. Meu estômago aperta enquanto penso em cada homem nas cartas... enquanto imagino o sangue escorrendo pelos seus rostos, em seus peitos e formando uma piscina no chão.

É um sabor divino...

“Quero isso,” sussurro e olho para o Rabbit. Ele passa a mão pelos cabelos pretos e concorda lentamente. Posso ver o triunfo no seu olhar prateado.

Você nasceu para matar ao meu lado...

Rabbit alcança outra coisa, algo fora da minha linha de visão. Quando ele vira, vejo um lampejo de azul em sua mão... o mesmo tom de azul do meu vestido.

“Rabbit?” Dou um passo à frente, colocando minha lâmina sobre a mesa para ver melhor o que ele está segurando. “Rabbit...” digo suavemente quando absorvo a visão da arma em sua mão. Uma arma azul, com uma escrita ao lado. Tento ler. Mas só consigo distinguir algumas letras e apenas uma palavra. Passo a ponta do dedo pelas palavras gravadas. “O que diz?”

“Fiz isso apenas para você.” Rabbit se aproxima. Sua voz suavizando com a minha pergunta. Nunca consegui ler, nem escrever muito. Nunca consegui.

Inspiro seu perfume e, momentaneamente, perco a respiração. Olho para o Rabbit, pairando sobre mim. Ele é tão alto. Olho para os seus olhos prateados, engolindo, quando o mesmo

sentimento estranho de antes se aloja no meu estômago e nas coxas mais uma vez.

"Ele combina com o azul do seu vestido," diz em voz baixa. Aceno em concordância. Seus dedos quase tocam os meus na lateral da arma, mas quando estão apenas a uma curta distância, ele se move.

Ele também não pode ser tocado.

Assim como eu.

"Ela diz 'Hora do Chá'."

Meus olhos se arregalam para a escrita, depois volta para ele. Uma risada escapa da minha boca. Dou uma risada de pura excitação, quando ele solta a arma em minha mão e a seguro com firmeza. Pego a faca que ele também me deu e seguro minhas novas armas em meu controle.

"Hora do chá!" Grito, girando no ar. "Hora do chá, hora do chá, hora do chá!" Danço em torno de Rabbit, até que estou sem fôlego e minha voz está rouca de tanto rir.

Paro, em seguida, recuo, levantando a arma e a lâmina no ar, como acho que uma campeã faria. Rabbit me observa com os olhos arregalados e peito ofegante. Afasto os pés e levanto o queixo. Quero parecer forte.

"Este é o nosso País das Maravilhas, querida. E não podemos permitir que esses homens malvados vivam. Até que todos tenham sido destruídos... Ellis não estará segura." Ele alonga seu pescoço. "Você não quer isso, quer, pequena Dolly?"

"Não." Aperto o punho da arma e da lâmina. Então, olhando Rabbit nos olhos, digo, "Treine-me, Rabbit. Treine-me para destruir os homens maus que feriram minha amiga Ellis. Mostre-me como fazer o sangue escorrer pelos seus rostos, pés e para o chão..."

"Quero que me ensine a matar. Matar todos."

CAPÍTULO 7



Dolly

"Por aqui."

Sigo Rabbit enquanto ele caminha em direção a uma porta de madeira. Ele gira a maçaneta. Uma rajada de ar frio, ainda mais frio do que antes, invade e atinge minha pele. Estremeço, mas Rabbit não reage. Ele vira a cabeça em minha direção. "Vamos descer as escadas," diz e desce as escadas. A ponta da sua bengala bate em cada degrau. Eu o sigo – seguindo meu coelho, meu guia.

Quando chegamos ao piso inferior, meus olhos se arregalam. Agarro minha faca e minha arma com mais força. "Porcos?" Digo quando olho pela sala gelada e encontro uma grande quantidade de porcos mortos pendurados de cabeça para baixo em ganchos estranhos.

"A carne e a pele de um porco são as mais próximas de um ser humano de verdade. Vamos treiná-la aqui." Ele encolhe os ombros, ambas as mãos em cima de sua bengala. "Quando estiver pronta, passamos para a próxima parte da nossa jornada."

"A matança?"

Rabbit assente lentamente. Ele se inclina para frente, seu rosto perto do meu. “A melhor parte... a maior diversão que você pode ter.”

Meu coração dispara com entusiasmo. Olho ao redor da sala. Quando volto, Rabbit está me observando. Olho para ele, em suas roupas e a bengala. “Onde estão suas armas?”

O canto da boca de Rabbit se curva. Em um piscar de olhos, ele gira a bengala na mão. Em um movimento rápido demais para que meus olhos acompanhem, ele separa a bengala em duas. A metade inferior está em sua mão esquerda, a parte superior — onde fica a cabeça do coelho — na sua direita. Rabbit levanta as duas mãos a sua frente e se vira em direção aos porcos mais próximos. Só percebo que a ponta da bengala tem uma lâmina, quando ele mergulha na barriga de um porco à sua esquerda, separando-o em dois. Antes que eu possa dizer qualquer coisa, um estrondo alto dispara da bengala na mão direita. Assisto bala, após bala, tantas balas, perfurando no meio do porco. A carne salpica o chão e as paredes da sala.

Rabbit vira, seu cabelo preto está despenteado da demonstração, ele levanta os olhos para me encarar. “Minhas armas, querida,” diz e junta as peças da bengala. Ele abaixa a ponta da bengala de volta ao chão e coloca as mãos sobre a cabeça do coelho mais uma vez.

Olho para ele com os lábios abertos. “Eu nunca teria imaginado...” sussurro, tentando estudar a bengala. Levanto meu olhar para o dele. “Quero lutar assim.” Algo brilha nos olhos prateados de Rabbit.

Ele se afasta, abrindo caminho para mim ao seu lado. “Logo, certamente que sim.” Acena com a cabeça para o lado direito. Ignorando o frio, caminho para o seu lado, meus saltos batendo no chão de pedra. Inclino minha cabeça para trás e olho para os porcos. Estão pendurados em longos ganchos de prata.

“Este lugar pertence ao meu... amigo.” Ele diz a palavra como se fosse uma pergunta. “Chapel. Ele tem lugares secretos como este em todo o sul.”

“Ele usa esses ganchos para porcos?”

Rabbit balança a mão com desdém. “Não. Não para porcos.”

“Rabbit?” Pergunto. “Em que ponto do País das Maravilhas nós estamos agora?”

“Apenas no começo, Pequena Dolly. Os homens maus não sabem que estamos chegando. Estamos seguros.” Solto um longo suspiro. “Agora...” Rabbit se move ao meu lado. Assim como antes, meu coração bate mais rápido. Seguro minhas armas mais apertadas. “Primeiro, a faca,” instrui Rabbit. “Levante a mão.” Faço o que ele diz. “Agora apunhale um porco.” Afasto minha mão para trás, e golpeando para frente, afundo a lâmina pela barriga do primeiro porco. Minha faca entra como se o porco fosse manteiga. “Eu fiz isso, Rabbit! Eu fiz isso!” Grito com entusiasmo.

“Sinta isso,” ele ordena.

“O que?”

“Empurre a faca para dentro e para fora. Sinta como é cortar a carne.” Empurro e puxo a faca, e a ponta atinge algo duro. Abaixo a faca com mais força e dificuldade, até que algo estala. Olho para Rabbit. “Seu primeiro osso.” Ele assente. “Realizado com sucesso. Cuidado com eles, quando chegarmos às nossas matanças.”

Concordo com a cabeça e puxo a faca. Mergulho no porco novamente. E repetidamente, até que apenas os restos do porco permanecem no estranho gancho. O suor escorre da minha testa. Afasto o cabelo do rosto com o antebraço e me viro. Rabbit está me observando com suas pupilas dilatadas. Algo sobre o modo como ele está me olhando— intensamente e... talvez orgulhoso? – traz sentimentos estranhos ao meu peito. “Isso foi bom, Rabbit?” Engasgo, enquanto recupero minha respiração.

Os dedos de Rabbit apertam a cabeça da bengala. Ele se move, aproximando a bengala do corpo. Como se estivesse escondendo algo. Sua pele está corada, e seu pomo de Adão se agita. “Você gostou disso?” Ele pergunta com uma voz rouca.

Olho de volta para a carne massacrada no chão e sinto um pico no meu pulso. “Sim.” Dou um sorriso.

Um *grande* sorriso.

Rabbit se aproxima, nunca tirando os olhos de mim. Ele para bem na minha frente. Sua cabeça inclina para trás e ele sibila entre os dentes, antes de baixar o olhar para mim. “Nascida para matar,” anuncia com uma voz baixa e rouca. “Para matar ao meu lado.” Ele ergue uma das mãos da sua bengala. Tenta aproxima-la do meu rosto, mas no último minuto, enrola os dedos em punho e puxa a mão com um grunhido baixo. “Sedenta por sangue. Pequena Dolly. Minha campeã do País das Maravilhas.”

“Eu quero mais,” digo, fechando os olhos, imaginando a sensação dos seus dedos no meu rosto. Imaginando ele me elogiando. Acariciando. Dizendo que sou sua boa pequena Dolly. “Quero que me ensine mais,” imploro.

Abro os olhos. Rabbit ergue a mão e afrouxa sua gravata preta, expondo mais marcas coloridas em seu pescoço. Relógios, relógios e ainda mais relógios. Ele coloca a gravata em seu bolso traseiro, deixando a gola de sua camisa aberta, o colete abotoado ainda intocado.

“Arma,” ordena. Eu a levanto. Rabbit olha para os porcos. “Aquele.” Ele aponta um na parte de trás e fica atrás de mim. Meus olhos se fecham, sua presença próxima me envolve e estremeço. “Levante a arma.” Faço como indicado, minhas mãos tremem um pouco. “Afaste o medo,” diz com seus lábios muito perto da minha orelha. Concentro-me no que ele diz e imagino Ellis na minha cabeça.

Rabbit respira forte, o ar quente aquecendo meu rosto do frio. Seus dedos tocam as partes da arma que eu não estou tocando. “Segurança.” Ele clica em uma parte branca no topo da arma. “Gatilho,” ele diz, sua mão pairando sob a tranca azul onde meu dedo descansa. “Agora aperte.” Faço o que ele diz e oscilo para trás, quando um estrondo alto ecoa pela sala. Um pequeno grito deixa minha garganta, quando vejo a bala atravessando o porco.

“Muito bem,” diz Rabbit, diretamente na minha orelha. Congelo e, em seguida, solto uma risadinha quando vejo o que fiz.

“Muito bem!” Corro para a frente e olho para a ferida da bala. Voltando para Rabbit, seguro minha arma e grito, “Hora do chá!” Rabbit assente com orgulho, e uma onda de algo atravessa minhas veias. Algo animador. Alguma coisa... viciante...

“Mais uma vez.” Bato os saltos contra o chão de pedra enquanto retorno para Rabbit. Ele recua para me dar espaço. Levanto minhas armas novamente. Enfio minha lâmina na carne de um porco. Atiro uma bala instável em outro.

“Mais uma vez,” Rabbit diz atrás de mim. Eu nem me viro. Apenas bato e atiro. De novo e de novo, até meus braços doerem.

Sem ar e com a pele quente, abaixo minhas armas, ainda desejando usá-las novamente. Preciso sentir a carne e músculo debaixo da minha lâmina e penetrar a pele, cartilagem e ossos pela bala. Viro para Rabbit, que nunca parou de me olhar. “Juntos.”

As narinas de Rabbit dilatam, e aceno com a cabeça para o lugar vazio ao meu lado. Seus lábios formam um sorriso sombrio, e então desembainha a lâmina de sua bengala e levanta a cabeça para utilizar a arma. Ele se move ao meu lado, olha para mim e diz: “Tique Taque.”

Rindo, golpeio. Atiro. Ele esfaqueia. E dispara.

Lado a lado.

Empilhando a carne no chão.

Uma e outra vez, até que todas as munições foram gastas.

Quando o eco da bala final ecoa, nós estávamos ofegantes, mas ainda energizados, volto a cabeça para Rabbit. Ele já estava me observando. Levantando minha lâmina — agora pingando sangue — trago-a em frente ao meu rosto e estudo o aço desenhado. “Eu gosto disso,” digo, com o meu coração batendo forte no meu peito.

“A lâmina?” Rabbit pergunta com a voz rouca.

Sorrindo, levanto minhas sobrancelhas. “De usá-la.” Uma pitada de carmesim desliza pelo cabo. “A visão de sangue.” A gota salpica no meu vestido. “Embora a cor não combine com o meu vestido bonito.” Aponto, percebendo que meu vestido agora está arruinado. Meu vestido favorito de sempre.

“Não se preocupe, querida” diz Rabbit. “Tenho muitos outros vestidos para você. Todos como esse. Seu favorito.”

“Rabbit bobo,” sussurro, sentindo meu peito explodir com calor.

“É o suficiente por essa noite. Nós temos outros dias para praticar.” Ele se vira e gesticula para que eu suba as escadas. Mantenho minhas armas em minhas mãos. Não quero me afastar delas.

Quando subo as escadas, olho para a minha arma. “Hora do chá,” canto baixinho em cada novo passo. “Hora do chá,” quando chegamos ao topo, noto que o céu lá fora escureceu.

Rabbit aparece ao meu lado. “Hora para um banho e uma cama, pequena Dolly,” ele diz suavemente. Quero argumentar que não estou cansada, mas vejo em seus olhos que está falando sério. Eu quero obedecer.

“Está bem.” Deixo ele me levar de volta para a casa e para o quarto. A cama é larga e coberta com renda branca. Uma camisola branca está sobre a cama. Rabbit desaparece para uma sala adjacente. Acho que deve ser o banheiro pelo som da água corrente.

Ando pelo quarto até chegar ao armário. Quando abro a porta, sorrio com alegria ao ver cabides e mais cabides com meu vestido azul favorito. Minhas meias em preto e branco estão empilhadas em gavetas, e muitas faixas pretas estão dispostas em uma prateleira coberta de veludo. Por fim, tem cinco pares de botas no chão do armário.

"Tome seu banho, querida." Desvio da porta do armário, para ver Rabbit do outro lado. Pisco para ele e, momentaneamente, perco a respiração. Suas bochechas estão coradas, e na luz brilhante do quarto posso ver cada parte do seu rosto.

Meu Rabbit é muito bonito.

Ele se aproxima até o seu peito pressionar contra a porta de madeira. Engolido em seco, pressiono contra ela do outro lado. É como se estivéssemos nos tocando. Minha respiração fica mais pesada, enquanto pressiono contra a madeira. A de Rabbit também fica mais pesada. E ele não desvia o olhar.

Então, diz, "Vá tomar o seu banho, querida. Tenho algumas surpresas para você, quando acabar."

"Ok." Eu me forço a afastar da porta. Pego a camisola da cama em meu caminho.

"Você pode se lavar sozinha, não pode, querida?" Pergunta Rabbit antes de eu chegar à porta do banheiro. As suas narinas dilatam e seus olhos escurecem.

Balanço a cabeça, dou um sorriso leve. "Rabbit bobo! Claro que posso."

Não pude deixar de notar que ele pareceu decepcionado.

No banheiro, tiro a minha roupa e afundo na água quente e borbulhante. Encosto minha cabeça para trás e penso em Rabbit. Penso em seus olhos prateados me olhando. Penso em sua voz rouca falando comigo. E penso nele lutando ao meu lado, empunhando sua bengala sem sequer transpirar. Minhas coxas

começam a apertar, e a pressão profunda aumenta tanto entre minhas pernas, que coloco minha mão entre elas e sobre minhas partes íntimas, apenas para tentar encontrar algum alívio. Suspiro quando uma explosão de calor dispara por minhas costas. Afasto minha mão e me sento, imaginando o que pode ser isso.

Mas quando volto a pensar em Rabbit — a maneira como ele me observa, o jeito que ele me olha, a maneira que ele cuida de mim — essa sensação volta. Minhas bochechas queimam com calor. Não sei se é devido à temperatura da água do banho ou os meus pensamentos sobre Rabbit.

A sensação entre as minhas coxas não desaparece.

Meus olhos se fecham e deslizo na banheira. Meus dedos descem pelo meu estômago e voltam para entre minhas coxas. Meus dedos correm sobre minhas partes íntimas, e minha garganta solta um gemido quando a dor diminui. Continuo pensando em Rabbit. Pensando em seus relógios tatuados. Tantos relógios... meus lábios se separam e outro gemido escapa quando nos imagino lutando lado a lado. A maneira como seus olhos encontraram os meus, quando eu tinha usado minha lâmina na carne do porco. A maneira como ele se aproximou tão perto de mim que eu podia sentir sua respiração no meu rosto quando terminamos. Como se quisesse me tocar.

Meus dedos trabalham mais rápido entre minhas coxas, e minhas costas arqueiam quando a pressão aumenta. Meus pés sacodem a água da banheira, quando uma sensação tão viciante passa por cada centímetro da minha pele. “Rabbit...” sussurro, não querendo que essa sensação acabe. Solto um gemido baixinho quando algo grande começa a se formar em meu estômago. Sons fogem da minha boca, enquanto meus dedos procuram por algo que eu não consigo descrever. E então, minhas costas arqueiam, minha cabeça cai para trás e minha boca abre quando um banho de pura luz envolve meu corpo. Minha respiração falha. Minha pele fica corada, e um longo grito escapa da minha garganta, quando me torno nada além de sensações.

Eu me acalmo, quando a crista da onda atinge o pico e começo a relaxar. Meus olhos se abrem, e minhas pernas flutuam na água com um respingo. Respiro lentamente e olho para o teto.

Choque e surpresa me dominam. Engulo com dificuldade. Levanto minha mão e olho meus dedos, imaginando o que acabaram de me fazer sentir. Quando abaixo minha mão, eu escuto um grunhido fora do banheiro. Me lavo rapidamente, depois saio da banheira e passo uma toalha sobre meu corpo e sobre meus cabelos.

Visto a camisola e escovo meus longos cabelos. Olho no espelho, então, satisfeita com a minha aparência, abro a porta do quarto.

Paro de repente, respiração presa na minha garganta, quando vejo Rabbit no chão, sem camisa, levantando repetidamente o seu corpo acima do tórax. Ele deve ter me escutado porque ele para, os músculos abdominais ficam tensos, mantém o seu corpo imóvel e encontra o meu olhar.

Engulo com dificuldade quando observo o seu corpo. Seus músculos estão tensos. Não são grandes, mas nenhuma camada de gordura o prejudica. E sua pele — nem um centímetro de carne nua pode ser vista. Tatuagens cobrem sobre os seus braços, seu peito, seu tronco e seu pescoço.

Eu... gosto delas.

Relógio após relógio após relógio.

Tique taque, tique taque, tique taque.

Sem dizer uma palavra, Rabbit se levanta coberto por um leve brilho de suor. Ele está usando uma calça de pijama escura. Enquanto ele fica de está de pé, meus olhos são atraídos para a sua virilha. Uma protuberância grande está embaixo, óbvia sob o material fino. Rabbit move o braço, e meus olhos cruzam com os

dele. Ele está me observando, as bochechas coradas e os lábios separados. Sua respiração parece tão instável quanto a minha.

Mas não entendo o que está acontecendo.

Ele se vira abruptamente, e um suspiro mais alto sai de meus lábios ao olhar suas costas. Minha mão cobre minha boca em choque, e os ombros de Rabbit ficam tensos. Seu pescoço fica rígido, então ele lentamente olha por cima do ombro para mim.

“Rabbit...” murmuro e abaixo minha mão da boca. Meus pés me arrastam para a frente, meus olhos mais uma vez focados em suas costas.

A tatuagem... a tatuagem em suas costas, era...

“Eu,” sussurro quando paro, apenas a alguns milímetros das costas de Rabbit. Minha mão se levanta por conta própria, mas não toca sua pele. Não toca o familiar par de olhos azuis, o longo cabelo loiro que conheço tão bem, nem os lábios cor de rosa, revestidos com o batom que meus lábios nunca foram vistos sem.

“Rabbit.” Contorno — a um centímetro de distância — cada parte do meu rosto... até os ombros que usavam um vestido azul.

O de Alice.

O meu.

A cabeça de Rabbit vira e abaixa, mostrando-me apenas as pontas de seu cabelo preto e o grande desenho do relógio de bolso que adorna a sua nuca. “Você é tudo o que eu pensava,” diz com sua voz quase acima de um sussurro. “Eu sabia que tinha que ir buscá-la. Encontrar você, resgatar você.”

“Resgatar-me...” reflito. “Do quarto das portas?”

Rabbit fica tenso e se vira para me encarar. Tenho que inclinar a cabeça para vê-lo, da sua altura impressionante. Inspiro o seu aroma, o aroma almiscarado que enche o meu nariz. Os

músculos em seu peito se contraem, quando olho para o seu corpo magnífico. Suas bochechas coradas.

"Sim," ele finalmente responde. Sua mão começa a subir, mas fecha em um punho e abaixa de volta para o seu lado. "Tudo o que via era seu rosto. Onde eles me mantinham preso. Tudo o que via eram esses olhos azuis. Este cabelo loiro... esses lábios pintados de rosa." Levanto meus dedos para os meus lábios e traço a carne. "Você era a profecia. Você sempre foi destinada a vir para o País das Maravilhas e derrotar os homens maus, acabando com o Rei de Copas."

"Você marcou sua pele com minha imagem para lembrá-lo da sua missão. Para me guiar por este desafio, para derrotar o rei e seus homens," digo com lucidez.

Rabbit fica parado por um segundo, depois assente. "Exatamente isso." Seu lábio se contrai. "E agora eu encontrei você. Minha pequena campeã."

Dou um sorriso, gostando do som disso. "Meu guia." Concedo em troca.

Não falamos por muitos segundos. Apenas olhamos nos olhos um do outro. Então meus olhos deslizam em seu corpo, como se estivessem sendo puxados por uma força invisível. Quero passar o dedo ao longo do seu abdômen. Meu olhar continua descendo.

Quero passar minha mão sobre a protuberância em sua virilha.

Sinto o formigamento entre as pernas novamente, e meu rosto queima quando me lembro de como me tocar me fez sentir.

"Pequena Dolly," Rabbit resmunga, e meus olhos encontram os dele. Quando olho para baixo, a protuberância em suas calças aumentou de tamanho. Meus olhos se arregalam. Rabbit assovia, enfia as mãos pelos cabelos e tropeça para trás.

Ele se vira e afasta, com suas mãos em punhos em seus lados. Para em frente à parede e encosta sua testa no tijolo. Ouço sua respiração pesada, escuto quando sussurra “Tique taque, tique taque, tique taque” baixinho.

Não me movo, presa ao lugar. Rabbit dá um passo atrás e, sem olhar para mim, corre para fora do quarto.

Observo ele sair. Meu coração parte, até que Rabbit volta com uma caixa nas mãos. Coloca a caixa sobre a cama.

Faz uma pausa, seus olhos fecham e inala profundamente. Então seus olhos abrem e se fixam diretamente em mim. Não consigo falar, imaginando o que pode estar errado, o que está na caixa...

“Presentes... para você.” Sua voz falha na última palavra, mas ele se afasta e gesticula com a mão para eu dar uma olhada.

Olho para ele com mais atenção, e vejo tudo o que o está incomodando se afastar enquanto ele olha para mim. Dou um sorriso quando seus ombros relaxam e ele gesticula novamente para a caixa.

“Mais presentes?” Pergunto com antecipação enchendo meus ossos. “Mas eu já ganhei minha festa do chá, minha arma e minha lâmina!” Dou a ele um pequeno sorriso. “Você está me mimando.”

“Você merece ser mimada,” diz imediatamente.

Balanço a cabeça e digo, “Rabbit bobo.”

Ando até a caixa, meu coração batendo rápido enquanto abro. Quando noto o que está dentro, cambaleio de volta, o impacto me perfura como um fio de eletricidade. Lanço meus olhos para Rabbit. “Minhas coisas favoritas...” sussurro.

Uma suave leveza borbulha dentro de mim. Ela borbulha e borbulha até uma risada irromper de minha boca. Eu me lanço

para frente, abrindo a caixa completamente. Alcanço dentro e sinto algo frio... duro. Pego, e um rosto familiar aparece.

"Alice!" Digo espantada. Encaro minha antiga boneca com rosto de porcelana.

"Tudo o que resta é sua cabeça e alguns fios de cabelo. Seu rosto está rachado, e não consegui encontrar o seu corpo, mas achei que você gostaria de ver sua velha amiga, no entanto."

Seguro a cabeça de Alice pelos poucos fios de cabelo amarelo que resta. E sorrio. Sorrio tanto que temo que meu rosto vá se partir. "Eu te amo." Sussurro enquanto olho o meu brinquedo favorito. "Ela pode estar quebrada e algumas partes estão perdidas, mas eu a amo da mesma forma."

Rabbit faz um pequeno som. Quando olho para cima, ele parece triste. Isso também me deixa triste. Mantendo o cabelo de Alice preso na minha mão, com a cabeça quebrada pendurada ao meu lado, vou em direção a Rabbit e olho em seus olhos prateados. "Tudo bem, Rabbit. Alice pode estar danificada, mas eu a amo do mesmo jeito." Sorrio. "Vou cuidar bem dela de agora em diante."

Rabbit concorda, mas ainda parece triste. "Há algo mais lá," ele diz inclinando a cabeça em direção à caixa.

Corro para a caixa, a cabeça de Alice na mão. Olho para dentro e... "Não," exclamo, meu pulso dispara. Coloco Alice na cama, tão gentil quanto possível, e levanto a próxima surpresa da caixa. Quando o plástico rosa está em minhas mãos, me sinto ridiculamente feliz.

"Meu aparelho de som," digo, olhando os adesivos de coração cobrindo os alto-falantes. "Rabbit..."

"Abra," disse. Seus braços estão cruzados sobre o peito enquanto me observa.

Pressiono o botão de ejeção... e dentro está uma fita cassete. Retirei-a. "Não-o-o," digo calmamente e devagar. Olho para Rabbit,

que está parado na minha frente. Ele passa os dedos por uma tira branca que atravessa a fita cassete. Está escrito na frente.

"Coletânea da Dolly," ele diz, seus dedos traçando as letras. Não posso ler todas.

"Minha coletânea?" De repente, sinto o meu coração ficar pesado. Fecho os olhos. A imagem de uma mulher bonita com cabelos loiros e um sorriso amável enche a minha mente. Ela tinha uma xícara na mão, bebendo o chá '*Earl Grey,*' ela sussurra. '*E nenhum outro.*'

Então estamos dançando. Dançando de mãos dadas, com as músicas nesta fita... dançando para uma música em particular.

Abro meus olhos, insiro a fita e pressiono o play. Aquela música... aquela que brincava na minha cabeça, minha música favorita para dançar, surge dos alto-falantes.

"Rabbit," murmuro quando ele recua e senta na beira da cama. Passo por ele e coloco o som sobre a mesa de cabeceira. Pegando Alice pelos cabelos, eu a seguro com força. Na minha outra mão, levanto o lado da minha camisola e deixo a música encher meus ouvidos. Ao fechar os olhos, começo a girar. Meus lábios se esticam em um sorriso e canto as palavras. Liberando minha camisola, coloco minha mão no ar e abro os meus olhos. Seguro a Alice na minha frente e giro com ela ao lado do meu rosto.

Olho para a frente. Rabbit está me observando com seus olhos brilhando. Como sempre faz quando me observa. Prendendo o seu olhar, abaixo meu ombro em sua direção, dançando para ele. Rabbit sempre gostou que eu dançasse para ele.

Ninguém mais. Ele me disse uma vez que eu não tinha permissão para dançar para outra pessoa, mas não conseguia lembrar para quem era.

Somente para ele.

A dança da Dolly para Rabbit.

Então, danço e continuo dançando até minhas pernas ficarem cansadas. Música após música tocada, cada uma das minhas favoritas. Quando a fita acaba e precisa ser virada, Rabbit se levanta. Ele vem até onde estou e meu cabelo agora quase seco está grudado em meu rosto. “Basta por esta noite, minha pequena Dolly. Seu corpo pequeno está cansado e precisa descansar.” Ele acaricia o rosto rachado de Alice. Por um momento, desejo que tivesse acariciado o meu. “É hora de dormir. Temos uma grande semana à nossa frente. Você deve treinar para lutar contra os homens maus. Será um trabalho árduo.”

“Mas haverá tempo para dançar?” Pergunto, bocejando largamente. Abraço Alice enquanto sigo Rabbit para a cama. Ele levanta o edredom e eu subo. Ele puxa a coberta sobre mim.

Ele baixa o rosto perto do meu. “Sempre haverá tempo para dançar, querida,” assegura com sua voz sempre calma e rouca. “Sempre haverá tempo para dançar.”

Sorrio para suas palavras, e sinto que elas aquecem o meu coração. “Boa noite,” sussurra, depois caminha em direção ao canto e senta no chão. Apoia suas costas contra a parede dura e encontra os meus olhos.

Sento-me, a testa enrugada, em confusão. “Você não vai dormir em uma cama?”

Rabbit balança a cabeça. Irritada por ele estar dormindo no chão, estendo a mão para o outro lado da minha cama e retiro o edredom. Olho novamente para Rabbit. “Suba,” Rabbit parece que está prestes a dizer não. Reviro os olhos. “Nós sempre compartilhamos uma cama quando éramos crianças. Somos melhores amigos; podemos fazer isso novamente.” Espero ele se mover. Finalmente, ele faz. Puxo o edredom sobre nós e deito a cabeça no travesseiro. Ele faz o mesmo. No começo, seus ombros ficam rígidos, mas depois relaxam. “Rabbit bobo,” sussurro, ouvindo-o exalar assim como eu fiz, uma respiração longa e profunda.

Minhas pálpebras começam pesar enquanto penso na semana seguinte. Não vejo a hora de voltar ao porão e usar minha lâmina e arma. Quero ser a melhor campeã que possa existir no País das Maravilhas. Penso em Rabbit, quando ele me observava esfaquear o porco e disparar minhas balas, havia tanta felicidade em seus olhos prateados. Quero que ele fique orgulhoso. Quero matar os homens maus que tornaram o nosso mundo tão inseguro.

Então penso em Ellis, presa atrás daquela porta na escuridão do País das Maravilhas. E acima de tudo, quero destruir os homens maus por ela. Não quero vê-la chorar mais. Quero que ela esteja livre e segura.

“Eu vou ganhar, Ellis,” sussurro enquanto adormeço. “Eu e o Rabbit, vamos libertá-la.”

CAPÍTULO 8

A LAGARTA



Rabbit

Uma semana depois...

O vento sopra nossos cabelos enquanto a vejo apontando a arma pelo canto do meu olho. “Hora do chá.” Ela aponta a arma para o para-brisa. “Hora do chá,” anuncia, em um tom diferente e balança a cabeça, exasperada.

“Querida?” Pergunto. Suas mãos caem sobre seus joelhos e a arma azul descansa em seu colo.

Seu lábio inferior está fazendo beicinho. Está pintado de rosa claro, seu batom favorito guardado em seu bolso. O vento sopra sua massa de cachos dourados, uma faixa preta é a única coisa que o mantém preso no lugar. Ela está usando um vestido azul limpo, suas meias listradas em preto e branco e as suas botas de cano alto.

Linda.

“Não decidi o que dizer à Lagarta quando chegarmos a ele. Não consigo decidir como dizer o que quero.” Ela olha para mim e

seus ombros caem. Seu dedo acaricia a gravura em sua arma. “Quero dizer isso, 'Hora do chá’,” antes de matá-lo, porque está na minha arma e acho que soa tão bem. Porque eu *amo* chá.” Seu rosto fica triste. “Mas apenas Earl Grey; nenhum outro.”

Meu peito aperta. Ela sempre disse isso quando éramos crianças. E ficaria realmente brava se alguém ao seu redor tentasse beber qualquer outra coisa, que não fosse Earl Grey, ou sequer pensar em servir outro a ela. Se ousassem beber chá preto, ela ficaria totalmente fora do controle.

“Experimente comigo,” digo, e seu rosto se ilumina. Dolly desloca-se no assento e aponta a arma para o meu rosto. Eu sorrio.

“Hora do *chá*,” ela diz. “*Hora* do chá.” Depois de me oferecer cinco maneiras diferentes de dizer isso, ela pergunta, “Então?”

“Número um, querida. Está perfeita.”

“Sim!” Vibra vitoriosa, e volta a sua posição em seu assento. “Hora do chá,” diz, tentando parecer ameaçadora. Ela não faz um bom trabalho. É muito bonita para isso. Um anjo caído... corrompido por mim, agente do próprio diabo.

O encaixe perfeito.

Dolly abaixa a arma, exatamente quando passamos pela placa que diz: Amarillo. No momento em que atingimos os limites da cidade, sinto o sangue nas minhas veias aquecer e minha carne começa a contrair. O cheiro de haxixe enche o meu nariz, apesar de não haver nenhum presente. Só de pensar naquele filho da puta me faz sentir o cheiro dele, ouvir o seu grunhido por trás de mim. Olho para Dolly, que está agora escovando o cabelo esfarrapado da cabeça danificada de sua boneca, cantando baixinho. Pergunto-me o que o gordo fodido fez com ela quando fui embora. Ainda posso ouvir suas palavras ecoarem naquela noite. *Quero os dois juntos. Eu quero ter os dois ao mesmo tempo.*

Tio Lester, o gordo de merda que gostava de estuprar crianças em pares, o gênero não era um problema. Bem, o filho da puta irá realizar o seu desejo.

Estamos dirigindo por um tempo para alcançar a casa escondida da Lagarta. A lagarta, que recebeu esse nome no País das Maravilhas por causa do seu amor ao haxixe — que fumava em seu precioso cachimbo.

Dolly treinou muito na semana passada. E ela é um espetáculo. Atingia os seus alvos com perfeita precisão, cortando-os com veneno no seu coração.

Mortal perfeição.

Nunca estive tão excitado como fiquei observando sua luta. Não sei como farei para me conter, ao vê-la matar de verdade.

Especialmente este fodido pedófilo, e quaisquer outros pervertidos que ele tenha protegido.

“Quanto tempo agora, Rabbit?” Pergunta Dolly do banco do passageiro. Vejo nossa saída logo à frente e entramos na estrada de terra discreta.

“Pouco.” Procuro em meu colete o meu relógio de bolso. Passo meu polegar sobre o vidro enquanto seguimos a estrada. Quando vejo a casa à distância, estaciono o Mustang embaixo da copa das árvores e desligo o motor.

Dolly se move no assento, com os olhos brilhantes, a respiração rápida. “É aqui, Rabbit?” Ela aponta para o telhado de terracota à nossa frente. “Esta é a casa da Lagarta?”

“É,” confirmo com os dentes cerrados. Posso sentir a necessidade de matar começando a me dominar. Olho para Dolly. Ela está olhando para a casa. Mais uma vez, penso naquele filho da puta a machucando. Penso em como ele me machucava.

E realmente preciso que este filho da puta morra... com muita dor.

Fecho os olhos e visualizo o que descobri sobre 'Tio Lester', quando pesquisei todos, na casa da Chapel. "Eles estão espalhados por todo o Texas," disse Chapel depois de receber a informação do detetive particular que contratou. Ele não era um detetive normal, Chapel me informou. Mas um que trabalhava para ele há anos. Não de maneira... legal.

Tio Lester fugiu para Amarillo, depois que uma criança abusada por eles começou a falar. A conversa chegou a alguns ouvidos que os "tios" e o Sr. Earnshaw não queriam que alcançassem. Alguns amigos corruptos da polícia haviam enterrado a acusação da melhor forma possível. Mas eles fugiram, separados, escondidos daqueles que podiam descobrir a verdade e procurar...

No entanto, nenhum dos fodidos parou suas atividades extracurriculares ferradas. Eles têm uma porrada de dinheiro. E muitos contatos com gostos semelhantes. Eles ainda podem fazer o que querem a quem quer que seja.

Até eu conseguir fugir da Torre de Água e colocar em movimento o meu plano de foder com suas vidas pitorescas. Eu e minha pequena Dolly. Explosões do passado deles que nunca veriam chegando.

Seus piores pesadelos se tornando realidade.

"Você está pronta, querida?" Pergunto. Dolly assente com a cabeça, apertando sua arma azul com força.

Saio do carro e pego a minha bengala do porta-malas. Ajusto minha gravata, abaixo as mangas da camisa em meus braços e coloco minha jaqueta. Fecho os botões e me viro para ver Dolly me observando.

“Tão bonito.” Luto para não soltar um grunhido provocado por essas palavras saindo de seus lábios. Enquanto caminha em minha direção, não posso deixar de admirar o que ela está vestindo.

Perfeição... até ver aquelas cicatrizes em seus braços. As que ela mesma provocou, em seu mais profundo desespero. Por causa daqueles idiotas.

Por causa do idiota dentro desta fodida casa coberta de terracota.

“Pegue sua lâmina, querida,” digo e me afasto do porta-malas. Dolly puxa-a do cinto. Ela segura o cabo e encontram os meus olhos.

“Estou pronta,” ele declara, balançando a cabeça enfaticamente. Ela é pequena, mas no momento, ela é uma maldita guerreira. A campeã do País das Maravilhas.

“Fique ao meu lado,” digo enquanto entramos. Caminhamos entre as árvores. A pesquisa sobre a Lagarta mostrou que ele havia contratado ajuda. Guarda-costas para protegê-lo de alguém que poderia querer se vingar por ter sido violentado quando criança.

Congratulo-me por ter trazido a morte para ele. A *todos* eles. Não me importo com quem eu mato. Nunca me importei.

Enquanto caminhamos pela grama alta, Dolly cantarola baixinho. É sua música favorita. E canta como se não se importasse com nada no mundo. Olho para ela. Ela olha para cima.

Então sorri, porra.

Seus brilhantes lábios cor de rosa, se destacam contra a pele pálida e os olhos azuis. Minha Alice no País das Maravilhas está prestes a começar sua aventura. Estendo meu braço, impedindo-a de continuar quando alcançamos o limite da linha das árvores.

A casa está silenciosa.

Aponto para a porta da frente. “Nós vamos caminhar diretamente para lá.” Sinto a familiar adrenalina ao pensar em tirar vidas.

“Diretamente até a porta,” repete Dolly, concordando com a cabeça. Quase dou um sorriso para o olhar que assumiu sua expressão — determinação total e pura.

Respiro fundo e me preparo. Olhando para Dolly, tiro o meu relógio do bolso, levanto ao meu ouvido e anuncio, “Tique taque.”

Seus olhos brilham. Ela levanta a arma e acaricia o cano gravado. “Hora do chá.”

Meu pau endurece, e a necessidade de matar me atinge com mais força. Os três sempre me excitam: sangue, morte e Dolly.

E mais ainda... Dolly *assassina*.

Saindo da cobertura da grama e das árvores, caminhamos em direção à porta da frente, armas na mão. Eu vasculho a área, esperando que o primeiro guarda apareça. Nenhum vem quando chegamos à porta. Silenciosamente tento a maçaneta. A porta está trancada. Sinto os olhos de Dolly em mim, esperando instruções sobre o que fazer depois. Dou um passo atrás e cuido da porta, chutando na fechadura. A porta se abre. Eu me recupero rapidamente, pronto para atacar quando Dolly entra na minha frente. Ela olha para mim por cima do ombro e diz, “Senhoras primeiro.”

Porra, essa garota é tudo.

Dolly dá um passo à frente, a lâmina ao seu lado e a arma estendida na mão direita. Sigo de perto, pronto para defendê-la contra qualquer um que venha nos confrontar. Estamos na metade do corredor, quando escuto o barulho de pisadas no chão. Um guarda vestido de preto vem correndo pelo corredor. Levanto minha bengala, destravando a lâmina da arma e apontando para disparar. Mas antes que eu possa, Dolly dá um passo à frente, os saltos

batendo no chão de madeira, a arma apontada. Minha respiração fica presa na minha garganta, quando o guarda ergue sua arma, mas antes que ele possa colocar o dedo no gatilho, Dolly grita, “Hora do chá!” E envia uma bala rugindo no peito dele.

O guarda cambaleia para trás, caindo no chão. O sangue escorre e seus olhos param de piscar.

Morto.

Um a menos.

Dolly para, olhando o cadáver. Um suspiro escapa de seus lábios e sua cabeça vira pra mim. Seu peito está arfando, sua respiração rápida. “Eu fiz isso!” Uma risada única. “Rabbit! Eu matei um! Eu matei um dos homens maus!”

“Claro, querida.”

Ela endireita suas costas com orgulho. Então seus olhos escurecem, as pupilas dilatam. “Eu quero mais,” ela exige e olha em volta. “Quero mais sangue.” Ela dispara; sigo em seu rastro. Dolly vai até a escada. Segundos depois, outro guarda desce pela escada, atirando primeiro. Sua bala bate atrás de Dolly, acertando o gesso da parede pintada de vermelho da escada. Dolly dispara de volta, novamente gritando “Hora do chá!” Sua bala acerta a perna do guarda. Mas eu o vejo levantar a arma... apontando para a cabeça dela. Puxo o gatilho da minha cabeça de coelho, antes mesmo dele ter a chance de me ver chegar atrás dela. Minha bala passa por sua testa atravessando sua cabeça, acabando com ele.

O corpo dele escorrega pelas escadas. Dolly corre para seu cadáver e gira para me encarar. Suas mãos em seus quadris, e seu lábio inferior salta em petulância. “Rabbit!” Ela repreende. “Eu queria matá-lo!”

Luto contra um sorriso. “Minhas desculpas, querida.” Ela resmunga enquanto eu paro diante dela. “Você pode ficar com o próximo. Eu prometo.”

Dolly chuta o corpo, mas finalmente deixa cair os braços e olha para mim com um olhar irritado. “Tudo bem.” Ela se aproxima ainda mais. Uma gota de sangue mancha a gola do seu vestido. Nunca estive tão excitado em toda a merda da minha vida. Ela pressiona a ponta da lâmina contra o meu peito. “E eu também quero a Lagarta.”

Risque isso. *Agora* eu estou mais excitado do que já estive. Aquela voz poderosa e exigente...

Eu me curvo, a lâmina pressionando ainda mais contra o meu peito. “Como a senhora desejar.”

“Bom!” Ela fala, todo o seu mau humor esquecido. “Agora,” ela diz, subindo correndo os próximos degraus. “Quem é o próximo?”

Eu sabia que tínhamos mais um guarda nesse turno. E ele estaria protegendo a Lagarta. A barreira final para o motivo de estarmos aqui. Olhamos para a esquerda e para a direita, mas não encontramos ninguém. Até encontrar uma escada nos fundos. “Aqui,” eu digo. Dolly imediatamente passa por mim. Subo as escadas atrás dela. Mal alcanço o topo, quando uma bala dispara para a escada. Meu coração para, esperando que ela não tenha atingido Dolly, quando de repente escuto Dolly resmungar e testemunho ela mergulhando sua lâmina no peito do guarda-costas. Quando ele esbarra contra a parede, escorregando lentamente, seu sangue manchando a camisa branca, Dolly tira a lâmina da ferida. “Menino travesso!”

Ela deixa o sangue escorrendo na lâmina fina e olha para a porta. Eu me junto a ela. Sei o que ela está cheirando - também estou sentindo o cheiro.

Haxixe.

“A Lagarta,” Dolly diz em voz baixa.

“A Lagarta,” repito. “Vou chegar até ele primeiro.” Dolly se vira para discutir, mas levanto a mão, impedindo que ela fale. “Vou derruba-lo para que ele não possa se mover.” Inclino e acaricio o sangue molhado em sua lâmina para cima e para baixo, para cima e para baixo... acariciando lentamente. Suas bochechas coram quando meus dedos quase tocam os dela. Levo meu dedo a boca e sugo o sangue. Meus dentes percorrem meu lábio inferior e fecho os olhos. Quando abro novamente, Dolly está me observando com fome gritante em seu olhar. Abaixo-me, aproximando a boca em seu ouvido e digo, “Então ele é todo seu.”

Dolly geme, fazendo com que meu pau já duro se contraia. Bato meu ombro contra a porta. A madeira cede, e não perco tempo em entrar correndo. Sigo o cheiro de tabaco, deixando isso me levar a uma grande mesa. Uma arma soa de algum lado, mas o alvo foi lamentável e faltou precisão. Olho para baixo... e lá está ele.

Uma névoa vermelha desce.

O corpo gordo da Lagarta está tremendo no canto, seu cachimbo de narguilé ao seu lado. Sua cabeça está baixa e seus olhos estão fechados... até que eles abrem e pousam diretamente em mim. Deixo-o olhar. Eu o deixo perceber exatamente quem está diante dele.

Espero — *tique taque* — espero — *tique taque* — espero – *tique*...até... “Heathan...” Ele balança a cabeça com incredulidade, o duplo queixo balança. Seus lábios se abrem e mostram os dentes amarelados. “Impossível... você estava preso.”

Abaixo e chuto a arma que ele havia deixado cair após o seu tiro. “Isso é o que acontece com uma prisão cheia de psicopatas.” Solto a lâmina da minha bengala e a levanto para pairar quase cravada em sua garganta. “Podemos manipular uma fuga e matar aqueles que estupidamente nos mantiveram presos.”

Ele fica pálido. “E-Ele. E-Ele saberá que você saiu. Ele saberá.”

Inclino a cabeça, não tirando os olhos do seu olhar aterrorizado. “Estou contando com isso.”

“Rabbit?” A voz de Dolly chama da entrada. “Você já pegou ele?” O rosto da Lagarta empalidece ainda mais. “Estou entediada. Quero me divertir um pouco!”

“Já vou, querida.” Dou um sorriso quando a Lagarta fecha os olhos. “Minha Dolly se juntou a mim. Você se lembra dela, não é?” Meu rosto endurece. “Levante-se.”

A Lagarta sacode a cabeça. Empurro a ponta da minha lâmina em seu ombro. Ele grita. Eu sorrio. “Não estou pedindo. Estou *mandando*.”

A Lagarta grita com dor, mas fica de pé. Usando a lâmina no seu ombro como uma coleira, eu o guio para trás da mesa, chutando a cadeira de escritório com rodas atrás dele. Empurro mais forte a lâmina, e ele se senta. Pego no bolso a fita adesiva e começo a prendê-lo na cadeira.

Quando termino, vejo um lampejo de azul na porta. “Rabbit... eu disse que estou entediada!” A Lagarta vira a cabeça para a porta.

“Ellis,” ele murmura, e os olhos azuis de Dolly voltam para os dele. Seu lábio se curva com fúria enquanto ele pronuncia esse nome.

Ela levanta sua lâmina ensopada de sangue e rapidamente chega onde ele está sentado, sua cabeça baixa e sua expressão fica malditamente tempestuosa. Desliza o lado cego da lâmina pela sua bochecha. O sangue escorre tingindo o rosto dele — não o dele, o sangue do guarda. “Não se atreva a dizer o nome dela,” sibila. A Lagarta a encara de novo, com as sobrancelhas franzidas.

“O nome *dela*...?” Ele olha para mim. Como se eu pudesse ajudar. Esclarecer as coisas.

Errado.

“Sim. O nome *dela*.” Dolly estreita os olhos e se move diretamente para a frente dele. Ela traça sua bochecha suada com o cano de sua arma. “Você a tocou quando não deveria.” Balança a cabeça, estalando a língua. “Ela não queria isso de você.” A Lagarta engole em seco, e Dolly recua. Ela o estuda, amarrado a cadeira, fita adesiva ao redor da sua cintura. Sua cabeça balança de um lado para o outro.

“Querida?” Pergunto. Dolly solta um suspiro e se vira para mim, seus ombros caem. “O que há de errado?” Desabotoo meu colete e o retiro dos meus ombros. Enrolo as mangas e verifico a hora no meu relógio de bolso. Falta muito para a próxima mudança de guarda.

“É hora de ir?”

Eu balanço a cabeça. “Não. Tempo de sobra.” Os ombros dela caem novamente.

“Está quebrado.” A Lagarta diz. Dolly e eu nos viramos para encará-lo. “O relógio. Está quebrado. Estava quebrado naquela época e está quebrado agora. Você está fodidamente louco! Sempre foi.” Ele balança a cabeça. “E por que ela está falando com um sotaque inglês? Ela é de Dallas!”

Olho para o meu relógio e vejo os ponteiros girando. Dolly também. Ela encolhe os ombros e bate o tambor da arma na cabeça. “Ele é louco! Isso funciona bem.”

Ignorando sua língua afiada, pergunto novamente, “O que há de errado?”

Dolly chuta a ponta da bota no chão de madeira. Ela suspira. “Pensei que eu saberia o que fazer quando chegasse aqui.” Ergue os olhos para encontrar os meus. “Mas agora que estou aqui, estou confusa com a escolha. Tenho todas essas maneiras de matá-lo, e simplesmente não consigo escolher uma!” Ela começa a andar de um lado para o outro. “Eu o esfaqueio? Atiro nele? O dois?” Suas mãos, segurando suas armas, levantam-se em frustração. “Faço

isso rapidamente ou lentamente?" Ela para, e seu rosto parece lindamente triste. "Eu pratiquei dizendo 'Hora do chá' tanto que nunca pensei muito nessa parte." Seu lábio inferior fez um beicinho. "Eu deveria ter pensado. Não quero estragar isso."

"Você nunca poderia," digo. O som da cadeira se arrastando no chão faz Dolly se virar. Ele apenas se moveu um pouco. Mas, assim que estou prestes a aconselhá-la novamente, sua cabeça levanta e ela suspira com entusiasmo. Ela atravessa a sala e para na frente de uma vitrola antiga.

"Que lindo!" Declara admirada. Colocando a arma na mesa, ela move a agulha e a vitrola ressoa com vida. Dolly grita quando as faixas de abertura do disco tocam. "My Boy Lollipop!" Ela grita e começa a cantar junto. Segurando a cabeça de sua boneca, que amarrou ao cinto por seus cabelos, ela dança ao redor da sala com sua lâmina na outra mão.

Fico sorrindo enquanto ela dança com a boneca, Alice, cantando cada palavra. Quando a música termina, Dolly corre para a vitrola e toca novamente. "Você está louca!" Fala a Lagarta quando ela passa por ele.

Dolly para e gira para encará-lo. Prendo a respiração, aguardando sua reação, preparado para ver a beleza de sua ira desencadear. Em vez disso, foca em seu rosto e diz, "Você não sabia? Todas as melhores pessoas são!"

Ele balança a cabeça, mas suas palavras são suficientes para que Dolly pare de dançar e se concentre na tarefa em questão. Ela estuda a sua forma amarrada como se fosse um quebra-cabeça que está tentando montar. Consigo ouvi-la murmurar baixo, "Eu poderia empurrar a lâmina através de seu coração. Ou poderia esfaquear suas pernas uma a cada vez, depois os braços e o peito. Ou poderia esfaquear seu crânio... não, eu posso atingir muitos ossos..."

Caminho para a vitrola, colocando a agulha para repetir a música várias vezes. Ao me virar, vejo uma das mãos da Lagarta se libertar das restrições. Antes que eu possa agir, ele levanta a mão em um movimento rápido e dá uma bofetada no rosto de Dolly. Em poucos segundos, preparo minha bengala, pronto para esfaqueá-lo na nuca, quando Dolly gira, seu batom está manchando sua bochecha por causa da bofetada. Congelo, vendo algo novo em sua expressão. Raiva pura.

Escuridão.

Crueldade.

Intenção assassina.

Dolly toca a bochecha. Encontra os meus olhos quando pego o braço da Lagarta e o prendo novamente. Seus olhos olham para o lado... onde ela se vê. Dolly caminha até o espelho pendurado na parede e inspeciona seu reflexo.

Vira-se para mim e fala irritada, “Ele manchou o meu batom!”

As emoções de Dolly parecem ferver, a raiva faz seu corpo tremer e sua pele corar. Agarrando a lâmina mais forte, ela ataca a Lagarta e esfaqueia seu ombro. Ela grita enquanto o faz, perfurando-o repetidamente em novos pontos — seus ombros, suas coxas... e em seu estômago. Afasta-se, sem fôlego, com os olhos ardendo de prazer. Então percebo que algo mais espreita dentro da minha Dolly além da inocência e a luz. A escuridão habita nela também. Uma presença malévola que se esconde nas sombras, esperando sua chance de se alimentar. Minha Dolly, sinistra e cruel. Sedenta pela morte. Respiro fundo. Ela é minha boneca viva e respirando. Ela usa o rosto do mais puro anjo, mascarando tal maldade em seu interior.

A contraparte perfeitamente fodida da minha alma.

A Lagarta começa a sufocar em seu próprio sangue. Os olhos de Dolly não se afastam dele enquanto o observa tentar lutar contra

sua inevitável morte. Ele balbucia, ele tosse, então sibila, “Você é doente” – para, tosse, cuspe — “Vocês são dois doentes fodidos.”

Dolly para, depois olha para mim. “Doentes fodidos... Somos apenas dois doentes fodidos! “Então ela se move, circulando a Lagarta, dançando em círculos ao redor dele, enquanto ele se arrasta tentando sair daquela espiral mortal. “Doentes fodidos, doentes fodidos, doentes fodidos!” Caminho para ficar atrás dele, e Dolly também me cerca. Enquanto sorrio, observando a mais bela criatura capaz de adornar esta terra, dançar e sorrir de forma tão livre, me inclino e sussurro ao ouvido do idiota abusivo, “Você disse, anos atrás, que não se preocupava com o que você tinha que pagar para ter nós dois...” empurro minha própria lâmina para dentro da coluna vertebral, cortando sua capacidade de andar. Não que ele vá sobreviver para caminhar novamente de qualquer maneira. “Agora você tem nós dois...” respiro entre os dentes enquanto assisto Dolly cantando junto à música, girando a cabeça de sua boneca em suas mãos encharcadas de sangue, colorindo os fios amarelos do que restava de seus cabelos. “Espero que tenha sido tudo o que você desejou.”

Ele solta seus últimos suspiros. Sua cabeça cai para frente, e eu sei que ele se foi. Sinto apenas satisfação.

Fico em pé. Dolly para de dançar. Seus olhos se iluminam. “Ele se foi? Eu o derrotei?” Pergunta, reprimindo o fôlego.

“Claro que sim, querida.” Eu me movo para onde ela está de pé. Seu batom ainda está espalhado por sua bochecha da bofetada dada pela Lagarta. Estreito os meus olhos. “Ele machucou você.”

Dolly leva a mão a sua bochecha. Seu rosto se enche de raiva. “Não. Mas ele manchou meu batom favorito.” Ela tira o batom do bolso e caminha até o espelho. Limpa o batom manchado e volta a aplicá-lo nos lábios. “Rabbit? O que é um doente fodido?”

Vejo a confusão em seu rosto. “Pessoas que matam homens maus,” digo, pegando o meu casaco. “Pessoas como nós.”

“Doente fodido,” repete. Olha para o batom, e ergue a cabeça novamente com um brilho nos olhos. Ela torce o batom, corre até a parede e começa a escrever. Olho para ela, respirando pesadamente, enquanto a mão sem instrução tenta escrever... ela tenta soletrar. O batom rosa está firmemente contra a parede branca. Quando acaba, exalo e um sorriso se forma em meus lábios.

“Isso!” Pula de volta para admirar seu trabalho. “Doentes fodidos!” Olha com orgulho para a parede, mas quando se vira para mim, vejo a preocupação, até mesmo apreensão, em seu rosto. “Está correto, Rabbit? Escrevi bem?” Ela prende o lábio inferior com os dentes. Olho por cima de sua cabeça e leio seu texto desordenado. Sem nenhuma instrução, exceto o que eu havia ensinado a ela. Com a educação negligenciada, privada do seu direito absoluto de aprender, por causa do filho da puta do seu pai e seus amigos predadores.

No entanto, ainda é a estrela mais brilhante no meu céu.

Leio a sua escrita, a palavra incorreta, brilha como um farol...

SICK FUX[13]

“Bem, Rabbit? Ficou bom?” Sua voz está fraca e nervosa. Caminho para onde ela está com a cabeça inclinada e os olhos cautelosos.

“Ficou perfeito, querida. 'Sick Fux'. Somos nós, escritos com o seu batom. Sua cor favorita de sempre.”

Dolly olha para o batom, agora completamente arruinado, e geme. Aperto e solto o meu punho até que meu dedo encontra o seu caminho, encontra a sua força, para tocar seu queixo. Dolly ofega com o contato e levanta seus enormes olhos azuis. “Nós vamos comprar outro para você. Vamos comprar toda a maldita maquiagem que você precisar.”

[13] A palavra correta em inglês é Sick Fuck, pela falta de instrução da Dolly (Ellis), foi escrito errado. Esse é o nome do livro.

“Agora?” Pergunta, parecendo esquecer que estou tocando nela.

“Agora.”

Dolly dispara pela sala a procura das suas armas. Vou para a saída. Mas Dolly para e se vira para encarar o cadáver da Lagarta. Ela coloca as armas no chão e corre para a cadeira. Empurra o encosto, e gira o corpo na direção da parede, onde escreveu “Sick Fux”. Ela o posiciona bem embaixo. Recua para admirar o seu trabalho. “Agora, todos os homens maus saberão quem o destruiu.” Sorri, e o que vejo é maldade atrás da beleza. “E saberão quem está vindo para eles também. Sick Fux do País das Maravilhas.”

Dolly pega suas armas e sai correndo pela porta, a arma, a lâmina e a cabeça da boneca na mão. Dou uma olhada na sala, para o que minha garota conseguiu, e sinto o buraco negro no meu peito começar a preencher.

Preencher com a heroína negra e que apenas Dolly poderia dar. Preencher com a confirmação de que nos encontramos quando crianças por algum motivo.

Ela foi projetada exclusivamente para mim.

Tão maligna quanto eu, e toda minha para controlar.

Minha Dolly.

Minha querida.

Minha companheira Sick Fux.

Pego o pacote de cartas do meu bolso e espalho sobre a minha mão. Quando encontro aquela que quero, ando até o corpo, hipnotizado pela expressão da morte em seu rosto, e seguro a carta alta. Estudo a semelhança do meu desenho com o rosto desse idiota, aquele que está gravado em minha mente, tão precisamente, como se uma lâmina tivesse cortado o meu cérebro. Os dois são semelhantes, mas nada pode se aproximar do verdadeiro rosto

desse idiota: um homem com um desejo insaciável de tocar e foder crianças.

Limpo minha garganta e cuspo no rosto ensanguentado da Lagarta, observando a saliva misturar com o sangue recém-derramado. Girando os dedos, jogo a carta para cair no seu peito.

Dou um sorriso triunfante para a morte.

O três de copas está morto.

***

"É um tesouro," ela sussurra enquanto olha em volta da loja. Meu porta-malas está mais cheio de dinheiro do que consigo carregar — a mais recente recompensa encontrada no cofre da Lagarta.

Agora pertence a nós, é uma compensação inadequada para os anos no inferno a que Dolly foi submetida. Irá juntar-se ao restante que tenho escondido nos colchões, provenientes do Warden e da Sra. Jenkins. Tenho mais dinheiro do que sei o que fazer com ele.

Gastá-lo com o que Dolly ama, parece uma maneira mais do que apropriada para dar fim a tudo.

Apoio-me na bengala enquanto olho em volta da loja que mantém minha pequena Dolly tão cativa. Maquiagens, que se estende da frente da loja até a parte de trás. Olho para a minha garota e sinto algo como calor preenchendo o meu coração morto e frio.

"Nunca vi nada tão bonito na minha vida," diz com admiração. Ela olha para mim, seus longos cílios batendo contra sua bochecha. Nós nos limpamos no hotel e depois viemos direto para cá.

“Posso ajudá-los?” Pergunta uma voz feminina a nossa frente. Imediatamente fico ao lado de Dolly, protegendo-a, certificando-me de que ninguém foderia com a gente.

Olho para a morena alta e magra diante de nós, vestida de preto. Dolly ofega e se aproxima dela, os olhos fixos no rosto da mulher. “Seu rosto,” ela diz, seu sotaque inglês soando perfeito e afiado. “Quero parecer assim. Como faço para me parecer com você?”

A mulher franze suas sobrancelhas, e então seu olhar vaga primeiro sobre Dolly, depois para mim. Seus olhos se arregalam. “Meu Deus! Vocês são cosplayers[14]?” Ela recua para avaliar Dolly. “Alice no País das Maravilhas, certo? Da Era Vitoriana?”

Não faço ideia do que diabos ela está falando, mas chego ainda mais perto de Dolly, pronto para puxá-la para trás. Mas os olhos de Dolly se iluminam com a menção do seu livro favorito. “Alice, sim! Estamos no País das Maravilhas. Estamos em uma aventura.”

A mulher sorri, mas antes que tivesse a chance de dizer qualquer outra coisa, Dolly tirou seu tubo de batom arruinado. “Preciso de mais disso. Acabou.”

A mulher pega o batom e o estuda. “Chanel Vintage?” Ela balança a cabeça. “Você deve guardar isso. O tubo sozinho valerá alguma coisa. Sorte para você, a cor ainda existe, apenas uma fórmula e design mais recente.” Acena com a mão. “Vamos. Se você está copiando a Alice, precisamos fazer você ficar completamente igual.”

Dolly olha para mim. Concordo com a cabeça, dando-lhe permissão para ir. A mulher leva Dolly através da loja, enchendo uma cesta de coisas que não faço ideia do que seja. Mas não me

---

[14] Cosplay é um termo em inglês, formado pela junção das palavras *costume* (fantasia) e *roleplay* (brincadeira ou interpretação). É considerado um hobby onde os participantes se fantasiam de personagens fictícios da cultura pop japonesa.

importo enquanto assisto o sorriso de Dolly se alargar e ampliar com cada novo item adicionado. Isso era o que esperei por onze anos para ver. Seu rosto. Seu corpo. Minha maldita garota matando tão fodidamente linda, era como ver um dos poemas de Chapel ganhar vida. Uma maldita sinfonia em movimento— um corte aqui, uma facada lá, e tanto sangue deliciosamente quente derramando no chão.

A morte tem um cheiro.

Sempre imaginei que cheirava a rosas, como Dolly.

Eu não estava errado.

Enquanto caminhamos pela loja, as pessoas observam; olham, até que eu olho para elas. Eles devem ter percebido o quanto quero arrancar suas vidas, porque desviam o olhar rapidamente, a maioria fugindo da loja como se pudesse sentir que sou um predador perseguindo minha presa.

Pego a maquiagem, Dolly saltando atrás de mim com entusiasmo. “Você vê tudo isso, Alice?” Ela diz para a sua boneca sem corpo enquanto me segue até o caixa. “Todas essas coisas preciosas são para nós. Vamos ser as duas meninas mais bonitas do País das Maravilhas.”

O meu lábio se contrai quando ela pega a sacola do caixa e vira em minha direção. “Podemos voltar para o quarto? Eu realmente quero experimentar isso.”

“Claro, querida.”

Pouco antes de sairmos, o caixa pergunta, “Onde o evento Cosplay está sendo realizado?” Olho para a mulher sem entender. Dolly faz o mesmo. A caixa aponta para o saco. “Para que você irá usar toda essa maquiagem?”

Dolly sorri. “Para a matança...” ela olha para mim, confusão no rosto. “Quem é o próximo, Rabbit? Não consigo lembrar.” Ela pisca, com grandes olhos azuis e os lábios cor-de-rosa. Ainda posso

imaginar o sangue vermelho manchando o seu pescoço e bochechas. Tenho que me conter para um gemido não sair alto, diante dos pensamentos que essas imagens evocam.

"O Gato Risonho."

Os olhos de Dolly brilham, e ela vira para o caixa. "Para quando matarmos o Gato Risonho." Segura a sacola. "Agora minha aparência vai ficar muito melhor!"

Dolly se vira e vejo a caixa tentar entender o que Dolly havia dito. *Não-assassinos*, penso. Apenas malditos loucos, vivendo suas vidinhas mundanas.

"Rabbit!" Dolly chama da entrada. Viro para ver seus braços cruzados e o pé batendo com impaciência no chão. "Vamos nos atrasar!" Um sorriso malicioso se forma atrás de seus lábios franzidos, e suas covinhas afundam em suas bochechas. "Tique taque." Não consigo deixar de rir enquanto caminho em sua direção, balançando a cabeça enquanto ela rouba minhas falas. "Rabbit bobo," sussurra quando me junto a ela. Toco sua perna com a minha bengala, a mais leve punição.

Então, voltamos para o hotel, para que minha querida possa se pintar como uma boneca.

Observo-a da cama enquanto está sentada na penteadeira velha do outro lado do quarto, colocando toda a maquiagem que havia comprado. Afio a lâmina da minha bengala, sem tirar os olhos do reflexo enquanto ela pinta suas pálpebras de azul e cobre os cílios de preto. Enquanto sua pele pálida se transforma em porcelana, com algum líquido que ela aplica em cada centímetro do seu rosto. Suas bochechas estão cor-de-rosa e, claro, seus lábios estão rosa brilhante.

Ela sussurra e canta ao lado do seu som, enquanto reproduz as suas músicas favoritas. Seus ombros tremem enquanto ela dança em seu assento, seus longos cachos loiros saltam com o movimento. E durante todo o tempo que olho para ela, estou excitado. Quando ela se transforma em uma boneca viva, respirando diante de mim, fico tão duro que meus dentes cerram.

Sempre a imaginei assim. Ao meu lado. Completamente arrumada como uma boneca. Compartilhando os meus caminhos. Matando. Parando os corações. Não dando a mínima para ninguém, além de um ao outro.

Coloco a lâmina de volta no cabo da minha bengala, assim que Dolly fixa algo em seus cílios. Quando levanto, ela se vira.

Fico enraizado no maldito lugar. Grandes e longos cílios foram colocados em seus olhos, e os inferiores foram pintados, fazendo-a parecer exatamente como uma boneca. Só o fato de respirar e piscar me fez perceber que está viva.

“Querida...” fico em silêncio, minha garganta perto de fechar.

Ela alisa a frente do seu vestido com as mãos, depois abre os braços e faz uma reverência. Ela olha para mim através de seus cílios falsos. “Bem? Agora, pareço mais a sua pequena Dolly, Rabbit?”

Concordo com a cabeça sem piscar. Sem respirar, porra. Estou muito quente debaixo da minha camisa, colete e gravata. “Sim,” digo com a voz rouca, meus dentes apertando tão forte no meu lábio que o sangue escorre na minha boca.

Só serviu para me deixar mais duro.

O rosto de Dolly muda de seu sorriso habitual para uma expressão séria e com fome nos olhos. “Eu fiz isso para você, Rabbit,” sussurra e se aproxima de mim. Meu coração bate no meu peito em cada passo que ela dá.

Quanto mais perto ela chega, mais sinto o cheiro de rosas. Ela comprou o perfume que sempre usava quando era criança, e que originalmente pertencia a sua mãe. Ela fica bem na minha frente. Estende sua mão e todos os meus músculos congelam. Meu nariz dilata quando penso que ela pode me tocar. Sinto o enjoo habitual, que surge sempre que alguém tenta colocar a mão em mim. Na pele marcada pelo toque profundamente invasivo de homens que não tinham nenhum direito de me tocar. Os homens que se empurraram para dentro de mim, me enchendo com sua imundície.

Mas, então, ela toca a minha gravata, puxando-a do meu colete e passando por entre seus dedos. Olha para mim, e perco o fôlego com a visão do seu belo rosto. Sua maquiagem. A minha Alice no País das Maravilhas trazida à vida, diante de mim. “Eu quero estar bonita para você, Rabbit. Mas só para você.” Bate os cílios três vezes. “Pareço bonita, Rabbit? Estou linda para você?”

“Sim,” confirmo com uma voz rouca. Dolly começa a enrolar o comprimento da minha gravata em sua mão, assim como está me envolvendo em torno do seu dedo mindinho. Ela sempre esteve. “Sou a sua bela campeã? Correspondo a sua pintura de campeã do País das Maravilhas?” Dolly se inclina perto, olhando para as minhas costas como se pudesse ver através das roupas que uso. “Como a imagem nas suas costas?”

“Mais do que ela.” Solto minha mão instável para acariciar um fio do seu cabelo comprido entre os dedos. É tão suave. Dolly respira fundo.

“Essa Dolly...” abaixa os olhos, e fico mais duro quando a vejo perceber meu desejo por ela. Cada parte de mim anseia para agarrá-la e possuí-la, sufocá-la e afogá-la na minha carne. Ela geme. As próprias células da minha pele eram como um dominó de gelo. Cambaleio para trás, com um suor gelado cobrindo meu rosto.

“Rabbit,” sussurra Dolly. Seu lábio inferior começa a tremer. Corando, ergue as mãos aos seios e os coloca em suas mãos. “Eu

sinto todas essas sensações...” balança a cabeça e começa a caminhar em direção à cama... para mim. Enquanto a observo, ela se torna minha presa mais uma vez. A escuridão se agita dentro de mim. Olho seu pescoço com seu pulso acelerado. Imagino como seria se eu cortasse uma das veias com a ponta do dedal e deixasse o sangue escorrer. Não uma veia principal, mas uma em que possa assistir o vermelho vívido manchar sua pele pálida, a obra-prima de um artista sádico. Imagino lamber o sangue. Então, por sua vez, ela abriria uma veia no meu pescoço e se alimentaria da mesma maneira.

Estarmos juntos além do físico. Em todos os sentidos.

Minhas pernas batem na cama com a visão e toco sobre o meu pau. Meus olhos reviram enquanto minha cabeça bate no travesseiro.

“Rabbit,” ela chama. Escuto o desespero em sua voz. Escuto sua respiração falhar. Quando meus olhos se abrem, eu a vejo de frente para mim, no final da cama. Suas costas descansam contra o corrimão ao pé da cama. Suas pernas estão abertas, e sua mão debaixo do vestido.

“Dolly.” Acaricio o comprimento do meu pau sobre a calça.

“Eu quero te tocar, Rabbit,” diz enquanto o calcanhar de sua bota raspa o edredom. “Quero sentir sua mão em mim. Quero que você me faça sentir os arrepios que brotam dentro de mim quando eu simplesmente penso em seu rosto. Quero sentir você em cima de mim.” Um gemido sai de seus lábios. “Pequena Dolly quer o seu Rabbit.”

“Dolly querida,” rosno enquanto movo minhas costas contra o apoio da cabeceira. Estávamos cara a cara, apenas alguns metros entre nós. E então sua mão alcança o topo do vestido. Sem tirar os olhos dos meus, começa a desatar o laço que mantém o corpete de seu vestido preso, expondo sua pele branca centímetro por centímetro...

Até que o material se separa de sua cintura e os dois lados se abrem, expondo os seios. Seios brancos que cabem perfeitamente na palma da minha mão. Mamilos rosados, quase tão rosa quanto o batom que adorna os seus lábios, implorando por minha boca.

"Não há nada parecido, Mauricinho," Chapel me contou uma noite, quando perguntei sobre mulheres. "O gosto delas, a sensação, seus seios em suas mãos..." assentiu. "Você vai conseguir isso com sua pequena Dolly. Um dia, quando as barreiras que mantém o toque de seus abusadores dentro de você, romper. Vocês vão conseguir isso um com o outro... e não haverá nada parecido com isso... sinergia, Mauricinho. Sinergia completa."

Mas essa barreira não havia rompido... ainda.

Então, assisto de longe. Assisto enquanto Dolly fecha as pernas e abaixa a calcinha. A calcinha branca que eu tinha comprado vem escorregando por suas pernas. Rosno quando suas pernas finas e pálidas se separam de novo, largas e dobradas sobre o joelho, os saltos cavando no edredom branco. Então, seus dedos estão se movendo para a bainha de seu vestido. Meu olhar flutua entre o cetim azul que agora está deslizando em suas coxas, e seus olhos, que estão presos em mim. Seus lábios estão franzidos e suas pupilas dilatadas.

"Rabbit," sussurra enquanto leva seu vestido até a cintura. Engulo, ainda olhando o seu rosto, até que não tenho outra escolha senão olhar para baixo. Um gemido escapa do meu peito ao ver sua buceta exposta, o cabelo loiro me atraindo.

"Dolly," rosno. Ela baixa a mão e esfrega seus dedos sobre sua buceta. Seus olhos reviram enquanto move seus dedos para frente e para trás. Lentamente. Dolorosamente, fodidamente devagar.

Não consigo aguentar. Não aguento mais, não consigo aguentar o meu pau preso dentro da minha calça. Abro o botão, depois o zíper, coloco a mão dentro e tiro o meu pau. Minha mão

envolve a grossura e eu deslizo para frente e para trás. Dou um gemido, quando vejo as mãos de Dolly parar. Ela me observa. Não afasta os olhos de mim enquanto eu me ajoelho na cama. Solto o meu pau apenas tempo suficiente para tirar minha camisa e colete. Peito nu, calças abertas, eu me inclino mais perto de onde ela está deitada. Paro apenas a alguns centímetros dela. Paro perto o suficiente para ver seus olhos vidrados quando seus dedos entram em sua buceta, e para ouvi-la choramingar suavemente e sussurrar, “Abra mais, cadela.”

Cada parte fodida do meu corpo vira granito sólido quando escuto o grito, o eco do passado de Ellis escapando de seus lábios. “Você é uma putinha tão apertada, pequena cadela.” Ela está sendo retirada do nosso País das Maravilhas para a propriedade de Earnshaw. Nos anos longe de mim. Sem a minha proteção.

Uma onda de fúria se espalha por mim ao ver minha Dolly desmoronar, tão quebrada pelo que esses monstros haviam feito. O que eles fizeram enquanto eu estava na prisão. Seus lábios tremem quando seus olhos se enchem de lágrimas. “Você gosta disso, não é, sua putinha? Gosta que eu te preencha? Você adora disso?”

Jogo minha cabeça para trás e grito quando uma lágrima escorre em sua bochecha. Quando baixo a cabeça para encará-la, seus grandes olhos azuis estão perdidos... sozinhos. Ela está sozinha. Perdida no isolamento de seu passado sem esperança.

Seus dedos continuam a esfregar. Com a minha mão tremendo, deslizo ao longo do meu pau ainda duro e fico em silêncio, “Tome, garoto...” engulo, bombeando meu pau e pronuncio as palavras que escuto cada vez que fecho os olhos, sempre que tento dormir... sempre que tomo um maldito fôlego. “Tome, garoto. Você foi feito para isso. Você é meu. Essa bunda é minha.”

Dolly grita, suas lágrimas fluindo livremente pelas bochechas, escorregando pelos belos seios firmes. “Olhe para essa pele lisa e linda,” ela diz.

“Olhe para essa linda bunda,” digo em troca.

“Porra, você é tão apertada, putinha.”

“Porra, você é tão apertado, garotinho”.

“Você me aperta pra caralho.”

“Você ama isso. Beba tudo.”

“Mais rápido, garotinha.”

“Mais rápido, menino.”

As respirações ficam mais rápidas. Nossas mãos trabalham mais. As lágrimas caem dos nossos olhos.

“Eu vou gozar, menina.”

“Eu vou gozar, garotinho.”

Dolly goza, sua bunda levanta do edredom enquanto suas costas arqueiam e sua cabeça cai para descansar no topo da grade da cama. Sua mão circula sua buceta mais rápido até que seu corpo sacode. Só a visão me fez endurecer e depois explodir. Caio para frente, minha mão batendo na grade ao lado da cabeça de Dolly. Dou um gemido alto enquanto gozo e gozo, meu gozo cobrindo a buceta de Dolly e caindo na cama.

Minha mão treme na grade, o suor cobre minha testa enquanto olho para Dolly. Seus enormes olhos azuis olham para mim, a maquiagem está borrada por todas as lágrimas derramadas. “Querida,” digo com a voz rouca do esforço. Devido à porra das minhas lágrimas.

“Você também?” Ela pergunta, e por um momento não estou falando com Dolly. É a Ellis. Estou falando com minha garota, minha melhor amiga; a necessidade que sinto por ela me fez suportar tudo que passamos.

“Eu também,” respondo, vendo tanto a dor quanto o alívio em seus olhos. Dor pelo que passei nas mãos desses bastardos. E

alívio. Alívio por não ser a única. Que outra pessoa conhece sua dor.

Assim como ela conhece a minha.

No entanto, foi o meu maior fracasso. Eu a deixei sozinha. Deixei aqueles filhos da puta a machucarem — o Rei de Copas e seus homens.

Não desviamos nosso olhar um do outro enquanto recuperamos o fôlego. Então, precisando sentir algo, além da lembrança do toque daquele mais me machucaram, com minha mão livre pairo sobre sua bochecha. Dolly engole em seco, e então, depois de um suave aceno de cabeça, forço-me a tocar a pele de sua bochecha. Aperto os dentes; ela prende a respiração.

Sua pele é tão macia. "Querida..." sussurro e de repente sinto água no meu dedo. Olho em seus olhos e vejo que uma lágrima caiu. Mas um sorriso se forma em sua boca.

Ela gostou.

Eu também.

Quando levanto a mão, a lágrima ainda está no meu dedo. Com a atenção de Dolly ainda em mim, sugo a lágrima em minha boca. Tinha o gosto dela.

Engulo. Segundos passam, e então um sorriso mais largo se espalha na boca de Dolly. Ela balança a cabeça. "Rabbit Bobo."

O gelo que resta em minhas veias se derrete em um instante.

Com o mesmo dedo, acaricio sua bochecha novamente, mais do que curioso sobre como me sinto. "Tome banho e venha para a cama," falo. Os olhos de Dolly se fecham sob o meu toque.

"Tudo bem, Rabbit." Ela se afasta da cama e entra no banheiro.

Deito na cama e olho o teto até ela sair. Penso na próxima matança. Penso no próximo "tio," que iremos derrotar. Aquele que me manteve sob o polegar. Aquele que gozou em mim, noite após noite. Aquele que ousou me chamar de seu "garotinho". Aquele que sempre sorria. Sorria para mim, como se enfiar seu pau em mim era tudo o que eu queria na vida.

Tio Clive. O Gato Risonho. O Quatro de Copas.

A porta do banheiro abre e Dolly sai recém-tomada banho e vestindo sua camisola branca. Assim, ela parece tão jovem. Ela é bonita de qualquer maneira.

Dolly caminha para o seu lado da cama e puxa o edredom como faço com ela todas as noites. Ela entra e puxo o edredom sobre ela, mantendo-a quente. Assim que deito de costas, como faço todas as noites, Dolly pergunta: "Você acha... se for possível... você poderia colocar o seu braço ao meu redor enquanto durmo?"

Meus olhos se arregalam sob o leve brilho da lâmpada ao lado da cama. Sem se virar, sem se mover, Dolly diz, "Assim como uma vez me segurou enquanto eu dormia." Faz uma pausa. "Não acho que eu já dormi tão bem quanto naquele dia, então... eu... eu adorei, Rabbit."

Passo minha mão pelo meu cabelo, então, rolando para o lado, coloco o braço debaixo dela sobre os cobertores. Respiro profundamente com o desconforto causado pela ação, mas também pela familiaridade que causa.

Ninguém, exceto Dolly, pode fazer isso comigo.

Dolly suspira. "Você se lembra do filme que víamos quando crianças, Rabbit?" Paro. *"O Calhambeque Mágico?"*

Busco em minha memória, para identificar sobre o que ela está falando. Ela insistia para que eu assistisse um filme com ela todas as noites. "Filmes," ela os chamou, usando uma das palavras britânicas que sua mãe havia introduzindo em seu vocabulário.

“Aquele com a música 'Truly Scrumptious.' A boneca que canta. Eu realmente nunca entendi sobre o que era a música. Mas quando ouvia, sempre achava que era sobre uma boneca que queria ser livre, sempre girando e girando, mas nunca conseguindo sair de sua caixa de música. Presa. Sempre me senti triste porque ninguém a ajudou. Então ela ficou presa lá para sempre.” Fecho os olhos para o tom triste em sua voz. Dolly sempre estava feliz. Nunca estava triste. Odeio o som de sua tristeza. De repente, sinto uma coisa em minha mão que me faz sobressaltar. É o dedo dela. A ponta do dedo, rodeando suavemente nas costas da minha mão que está sobre sua cintura. Ela ri uma vez, mas a risada também está triste. “Você costumava dizer que eu era a boneca na caixa, por causa da minha maquiagem.” Uma pausa. “Mas agora, acho que sou como ela de maneiras diferentes.”

Entendo o que está dizendo. Ela está presa como a boneca. Presa em seu quarto de portas, e ninguém veio para deixá-la sair. Tudo o que ela queria era ser salva. Para ser livre.

“Ela... a boneca... sempre senti que ela queria ser beijada, também. Senti que queria ser amada. Acho que ela queria que seu verdadeiro amor voltasse de qualquer lugar para salvá-la.” Seu dedo para de acariciar a minha mão, então sinto seus dedos envolverem os meus e me apertar com força. “Ela estava sob um feitiço, e apenas o primeiro beijo do seu amor poderia libertá-la.” Meu maxilar cerra enquanto ela fala. Sei que está me contando como era a sua vida quando fui embora. Como ela esperou que eu voltasse.

Ela é a boneca. Suas palavras agora nada têm a ver com o maldito filme.

Eu também demorei muito para voltar. O dano já havia sido feito.

Então, ela começa a cantar. Com sua voz suave, começa a cantar aquela música. A cantada pela mulher vestida como uma boneca no filme... e parte o meu coração sombrio. Sua mão agarra a minha mais forte enquanto canta cada verso. E escuto toda a dor.

Escuto tudo ser derramando de sua boca através dessa maldita música. Minha visão fica turva, e pisco quando sinto minhas pálpebras ficarem molhadas. Levanto a mão para o meu rosto e sinto lágrimas.

Não chorei em onze anos. A última vez foi quando fui tirado de Dolly. E agora, quando a tenho de volta... mas a recebi de volta em pedaços, com seu coração agora feito de vidro frágil.

Dolly termina a música, e o quarto mergulha no silêncio. Eu a seguro firmemente e, em seguida, ainda mais apertado quando sua voz sonolenta diz, “Um dia vamos nos beijar, Rabbit. Um dia vamos nos beijar, e então essa aventura será incrivelmente perfeita...”

Não demorou muito para a respiração de Dolly ficar equilibrada.

Mas eu não dormi. A cada hora que passa, repito a imagem dela esticada na minha frente, as palavras derramadas de seus lábios. As palavras de seus “tios” fodidos, um em particular, falando com ela enquanto a estuprava quando criança. Penso em sua voz inocente cantando aquela música. Reflito sobre o que ela precisa e o que ela quer por muito tempo.

Liberdade.

Amor.

Então penso nas mortes ainda por vir. Penso em como eliminaríamos cada um deles. Porque o que planejei anteriormente, não é mais doloroso o suficiente. Já não é suficientemente sangrento. Não é mais violento o suficiente.

Os filhos da puta merecem mais. Eles merecem tudo o que as nossas mentes fodidas podem evocar. E eles vão ter. Irão suportar toda a força da nossa vingança, e não nos veriam chegando.

Fecho os olhos, com um sorriso no rosto.

Sorrio para todo o sangue que ainda está por vir.

Carnificina: cortesia dos Sick Fux.

TILLIE COLE

SICK FUX

CAPÍTULO 9



Eddie

Propriedade Earnshaw

Dallas, Texas

Lentamente, me aproximo da porta. As dobradiças antigas estão quebradas e a porta de madeira foi arrombada. Alguém a chutou. Alcanço o meu bolso traseiro e retiro minha arma. Ajusto o chapéu para poder ver todo o corredor enquanto cruzo o batente.

No segundo que faço, um mau cheiro agride meu nariz. “Merda!” Esbravejo enquanto cubro o nariz e boca com o antebraço. Permaneço imóvel como uma pedra, espero por algum som. Não há nenhum. Movendo-me o mais silenciosamente possível, checo os quartos do primeiro andar. Cheiram a mofo; os móveis estão cobertos com lençóis por anos.

Ainda parecem exatamente os mesmos.

Meu coração aperta quando chego ao início da escada. “Ellis...” digo em voz baixa. Subo as escadas de dois em dois degraus. Quanto mais perto chego, do quarto onde ela se mantém reclusa há anos, mais forte o cheiro pútrido se torna. “Ellis!” Grito. Sinto uma crescente sensação de medo quando me aproximo da porta. Está aberta. Nenhum ruído vem de dentro.

TILLIE COLE
SICK FUX

Levanto minha arma e paro encostado ao lado da parede. Respiro fundo. Apoiando-me no treinamento intensivo dos Rangers pelo qual passei nos últimos meses, entro lentamente no quarto — o quarto de Ellis — com o coração na boca. Minha respiração parece que ia parar enquanto faço uma pausa antes de virar a esquina para olhar o lugar, o lugar onde ela sempre estava sentada. Fecho os olhos por um segundo, depois conto até cinco e viro para olhar o resto do quarto. Congelo. A cadeira de Ellis desapareceu. Suas roupas escuras, as roupas que ela sempre usa, estão em uma pilha no chão de madeira... e então sinto o sangue fugir do meu rosto. Um par de pés desponta pelas sombras, perto do banheiro. Forço meus pés a se moverem, um passo relutante após o outro, até que sinto algo debaixo do meu sapato. Olho para baixo e vejo uma poça de sangue coagulado, agora quase preto. “Ellis,” sussurro, sentindo os músculos no meu peito rasgar em dois, apenas para congelar quando um corpo mais velho aparece.

Ando cautelosamente, pé ante pé, cada vez mais perto, até ver o rosto inexpressivo, mascarado pela morte da Sra. Jenkins. Ela parece olhar para a janela que Ellis costumava sentar e olhar para fora. Agacho, para verificar o seu pulso, quando vejo o corte profundo em sua garganta. A ferida tem um vermelho desbotado, a pele totalmente aberta, revelando a carne embaixo. Mas o sangue está seco e frio, manchando sua pele e o chão ao seu redor.

Com o coração disparado, entro em ação. Vasculho a casa. “Ellis!” Grito, minha arma estendida diante de mim, procurando por algum sobrevivente. Onde foi parar a minha mais antiga e melhor amiga? “Ellis!” Chamo através de corredores na parte dos fundos, corredores que eu nem sabia que existiam. Corro pelas escadas e pelos quartos, com o medo penetrando em meus ossos, até parar.

Uma parada completamente mortal.

Há um buraco no chão de madeira diante de mim. Era desigual, as bordas são irregulares, claramente cortadas com uma serra.

Que diabos...?

Com cuidado, me arrasto para a frente e olho para baixo. Uma corda está no chão do andar de baixo, cercada por fragmentos de madeira, os restos de uma cadeira. Olho mais de perto e reconheço instantaneamente. “Ellis,” digo suavemente, meus olhos arregalam quando percebo o que deve ter acontecido.

Alguém a pegou.

“Ellis!” Instintivamente chamo novamente e procuro no bolso o meu celular. Pressiono o número da terceira pessoa na discagem rápida. “Tio,” arfo, sem fôlego, enquanto corro para o quarto de Ellis e para o corpo apodrecido da Sra. Jenkins. “Você deve chegar à propriedade Earnshaw agora. Temos um sequestro em nossas mãos.”

***

“Onde está o Earnshaw?” Meu tio pergunta enquanto a equipe forense pega amostras do quarto e os funcionários do necrotério começam a remover o corpo da Sra. Jenkins.

Passo a mão pelo cabelo, segurando o chapéu de Ranger em minha mão livre. “Foi embora há alguns anos. Ele geria o negócio daqui, com os seus sócios, durante décadas. Eu costumava vir aqui para brincar com a Ellis quando éramos crianças. Todos foram embora anos atrás, quando houve algum tipo de problema com o negócio.” Dou de ombros. "Não faço ideia para onde foram. Foi... algo muito estranho.”

A testa do meu tio enruga em concentração. “E Ellis?”

Meu peito aperta. “Ela teve um colapso anos atrás, quando estava no meio da adolescência.” Olho para o local onde ela sempre se sentava. Eu a visitava todas as semanas, desde que descobri que

estava doente. Conversei com ela. Mas ela nunca falava nada. Apenas olhava pela janela, silenciosa, olhos completamente desprovidos de vida. Lembro de quando ainda éramos crianças. “Ela nunca foi autorizada a sair dessa propriedade quando éramos jovens. Uma vez, perguntei a minha mãe por quê. Ela me disse que Ellis tinha alguns problemas.” Encolho os ombros. “Ansiedade ou algo do tipo, sobre sair de casa. É por isso que ela foi educada em casa. Seu pai disse a minha mãe que só piorou depois da morte de sua mãe.” Balanço a cabeça com tristeza. “Acho que ela nunca deixou este lugar... então teve o colapso. Acho que ela sempre teve uma mente frágil.”

“Então, talvez ela possa ter enlouquecido e matado sua própria babá?” Meu tio cogita.

Veementemente, balanço a cabeça. “Não, você não entende” digo abruptamente. “Ela era praticamente um zumbi. E mesmo que, de alguma forma, tivesse encontrado um caminho de volta para si mesma, não tem a mínima possibilidade dela fazer algo assim.” Olho em volta do quarto rosa. “Ellis Earnshaw é a pessoa mais doce e inocente dessa terra.” Meu estômago revira quando penso em como, quando criança, ela se vestia como Alice no País das Maravilhas e fingia que estava bebendo chá. “Ela é delicada.” Meu coração fica destroçado quando penso na concha vazia que ela se tornou. “Ela é frágil demais para o mundo. Facilmente manipulada. Muito vulnerável.” Minha boca, que tinha um sorriso nostálgico, cai. Apenas uma pessoa vem à mente. O idiota que a tirou de mim. Levou minha melhor amiga e a moldou em seu filhotinho...

O fodido Heathan James.

Mas ele está morto. Ou pelo menos, pressupõe-se que esteja morto. Desapareceu quando éramos crianças, partindo o coração de Ellis. Ele sempre foi egoísta. Tentei vê-la uma vez, meses depois, assim que descobri por minha mãe que ele a havia deixado completamente sozinha. Mas foi o início da espiral de Ellis na escuridão. O fodido Heathan James a deixou só, e arruinou sua maldita vida.

Esse idiota parece melhor morto ou desaparecido. Havia algo estranho com ele. Como se vivesse com o mal nas veias. E no momento em que colocou os olhos em Ellis, ele não fez nada mais que corrompê-la, e devorar seu espírito e sua graça.

O toque do celular do meu tio corta minha raiva latente. Afasto a imagem de Heathan, com suas roupas esquisitas e estranhos olhos cinzentos. Concentrei-me, em vez disso, nos olhos do meu tio, que pairavam sobre mim.

“Estou a caminho.” Meu tio termina a ligação e coloca o celular no bolso.

“O que foi?”

“Assassinato,” responde. “Amarillo.”

Meu coração começa a acelerar. Meu tio ocupa uma posição no alto escalão do Texas Rangers. Desde criança, eu queria ser como ele. Comecei a treinar no minuto em que fiz dezoito anos. Agora, aos vinte e dois anos, estou realmente aprendendo minha profissão. Mesmo quando estou oficialmente em licença, nunca tiro o dia de folga. Em vez disso, eu o sigo, o melhor. Sim, é um caso flagrante de nepotismo, mas meu tio aprova. Ele consegue ver o quanto eu quero isso. Tive duas semanas de férias. Para mim, isso se resumiu em duas semanas dos casos mais importantes para observar e entender.

“Quando vamos partir?” Eu o sigo enquanto ele se vira e sai do quarto.

“Agora.”

***

“Puta merda,” sussurro baixo enquanto observo a cena diante de mim. Passamos por corpos em nossa rota para o escritório em

TILLIE COLE
SICK FUX

uma residência isolada, para onde fomos chamados. Guarda-costas. Quando o próximo turno de guardas começou, eles imediatamente comunicaram o assassinato.

Era uma carnificina.

Sigo meu tio até o escritório. E mal dou um passo à frente, já paro bruscamente. Um homem, esfaqueado até a morte, está caído na cadeira do escritório contra a parede. Afasto os olhos da visão sangrenta de seu cadáver até a escrita acima. O rabisco está confuso, quase infantil. Aperto os olhos para descobrir o que dizem. Assim que entendo, meu tio diz em voz alta: “Sick Fux.”

Ele se aproxima da escrita e passa o dedo pela borda de uma das letras. Leva ao nariz o material rosa que usaram para escrever e depois esfrega entre os dedos. “Batom?” Sobrancelhas franzidas, ele tira um lenço do bolso e limpa os dedos.

Ao examinar mais de perto a escrita, vejo que ele está certo. “Batom?” Pergunto. “E o que diabos é Sick Fux?”

Meu tio coloca suas mãos nos bolsos. “Posso afirmar que a pessoa, ou pessoas, responsáveis.” Ele se agacha ao lado do corpo e observa as feridas. “Brincaram com ele.” Ele estuda a fita em torno dos pulsos do homem. “O amarraram e brincaram com ele como se fosse um simples pedaço de carne.”

Sem olhar para trás, para os investigadores designados ao caso, pergunta: “Nós temos um nome?”

Um investigador abre o bloco de notas. “Sr. Lester Knowles.”

Esse nome soa familiar. Busco em minha memória tentando descobrir o motivo. Vou até a mesa e analiso alguns papéis, o nome dele tocando repetidas vezes em minha cabeça. *Lester Knowles... Por que esse nome soa familiar*?

Meu sangue gela quando a resposta me atinge. Viro para olhar meu tio. “Lester Knowles era um dos colegas do Sr. Earnshaw. Um associado em seus negócios.”

Meu tio vem em minha direção. “Earnshaw? A menina desaparecida?”

“Ellis," digo e sinto que tudo dentro de mim congela em apreensão. “Ela o chamava de tio. Ele não era de sangue. Mas esse — aponto o cadáver — era um dos melhores amigos do seu pai. Praticamente ajudou a criar Ellis.” Meu rosto fica pálido. “Você acha que estão conectados?” Escuto o medo soar em minha voz. “O sequestro de Ellis, morte de Sra. Jenkins e essa morte... você acha que estão ligados?”

Meu tio olha para a sala. Sei o que ele está pensando. Já o vi fazer isso ao longo dos anos. “Talvez,” diz em voz alta. “Você disse 'eles' — os chamados tios e o pai da menina — deixaram a propriedade?” Concordo. “Por quê?”

“Tiveram que se mudar quando seus negócios foram transferidos. Isso é tudo que sei. Um dia estavam todos lá; a seguir, eles se foram, deixando Ellis para trás aos cuidados da Sra. Jenkins. A Sra. Jenkins alegou que Ellis não podia ser removida, por que precisava ficar perto dos seus médicos. Por sua fraqueza mental.”

“Quantos desses tios estavam lá?”

Puxo um fôlego. “Cinco, talvez seis? Eu era muito jovem quando os conheci. Eles conversavam bastante comigo, até me convidaram algumas vezes para ficar para jantar e tal. Mas você sabe como mamãe é sobre o jantar em família. Nunca me deixou perder um, então eu nunca cheguei a conhecer o Sr. Earnshaw e os tios de Ellis muito além dessas conversas passageiras.”

Meu tio olha por cima do meu ombro para um dos seus Rangers. “Precisamos descobrir quem eram todos os associados de Earnshaw e onde moram.” Ele olha para mim, em seguida, de volta para o seu investigador. “Nós também precisamos do aviso de pessoa desaparecida para Ellis Earnshaw.”

"Você *acha* que eles estão conectados," digo. Olho para o tio Lester esparramado na cadeira, banhado em seu próprio sangue. Penso na Sra. Jenkins, também assassinada brutalmente... então penso em Ellis. Se a tiverem... se a machucarem...

Meus punhos cerram.

"Sick Fux," diz meu tio enquanto olha para o rabisco escrito com batom rosa. "Isso implica mais de uma pessoa, talvez um grupo?"

"Um grupo responsável por vários cadáveres e um sequestro," acrescento.

Meu tio balança a cabeça. "Apenas marcaram este assassinato como deles. Talvez estejam conectados ao caso Earnshaw, mas por agora, não podemos afirmar."

"Então, o que vem a seguir?" Sigo meu tio pela sala, respirando o ar fresco assim que caminhamos para fora.

"Tentamos obter as filmagens das câmeras de segurança, primeiro. Espero que não as tenham destruído. Então, descobrimos quem são essas pessoas."

Concordo. "Você acha que vão atacar outra vez?"

Meu tio tira um cigarro do bolso e acende. Olha através dos campos que cercam a propriedade tranquila. "Vamos ver." Inclina a cabeça em direção ao céu. "Quero falar com todos esses 'tios' e o próprio Earnshaw. Pode ser um incidente isolado. Podem estar ligados. Mas, independentemente, precisamos dizer a Earnshaw que sua filha está desaparecida."

Ellis. Penso enquanto olho pelos campos também. *Vou te encontrar, prometo*. E *nós iremos fazer o melhor por você. Vou obter a melhor ajuda possível.*

Com a determinação instalada no meu íntimo, coloco o chapéu no lugar. Não permitirei que alguém a machuque outra vez.

Não depois daquele demônio errante, Heathan, rasgar seu coração e sumir.

Está é a minha segunda chance de salvá-la. Para trazer de volta à vida, a garota mais doce que já conheci.

Eu prometo.

MILLIE COLE
SICK FUX

CAPÍTULO 10

O Gato Risonho



Dolly

Termino de passar o delineador e me recosto na cadeira. Olho para o meu reflexo no espelho da penteadeira e sorrio com satisfação. Agora, estou igualzinha a ele.

O som da porta do banheiro se abrindo faz eu me virar e encarar Rabbit. Ele passa pela porta de cabeça baixa e meu estômago se contrai. Meu Rabbit está agindo de forma estranha durante toda a manhã. Viajamos para outro lugar. E durante todo caminho, Rabbit permaneceu quieto. Em nosso quarto de motel, dancei e cantei, mas ele não sorriu como costumava fazer. Em vez disso, sentou na ponta da cama e afiou a lâmina de sua bengala. Desmontou a arma e limpou as peças.

Tento pensar em maneiras de deixá-lo feliz. Esta é a única coisa que acho que pode funcionar. Brinco com minha nova maquiagem todos os dias. Uso azul em meus olhos, rosa em minhas bochechas e um monte de rímel em meus cílios. Coloco cílios postiços por cima, então fico parecendo uma boneca. Rabbit gosta quando pareço com uma boneca. Ele gosta especialmente dos meus

grandes lábios cor de rosa. Ele olha para eles com frequência e sempre lambe os lábios enquanto olha.

Isso me deixa molhada entre as pernas. Isso me faz querer me tocar, como fiz no banho... e na cama com Rabbit. Mas Rabbit se afastou de mim após aquela noite. Não acariciou mais minha bochecha. Não me abraçou enquanto eu dormia. Dormia no chão ao lado da cama, isso quando dormia. Na maioria das noites, simplesmente se encosta contra a parede, olhando para o vazio. Suas narinas dilatam, suas mãos contraem, e isso parte meu coração. Não sei o que fiz para irritá-lo. Não quero desagradá-lo. Só quero fazê-lo feliz. Ele é a coisa mais importante da minha vida.

Rabbit coloca o longo casaco, virando suas costas para mim. Ele não me olha, pronta e linda, sentada na cadeira. Minhas sobrancelhas levantam quando ele pega sua bengala e depois as chaves do carro. Tudo, exceto minha maquiagem e a boneca, já estão no carro aguardando nossa partida.

Passo a mão suavemente pelo meu vestido e limpo a garganta. Rabbit encolhe os ombros. Levanto, sentindo o calor que vem de fora beijar a pele nua das minhas coxas. Então Rabbit se vira. Quando faz isso, afasto o cabelo do rosto, empurrando-o sobre o meu ombro esquerdo.

Seus olhos atormentados estão fixados em mim. Meu olhar desce para a sua mão tatuada que segura a bengala com cabeça de coelho. Se aquele pobre coelho em sua bengala estivesse vivo, seu crânio já teria sido quebrado como se fosse um ovo. Rabbit agarra sua bengala com tanta força que os nódulos dos seus dedos estão brancos.

Segurando a bainha do meu vestido, em ambos os lados, fico me balançando de um lado para o outro, olhando para ele por baixo dos meus cílios. “Você gosta, Rabbit?”

As suas narinas se dilatam, assim como seus olhos. Seus dentes percorrem o lábio inferior e vejo as suas partes íntimas

incharem debaixo da calça. “Mmm,” murmuro ao me aproximar de Rabbit. Ele fica imóvel, mas observa meus passos. Enquanto caminho, suas pupilas se dilatam e meu coração começa a bater mais rapidamente. Um formigamento brota entre as minhas coxas; sei que o agrado com o que estou fazendo.

“Você gosta, Rabbit?” Pergunto novamente e paro logo na frente dele. Não consigo afastar meus olhos, coma forma que ele me olha. Rabbit sempre me observa assim. Ele olha pra mim fixamente, e encara, e encara. Então seu olhar desce e ele observa o pulsar latejante no meu pescoço. “*Sua veia...*” ele sempre sussurra quando acha que estou dormindo. “*Sua veia... tão grossa... tão cheia...*”

Minha respiração vacila enquanto mantenho os olhos fechados, fingindo-me de morta. Eu os mantenho fechados, já sabendo o que viria a seguir: sua boca, ficaria pairando logo acima dessa veia. Seu dedal afiado, tocaria levemente meu pulsar, como se fosse uma pena. A respiração quente sopraria sobre minha pele, disparando arrepios pela minha coluna. Então, viria a ponta da língua. Sua ponta molhada traçando a veia tão completamente, nunca se afastando de sua trilha. Rabbit gemeria baixinho em sua garganta, tocando o pau entre suas pernas. Acariciando-se, com sua mão de um lado para o outro, cada vez mais rápido, lambendo minha garganta até se acalmar e sua respiração vacilar.

Dou uma espiada, através dos meus olhos quase fechados, quando ele se senta de costas contra a parede, seu pau pendurado em suas calças, grande e longo, fazendo eu me contorcer. Vejo os seus olhos se fecharem, e o dedal com a ponta afiada se cavar em sua pele. Cavando bem na veia em seu pulso... exatamente sobre o relógio tatuado que se parece com o relógio de bolso em seu colete. O sangue brotaria e ele iria esfregá-lo ao longo de seus lábios. Sugaria a carne, vermelha e crua; sua língua correria devagar e com cuidado sobre o sangue – degustando-o e... desfrutando.

Queria que aquele sangue fosse meu.

Queria que ele me provasse daquela maneira.

Queria me misturar com ele assim: sangue com sangue.

Fundindo-nos.

“Foda-se Dolly,” Rabbit murmura, me puxando de volta para o aqui e agora. Tento acalmar o vermelho que sobe às minhas bochechas. Mas seu olhar prateado apenas as deixa ainda mais quentes. Ele estende a mão, sua mão travando logo antes de tocar meu olho esquerdo. “Números romanos,” sussurra. Balanço a cabeça, sorrindo, embora as minhas pernas tremessem com a intensidade de seu brilho.

“Eu desenhei para você.” Aponto para os relógios que marcam sua pele. “Nós somos o Sick Fux. Tique taque, Rabbit. Agora, nós estamos combinando. Rabbit e Dolly... caçando homens maus que estão com os dias contados.” Toco o relógio desenhado com delineador preto em volta do meu olho esquerdo. “Tique taque, Rabbit. Agora e para sempre. Tique taque.”

Ele não fala nada depois disso, apenas olha fixamente. Quero que ele diga alguma coisa. Quero que ele toque minha bochecha, meus lábios, o relógio ao redor do meu olho. Mas quando não o faz, sinto meu coração murchar.

“Nós precisamos ir,” diz quando passa por mim. Luto contra as lágrimas, enquanto reúno minha maquiagem da penteadeira. Coloco o batom no bolso, e seguro o cabelo da cabeça da Alice. Fecho a porta do motel e entro no sol brilhante, inclinando minha cabeça enquanto caminho na direção do carro. O rosto rachado de porcelana chinesa da Alice bate na minha perna a cada passo.

Entro no carro. Quando Rabbit sai do estacionamento, pressiono o ‘play’ no aparelho de som. Assim que uma das minhas músicas dos anos oitenta começa a tocar, Rabbit estende sua mão e bate no ‘pause’ do aparelho. “Sem música hoje,” diz friamente e sinto um arrepio gelado, por causa do seu tom escuro que se infiltra em meus ossos. Mesmo que o sol quente arda em minhas

bochechas pintadas de rosa, eu me sinto como se tivesse entrado em um congelador.

Rabbit me deixa quente.

Ele é o único que consegue fazer isso.

Não gosto desse lado do Rabbit. Faz o meu coração doer.

Lutando contra as lágrimas, pego o batom, puxo para baixo o espelho do quebra-sol e começo a desenhar. Contorno os lábios, em seguida, aplico o batom nos cantos.

Sento-me e estudo o meu reflexo.

Dolly, agora, está com um rosto triste.

Não sei se Rabbit percebe. Ele não diz nada enquanto nós dirigimos ao longo das estradas vazias. Nenhum carro passa por nós, enquanto estamos perseguindo o sol no céu. Abraço Alice contra o peito, fungando com minha tristeza quando se torna demais para suportar.

À medida que o tempo passa mais e mais, e ele continua sem olhar para mim, retiro minha lâmina da bolsa branca, com formato de bule, que Rabbit havia comprado para mim. “Nós somos o Sick Fux,” sussurro, praticando para o assassinato. “Você, Gato Risonho, nunca mais vai sorrir...” meu lábio se curva no canto, orgulhosa do que eu havia dito. De repente, Rabbit joga o carro para o lado da estrada e pisa nos freios. Sou arremessada para frente, minha lâmina escapa das minhas mãos e vai parar ao lado das minhas botas.

“Ele é meu,” Rabbit rosna, as mãos segurando o volante com tanta força que chego a temer que ele vai quebrá-lo.

“O-o quê?” Sussurro, sentindo o coração vibrar, quando o pescoço tatuado de Rabbit se estende e incha, cheio de veias saltadas.

Minhas sobrancelhas se arqueiam e um fogo se acende no meu estômago. Eu viro o rosto para Rabbit, que está a um centímetro do meu. Rangendo os dentes, encontro seus olhos e digo a ele "Eu sou a campeã do País das Maravilhas. Encarregada de destruir os homens maus." Estreito o meu olhar. "O gato Risonho é *meu*."

Um som que se parece com um gemido misturado com um rosnado derrama da boca de Rabbit, e vejo seus lábios se curvarem nos cantos. Ele se mexe no assento. Quando olho para baixo, a protuberância em sua calça está de volta. Mas ele está mais duro do que nunca. A forma do seu pau é visível através de sua calça preta. Rabbit balança a cabeça lentamente. Resmunga para mim. "Minha pequena e doce Dolly," diz calmamente... ameaçadoramente... a*morosamente.* "Você precisa ter cuidado, ao me provocar desta maneira." Ele ergue a mão esquerda e sinto a ponta do dedal comprido e afiado rastejar pelo meu pescoço, ao longo da minha veia. A veia que ele gosta de lamber quando estou dormindo.

A ponta do dedal percorre o meu pescoço, meu queixo, até chegar à minha boca. Os olhos de Rabbit brilham, quando ele se concentra no meu batom, uma moldura para o olhar franzido que agora se curva diante dos meus brilhantes lábios cor de rosa. Sua cabeça inclina para o lado e seus olhos seguem o caminho do batom. Ele respira fundo. "Você fará o que eu mando, pequena Dolly. *Eu* sou o Coelho Branco. *Eu* mostro o caminho..." sua cabeça se endireita. "*Eu* controlo você, no País das Maravilhas."

Fico sem fôlego, meus olhos brilhando intensamente, quase se fechando, como se suas palavras, suas ordens, fossem uma corda presa ao meu coração. Arrancando e puxando, prendendo-me em seu aperto. Seu dedal viaja para baixo enquanto sua respiração pesada toca o meu rosto. Viaja para baixo, até correr sobre a elevação dos meus seios. Dançando sobre o decote do meu vestido azul, para frente e para trás... para frente e para trás...

"Você vai obedecer, *querida*," ele ordena bruscamente e eu me mexo no meu assento. Coloco minha mão entre as minhas pernas e arqueio meu corpo em sua direção; um ímã, um puxão de necessidade, enquanto meus gemidos viajam pelo o ar ameno. Um pássaro acima de nós o ouve, e se afasta com suas costas emplumadas. Eu me balanço para trás e para frente enquanto o dedal de Rabbit me mantém presa. "Hoje, você vai ficar de lado e assistir."

"Sim," falo ofegante, passivamente.

"Hoje, você vai observar seu mestre trabalhar."

"Sim." Meus dedos se movem mais rapidamente.

Formigamento. Calor. Pressão... Tanta pressão... Aumentando... Crescendo... Crescendo...

"Hoje você vai me observar. Vai assistir o assassino a quem você pertence. Vai ver como ele recupera o que o Gato Risonho tirou de você." Ele se inclina para frente, e minha boca se abre quando chego ao pico, como se uma alta onda começasse a subir através do meu corpo.

"Sim!" Grito.

"Hoje," Rabbit sussurra diretamente no meu ouvido, movendo-se para frente até que sinto a suavidade da sua gravata contra o topo dos meus seios. "Hoje você vai assistir enquanto seu mestre rasga um homem. Você vai me ver esfaquear, cortar e me banhar no sangue imundo dele... mais e mais e..."

"Sim!" Grito, minhas pernas se separando quando sou varrida pelo prazer, um calor tão intenso que pareço ter sido incinerada, apenas para me transformar em uma pilha de patéticos ossos, pele e carne. "Sim..." Caio contra o assento. "Sim... Rabbit... *Sim...*"

O dedal que estava em meus seios recua, mas sua mão forte acaricia minha cabeça. Abro os meus olhos apenas para ver dois

olhos negros me observando, somente um pequeno contorno cinza em suas bordas. “Boa Dolly.”

Sorrio. Deixei o meu Rabbit satisfeito.

Prendo minha respiração enquanto o Rabbit coloca o carro de volta na estrada. Logo depois, fazemos uma curva à direita e começarmos a descer por uma estrada de terra. Rabbit para em uma velha casa de madeira e estaciona o carro fora de vista. Arbustos nos camuflam, como também aconteceu com a Lagarta. Prestes a falar, viro-me para Rabbit, mas ele faz um sinal com sua mão no ar. Fecho minha boca e olho pela fresta dos arbustos. Um homem sai da casa de madeira.

Meus olhos se estreitam – o Gato Risonho.

O olhar de Rabbit o segue, enquanto o homem caminha até um celeiro na parte de trás da sua propriedade. Rabbit pega sua bengala e pressiona o gatilho da cabeça de coelho repetidamente. O Gato Risonho desaparece no celeiro.

O ar a nossa volta fica denso. “Rabbit?”

“Ele é meu,” sussurra, olhando para mim, exigindo minha obediência.

Balanço minha cabeça respeitosamente. “Sim, Rabbit.”

Ele parece tão cruel, com um véu de escuridão descendo sobre o seu rosto, que espero um longo segundo antes de sair do carro. Rabbit não tira os olhos daquele celeiro.

Em seguida, começamos a nos mover.

Sigo Rabbit, com minha Alice na mão, arma em meu cinto e lâmina na minha mão direita. Rabbit aumenta sua velocidade, assim, eu também o faço.

Então, nós chegamos à porta do celeiro.

Rabbit para. Vejo suas costas quando ele congela, sólido e tenso. Gira o pescoço de lado a lado. Ouço o estalo que ricocheteia nas paredes do celeiro de madeira.

Rabbit parte sua bengala em duas, uma arma em cada mão. Fico para trás, esperando que ele lidere o caminho. Meu acelera, com antecipação.

Rabbit pula para frente e abre as portas do celeiro. Ele invade. Eu sigo atrás. Mas tudo o que nos recebe é... um celeiro vazio.

A cabeça de Rabbit se vira de um lado para o outro. Sinto sua raiva pulsar em ondas. Verifico o celeiro, mas não há nada. Rabbit avança, procurando nas paredes. Faço o mesmo. Então, para. Corro para onde ele está agachado, olhando para uma porta no chão.

“Outro buraco de coelho?” Sussurro.

Rabbit olha para mim através de seus cabelos caídos. “Isso não é bom,” diz, e depois para. “Ou talvez seja...” Sorri de um jeito perigoso. “Depende. Se arruinar alguém pode ser classificado como bom...”

Sorrio, transformando a carranca do meu rosto pintado com batom.

“É bom,” respondo. “Realmente, muito, muito bom.” Eu me abaixo. “Talvez até seja tão bom quanto uma torta de morango.”

Rabbit olha para baixo e seu sorriso some. Silenciosamente, levanta a madeira pesada da porta e desce a escada. Sigo atrás, minhas mãos se apertando enquanto nossa sede por sangue nos atrai mais para baixo.

Quando chegamos ao fundo, um facho de luz brilha no final de um corredor estreito. Rabbit coloca o dedo sobre os lábios. “Shh,” sussurra. Concordo, obedientemente. Meu pulso está em chamas enquanto sigo Rabbit mais para dentro do buraco.

De repente Rabbit para. Uma sensação gelada atinge minha espinha, quando ouço um som familiar que vem do quarto no final do corredor. Meus olhos se fecham.

Ecos das histórias de Ellis sobre os homens maus voltam a me provocar...

Ele me pegou pela minha mão e me levou até o quarto dele. Fui forçada a ficar diante de uma cama, Dolly. Ele me curvou e tocou entre as minhas pernas. Ele brincou comigo, Dolly... e então ele se enfiou dentro de mim. E eu gritei... gritei, gritei e gritei... e chamei Heathan. Chorei e chamei Heathan... Uma vez, e mais outra... Mas ele nunca parou...

Balanço a cabeça, o corpo tremendo, enquanto pisco, me obrigando a voltar para o presente. Estou suando, a história de Ellis me deixando enjoada... fazendo-me sentir raiva... fazendo sentir... *Aquilo*! Aquele som. O som vindo do quarto... é o mesmo. Parece o mesmo que Ellis havia descrito, é...

Rabbit ruge e corre em frente. Ele invade o quarto. Com um grito agudo, vou atrás dele. Uma lâmpada, pendurada no teto, nos ilumina quando entramos na cena.

O Gato Risonho... O Gato Risonho... um menino. Meu corpo vibra de raiva quando vejo um menino, com não mais do que dez anos, inclinado sobre uma cama velha e suja na lateral do quarto. Seus olhos escuros e fundos, se levantam, e fixam-se nos meus.

Ouço um gemido atrás de mim. Quando me viro, há uma gaiola. Dou um passo à frente, minha lâmina preparada para tirar sangue e vejo dois olhos azuis. Uma jovem com longos cabelos loiros olha para mim.

"Ellis?" Sussurro. Os olhos dela se lançam para algo atrás de mim... então me viro, também.

"Adivinha quem é?" Rabbit provoca enquanto agarra os cabelos do Gato Risonho e o arranca de cima do menino. O garoto

cai para frente, com as mãos na sujeira, suas calças em torno dos tornozelos. Rabbit gira o Gato Risonho e o joga contra a parede mais próxima.

O menino corre em direção a jaula. Eu abro a porta. A menina e o menino ficam me olhando com olhos enormes. “Corram, corram, pequeninos,” insisto. O menino estende sua mão para a menina, puxando-a de pé. Quando eles passam correndo por mim, eu me coloco no caminho da menina e pergunto, “Ellis? Você é Ellis?” Inclino a cabeça para o lado. Acho que ela parece familiar, talvez alguém que eu tenha conhecido há muito tempo, com seu longo cabelo loiro e seus grandes olhos azuis. Ela só deve ter cerca de dez anos de idade.

Ela balança a cabeça, cruzando os braços em torno de si mesma. “Ela se chama Helena” diz o menino.

“Helena” repito. Um nome tão belo. “Corram.” Sorrio e aceno com minha lâmina. “A menos, claro, que vocês queiram ver um pouco de sangue ser derramado.” Acrescento com emoção. Sei que vai ser divertido assistir.

As crianças correm. Sorrio. As crianças não tinham ideia do show que vão perder! “Corram, corram crianças. O gato está prestes a ronronar, e ronronar!”

Giro e agarro o cabelo da boneca Alice ao meu lado.

“Impossível,” o Gato murmura para Rabbit, que o está segurando pelo pescoço, o encarando.

Rabbit desliza a lâmina sobre o rosto do Gato. “É bem possível.” Em seguida, o Gato olha na minha direção.

Seus olhos se apertam. “Ellis? Ellis Earnshaw?” Pisca. “Você está melhor?”

Concordo e dou um tapinha na minha cabeça com minha lâmina. *Esse* nome me corta por dentro. “Ellis, Ellis, Ellis. Por que todo mundo continua me chamando de Ellis?” Ando para a frente,

mas paro quando Rabbit vira o rosto furioso para mim. Aceno com a cabeça e espio por cima do ombro de Rabbit, dizendo, “O que há de novo, bichano?”

Os olhos do Gato se arregalam. Sorrio e cantarolo uma música de provocação bem baixinho. “Pobre do gatinho, coitadinho. Meu Rabbit furioso vai pegar você.” Pulo até o canto do quarto e sento na borda de uma das mesas que estão ali. Os olhos do Gato me perseguem por todo o caminho. “Gatinho maldoso, muito malvado. É hora de acertar as contas!”

“Que porra é essa?” Pergunta o Gato, exatamente ao mesmo tempo que Rabbit levanta sua lâmina e corta toda a sua boca. O Gato grita. Dou risada, batendo palmas. Rabbit agarra o cabelo do Gato e corta-o novamente. A carne do Gato foi cortada na altura das bochechas. Arregalo os olhos para enxergar melhor, e de repente, compreendo o que Rabbit havia feito.

“O Gato Risonho!” Balanço o traseiro sobre a mesa, com felicidade. “Você deu um sorriso a ele, Rabbit, o sorriso largo do Gato Risonho!”

Mas minha felicidade evapora quando olho para a parede atrás de mim e vejo muitas e muitas fotos. Pulo enquanto Rabbit arrasta o Gato até uma mesa no canto da sala. Rabbit agarra algumas cordas que estão pendurados na parede ao lado dele.

Concentro minha atenção nas fotografias. Não gosto delas. Na verdade, eu as odeio. Odeio tanto que balanço a cabeça e fecho os olhos para bloquear as imagens. “Rabbit!” Grito, quando um soluço escapa da minha garganta.

Sinto ele ao meu lado em poucos instantes. Quando olho em volta, vejo o Gato amarrado com cordas à mesa. Aponto para a parede. “As fotos, Rabbit.”

Rabbit encara a parede e estuda as imagens desagradáveis. Vejo que ele se contorce com a imagem do Gato Risonho, enfiando-se dentro de todas aquelas crianças do País das Maravilhas,

meninas e meninos indefesos. Ele olha para as crianças que estão chorando, gritando... e o Gato malvado, rindo. Rindo, sorrindo para a câmera... repugnantemente, com o sorriso do Gato Risonho.

Um grito rouco irrompe da garganta de Rabbit. Lentamente, encaixa as duas partes da sua bengala. Ele a deita sobre a mesa na qual eu estava apoiada. Sento numa cadeira ao lado dele. Olho, tentando afastar as lágrimas, enquanto Rabbit desabotoa o casaco e o tira de seus ombros. Coloca-o cuidadosamente sobre a mesa ao meu lado. Desabotoa as abotoaduras e enrola as mangas da sua camisa até os cotovelos. Pegando sua bengala mais uma vez, caminha até o Gato malvado, que está olhando para ele com olhos arregalados.

Não gosto daqueles olhos.

“Dolly querida,” Rabbit diz, parando atrás do Gato.

“Sim, Rabbit?”

“Venha aqui.”

Levanto-me da cadeira e caminho até o meu Rabbit. Olho para ele, esperando que fale. Rabbit passa os lábios sobre os dentes e, então, ordena, “Puxe a calça dele para baixo.”

O Gato emite um som em sua garganta. Mas não fala nada. Não tenho certeza se ele poderia fazer isso agora, depois que Rabbit lhe deu um novo sorriso, sangrento e bastante largo. Olho para a calça do Gato. Já estava aberta, de quando estava inclinado sobre o menino.

Ando por trás dele e puxo sua calça preta. Ela cai no chão, aos seus tornozelos. Minhas mãos cobrem minha boca quando uma risada escapa de mim. Balanço a cabeça e mostro a língua em desgosto. “Eca!” Digo enquanto olho para sua bunda feia, peluda e o flácido pau, pendurado entre suas pernas.

Olho para o Rabbit e tiro as mãos da boca. Meu estômago revira e meu coração se entristece com o olhar no rosto dele,

enquanto ele olha para a bunda nua do Gato. Sua mão aperta sua bengala.

"Toma, garoto," diz Rabbit, tão baixinho que quase não ouço. Mas o Gato malvado ouve bem. Seu rosto fica branco. Rabbit levanta a bengala e desembainha sua lâmina e arma. "Chupa, garoto." Começa a andar em volta do Gato. Meu estômago se aperta. Mas não me atrevo a me mover. Não consigo tirar os olhos do rosto de Rabbit. Não estou mais rindo.

Ele está sofrendo.

Meu Rabbit... ele está sentindo tanta coisa.

Meu Rabbit está sentindo muita dor.

"Sinta o meu pau." Rabbit ergue sua lâmina no ar. Ele estuda a lâmina quando sua voz fica ainda mais rouca... até começa a falhar. Sua mão treme. "Segura aqui, o meu grande pau gordo, garotinho," diz, engasgando com as palavras.

Então ele para. Fecha os olhos e em voz alta, como uma criança, berra "Não me toque. Ninguém mais toca em mim... além de Dolly." Sussurra, e depois grita como se estivesse em agonia. "Você fez isso comigo, não suporto ser tocado... NÃO POSSO SER TOCADO, PORRA!" Rabbit se vira, a lâmina erguida, e corta com força entre as pernas do Gato. O Gato Risonho uiva quando seu pau cai do meio de suas pernas para o chão.

Mas Rabbit não terminou ainda. Como se nada tivesse acontecido, Rabbit começa a andar para trás e para frente. "Seu cheiro. Seu toque. Seus dedos. Seu pau. A sua porra. A porra da sua saliva. A sua respiração fodida! Sua respiração no meu rosto, no meu pescoço, no meu corpo, no meu pau... em cima de mim, por todo lado!" Rabbit corta e corta novamente as costas do Gato. Ele grita, mas é abafado pelo rugido de Rabbit.

Rabbit cai para frente e corta as cordas que prendiam o Gato. Rabbit o agarra pelo pescoço e o joga com força no chão coberto de

sujeira. Rabbit olha em volta da sala. Corre até o fundo do porão e pega alguma coisa em sua mão. Quando volta para a luz, vejo que é um uma pá. Rabbit vira e monta em cima do Gato, uma perna de cada lado de seu torso. Olha para o Gato e levanta a ferramenta nas mãos. Levanta um joelho. Segurando a pá com força, ele bate o cabo contra sua coxa forte. A madeira se parte em dois pedaços, deixando uma ponta longa, irregular e afiada. Rabbit joga de lado a metade com o metal. Vejo o pedaço passar por mim, enquanto estou sentada na mesa, encantada com o trabalho do meu mestre.

Ele é magnífico.

"Você me possuiu quando eu era criança," sussurra e segura o pedaço de madeira no ar. O Gato olha pra ele com os olhos arregalados, à espera do inevitável. Tenta falar, mas suas bochechas balançam demais. Sangue de suas costas vaza sobre a sujeira debaixo dele. Mas o meu Rabbit não acabou ainda. Suas costas amplas estão tensas, sua camisa e colete bem apertados. Meu coração bate tão rápido.

Meu Rabbit é tão bonito.

Meu Rabbit é um lindo, lindo, lindo assassino.

"Você me fodeu. Com tanta força que eu não podia andar." A cabeça de Rabbit se inclina para trás. Não posso ver o seu rosto, mas imagino que seus olhos estão fechados. Imagino seus lábios vermelhos cobrindo seus dentes. Imagino seu cabelo preto caindo sobre os olhos.

Eu me contorço na mesa.

Meu Rabbit é formidável.

Rabbit se agacha e desliza a ponta da madeira pelo rosto do Gato, que tenta gritar, mas se engasga com seu sangue. Rabbit corta o peito e a barriga dele com a ponta afiada.

A cabeça de Rabbit se contrai. "Tique taque..." murmura sob sua respiração. "Tique taque." Sua mão aperta a vara.

“Mata,” sussurro para mim mesma. “Mate o gatinho malvado.” Minhas mãos agarram a borda da mesa. “Mate-o, Rabbit,” digo calmamente. “Faça ele pagar pelos seus pecados.”

Meus olhos estão fixos em Rabbit quando ele se endireita, silenciosamente. Enfia a mão livre no bolso do colete e tira o seu relógio de bolso. Ele o segura em sua mão e depois o coloca de volta no colete, num lugar seguro.

Eu sei que o meu Rabbit está bem.

Ele está pronto para brincar.

“Eu olhava para o meu relógio,” informa ao Gato Risonho. “Assistia os ponteiros se movendo, esperando você terminar. Lutando contra o uísque, que você derramava para dentro da minha garganta para que eu não pudesse lutar.” Ele revira o pescoço e tudo estala. “Mas suas mãos continuavam me tocando, enquanto você continuava espalhando seu cheiro sobre mim. Empurrando seu pau podre dentro da minha bunda, uma vez e mais outra.” Rabbit rosna. Posso ver pelo contorno de seus ombros que ele está perdendo a paciência.

Meu pulso se acelera.

“Você tatuou seu cheiro e seu toque em mim. Seus gemidos estão cravados na minha mente.” Ele estremece. “Quando fecho os olhos, sinto você. Vejo você. Sinto o seu gosto. Sal, suor e sujeira.” Rabbit levanta a madeira no ar. Prendo a respiração, esperando para ver o que ele vai fazer em seguida. “Sonhei com você morto. Sonhei com o que eu faria quando encontrasse você novamente. Esperei por esse momento durante onze longos anos.” Os olhos do Gato entram em confronto com Rabbit. “Tique taque.” Rabbit bate na madeira, enfiando a ponta irregular e afiada diretamente no tronco dele. O Gato Risonho mia alto, e então grita, quando a madeira atravessa sua carne, gordura, músculos flácidos e ossos, atingindo seus órgãos vitais.

Minhas narinas inflam com excitação, quando a sede de sangue atravessa minhas veias. “Pega ele, Rabbit!” Aplaudo do meu lugar à mesa. Mas não me movo. Rabbit ordenou que eu não me movesse.

O Gato começa a balbuciar e eu me inclino de lado para ver melhor o monte de sangue jorrando de suas feridas. É vermelho brilhante, contrastando e depois se misturando com a sujeira marrom abaixo dele.

Rabbit não se move. Ele fica em cima do Gato, observando. O meu Rabbit assiste enquanto ele tenta implorar por ajuda, enquanto sangra por suas costas, seu rosto, seu pau cortado e da madeira enfiada em seu torso.

Mas não é o suficiente. O Gato malvado merece mais.

“Mais,” falo calmamente. Não tenho certeza se Rabbit me ouviu, então grito, “Mais, Rabbit. Mais!”

Rabbit fica imóvel como uma estátua. De repente, ele vira a cabeça em minha direção. Congelo, enquanto nossos olhares se cruzam... Então um sorriso lento toma seus lábios. Uma agitação atravessa meu peito, e meu espartilho, de repente, está muito apertado sob seu olhar atento.

Rabbit se curva e coloca uma mão no peito. “Como minha senhora quiser.” Aperto minhas coxas enquanto Rabbit enfrenta o Gato novamente. Eu me acalmo. Suas mãos estão fechadas em punhos. Eu me pergunto o porquê... mas não preciso esperar muito para descobrir. Rabbit se inclina e segura um dos braços dele. O Gato Risonho emite um som de dor, mas Rabbit não se importa. Rabbit estremece enquanto segura o braço do Gato. Ele o ergue no ar e depois quebra seu osso em dois. O Gato Risonho grita. Grita tão alto que ecoa nas paredes. Bato palmas, quando Rabbit se move para o outro braço e faz exatamente o mesmo.

Rabbit se levanta e vai para a parte de trás do porão, onde tinha encontrado a pá. Ele volta, um segundo depois, segurando

um pincel, que mergulha na poça de sangue e começa a desenhar um círculo em volta do Gato. Os olhos dele estão fechados agora, seu rosto perdendo toda cor.

O Gato malvado está morrendo.

Rabbit mergulha o pincel, mergulha e mergulha, de novo e de novo naquele sangue. Ele pinta um grande relógio de bolso no chão. Números romanos, como os que eu tinha desenhado no meu rosto, estão rodeando o Gato. A madeira enfiada em seu torso, torna-se o centro do relógio. Rabbit fica de pé, com as mãos e os braços cobertos com o sangue do gatinho. Ele volta para o Gato e segura um de seus braços. “Dolly,” diz ele, sem olhar na minha direção. “Minha bengala, por favor.”

Pego a bengala que está ao meu lado e salto da mesa, correndo para onde ele está. “Eca!” Aponto com a cabeça em desgosto quando minhas botas pretas ficam sujas com o sangue pegajoso do Gato.

Entrego a Rabbit sua bengala e obedeço ao seu silencioso aceno de cabeça, que me indica para voltar à mesa. Rabbit saca a lâmina e golpeia para baixo. Engulo em seco, quando um dos braços do gato se separa do seu corpo. Rabbit faz o mesmo com o outro, em seguida, guarda a lâmina de volta dentro da bengala e a joga de lado. Ele olha para o Gato, cujos olhos tinham parado de piscar há muito tempo. Para o Gato, cujos pulmões não respiram mais.

Para o Gato Risonho, cujo coração havia parado de bater.

Rabbit pega os braços decepados e os coloca em lados opostos de onde originalmente pertenciam. Ele os coloca sobre os números do relógio, como ponteiros, marcando o horário. Não sei que horas eles marcam; nunca me ensinaram a ler as horas.

Quando Rabbit recua, afastando-se do Gato e do relógio que criou, no chão de terra do porão, está encharcado com o sangue do animal. Somente seu rosto tem alguma pele limpa. Mesmo assim,

está salpicada com gotas sangrentas nas bochechas, na testa e no queixo.

"Tique taque." Rabbit admira sua obra. Seus punhos estão novamente fechados na lateral de seu corpo. "Tique taque." Seu corpo começa a tremer e ele se lança para o pincel descartado. Meu coração está na boca, um nó na garganta, enquanto eu o vejo gritando "Tique taque" ao mesmo tempo em que pinta algo na base do relógio.

Não sei o que fazer.

Ele balança sua cabeça. "Não," sussurra, sua voz falhando. Sua mão corre até o outro braço, por cima do sangue que o está revestindo. "Não!" Ele arranha sua pele. Sobre o pedaço de pele nua. Que está salpicada de sangue. "Fique longe de mim! Saia de cima de mim! Não posso ter você em mim!"

Rabbit se afasta do Gato Risonho. Ele arrebenta os botões do seu colete. Tira-o do seu corpo e o joga no chão. Sua camisa é a próxima, desnudando seu peito tatuado e sua barriga. Mas o sangue havia encharcado ele todo.

Um grito agonizante rasga de sua garganta. "Não posso ter o cheiro dele. Não posso ter seu sangue. Não posso ter sua porra. Não posso ter nada dele em mim. Fique longe de mim. Saia de cima de mim!"

Corro para ele. Não tenho um plano na minha mente enquanto atravesso o chão de terra, em uma corrida maníaca para salvá-lo. Para salvar o meu Rabbit, assim como ele me salvou.

Não penso em nada, quando me coloco à sua frente e bato com minhas mãos em suas bochechas. Eu não penso, quando fico na ponta dos pés e olho dentro dos seus olhos. E não penso quando me aproximo e capturo sua boca na minha.

Eu congelo, meus lábios selados nos seus, enquanto engulo seus gritos e me alimento de sua dor. Rabbit é macio debaixo dos

meus lábios. Sua pele está quente. Rabbit geme. Seus lábios se movem como se estivessem lutando contra o meu toque. Mas então, ele cede. Dá um gemido torturado, na parte de trás de sua garganta e entrega-se à minha boa. Entrega-se ao meu toque.

Meu coração parece inchar em meu peito, quando sua boca começa a se movimentar contra a minha. Imagens do fundo da minha mente voltam a mim. Eu quando criança no meu quarto. Rabbit no chão, sofrendo, chorando... contra a parede do meu quarto.

E eu o estou beijando. Beijando para tirar sua dor. Meus olhos se abrem confusos com a visão. Não sei de onde é. Não sei se é real. Mas antes que eu possa pensar mais sobre isso, Rabbit rosna "Dolly," contra minha boca e me empurra para trás. Minhas mãos escorregam de suas bochechas e percorrem os músculos do seu peito enquanto seus lábios devoram minha boca.

"Rabbit," sussurro e meus olhos se encontram com os dele. Suas pupilas estão dilatadas.

"O cheiro dele," diz enquanto seus braços me prendem contra a parede. "O cheiro dele... a respiração dele. Está tudo em cima de mim. Está por toda parte!" Ele passa uma mão através de seus cabelos e limpa o sangue do seu pescoço. "Preciso disso. Preciso tirar isso de cima de mim. Preciso que o cheiro dele e que a respiração dele, saiam do meu corpo e da porra da minha mente."

Mais lágrimas escorrem dos meus olhos. Passo minhas mãos pelo seu peito. "Dolly," rosna. Ele mostra os dentes e seus olhos selvagens se voltam para os meus. "Tire isso de cima de mim. Tira este filho da puta de mim!" Mas eu não faço. Levanto o queixo e olho para baixo. Faço minhas mãos se moverem mais rapidamente. Esparramando *meu* cheiro, expirando a *minha* respiração sobre sua pele.

"Meu" cuspo quando minhas mãos se movem para os seus quadris. Elas mergulham mais baixo, tocando sobre sua virilha.

“Meu cheiro,” digo, abrindo o botão da sua calça. Rabbit se aproxima de mim, sua mão esquerda vindo para minha garganta. Ele corre seu dedal com ponta afiada sobre a minha pele, enquanto sua respiração flutua sobre o meu ouvido. Seus dentes raspam contra meu ombro. Coloco a mão na parte de trás de sua cabeça e o puxo mais perto. “*Minha* respiração no seu pescoço.”

Abro a calça e a empurro para o chão. Rabbit joga a cabeça para trás e pressiona sua testa contra a minha.

Estendo a mão e agarro o seu pênis, colocando a boca em sua orelha. “Meu pau,” digo. Rabbit bate o punho contra a parede acima de mim e enterra o rosto no meu pescoço. “Espalhe meu cheiro sobre você.” Ele empurra minha mão, seu pênis inchado e duro. “Pegue minha respiração. Aceite o meu toque.” Eu mordo meu lábio e digo, “Tome minha buceta.”

Rabbit dispara. Com um grunhido baixo, ele se abaixa e levanta minha saia. Suas mãos desesperadas encontram minha calcinha de renda, encharcada de assistir a beleza daquele assassinato. Ele esfrega a bochecha e os lábios por todo o meu pescoço, o meu rosto, a parte superior dos meus seios, enquanto empurra minha calcinha para baixo e a deixa cair no chão. Seus dedos percorrem minhas dobras, e jogo a cabeça para trás contra a parede. “Rabbit,” gemo enquanto passo minhas mãos pelo cabelo preto e agarro os fios.

Sorrio quando sua respiração atinge a minha pele. “Você está me tocando.” Ele geme alto e empurra sua virilha contra mim. “Você está tirando o cheiro e a respiração dele.”

Rabbit recua sua cabeça, e seus olhos entram em confronto com os meus. Ele congela. Eu congelo. O sangue do Gato está manchado em seu rosto. Quando seus olhos ardem, eu sei que o sangue está agora no meu rosto também. Em seguida, ele está sobre mim. Ele estende a mão e abre os laços do meu espartilho. Meu seio salta para fora, ele solta um rugido e envolve seus braços fortes em torno das minhas coxas. Com uma força que só o meu

Rabbit poderia ter, ele me levanta do chão e puxa minhas pernas em volta da sua cintura. Grito, quando ele empurra a saia do meu vestido para longe e se coloca na minha entrada. Ele olha para o meu rosto com a mandíbula apertada. Eu balanço a cabeça quando ouço a voz de Ellis dentro da minha mente. *Eles me amarraram. Eles empurravam para dentro de mim enquanto eu não queria que aquilo acontecesse. Entre as minhas pernas ficava doendo. Não consigo parar de senti-los entre as minhas coxas...*

"Sai," sussurro e aperto os olhos. Não gosto de ouvir a voz de Ellis na minha cabeça. Quero tirar o toque dos homens maus por ela. Quero que Rabbit tire os homens maus do meio das minhas coxas. "Seu cheiro," digo e sinto Rabbit ainda parado. "Sua respiração, Rabbit. Dê-me seu toque... tire-os da minha pele... da de Ellis," eu me corrijo. "Tire-os do corpo de Ellis."

"Dolly." Rabbit empurra para dentro de mim. Grito, arranhando as costas nuas de Rabbit enquanto ele me preenche com seu pau ereto. Ele bate na parede com uma mão e aperta a carne da minha coxa com a outra. "Dolly..." grita de novo enquanto empurra até o fundo.

Grito. Grito enquanto fecho os olhos e luto para afastar da minha mente o toque daqueles homens... daqueles homens que sempre pegavam Ellis. Homens que a machucavam. Aqueles que sempre diziam...

"Foda-me," ordeno, tomando como *minhas* as ordens daqueles homens maus. "Foda-me, Rabbit. Tire de mim seus cheiros." Lambo a lateral do pescoço dele. "Pegue o poder de volta."

Rabbit aperta o seu peito contra mim, com um rugido dolorido. Ele pressiona sua pele contra minha pele, enquanto seu pau se move dentro de mim. Esfrega sua bochecha contra minha bochecha, seus lábios contra meus lábios. Ele me inspira enquanto eu o inspiro e então ele começa a empurrar. Ele move os quadris para trás e para frente e me enche com o seu pau. Substituindo o pau do homem mau de Ellis.

Minhas unhas cavam nas costas dele. “Rabbit,” murmuro, quando as vibrações de prazer tomam conta do meu corpo, como sempre acontece quando me toco entre as pernas, passam a atingir meus braços e pernas.

“Dolly,” diz Rabbit contra o meu pescoço. “Minha Dolly... minha. Seu cheiro. Seu gosto. Sua respiração. Sua buceta.” Ele aumenta o ritmo. Aumenta a velocidade tanto, que meus olhos rolam para trás, enquanto me desfaço, meus membros tão leves que eu me sinto como se estivesse flutuando.

Rabbit rosna longa, profunda e asperamente, e então, goza dentro de mim, enchendo-me com ele mesmo. Todo Rabbit. Meu Rabbit. Meu Rabbit; sua Dolly.

Rabbit me segura firmemente, encurralando-me contra o seu corpo e a parede. Eu me agarro à sua pele lisa, um sorriso brincando em meus lábios. Ele puxa sua cabeça para trás e olha diretamente nos meus olhos. “Meu gozo,” diz em um sussurro. Arrepios percorrem minha espinha quando ele alcança entre nós e puxa seu pau de dentro de mim. Gemo com a perda. Seus dedos correm pelo espaço que havia ocupado. “Seu gozo.”

“Rabbit,” digo suavemente e desço minhas pernas até meus pés instáveis atingirem o chão. Tão devagar quanto possível, corro as mãos pelo seu peito coberto de sangue e suor. “Estou tocando você.”

Rabbit exala uma respiração longa e dolorida. “Estou tocando você, pequena Dolly,” diz, estendendo a mão e segurando os meus seios.

Lágrimas brotam nos meus olhos. Tocando. Meu Rabbit finalmente está me tocando. Esperei um longo tempo por isso, presa no quarto das portas, grande demais para entrar no País das Maravilhas, para estar com ele. Para seguir o caminho que ele me mostraria.

“Precisamos ir,” diz Rabbit, sem parar de correr as mãos sobre minha carne. Eu também não consigo tirar minhas mãos dele. Ele coloca um beijo na palma da minha mão. Quando se afasta, diz com firmeza “Nós devemos ir.” Ergue a sobrancelha. “Temos mais mortes para executar. Mais homens maus para destruir.”

Calor percorre o meu estômago e segue até o topo das minhas coxas. “Sim.” Enfio minha mão no bolso e tiro o maço de cartas que ele guardava ali. “Ah-ha!” Exclamo quando encontro o rosto do Gato Risonho, desenhado a lápis.

Eu me afasto de Rabbit. Enfio a outra mão no bolso do meu vestido e com a mão livre, deslizo a carta do Gato Risonho pelas bochechas de Rabbit, enquanto ele me encara com olhos paralisados. Abrindo o batom com meus dentes, caminho até o Gato no chão e entro naquela confusão de sangue.

Limpo o sangue da testa do Gato e posiciono meu batom contra sua pele envelhecida. Com a língua de lado, escapando da minha boca, muito concentrada, escrevo “SICK FUX,” sobre o rosto dele.

“Feio, Gato malvado,” rosno. Admirando o sorriso que Rabbit esculpiu no rosto do Gato, deslizo a carta entre os seus dentes. “O Quatro de Copas.” Eu me endireito para encontrar Rabbit me observando. Ele havia recolhido suas roupas, mas sei que seus olhos estiveram em mim o tempo todo.

Sempre estão.

Do jeito que eu preciso.

Viro e o encaro. “Gostei de tocar em você, Rabbit.”

Seus olhos roçam o meu corpo, agora manchado de sangue, e então voltam para os meus olhos. “Eu também gostei de tocar em você, Dolly querida.”

Sorrio e caminho em sua direção. Corro a mão pelo seu braço até meus dedos se entrelaçarem com os dele. Olho para nossas mãos juntas, assim como ele.

“Acho que devemos nos tocar sempre, Rabbit.”

“Sim,” ele concorda, sua voz entrecortada e grave.

“Deste modo, nenhum de nós ficará perdido no País das Maravilhas.”

Lentamente, ele traz nossas mãos unidas até seus lábios, beija meus dedos e diz, “Como a minha senhora quiser.”

Uma risada borbulha na minha garganta e flutua no ar insípido do celeiro. Ele solta minha mão e amarra as fitas do meu espartilho. Quando estão amarradas, segura o meu queixo e traz sua boca até a minha para um beijo. Ele faz uma careta quando nossos lábios se juntam, mas depois relaxa.

Ele se separa e bate nos algarismos romanos ainda pintados no meu rosto. “Hora de ir. Não queremos nos atrasar.”

CAPÍTULO 11



Dolly

“Relatórios policiais afirmam que este é o segundo de dois assassinatos aparentemente vinculados. Fontes próximas à polícia, nos dizem que os detetives se referem ao assassino ou aos assassinos como ‘Sick Fux’. Esta parece ser a assinatura do assassino, que está sendo encontrada escrita em batom rosa nas cenas. Ambas as vítimas são homens brancos na casa dos cinquenta anos. Outro assassinato, de uma mulher idosa em Dallas, e o sequestro de uma jovem, também de Dallas, podem estar vinculados. Neste momento, não há pistas sobre a identidade do assassino. A polícia pede à população para que fique atenta e informe imediatamente qualquer atividade incomum em sua área. Depois do intervalo, voltaremos com mais informações.”

Dou um grito para a televisão e salto para cima e para baixo no sofá. “Rabbit!” Eu chamo. Rabbit aparece, vindo do banheiro. Ele tem uma toalha enrolada em torno de sua cintura, sua pele ainda brilhando, molhada do chuveiro. Meus olhos percorrem sua pele. Agora, sei qual é a sensação de sua pele e qual é o seu gosto.

Ele se aproxima e fica de pé atrás do sofá, sua mão abrindo caminho até minha nuca, segurando-me no lugar. Desde que

saímos da casa do Gato Risonho, ele sempre encontra algum jeito de me tocar. E eu encontro uma maneira de tocá-lo também.

Ele acaricia a minha nuca quando a mulher na TV começa a falar novamente.

"Além do nome do assassino, nossas fontes nos dizem que cartas de baralho desenhadas à mão foram deixadas junto de cada corpo. A primeira vítima, em Dallas, recebeu a Rainha de Copas; o segundo, em Amarillo, o Três de Copas; e o último assassinato, o Quatro de Copas. À medida que esta história se desenvolver, voltaremos com mais informações."

"Olha, Rabbit?" Eu olho para Rabbit, cujos olhos estão colados à TV. Ele assente, mas não diz nada. Simplesmente continua acariciando o meu pescoço.

Rabbit havia chamado a polícia depois do nosso último assassinato. Quis que a polícia do País das Maravilhas soubesse que o Gato Risonho, nosso Quatro de Copas, estava morto.

"Eles nos conhecem, Rabbit!" Grito com entusiasmo. "Sabem o nosso nome!"

Rabbit se endireita, tira o controle remoto da minha mão e desliga a TV. Faço beicinho. "Eu estava assistindo isso!"

"Você precisa tomar banho." Rabbit olha para o meu vestido, seus lábios curvados em desgosto. Ainda estou vestindo as roupas da morte do Gato. Ainda tenho o seu sangue na minha pele.

"Ok." Eu pulo, balançando os quadris enquanto caminho. Sei que o meu Rabbit estará assistindo. Ouço o seu grunhido na garganta quando entro no banheiro.

Tomo uma ducha rápida, o sangue correndo pelo ralo do chuveiro, misturado com a maquiagem que havia sobrevivido ao assassinato e ao sexo com Rabbit. Quando saio do chuveiro, fico envolvida em uma toalha e penteio meus longos cabelos loiros. Minha pele está fresca e limpa. Coloco uma camisola sobre minha

cabeça e saio do banheiro. Rabbit está sentado na cama, usando calças de pijamas. Ele segura minha faca na mão... e há cortes em todo o seu peito, sangue escorrendo mais uma vez por sua pele fresca e limpa.

"Rabbit." Dou um passo à frente. Ele ergue a cabeça. Sua boca está fechada e seus lábios estão apertados. Ele continua cortando seu peito enquanto olha para mim. "Rabbit... o que você está fazendo?" Pergunto enquanto seu sangue se espalha no linho branco da cama.

Rabbit não diz nada. Em vez disso, pega uma caneta da mesa ao lado da cama. Abre a caneta nas mãos e, à medida que a tinta vai saindo de dentro do tubo, ele a espalha sobre seus cortes, esfregando tinta em suas feridas. Corro em frente e pulo na cama. "Rabbit! O que você está fazendo?" Meu coração bate descontroladamente com a preocupação.

Rabbit sibila quando a tinta penetra. Usando a toalha que esteve ao redor de sua cintura, ele limpa o sangue e a tinta de seu peito tatuado. Quando tira a toalha, minha boca se abre e engasgo. "Rabbit..." sussurro. "Sick Fux." Estico minha mão e corro meus dedos sobre as palavras esculpidas em seu peito – palavras que, pelo menos desta vez, reconheço facilmente. Gotas de sangue brotam das letras. Sem pensar, passo meus dedos pelo líquido quente.

Rabbit para de respirar quando eu faço isso. Seus olhos se arregalam enquanto acompanham o movimento das pontas dos meus dedos. Congelo, os dedos no ar, enquanto suas narinas se dilatam e sua respiração começa a acelerar. Olho para baixo e vejo que ele endurece sob suas calças.

Ele gosta do sangue em meus dedos.

Prendendo sua atenção, esfrego as pontas dos meus dedos juntas, sentindo seu sangue encharcá-las. Ele geme. Enquanto meus dedos se esfregam, mais sangue escapa, escorrendo pelo lado

da minha mão e pelo meu pulso. Trago a mão para a boca e lambo a gota que está caindo.

Rabbit sibila. Meus olhos cruzam com os seus. O pescoço de Rabbit está tenso. Suas mãos agarram o edredom. Sem respirar, pego outra gota e a esfrego sobre meus lábios. O peito dele sobe e desce. Inclinando-me para frente, fico a apenas alguns centímetros de seu rosto e lambo meus lábios. Meus olhos se fecham. Agora eu tenho uma parte de Rabbit na minha boca. Estou tomando o seu sangue, sua força vital, na minha alma.

Sinto um objeto afiado correndo pelo meu rosto e uma mão envolvendo meu pescoço. Sorrindo, meus olhos se abrem. Rabbit está diante de mim, seu peito duro manchado de sangue e tinta. Ele inclina a cabeça enquanto seus olhos se prendem no meu pescoço... em meu pulso latejante.

"Querida Dolly" diz com sua voz tão rouca que a sinto chegar até meus ossos. A ponta do seu dedal corre sobre minha veia e traça sobre a frente da minha garganta. Meus seios doem quando o metal frio toca a minha pele. "Tão fácil de cortar e abrir," sussurra. Sua língua lambendo minha orelha.

"Posso ver suas veias Dolly. Posso ver como são azuis contra sua pele pálida. Posso ver seu pulso batendo, latejando no pescoço." Ele inspira o aroma da minha pele recém-limpa. "Está chamando o meu nome." Sorri contra meu pescoço. "Está me dizendo para provar você como você me provou."

"Sim," sussurro e arqueio meu corpo contra o seu. Sinto o calor de sua pele assim que entramos em contato.

Seu dedal cava na lateral da minha garganta. Seus olhos se estreitam ao estudar minha pele. "Você está me tentando, querida," diz, enquanto seu nariz segue suavemente o caminho do dedal. Sua língua lambe minha pele. Gemo com a sensação de tê-lo tão perto... querendo o meu sangue.

Sangue que ele deseja provar.

“Eu sempre quis o seu sangue em minha boca, escorrendo pela minha garganta.” Ele deposita um beijo suave no meu pulso. Estremeço. “Desde o primeiro instante que te conheci, você me deixou hipnotizado. Não pelo seu sorriso, não pelos seus olhos, mas pela sua garganta e pelas suas veias. Por seu pulso e pela palidez da sua pele. Minha querida Dolly. Minha Alice do País das Maravilhas.”

“Rabbit,” digo com voz rouca, com minhas costas arqueadas quando sua outra mão agarra minha garganta e começa a apertar.

“Quando aplico uma pressão assim, suas veias ficam salientes. Imploram para serem abertas.” Ele aumenta seu aperto. “Seu sangue canta para mim. Ele me implora para que eu o tome do jeito como quero. Como sempre quis.”

“Faça,” incito, inclinando a cabeça para lhe oferecer meu pescoço.

“Mmm,” murmura Rabbit. Ele solta o meu pescoço do seu aperto e abre os botões da frente da minha camisola. O ar úmido da sala fica preso à minha pele. Esfrego os lábios juntos, enquanto o meu corpo fica descoberto. Quando o tecido se separa, me guia até a cama. Ele paira acima de mim, com as pernas montadas sobre a minha cintura. Seus braços estão apoiados em ambos os lados da minha cabeça. Enquanto os olhos prateados de Rabbit percorrem o meu corpo, vejo uma gota de sangue saindo do “X” esculpido em seu peito. Escorre para frente, parando na base do seu pescoço. Levanto meu peito e pego a gota na minha boca. Rabbit geme em cima de mim e usando a mão que está na minha garganta, me empurra de volta ao colchão. Fico aprisionada em seu olhar, gemendo enquanto seus olhos alternam entre fome e completa selvageria.

“Prove-me.” Empurro os meus seios, esfregando-os contra seu peito. “Prove-me... faça-me completamente sua. Possua-me.” Olho diretamente dentro dos seus olhos. “Sua Dolly. Tome posse da sua Dolly.” Sorrio. “Rabbit e Dolly... para sempre.”

Rabbit rosna. Ele arrasta a ponta do seu dedal, cuidadosamente, ao longo da minha garganta, por cima da veia. Seguro o meu grito quando o metal frio corta suavemente a minha carne. O sangue quente escorre pelo meu pescoço. Olho para Rabbit. Ele está observando o meu sangue como se fosse o petisco mais saboroso que já viu.

"Dolly," ele arranha e passa a mão suavemente pelo meu cabelo. Olha nos meus olhos. Sua mão passando delicadamente pela minha bochecha, deixando-me sem fôlego.

Quero dar o meu sangue a ele.

O sangue vital de Dolly.

A necessidade mais profunda de Rabbit.

Os olhos de Rabbit ficam pesados. Então, quando sinto uma gota pingar no meu ombro, Rabbit se inclina para frente e corre a ponta da língua sobre as gotículas que escorreram. Eu gemo com a sensação de sua língua quente subindo pelo meu ombro, na base do meu pescoço, eventualmente pairando sobre o pequeno corte que havia feito.

Sua língua vai para frente e para trás sobre a minha veia. Minhas pernas se movem inquietas na cama quando sua mão agarra minha garganta e me segura. Meus olhos se abrem, apenas para encontrarem os de Rabbit me observando enquanto se alimenta do meu sangue. Observando enquanto arqueio meu corpo contra o seu peito, meus seios espalhando o sangue de sua tatuagem recém-cortada.

Eu gemo quando ele suga minha pele, gritando com a pequena picada de dor. Minhas mãos passam pelo seu cabelo. Rabbit geme. Então ele se afasta, me soltando do seu chupão. Fixo o meu olhar em sua boca. Seus lábios estão manchados de sangue vermelho brilhante. E ele sorri. Corro meu dedo ao longo de sua boca e meu próprio sangue se junta ao dele. Eu tenho toda sua atenção quando levo o dedo de volta para os lábios.

O aperto de Rabbit pulsa na minha garganta. Minha língua sai da minha boca e eu provo o sangue. Isso foi tudo o que bastou para fazer Rabbit lançar sua boca contra a minha e me beijar com força. Sua língua mergulha na minha boca, e eu grito com o choque disso. Rabbit está me beijando. Ele está me beijando de volta. Ele quer isso. Sinto sua ânsia por mim através de nossas bocas juntas.

"Dolly," sussurra contra os meus lábios. Sua boca se move ao longo da minha bochecha, esfregando sangue sobre minha pele com seus lábios. E ele está me beijando. Descendo pelo meu pescoço e pela minha pele aberta, o dedal traçando uma trilha até meus peitos. Sinto uma picada quando ele empurra sua ponta contra meu mamilo esquerdo. Sua mão escorrega da minha garganta e segura o meu peito enquanto espreme sua carne, fazendo com que uma gota de sangue brote na ponta. Rabbit rosna quando envolve seus lábios a minha volta. Sua língua se agita sobre o meu mamilo enquanto ele tira mais do meu sangue.

Ele se move para o meu outro peito e faz o mesmo. Desloca-se pelo meu tronco e vai fazendo uma trilha, picada após picada, ao longo da minha barriga e descendo, pelos meus quadris. Sua boca toca cada pequeno corte.

Envolvendo.

Lambendo.

Bebendo em mim.

Ele move o seu corpo entre as minhas pernas, e corre a ponta do dedal ao longo da carne na parte interna da minha coxa. Minha respiração fica presa na garganta enquanto olho para ele. Seu lábio inferior está preso entre os dentes, seu olhar intenso, está focado em mim. Choramingo enquanto sinto sua respiração quente soprando sobre o meu núcleo.

"O sangue é a cor do coração," diz, com a voz rouca. Seu dedal se aproxima cada vez mais do ápice entre minhas coxas. Ele baixa o olhar, observando o lento movimento do dedal enquanto

desenha linhas brancas ao longo da minha delicada pele, ameaçando perfurá-la. Ele baixa a boca até o topo da minha coxa direita, sua bochecha roçando em minhas dobras. Belisca a carne com os dentes, então solta, lambendo o ponto macio que havia mordido. “Vermelho, a cor do sangue.” Ele se move para a minha outra coxa e morde novamente, sua língua aliviando a dor que seus dentes causam. “Vermelho significa pare. O vermelho significa perigo.” Olha para mim com um sorriso deslumbrante e sinistro no rosto. “É o líquido que dá a vida e que a leva embora.” Rabbit esparrama o sangue que tirou e o acaricia contra minha pele pálida.

Sua respiração fica presa enquanto observa a mancha vermelha em minha pele. “Sangue é a aliança que se faz com o próprio diabo.” Ele levanta a cabeça, seus olhos se prendendo aos meus. “É a aliança que você está fazendo comigo.” O dedal de Rabbit sobe. A ponta afiada me equilibrando em um precipício, obrigando-me a confiar nele.

E eu confio. Sempre confiei no meu Rabbit.

“O diabo vai mentir.” Beija a minha coxa. “Vai enganar.” Ele se aproxima do meu núcleo, sua boca se movendo para cima e para os lados, até sua bochecha roçar o ponto entre as minhas pernas que me faz desmoronar. “E vai enganar.” Ele se move, cada vez mais perto, e eu me mexo sobre a cama, precisando que ele me tome. Precisando que ele alivie com o seu toque esta pressão crescente. Seus olhos se suavizam. “E vai matar, e viajar quilômetros, até chegar àqueles que seguraram o seu fodido coração negro, na palma da mão.”

“Rabbit...” sussurro enquanto lágrimas enchem meus olhos.

“Ele mataria qualquer um que a machucasse, apenas para torná-la sua. Ele puniria qualquer um que ficasse em seu caminho.” Seus olhos brilham com algo tão escuro que parece apagar a luz fraca da lâmpada. “Através do sangue ele despertará o que está atormentando sua alma. A escuridão que ficou escondida por anos, esperando sonolenta pela hora de atacar. Esperando para

nascer.” Grito quando ele perfura minha pele na parte superior da coxa. Olho para baixo e vejo sangue entre minhas pernas.

Rabbit passa a língua. Em um longo movimento, lambe o meu núcleo de baixo até em cima.

“Rabbit!” Grito quando seu toque envia uma onda de prazer através dos meus ossos.

Meus olhos se fecham, apenas para que Rabbit ordene “Abra!” Meus olhos se abrem. Ele lambe os lábios. “Veja. Assista eu beber em você. Veja você se derreter com o meu toque, com seu sangue manchando minha boca.”

Fico em silêncio, necessidade e desejo incessante roubando minha voz. Os olhos de Rabbit escurecem. “Responda, pequena Dolly. Responda ao diabo que está tomando sua liberdade com um pacto de sangue.”

“Sim, Rabbit.” Minha pele queima, aguardando que ele me traga até a luz que somente o meu Rabbit pode me mostrar.

Com um grunhido selvagem, sua cabeça mergulha entre as minhas pernas e lambe. Lambe e chupa, tomando o meu sangue para dentro da sua boca, para dentro da sua garganta. E grito. Eu grito e berro enquanto ele toma de mim.

Agarro seu cabelo tão forte quanto posso. Eu gemo quando sua língua se move mais rapidamente, enquanto ele pega e tira tudo de mim. Minha pele cora - o sangue debaixo da minha pele correndo mais rápido do que o sangue que escapa através dos cortes que Rabbit tinha feito.

“Pegue...” sinto minhas bochechas em chamas, enquanto arrepios trazem prazer para cada centímetro da minha pele. “Tome,” peço. Rabbit rosna com sua boca contra o meu núcleo, sua língua correndo cada vez mais profundamente em mim. A cada golpe de seu dedal afiado, meu prazer cresce como uma tempestade se

formando em um dia de muito calor, pronta para derrubar os céus e trazer o alívio do trovão, do relâmpago e da chuva.

Rabbit move o dedal para o ponto exato que me parte em pedacinhos. Ele pressiona a ponta tão ligeiramente que quase não me toca, mas é o suficiente para quebrar meu corpo em dois. Um grito vem do meu coração enquanto eu puxo seus cabelos e fecho meus olhos. Rabbit suga e puxa a pequena picada e eu balanço a cabeça quando o prazer aumenta dentro de mim. O prazer vem, e vem como uma chuva varrendo terras secas. Ele lambe e suga até eu não poder mais suportar.

Afasto sua cabeça. Luto para respirar enquanto minhas costas atingem o colchão e o suor goteja entre os meus seios. As gotas de suor se misturam com uma gota de sangue e caem sobre a minha barriga. Rabbit avança, como se estivesse em um ataque, e sua boca pousa sobre a gota rosada. Fico parada, ofegante enquanto seus olhos encontram os meus e ele engole.

E não nos mexemos. Ficamos assim, congelados. A respiração de Rabbit é irregular quando ele olha para mim, satisfeito por se alimentar do meu sangue.

Deixo a minha vida em suas mãos.

Transfiro para ele o poder da vida ou da morte.

Ele expira longamente. “Você me deu seu sangue.” Ele pisca, como se não pudesse acreditar que eu havia permitido que me tomasse de tal forma. Minha mão está tremendo quando a deslizo sobre o seu rosto. A ponta do meu dedo acaricia sua tatuagem de espada, arrancando um gemido da boca de Rabbit.

Ele espera que eu fale, segurando sua respiração. Quando o faço, digo, “Agora é a minha vez.” Os lábios de Rabbit se separam e seus olhos se arregalam, e então ficam nublados, enquanto minhas palavras são absorvidas. Um baixo gemido soa em seu peito e escala pelo meu corpo. Seus olhos nunca se afastam dos meus. Meu coração martela no meu peito. O rosto de Rabbit encontra o

meu, seus lábios, bochechas e queixo cobertos de carmesim. Seus dentes estão cobertos de sangue.

A cabeça de Rabbit se inclina de um lado para o outro enquanto estuda o meu rosto. Levo meus dedos até seu peito e os passo sobre sua tatuagem sangrenta. “Sick Fux,” sussurro, lendo as palavras em voz alta. Palavras que eu consigo ler. Palavras que eu tinha desenhado em rosa na cabeça do Gato Risonho.

Palavras agora gravadas para sempre na pele de Rabbit.

Meus dedos continuam subindo até pararem no pulsar de sua garganta. A ponta do meu dedo bate contra seu pulso, no ritmo de suas batidas. Os olhos de Rabbit escurecem. “O que você vai fazer, pequena Dolly?”

O atrevido Rabbit está zombando de mim e meu coração lateja com seu tom. Apertando os olhos, eu alcanço fora da cama até a mesa lateral. Sem olhar, minha mão encontra o familiar cabo de marfim. As narinas de Rabbit se expandem quando eu trago minha lâmina até o espaço apertado entre nós. Coloco a ponta sobre seu coração. Um sorriso brota em meus lábios enquanto eu escuto suas batidas e cantarolo, “Tique taque... Tique taque... Tique taque...”

Rabbit revira os olhos. Então, movimento a lâmina para cima. Raspo sua pele, a ponta do aço frio arranhando sobre a carne aberta da sua nova tatuagem. Os olhos de Rabbit se abrem e me dizem sem palavras que ele deseja a dor.

Meu Rabbit adora a dor.

Minha lâmina estaciona onde meu dedo ainda paira sobre sua pulsação. O lábio de Rabbit se aperta enquanto espera. Quando, muito gentilmente, enterro a ponta da lâmina em sua pele, exatamente sobre sua tatuagem do relógio, observo o sangue vir à tona e escorrer pelo seu pescoço. Fico hipnotizada enquanto o sangue cobre a tinta de sua pele, até que não consegue mais se manter ali e então pinga em meu peito. Seu pau fica mais duro

contra minha coxa. Sabendo que ele está observando, pego a gota no meu dedo e trago até minha boca.

"Mmm," murmuro. As bochechas de Rabbit estão vermelhas e sua respiração fica fora de controle. Seus quadris começam a empurrar seu pau contra minha coxa em movimentos curtos e lentos. Usando minha mão livre para impulsionar a parte superior do meu corpo para cima da cama, levanto-me até que meu rosto esteja a poucos milímetros do rosto de Rabbit.

"Delícia."

Rabbit coloca sua mão em volta da minha nuca. Segurando minha cabeça firmemente e com sua boca apertada e olhos severos, ele ordena: "Beba..." ele força minha cabeça contra o pescoço dele. "Beba em mim."

Sorrindo, vitoriosa ao obter a resposta que queria, inalo seu cheiro e depois coloco minha língua para fora, provando seu sangue. Rabbit geme e pressiona minha boca contra seu pescoço. Deixo que ele me controle, fixando meus lábios sobre o corte e sugando.

Gosto quando ele me controla.

O sangue escorre por minha língua e para dentro da minha garganta. O pau de Rabbit esfrega contra minha perna, mais rápido e mais rápido, enquanto sugo e bebo. Então, paro. Luto contra o aperto de Rabbit e inclino minha cabeça para o lado.

Sei que o meu Rabbit gosta quando eu tento resistir.

Em um instante, sua boca quente se encaixa no corte da minha garganta e ele bebe de mim enquanto eu bebo dele. Deixo minha mão entre nós e abaixo a cintura de sua calça. Sem interromper ou me afastar, seguro o seu pau, com Rabbit grunhindo ao meu toque enquanto massageio todo seu comprimento. Eu gemo, e gemo mais, enquanto tomamos e tomamos. Em segundos, Rabbit recua sua cabeça e jorra sua

libertação. Ele se derrama em minha mão, e eu o acaricio até ele puxar seus quadris para trás.

Volto minha cabeça para encontrar Rabbit me encarando. De repente, ele sai da cama e pega algo em sua bolsa. Quando volta, está segurando um frasco igual ao que está em volta do meu pescoço. Eu engasgo e seguro o frasco que eu nunca tirei. Aquele que continha a poção que me deixava pequena. Aquele que tem a etiqueta “Beba-me.”

Rabbit se ajoelha na cama e remove a rolha do frasco. Sem dizer uma palavra ele traz o frasco para o meu pescoço e o enche com meu sangue. Meu coração se acelera e meus seios ficam doloridos com a ideia de que ele queria o meu sangue perto de si em todos os momentos.

Ele se afasta e encontra meus olhos. Levanto a fita preta que está presa à rolha do frasco e a seguro em volta do seu pescoço. “Rabbit,” sussurro enquanto ele alcança o meu pescoço para desatar a fita que está mantendo o meu frasco no lugar. Ele tira a rolha e derrama o líquido azul no chão. “Rabbit!” Grito freneticamente. Entro em pânico, mas Rabbit agarra minha mão e empurra o frasco dentro dela.

“Agora você não precisa mais disso, pequena Dolly. Meu sangue é tudo o que você vai precisar.”

Engulo e busco o seu rosto. “É mesmo?”

Ele assente. “Isso a tornará grande se você precisar. Também a tornará pequena, se precisar.” Ele se inclina para frente, sua boca no meu ouvido. “E lhe dará forças quando estiver fraca.”

Meus olhos se arregalam. Melhor do que a bebida azul? Agarro o frasco contra o meu peito, depois empurro o vidro contra o corte que goteja em seu pescoço. A emoção cresce dentro de mim enquanto o sangue enche o frasco. Quando termina, Rabbit pega a garrafa de vidro, coloca a rolha e amarra a fita de volta no meu pescoço. Estendo a mão e sinto a garrafa - está quente.

Rabbit tira minha lâmina do colchão e, com um rápido golpe, faz um corte na palma da sua mão. Ele fecha a mão em um punho apertado, e o sangue pinga sobre o linho. “Mão,” diz ele. Imediatamente, eu estendo a minha. Rabbit olha para mim. Com um deslizar igualmente rápido, ele passa a lâmina de aço na minha palma. Eu silencio a dor penetrante e pungente.

Rabbit inclina-se para frente e acaricia a minha bochecha com a mão ensanguentada. Seu lábio se curva como se sorrisse. Então ele agarra minha mão. Aperta nossas palmas juntas e as eleva ao alto. Meus olhos ficam fixados nos dele e sinto o calor do seu sangue misturado com o meu. Rabbit aproxima a cabeça e passa o nariz pela minha testa. “Um pacto, assinado com sangue,” diz e inspira o aroma de shampoo de menta dos meus cabelos recém-lavados. “Seu contrato comigo... dizendo que agora você me pertence. Minha pequena Dolly querida, seu sangue se misturou ao meu. Seu sangue corre junto com o meu, através das minhas veias, trazendo-me sua luz.” Seu nariz percorre minha bochecha, e ele sorri em vitória. “E meu sangue agora corre no seu. Minha escuridão... minha alma negra polui a sua, trazendo você para o meu lado. Minha Dolly... depois de todos esses anos, minha. Sucumbindo à minha vontade.”

“Sim,” digo, sonhadoramente, enquanto me balanço, seduzida por suas palavras, por sua proximidade, pele com pele, compartilhando nosso sangue.

Sorrio e olho para Rabbit que está olhando para mim. “Para sempre um.” Eu o puxo em direção à cama, de frente para ele, nossas mãos ainda unidas.

Meus olhos vagam pelo sangue em minhas mãos e meu estômago de repente se revira. Aperto os olhos quando as imagens começam a assaltar minha mente. Balanço a cabeça quando vejo coisas que eu não quero ver...

“Amarre-a. Faça isso antes dela dar um show do caralho e atrair atenção indesejada.”

Uma mão bateu em meu rosto e minha cabeça girou. O gosto de sangue brotou na minha boca. Eu pisquei e olhei para minha esquerda, e depois para a direita; o mesmo rosto me olhou de ambos os lados. Dois conjuntos idênticos de mãos seguravam meus pulsos. Tio Jeffrey e tio Samuel. Meus tios, gêmeos idênticos, estavam me segurando presa. Tentei ver em que quarto eu estava. Não o reconheci. Uma porta se abriu atrás de mim e ouvi passos se aproximando. Mas minha cabeça estava nebulosa. Meu pai havia me dado uma xícara de chá. Mas o chá me deixa tonta. Ele deixou minha cabeça confusa e meus olhos se esforçam buscando concentração.

"Segurem-na." Olhei para os meus pés e vi meu pai parado ali.

E então eu o vi. Tio John veio para o meu lado, e estremeci. Eu não gostava de Tio John. Ele veio atrás de mim todas as noites. Eu não gostava do que ele fazia para mim no quarto em frente àquele em que Heathan costumava ser mantido.

Antes que ele me deixasse.

Meus olhos se encheram de lágrimas enquanto lembro do seu rosto. Enquanto lembro dos seus olhos. Lembro...

"Você não disse que ela estava sob o efeito de uma dose, ou coisa assim?" Disse tio John ao meu pai. Sua mão acariciou minha cabeça. Eu odiava seu toque. Queria me afastar. Eu tentei, mas o rosto do tio John ficou no meu caminho e seus dedos agarraram meu cabelo. Ele puxou minha cabeça para trás para eu olhar para ele. Ele se abaixou. Fez isso para que os nossos narizes se tocassem. Então ele me beijou.

Sua mão livre deslizou pela minha barriga. Senti sua mão na minha pele nua. Eu estava nua. Meu coração disparou quando olhei para os meus tios gêmeos que me seguravam. O meu pai conversando com um homem de branco ao lado da sala... o Tio John acariciando meu estômago.

"Pena que você não pode continuar com isso, Ellis," disse e alisou sua mão sobre o meu cabelo. "Ela teria sido tão bonita quanto

você. Cabelo loiro. Olhos azuis... pele pálida." Fechou os olhos e sorriu. Meu estômago se revirou. "E ela teria sido minha. Minha posse. Minha para criar. Minha linda metade, Ellis."

Eu não sabia do que ele estava falando. Tentei raciocinar através da névoa na minha cabeça, mas não consegui. "Não se preocupe," Tio John me acalmou enquanto beijava minha bochecha. "O médico está aqui para fazer tudo ir embora." Ele me obrigou a ficar calada quando tentei abrir a boca para falar. O pânico me dominou. Havia um médico? Por que haveria um médico aqui?

Tio John balançou a cabeça e apertou um dedo sobre os lábios. "Você só vai ficar dormindo por um tempo. E quando você acordar, coisas como esta não serão mais possíveis. Não acontecerão mais." Ele beijou meus lábios, e tentei lutar contra o aperto dos meus tios gêmeos, mas o tio Jeffrey bateu em meu rosto de novo, e a parte de trás da minha cabeça se chocou contra a mesa em que eu estava.

Gritei quando eles apertaram mais ainda suas garras em meus pulsos. "Pense em toda a diversão que poderemos ter depois," disse o tio John. Meu pai veio até o lado dele e o puxou para longe pelo braço.

Uma mulher veio atrás de mim, e olhei em seus olhos. Eram castanhos. Ela tinha uma máscara verde sobre sua boca e luvas de borracha em suas mãos.

"Ajude-me," consegui sussurrar, ignorando as lágrimas que caíam sobre meus lábios. Minha boca estava seca. Minha língua parecia grande demais para caber dentro da boca. Mas ela desviou o olhar e pegou algo em sua mão. Então eu vi uma máscara em minha direção. Ela a empurrou sobre minha boca... a sala começou a girar enquanto eu respirava... então, tudo ficou preto.

Quando acordei, estava no meu quarto. Tentei me mover, meu corpo tentando sair da minha cama. A confusão dominando minha cabeça. Mas quando eu tentei me mover, uma dor cortante vinda da minha barriga tornou isso impossível.

“Ellis,” uma voz suave chamou da porta. Meu lábio inferior tremeu com toda dor que senti. A Sra. Jenkins veio em minha direção com uma xícara de chá na mão. Ela se sentou ao meu lado na cama. “Shh, querida,” ela me acalmou. Chorei muito.

“Sra. Jenkins...” engasgo, minha voz seca e a garganta dolorida. “O que aconteceu? Minha barriga dói. Tudo está doendo.”

A Sra. Jenkins levou o chá à minha boca. “É Earl Grey, docinho. Seu favorito.” Eu não queria o chá. Eu sempre quis chá, mas não queria agora. A Sra. Jenkins não me deu escolha. Ela virou o líquido na minha boca. Ela me fez beber tudo. Minha garganta ficou melhor quando o chá quente desceu por ela.

Quando eu tinha bebido todo o chá, meus olhos começaram a se fechar. A mão da Sra. Jenkins pressionou minha testa. Eu estava quase adormecida, mas ainda ouvi a Sra. Jenkins colocar a xícara de porcelana sobre a mesa de cabeceira. Ainda senti que ela ajeitou o edredom no meu corpo e passou algo ao redor do lugar onde meu abdômen mais me incomodava.

Ainda a ouvi dizer: “Uma cicatriz é um pequeno preço a se pagar pelo conforto de que você nunca terá bebês, Ellis. Foi melhor para este bebê não entrar neste mundo. Foi o melhor para vocês dois... e o melhor de tudo: você nunca poderá engravidar novamente...”

Eu ofego e arranco minha mão de Rabbit. “Não consigo respirar,” choramingo. Minha mão voa para o meu peito e esfrega ali. Mas não ajuda. Então eu arranho. Arranho o local sobre o meu coração. Ele está batendo muito rápido.

“Dolly.” Rabbit senta-se ao meu lado. Mas eu preciso sair da cama. Salto do colchão com minha camisola pendurada. Mas eu ainda não consigo respirar.

“... você nunca terá bebês, Ellis...”

Cicatriz... Cicatriz... Cicatriz...

Fecho os olhos e apoio minha mão contra a parede. Eu bato na lateral da minha cabeça com a mão, quando não consigo tirar aqueles pensamentos desagradáveis da minha mente. Quando eu não consigo tirar aquelas vozes dos meus ouvidos.

Ellis... Ellis... Ellis... por que eles estavam me chamando de Ellis?

O suor escorre pelo meu peito. Afasto-me da parede e ando em círculos, mas as vozes apenas ficam cada vez mais altas. Tio John... Tio John... a voz do tio John...

Quem é tio John?

"Não." Abro os olhos. Balanço a cabeça, apoiando-me contra a parede. Minhas unhas descem até meus pulsos e braços, arranhando a carne. Arranho e arranho até que o sangue começa a derramar. Estou coberta de sangue. Tanto sangue. Meu. De Rabbit... *de um bebê...*

"Não!" Grito e caio no chão. Eu jogo minhas mãos no lado da minha cabeça e começo a bater. Por que eles me chamavam de Ellis? Ellis tinha uma cicatriz.

Ela tem uma cicatriz!

Afasto minhas mãos da minha cabeça e olho para baixo. Limpo o sangue do meu abdômen com minha camisola, manchando o tecido branco com vermelho. Mas então eu vejo. Eu nunca teria percebido isso se eu não estivesse procurando. Quase não está ali. Mas eu vejo.

Eu tenho a cicatriz...

Mas Ellis... Ellis tinha a cicatriz. Não Dolly. Dolly não tem a cicatriz. Os homens maus machucaram Ellis. Seus tios gêmeos e Tio John... seu tio John, o homem mais desagradável de todos.

Ellis... seu nome começa a parecer diferente na minha cabeça. Ellis... fecho os olhos ao ouvir diferentes vozes repetindo

esse nome dentro da minha cabeça. "*Ellis... baby...*" o papai chamava. "*Ellis...*" Sra. Jenkins. "*Ellis...*" um menino, um menino de chapéu. Então, "*Ellis... esse é um nome estúpido...*" Heathan.

Heathan?

Meus olhos se abrem. Heathan soa como o meu Rabbit.

Rabbit... Rabbit... meu Rabbit...

Duas mãos agarram os meus braços e olho para cima. "Ellis..." falo e o rosto de Rabbit empalidece. "Ellis não pode ter bebês." Um soluço rasga a minha garganta. "Ela tinha um na barriga dela. Mas eles tiraram. Eles tiraram tudo. Não há mais lugar para crescer um bebê. Não há mais sangue a cada mês. Tiraram tudo." Engasgo com um grito. "Deram a Ellis uma cicatriz..."

Rabbit não diz nada, mas suas mãos tremem em meus braços. Seu rosto passa de branco a vermelho brilhante.

Minhas mãos alisam a cicatriz na minha barriga. "Tenho uma cicatriz, Rabbit. Está aqui! Eu vejo isso. Você pode vê-la?" Minha cabeça treme e muitas imagens surgem na minha cabeça. Um corredor... um escritório... uma cama... Tio John... Tio John... Tio John... Papai...

Tento arranhar a minha cicatriz, mas Rabbit segura a minha mão e olha para baixo. Um grunhido sai da sua garganta, tão cheio de veneno que eu me encolho. "Rabbit, por que eu tenho uma cicatriz? Por que as pessoas me chamavam de Ellis? Por que eu tenho uma cicatriz como a de Ellis...?"

Rabbit fica imóvel e fixa os olhos nos meus. Seu maxilar ainda está apertado, mas ele solta um dos meus braços e ergue o seu dedal no ar. "Eu a fiz em você," diz. Não gostei do som de sua voz. É assustadora. Ele sussurra, seus olhos se fechando por um segundo. "Eu a fiz em você anos atrás." Inclina a cabeça para o lado, procurando os meus olhos. "Você não se lembra?"

Balanço a cabeça e encosto o corpo em algum lugar contra a parede. “Quando? Por quê?”

“Quando nós éramos pequenos.” Ele engole em seco, e uma gota de sangue pinga do corte em seu pescoço. “Nós estávamos num chá da tarde com o Chapeleiro Maluco, o Arganaz e a Lebre de Março. Acidentalmente eu derrubei o bule no chão. Você tropeçou e caiu. Um pedaço do bule cortou sua barriga.”

Forço o meu cérebro, tentando lembrar. Mas não consigo. Não consigo lembrar dos rostos do Arganaz, da Lebre de Março ou do Chapeleiro Maluco. Mas eu gostava do meu chá da tarde...

“Não me lembro,” sussurro e sinto o meu lábio tremer.

Os olhos prateados e irritados de Rabbit se suavizam, e a mão que segura o dedal se move para a minha bochecha. Sua mão treme. Eu não sei por quê. “Você bateu a cabeça,” responde Rabbit. Ele bate na minha têmpora. “Você perdeu algumas memórias.” Meu coração dói pela tristeza com que ele diz isso.

Estendo a mão e cubro a mão dele, que está na minha bochecha. “Não se sinta mal, Rabbit. Não me lembro, mas sei que você não queria me machucar.” Sorrio, mas me sinto estranha porque o meu coração ainda está triste. Luto contra isso. Sou uma campeã, afinal. “Não estou com raiva de você, Rabbit. Eu nunca poderia ficar brava com o meu Rabbit.”

Seus olhos se fecham, e ele inspira rapidamente pelo nariz. Quando seus olhos se abrem novamente, eu suspiro. “Rabbit... tudo isso aconteceu com Ellis? Ela teve o seu bebê arrancado dela? Eles tiraram dela o lugar da barriga onde os bebês moram? Fizeram isso com ela, mesmo com ela chorando?”

Rabbit faz um estranho som sufocado na garganta. Mas ele assente. Os lábios dele tremem, ainda vermelhos de sangue. “Acho que sim,” diz com uma voz entrecortada. Ele limpa a garganta. “Ellis ficou ferida e muito mal.”

Concordo com a cabeça e baixo o olhar. Lágrimas caem dos meus olhos e salpicam o chão. “Minha Ellis... estou triste por minha amiga Ellis.”

“Eu também estou.” Ele acaricia o meu pescoço com o seu polegar. “Você quer um pouco de chá, querida? O chá ajudará você a se sentir melhor?”

Sorrio, apesar de meus lábios doerem. “Sim, por favor, Rabbit. Chá sempre ajuda.”

Ele olha para mim sem palavras, então o meu coração salta dentro do peito, quando ele se inclina para frente e beija a minha testa. Seus lábios são macios, e ficam tocando a minha pele por vários segundos, até que o meu corpo gelado começa a aquecer. Meu coração dolorido começa a se sentir aquecido.

O Rabbit nunca me beijou com tanta suavidade... isso me deixa confusa.

Mas adoro. Adoro os seus olhos carinhosos. São como um brilhante nascer do sol em um dia sombrio. Fazem o meu coração vibrar no peito.

Vejo quando ele atravessa o quarto do motel até a mesa de chá que eu tinha montado logo que chegamos. Assisto quando ele coloca a chaleira para ferver e deposita o saquinho de chá Earl Gray no bule, separando duas xícaras de porcelana, uma para mim e outra para ele.

Com o saquinho de chá mergulhado, vem até mim e seus olhos encontram os meus. Ele faz uma pequena pausa e então se inclina e me levanta em seus braços. Minha cabeça descansa contra o seu ombro enquanto ele me coloca na cama e puxa o edredom sobre minhas pernas.

Ele busca o chá e o traz para a cama. Sorrio quando olho para o prato de bolo. “Torta de morango,” proclamo cansada. Minha

voz está rouca de tanto chorar... por causa da minha tristeza com o que aconteceu com a minha doce amiga Ellis.

"Sua favorita." Ele serve o chá. Minhas pernas estão geladas, mas assim que provo o doce chá em minha língua, sinto-me aquecida. Fecho os olhos e vejo uma mulher loira em minha mente. Eu a vejo sentada em uma cadeira numa sala bonita, bebendo o chá com um cobertor sobre suas pernas. Ela tem olheiras sob seus olhos, mas uma menina se senta em seu joelho. A mulher, mesmo estando doente, ainda sorri para a menina no colo. A menina está bebendo chá também. Sorrio ao ver o quão feliz a menina está. Sorrio ao ver quão boa a mulher é.

Ela faz com que eu me sinta aquecida por dentro. Ela é tão gentil.

Em seguida, a menina vira sua cabeça em minha direção. Seus olhos azuis encontram os meus. Meu coração para de bater por um instante. Lágrimas enchem os meus olhos, e minha garganta se fecha. Porque a menina está...

"Ellis?"

Ellis sorri quando sussurro o seu nome. Eu encontrei Ellis. Ela é tão jovem. Não mais de dez anos. Longos cabelos loiros. Grandes olhos azuis... apenas uma menina.

Encontrando forças para me mexer, eu aceno e Ellis acena de volta. Ela escorrega do colo da mamãe e vem na minha direção. Um nó obstrui minha garganta. Eu finalmente a vejo. Finalmente sei como ela é. Depois de todos esses anos...

Acho que ela se parece um pouco comigo.

"Dolly," diz e sorri. Ela estende sua mão e toca a minha.

Sorrio para o chá que ela tinha acabado de deixar para trás. "Você gosta de chá da tarde também?"

Ela ri e não posso deixar de rir também. "Sim, gosto muito!"

“Somente Earl Gray,” dizemos em uníssono. Nós rimos ainda mais.

O sorriso dela desaparece. “Obrigada por destruir os homens maus.” Ela leva sua mão ao abdômen. Bem ao local onde sei que fica a cicatriz. Eu me obrigo a segurar minhas lágrimas.

“Ainda não terminei.” Pego a mão dela. É macia quando a seguro junto a minha. Suas unhas estão pintadas de rosa brilhante.

“Não,” ela diz e morde o lábio. Ela olha de volta para sua mãe. “A minha mãe não está mais aqui.” Olho para cima e vejo que a mãe dela desapareceu diante dos meus olhos. “O chá,” diz ela. Eu vejo quando a tinta preta começa a escorrer pelas paredes da sala brilhante e bonita. “Acho que o chá está deixando ela doente.” Ellis se vira para mim. O vestido azul que ela veste também começa a ficar preto. “Os homens que você irá enfrentar agora me feriram gravemente, Dolly.”

Concordo com a cabeça, agora sabendo o que eles o fizeram.

“Você deve fazê-los pagar.” Sua mão escorrega da minha quando algo invisível a arrasta para trás. A floresta escura surge em torno de nós e ela desaparece. “Só então poderei ser livre,” diz ela, antes de sumir... sua voz delicada e doce vai embora também.

Pisco e encontro Rabbit examinando o meu rosto, sua mão sob o meu queixo. “Dolly... Dolly, você está bem?”

Balanço a cabeça e seguro a alça da minha xícara de chá. “Eu... eu estava falando com Ellis, Rabbit.”

Engolindo em seco, ele pergunta: “O que ela disse?”

“Que eu tenho que derrotar o resto dos homens maus.” Minhas pálpebras se fecham. “Porque foram eles que mais a machucaram. Só então ela poderá ser livre.”

Ele balança a cabeça e em seguida, delicadamente me puxa de volta para deitar, colocando minha xícara de chá sobre a mesa lateral. Sua mão está segurando a minha, e ele me observa enquanto eu começo a adormecer. Ouço o som de cartas batendo uma contra a outra e abro os olhos. Rabbit está segurando três cartas na mão. As três cartas que ainda restam. Eu me sento quando avisto uma em particular.

"Os homens que seguraram Ellis," digo, vendo os desenhos dos tios gêmeos. "Os que bateram em seu rosto enquanto sua barriga era aberta."

"Os gêmeos Tweedledum e Tweedledee," Rabbit anuncia, sua voz reassumindo seu tom sombrio. Ele coloca a carta entre nós e meus lábios se apertam, a raiva crescendo dentro de mim por causa do que fizeram a minha amiga Ellis sentir. "Eles são seus." Ele coloca a carta no meu colo.

"Destrua-os."

"O quê?" Exclamo. As sobrancelhas de Rabbit se juntam.

"Eu não disse nada," diz ele.

"Destrua-os, Dolly. Por mim... por nós..." diz a voz outra vez.

Inspiro profundamente quando percebo quem tinha falado. Minha cabeça inclina-se para o lado enquanto ela fala. Eu aceno em compreensão. Olhando para Rabbit, explico: "É Ellis." Dou um tapinha em minha cabeça. "Ela fala comigo aqui."

"O- o que ela diz?"

Olho para a carta. Para o desenho dos gêmeos Tweedledum e Tweedledee. E sorrio, saboreando o restinho do sangue em minha boca. "Ela disse para eu destruí-los. Para destruir os dois... dolorosamente."

As narinas de Rabbit se alargam e ele coloca a carta na mesa ao lado. Agarrando a minha mão, ele me encara. "Então você deve

destruí-los, pequena Dolly. Você deve acabar com eles, você mesma."

Fecho os olhos e suspiro com alívio.

Rabbit beija a minha mão, e mergulho no sono. *Vou quebrá-los em várias partes, Ellis. Pedacinho, por pedacinho. Eu prometo. Aguenta aí. Logo você estará livre... Por favor.*

CAPÍTULO 12

Tweedledee & Tweedledum



Rabbit

O pôr-do-sol risca o céu quando chegamos a El Paso. Dolly está dormindo, com a cabeça apoiada em seu braço contra a porta do Mustang. A sua confissão a respeito de Ellis, sobre a cicatriz que eu nem tinha visto na parte inferior do seu abdômen, se repete dentro da minha cabeça e minhas mãos apertam o volante. Merda, meus olhos estúpidos estavam cegos, arrebatados pela sede de sangue, maravilhados por finalmente ter a minha pequena Dolly da maneira que eu sempre quis. Eu não tinha notado a porra da cicatriz branca que desfigurava a sua pele tão perfeita. Eu não tinha captado a evidência do que esses idiotas haviam feito a ela. Foi muito pior do que o que eles infligiram a mim.

Aqueles vermes a engravidaram quando criança.

Aqueles vermes abortaram o seu bebê...

Aqueles vermes arrancaram o ventre de Dolly do seu corpo imaturo. Eles fizeram isso para que ela nunca mais pudesse ter filhos. Tudo para que eles pudessem continuar fodendo com ela, contra a sua vontade, gozando dentro dela tanto quanto quisessem,

sem ter nenhuma preocupação em engravidá-la. Roubando dela cada parte do seu pensamento racional, até que ela ficou quebrada e se recolheu dentro de sua concha. Ficando no estado vegetativo em que a encontrei, isolada do mundo real.

Seus crimes, os quais eu finalmente estava tomando conhecimento, liberaram o vulcão de raiva que eles mesmos haviam plantado dentro de mim; ele entrou em erupção, transformando-se em um mar derretido de lava com a intenção de destruir tudo em seu caminho. As pessoas que a amarraram na mesa de operações. Os "tios" gêmeos que estávamos indo encontrar. Adicione a esta lista os crápulas maiorais, responsáveis por abusar de seu corpo e de sua mente: tio John e seu Papai. Seu pai, a pessoa que deveria protegê-la. Em vez disso, prostituiu a sua buceta entre os seus "colegas", servindo-a em uma bandeja de prata e com uma xícara de chá envenenado na mão.

As típicas estradas rurais de El Paso dão lugar às luzes da cidade enquanto eu dirijo em direção ao nosso destino. Uma propriedade no extremo mais distante da cidade, uma pequena e agradável fazenda. Isolada. Privada... perfeita para servir de cenário para um massacre no melhor estilo do País das Maravilhas.

"Jantares e festas chiques pra caralho," disse Hyde enquanto se aproximava de mim na casa secreta de Chapel, na Louisiana. Hyde estava olhando as fotografias na minha mão, o grunhido habitual em seus lábios. Henry estava atualmente "adormecido."

Chapel caminhou até onde eu estava lendo o relatório sobre os tios Jeffrey e Samuel. Ele assobiou quando olhou para uma das fotos que o investigador particular havia tirado, em uma dessas festas. Cordões de luz pendiam no terraço externo. Várias pessoas sentadas ao redor de uma longa mesa. Todas elas, personagens interessantes por si mesmas; mais abusadores de crianças, sem dúvida. Um par de estupradores e algumas putas idiotas que ficavam com tesão com os gostos distorcidos dos abusadores - bucetas que ficavam excitadas observando os seus homens estuprarem outros... a idade não importava. "Oh, que divertido seria poder causar estragos nesta

pequena multidão." Chapel sentou-se ao meu lado e passou a mão sobre a foto das mulheres sentadas ao lado dos homens de meia-idade. "Prostitutas?" Ele pergunta com um brilho de fogo em seus olhos.

Verifiquei as informações do investigador. "Sim. Mas daquelas que gostam do lado mais sombrio da foda."

Chapel inspira de um jeito zangado. "Oh... tantas possibilidades... que relações todos nós poderíamos ter," murmura, suas pupilas se dilatando.

"Faça todos eles sofrerem," resmunga Hyde. "Corte suas malditas gargantas." Ele sai da mesa e volta para os seus aposentos. Sem dúvida, Henry estaria de volta em breve.

Chapel estava de pé também e afastou o longo cabelo loiro do seu rosto. "Sim, jovem Mauricinho. Já posso imaginar as mortes bonitas e poéticas que nossos entusiastas de sangue locais inventarão." Ele apontou o dedo no ar e sorriu. "Você deve anotar e descrever essas aventuras para os seus amigos." Ele colocou a mão sobre o peito. "Eu gosto muito de um bom romance assassino, meu bom senhor. Um sobre esta violenta festa do chá seria um espetáculo."

Ele se afasta, me deixando ali com as fotografias, imaginando o rosto de Dolly se iluminando com aquela mesa de bolos e chá.

Imaginando que ela estará se banhando no sangue deles, segurando uma leve torrada com manteiga em sua delicada mãozinha...

Dolly se agita, tirando-me do meu devaneio. Olho para ela no instante em que seus olhos se abrem. A sua maquiagem continua perfeita. Fico duro só de olhar o relógio desenhado ao redor do seu olho esquerdo. Mas não tão duro, como fico ao ver o frasco com o meu sangue pendendo na fita em volta do seu pescoço. O rótulo "Beba-me" nunca foi tão adequado.

Dolly arfa, sentando-se. Viro a cabeça para ver o que ela está olhando. Luzes brilhantes estão à frente. Limusines estacionadas e alinhadas em uma estrada que leva a um grande prédio, de onde a música está retumbando. As crianças, que não tem mais de dezessete ou dezoito anos, estão espalhadas pelo terreno.

"O que está acontecendo, Rabbit?" Pergunta ela enquanto eu desacelero, permitindo que ela veja mais. As crianças olham para Dolly enquanto passam pelo Mustang. "Uau" ela murmura enquanto observa moças usando vestidos rodados e uma maquiagem pesada, que poderia rivalizar com a de Dolly — exceto pelo relógio ao redor do seu olho — de braço dado com meninos em smokings.

Não consigo tirar os olhos de Dolly enquanto ela os observa com olhos arregalados. A sua perna salta com entusiasmo. Ela se vira para mim e pergunta: "O que é isso, Rabbit? Por que todas as meninas estão tão elegantes? Por que os meninos estão tão bem vestidos?"

Olho para a faixa acima do prédio: "Baile de formatura." Dolly está olhando para as crianças que entram na área da escola. Mas eu só olho para ela. Eu vejo o quanto ela está hipnotizada pelas meninas em seus vestidos. Longos e elegantes vestidos.

Como se estivesse lendo minha mente, ela diz: "Os vestidos, Rabbit..." sua voz está cheia de admiração. Ela olha para as próprias coxas nuas. "O meu não é nada parecido com o delas." Ela me dá o sorriso mais triste que eu já tinha visto. "Mas onde eu usaria um vestido tão bonito? Certamente não para acabar com os homens maus. Eu não desperdiçaria algo tão bonito com pessoas tão feias."

O meu coração, se é que eu tenho um, racha exatamente ao meio. Ela está certa. Ela nunca fez nada. Mesmo quando criança, ela viveu a maior parte de sua vida dentro da sua cabeça, sua imaginação alimentando as festas de chá, as suas aventuras em torno da propriedade. Ela dançou em cada minuto que pode.

Imaginou uma vida fora dos muros da propriedade. Eu nunca dançava, para seu desgosto. Eu ficava feliz só de assistir. Mas caralho... Dolly merece algo melhor na vida.

"É um baile" digo. A testa de Dolly se enruga em confusão. Sei que ela não consegue ler o cartaz em cima das portas. “As crianças do... País das Maravilhas vão a um baile quando terminam a escola.” Encolho os ombros. “Eles dançam ou fazem qualquer outra merda deste tipo. Se vestem assim para dançar.”

“Eles dançam...?” Ela sussurra enquanto mais limusines chegam. “Que divertido deve ser!” Ela sorri para duas meninas que estão passando. Elas olham para dentro do carro, e seus olhos se fixam em Dolly. Elas param, e então riem. Bem na sua cara.

Meu lábio se curva. Como se tivessem ouvido o grunhido que retumba sob a minha respiração, elas olham para mim. Eu casualmente levanto o meu dedo indicador e o passo pela garganta, fazendo um gesto de corte. Com a palidez em seus rostos, eu sei que receberam a mensagem de fechar suas fodidas bocas de puta. Caso contrário, eu cortaria a garganta dessas putas aqui mesmo, agora mesmo.

Ninguém despreza a minha Dolly.

“Vocês duas estão tão bonitas!” Dolly diz para aquelas cadelas ingratas, inconsciente do fato de que elas haviam se atrevido a zombar dela. Que riram de suas roupas e maquiagem. Elas não têm ideia de que ela poderia acabar com suas vidas patéticas apenas com um movimento gracioso de sua faca.

Tenho vontade que ela ensine uma lição a essas putas metidas.

Estreito os olhos, olhando para elas, desafiando as putas a ignorá-la. “Mui-muito obrigada.” Uma delas acaba dizendo e correm pela estrada.

Dolly se vira para mim com um enorme sorriso em seu rosto. “Elas falaram comigo, Rabbit! As princesas bonitas falaram comigo!”

Concordo com a cabeça, mas Dolly já está perdida com a música que vem da escola. “Não conheço essas músicas. Não estão na minha fita.” Dolly franze a testa. “O que mais acontece nos bailes de formatura, Rabbit?”

Forço o meu cérebro, tentando me lembrar. Eu nunca tinha ido a um baile antes de ir para a propriedade Earnshaw, mas obviamente, sei do que se trata. Eu fervo de raiva perante a constatação de que isso não é nada óbvio para ela. O pai dela nunca a ensinou a ler, e muito menos permitiu que ela fosse para uma escola onde poderia ter feito amigos, ido a bailes ou feito qualquer outra merda que as garotas gostam de fazer. Por um segundo, quase fico satisfeito que seu pai não tenha permitido; Dolly nunca teria sido amiga de uma aberração como eu. Um louco que pensa em mortes e assassinatos, vinte e quatro horas por dia, sete dias por semana, e não em jogos de futebol ou de basebol.

“Rabbit?”

“Eles dançam, bebem ponche, então elegem um rei e uma rainha.”

Seus olhos se arregalam. “Fazem isso?” Ela fica espantada. “Eles usam uma coroa?” Assinto. Dolly suspira. “Eu gostaria muito de usar uma coroa.” diz ela. “Ser coroada como rainha...”

Sinto um aperto em meu íntimo, com a porra do sorriso triste em seu rosto.

O que ela não percebe é que ela *já é* uma rainha do caralho.

A minha rainha ensopada de sangue.

Checando o relógio, vejo que é hora de ir se quisermos invadir a festa. Coloco o carro em marcha e me afasto do baile. O pescoço de Dolly se estica enquanto observa a escola até ela ficar

completamente fora de vista. Quando se senta em seu banco, ela joga a carta dos gêmeos Tweedledee e Tweedledum de um lado para o outro em suas mãos. Seu rosto passa de feliz a furioso em um instante.

Sorrio, vendo minha pequena Dolly se preparar mentalmente para o que viria em seguida. A morte de cada um desses vermes seria um deleite. A morte do Gato Risonho acabou com a vingança que eu mais desejava. As próximas quatro mortes significam muito mais agora, depois das revelações sobre a cicatriz que ela carrega.

Eu mal posso esperar para que Dolly libere toda sua fúria sobre os fodidos que a mantiveram presa enquanto seu útero era removido. Estou contando os segundos, até ela aparecer para eles como um demônio enlouquecido do seu passado.

Chegamos à fazenda, a quilômetros de qualquer um e de qualquer coisa, assim como o resto. Os meios de comunicação ainda não haviam divulgado os nomes daqueles que já tínhamos matado. Meses atrás, o investigador de Chapel nos disse que os tios não mantinham qualquer comunicação entre si, há anos. Balanço a cabeça, adorando o fato de que nenhum desses filhos da puta sabe que estamos chegando. Mortes surpresa, sempre tem um sabor muito mais gratificante.

Sem informações, e alheios aos fantasmas que vem do passado para assombrá-los... isso deixa o seu sangue mais doce.

Dolly se levanta e coloca a mão na moldura do para-brisa. “Rabbit! Eles estão dando uma festa!” Antes que eu possa detê-la, Dolly salta do carro com a cabeça da boneca Alice em uma mão e sua faca na outra. A sua arma está no cinto ao redor da sua cintura. Apresso-me pela entrada, atrás dela, tentando alcançá-la.

Dolly atravessa a porta da fazenda correndo. Sigo atrás, examinando a casa e procurando ver se há alguém por perto. O tilintar de louças pode ser ouvido, vindo do quintal.

Dolly se vira para mim com um sorriso no rosto. “Não...” ela solta uma risada aguda, cobrindo a boca com a mão e segurando a cabeça da boneca. "Rabbit, eles estão fazendo uma festa do chá?" Sem esperar por uma resposta, Dolly corre para frente, depois para no centro da entrada que leva à varanda. Caminho atrás dela e os meus olhos se fixam na mesa diante de nós. Assim como nas imagens do investigador, a mesa é longa e está ocupada com uma mistura estranha de personagens desagradáveis. Abusadores de crianças. Estupradores... e prostitutas que ficam excitadas ao assistirem esses vermes realizando os seus atos depravados.

Dolly ofega e bate as mãos. Uma risada alta e estridente surge de sua boca acima da música alta. Oito cabeças se viram e oito pares de olhos curiosos pousam em nós. Dolly tira as mãos da boca. Uma criada havia colocado bule após bule de chá na mesa e há uma bandeja de bolos com uma grande variedade de gostosuras.

Interrompemos a sobremesa deles.

"Vocês estão tendo uma festa do chá!" Dolly canta e corre até a frente da mesa. Ocasionalmente, balanço a bengala na minha mão, os meus olhos examinando os convidados na mesa. Todos nos olham confusos. Mas há apenas dois convidados com os quais eu me importo, caralho. Os dois montes de merda gordos e idênticos que estão na ponta da mesa. Ternos idênticos. Mesmo penteado careca... mesma contagem regressiva de morte piscando em suas cabeças.

Dolly puxa uma cadeira que estava na lateral do terraço e a empurra entre um estuprador e uma puta. Ela coloca a cabeça da boneca sobre a mesa. A prostituta grita e se afasta.

Pelo canto do meu olho, eu vejo a empregada tentando escapar. Assim que ela tenta passar por mim, eu bato com a minha bengala contra a parede e crio uma barreira que ela não consegue atravessar. Seus olhos azuis assustados ficam fixos em mim. Eu balanço a cabeça e digo num sussurro. “Nada de sair, querida.” Aceno com a cabeça para um banco ao lado do terraço. “Por que

você não se senta lá?" Aponto. A empregada está congelada, os olhos parecendo os de um cervo olhando os faróis de um carro, mas eu estalo os ossos do meu pescoço enquanto giro minha cabeça de um lado para o outro. "Eu não estou pedindo... *faço questão*."

Ela corre para o banco, quando um dos gêmeos – Tweedledum, eu decidi o nomear assim – se levanta. "Quem são vocês dois, caralho? O que diabos vocês estão fazendo na minha casa?"

Meus olhos se voltam para o seu rosto corado e uma raiva insaciável se acumula dentro de mim. Abro a boca, pronto para falar, quando Dolly bate com a mão na mesa. Seus olhos, furiosos, se fixam no rosto inchado de Tweedledum. "Onde estão os seus modos?" Ela sibila, o seu sotaque inglês mais pronunciado do que nunca. Dolly sacode a cabeça descontente e puxa a arma do cinto. Os olhos de Tweedledum caem sobre a Glock azul e branca. Dolly passa o dedo pela inscrição. A sua cabeça se inclina para o lado enquanto olha para os "tios." "É hora do chá." Ela gira a pistola em sua mão e a segura, como a treinada e experiente usuária de armas em que ela se tornou. Ela aponta a arma ao redor da mesa, apontando seu cano para cada um dos convidados, um de cada vez. Todos estão olhando para ela, seus rostos rapidamente ficando sem cor. Quando o seu olhar pousa em Tweedledum, ele congela.

"Nós somos convidados aqui." Ela olha para a mulher ao lado dela e ordena: "Rabbit precisa de uma cadeira." A mulher hesita, somente para Dolly girar e apontar a arma para sua cabeça. "Não me diga que a sua mãe nunca lhe ensinou boas maneiras?"

A mulher se afasta do seu assento e pega uma cadeira para mim. Ela a traz, hesitando quando claramente não sabe onde deve colocá-la. Dolly me dá um sorriso deslumbrante e ergue um ombro.

Minha boneca linda e completamente fodida.

"Pode colocar à minha frente, eu acho." diz Dolly, e a mulher coloca a cadeira onde Dolly indicou. Movimento-me lentamente,

avaliando a todos, enquanto eles olham para mim e para a minha garota. Quando me sento, Dolly me olha. “Uma festa do chá, Rabbit! Você acredita nisso?”

Fico recostado em meu assento. “Eu não posso acreditar, minha pequena Dolly.” A minha mão direita descansa na minha bengala, e passo o dedo indicador esquerdo em volta dos lábios. Com o meu dedal afiado, perfuro a carne e sinto o sangue se juntar na minha boca e escorrer pelo meu queixo.

Eu deixo que escorra.

Eu deixo todos eles ficarem me encarando.

“Sabe, Rabbit? Você sabe o que realmente me tira do sério?” Pergunta Dolly enquanto se senta.

“O quê, querida?”

Ela levanta a faca e começa a enfiar a ponta na madeira da mesa coberta com uma toalha de linho. A sua arma permanece em sua outra mão, o dedo apoiado no gatilho. Seus ombros caem e uma expressão desapontada domina o seu rosto bonito. “Eu realmente não gosto de pessoas rudes.”

Aceno concordando, espalhando o sangue sobre os dentes com a ponta da minha língua. Sinto a tensão que é irradiada dos convidados. O cheiro celestial do medo permeia o ar úmido. Dolly suspira e balança a cabeça. Os seus olhos se movem rápido para o lado, sem olhar para nada. A sua cabeça está inclinada como se ela estivesse ouvindo alguém. “Ellis também não gosta. Ela diz que isso realmente a deixa chateada.”

Eu sorrio.

A minha pequena Ellis nunca gostou de pessoas sem modos.

Inclinando-me para frente, deixo o sangue dos meus lábios cair na toalha de mesa. Então, sorrio. Esfregando a cabeça de

coelho da minha bengala, eu dou de ombros e digo: “São seus modos que fazem de você o homem que você é.”

Dolly se vira para os gêmeos, que haviam ficado um tom mais claro de branco. A sua palidez mortal não faz nada além de me excitar. Eu sei que eles ouviram Dolly mencionar Ellis.

Isso os provoca, antecipando o que está por vir. Dor. Toneladas de dor encantadora e viciante.

“Vocês nos convidam até aqui, para sua fazenda, e depois nos tratam com um desrespeito tão flagrante?” Os olhos de Dolly entristecem e as covinhas surgem quando seus lábios rosados demonstram sua decepção. “Nós viajamos de tão longe para estar aqui esta noite.” Ela faz uma pausa, a escuridão despontando em seu olhar. “Para ver vocês dois... na verdade, mal conseguíamos conter nossa excitação.” Um sorriso sinistro aparece em seus lábios, e então, ela volta a fazer beicinho. “Você monta esse lindo banquete e depois faz a gente se sentir tão inoportuno.” Ela funga. "É muito perturbador.”

O homem à esquerda de Dolly sussurra algo para a puta que está ao lado dele. Eu estudo seu rosto. Meu sangue ferve, quando lembro que ele é um abusador de crianças. Ela é a cadela que gosta de ficar assistindo o que ele faz com as crianças.

Caralho! Ele ousa falar quando a minha Dolly está com a palavra? Dolly se acalma, gira com a faca em sua mão e mergulha a lâmina diretamente no lado do seu crânio. A prostituta, sua companheira nojenta e perversa, pedaço de merda, grita quando o sangue dele jorra sobre ela. As suas mãos amassam a toalha de mesa branca enquanto ele começa uma lenta jornada até a morte, e até às mãos do próprio diabo que vai estar esperado por ele. “Eu já disse que odeio pessoas sem modos!” Dolly diz em sua voz mais alta e autoritária.

Dolly inspira profundamente e fecha os olhos. Eu a ouço contar até dez em voz baixa. Tenho que me ajeitar em minha cadeira; meu pau está tão duro que chega a ser doloroso.

Ela é gloriosa.

Quando ela abre os olhos, sorri aliviada, coloca a mão sobre o peito e diz tranquilamente, “Agora, estou mais calma.” Seu sorriso desaparece, quando ela deixa seu olhar percorrer a mesa toda. Os nossos anfitriões estão olhando para ela com um medo repulsivo. Estão se borrando de medo do titã negro no qual ela se transformou. Ela tira seu cabelo do rosto e ajeita a fita em seu cabelo.

De repente, a prostituta que acabara de ficar coberta de sangue se levanta. Ela foge em direção à porta. Ela só dá três passos, antes de Dolly puxar a arma do cinto em sua cintura e disparar uma bala diretamente na parte de trás do seu crânio. O corpo da vagabunda cai no chão. A puta ao meu lado grita de horror. Olho em volta da mesa. Os demais filhos da puta estão claramente aterrorizados demais para se mexerem.

“Mais alguém?” Pergunta Dolly, de frente para o resto dos convidados, com seus braços esticados. Ela sacode a cabeça decepcionada. “Vocês estão testando a minha paciência!”

Quando ninguém pronuncia nem uma única palavra, ela coloca a sua arma de volta no cinto. Voltando-se para o verme que ela havia assassinado, agora caído sobre a mesa, ela agarra o punho de sua faca e, sem cerimônias, o retira do crânio. O sangue esguicha em seu vestido; ela ri com embaraço e retira o guardanapo que ele tinha ao redor do seu pescoço. Ela tenta usar o pano para limpar as manchas de sangue de suas roupas. Infelizmente, isso só piora; o sangue escorre, da cabeça partida do homem, sobre o guardanapo, espalhando ainda mais manchas vermelhas no vestido de Dolly.

“Lá vamos nós!” Ela olha para sua faca. “Eca” diz, fazendo uma careta para o sangue e para o resíduo de cérebro que se apega ao filigrana no aço da faca. Encolhendo os ombros, ela procura em volta por algo para se limpar, antes de se virar para a prostituta à sua direita. “Com licença” diz Dolly educadamente, e limpa o sangue da faca no lenço de seda ao redor do pescoço da prostituta. Dolly dá um sorriso grato a ela. “Muito obrigada, adorável senhora.”

Dolly sacode a cabeça em resposta a alguma coisa. “O quê?” Ela diz enquanto se senta, olhando novamente para o lado. As pessoas ao redor da mesa se entreolham, medo e confusão assombrando suas expressões. “Quem?” O seu olhar vaga para Tweedledee e Tweedledum, que estão sentados e imóveis, lançando olhares frequentes e preocupados um para o outro. As mãos deles estão igualmente apertadas contra a borda da mesa.

Eu sorrio. Eles estão se borrando de medo da minha querida e pequena Dolly.

“Estes dois?” Dolly aponta para Tweedledee e depois para Tweedledum. Ela balança a cabeça, com um olhar incrédulo no rosto. “Eles não fariam isso com você, Ellis. Tenho certeza disso... eles são nossos anfitriões. Anfitriões nunca poderiam nos ofender de tal maneira.” Dolly suspira e então balança a cabeça novamente, devagar, com tristeza. "Eles não iriam segurar você, enquanto outras pessoas estivessem te cortando e removendo seus órgãos internos. Certamente, eles não tirariam o seu bebê de dentro da sua barriga, ou então, bateriam em seu rosto quando você tentava gritar e lutar contra eles." Os gêmeos se engasgam, em uma respiração chocada. Tweedledee fica de boca aberta. “Eles parecem ser muito simpáticos para fazerem isso.”

Ela se senta e fica confortável de novo em sua cadeira. Tweedledum e Tweedledee não tiram seus olhos dela.

Porque eles a reconheceram.

Eles se lembram dela.

Estão com medo dela.

Então eles olham para mim.

Eles olham para o sangue que está cobrindo a minha boca... e eu vejo. Vejo os seus olhos assustados no momento em que eles percebem quem também está ali sentado diante deles...

“Heathan”, sussurram um para o outro e movimentam suas cadeiras para trás. Eu balanço a cabeça, lentamente, avisando sem palavras para que continuem bem sentados.

E vejo o momento em que eles percebem que não vão deixar esta festa do chá com vida.

Dolly ofega, de repente, e sua inspiração leva todos os olhos de volta a ela. “Estamos comemorando meu desaniversário?” Ela ri. Seus olhos pousam nos bolos e no chá a sua frente. Nas xícaras de chá de porcelana chinesa e no bule cheio de chá fresco.

Ela olha para Tweedledum e Tweedledee. “Bem... é isso?”

Eles se olham. Tweedledee limpa a garganta. "O-o que é um desaniversário?"

Dolly bate a mão na mesa e descansa ali seu cotovelo. “Apenas uma pequena besteira, na verdade. Ainda assim, é *tãããooo* divertido!” Ela examina o conteúdo da mesa e pega um pratinho. Dolly se levanta e se inclina para onde está o bolo de três camadas. “Tanta opção!” Ela começa a escolher bolos e colocá-los em seu prato. “Bolo de cenoura” diz com entusiasmo, lambendo um pouquinho da cobertura de cream-cheese que cai em sua mão. “Glacê chique... e... Rabbit!” Ela grita. "Scones[15] com geleia de morango e creme!” Ela realmente cantarola de felicidade e excitação quando volta a se sentar. Ela dança em seu assento quando coloca o "scone" em sua boca. Não é um scone, é claro. Os bolos não são

[15] O scone é um bolinho inglês, geralmente feitos de trigo, cevada ou aveia, e que são feitos em porções individuais, assim como o cupcake.

nada daquilo que ela havia dito. Aqui é a América. Em sua mente, Dolly mora na Inglaterra.

Dolly limpa uma migalha de bolo da boca enquanto observa as pessoas que a estão encarando. Olham para ela como se fosse louca. Ela é, é claro. Mas eu também sou.

Isso, é o que mais amo em nós.

“Rabbit?” Pergunta Dolly. Dispenso minha atenção a ela. "Você seria um doce e serviria o chá?"

"Com prazer, querida.” Levanto do meu assento, pego o bule de chá mais próximo dela e sirvo um pouco em sua xícara. Dolly aguarda com um enorme sorriso no rosto. Ela puxa a xícara para perto de si e pega a jarra de leite ao seu lado. E congela. Quando olha para cima, todos estão como estátuas, todos os olhos fixados nela. “Bebam o seu chá, por favor,” ela diz gentilmente. Então coloca o leite no chá. Os cadáveres ambulantes não fazem nada. “Eu disse, bebam o seu chá!”

Os cretinos se atrapalham completamente, tentando alcançar os bules na frente deles. Eu sirvo uma xícara para mim. Dolly alcança os torrões de açúcar no centro da mesa. “Um cubo ou dois, Rabbit?”

"Dois, querida.”

Dolly coloca dois torrões de açúcar no meu chá e depois faz o mesmo com o seu. Ela levanta sua xícara, e então olha para mim. Eu imito os seus movimentos, mas vejo os seus olhos se estreitarem. Piscando para ela, estico meu dedo mindinho. Ela ri. Sem olhar ao redor, ela diz: “É melhor todos vocês colocarem seus mindinhos no ar. Eu não tomo chá com pessoas que não fazem isso. É tão rude!”

Dolly baixa os olhos, e todos, em uníssono, levantam os dedos mindinhos. Dolly suspira aliviada e leva a xícara aos lábios. O que se passa a seguir parece acontecer em câmera lenta. Dolly,

com os olhos fechados, toma um gole de chá. No instante em que o chá toca os seus lábios, seus olhos se abrem e ela o cospe na mesa.

Todos congelam, suas costas bem eretas de medo, quando Dolly deixa cair a xícara de chá e a fina porcelana chinesa se estilhaça no chão de azulejos. A cabeça de Dolly permanece abaixada, a sua grossa manta de cabelo loiro escondendo o seu rosto. As suas mãos estão espalmadas sobre a mesa, mas eu posso ver que estão trêmulas. Seus dedos se fecham em punhos apertados.

Ela dá um suspiro. Um grunhido. Um resmungo... um rugido crescente. De repente, Dolly pega a arma na cintura e fixa os olhos na puta à minha direita. Sem hesitar, ela puxa o gatilho e, com um estouro ensurdecedor, coloca a porra de uma bala diretamente entre os olhos da vagabunda. O sangue dela espirra sobre o meu rosto. Nossos anfitriões gritam. Dolly ferve, os seus olhos arregalados de raiva, os ombros tensos com a necessidade de matar. Limpo uma gota de sangue do meu rosto e o levo à boca. Meus lábios se apertam em desgosto.

O gosto da puta é tão fodido quanto a sua escolha de homens.

“Chá preto...” Dolly diz em voz baixa. Os gritos que nos rodeiam começam a desvanecer. “Chá preto Darjeeling...” repete mais alto desta vez. Os olhos de Dolly se fecham e seu corpo começa a tremer. Ela tira a faca da mesa. Não é possível ouvir qualquer som. Dolly levanta a cabeça, seu rosto está vermelho brilhante. “Chá preto...” a palavra sai entrecortada, com a fúria enchendo sua voz. “Eu não bebo chá preto.” Os seus lábios franzidos se abrem e ela grita: "EU SÓ BEBO EARL GREY, PORRA!"

Dolly se vira para a puta à sua direita e passa a faca por sua garganta, cortando o lenço de seda dela no processo. Mas ela não terminou ainda. Enquanto a vagabunda agarra a sua garganta, balbuciando e engasgando-se em seu próprio sangue, os olhos de Dolly são direcionados para os gêmeos Tweedledum e Tweedledee.

“Quem é o responsável por isso?” Pergunta ela, pegando o bule à sua frente. Ela vira o bule e derrama o chá agora morno na mesa. Ela larga o bule do alto, a porcelana chinesa se quebrando quando bate na mesa.

Tweedledee entra em pânico e aponta para um homem sentado dois lugares à minha direita. Eu volto a minha atenção nessa direção e observo quando o sangue, visivelmente, se esvai do rosto dele. Eu o reconheço das fotos, outro abusador de crianças. Concentro-me no pulsar em seu pescoço. Está batendo tão rápido. Eu quero pegar o meu dedal e acabar com aquele batimento em sua garganta. “Eu... eu... eu...” gagueja. Suas mãos vão para o ar. Dolly olha para ele furiosa, nitidamente vibrando de raiva. “Eu... sou proprietário de ações de uma empresa de chá... é o meu favorito. Eu trouxe esse como um presente aos anfitriões.”

Dolly se acalma e sua cabeça se inclina lentamente para o lado. Ela nunca tira os olhos dele. “É o seu favorito,” ela repete suas palavras calmamente, sem emoção. O estuprador de crianças analisa a mesa. Todos os seus amigos, sentados do outro lado, estão mortos. Ele assente, respondendo a pergunta dela. “É o seu favorito...” Dolly continua e seu tom se eleva ligeiramente no final. Ela fecha os olhos e coloca a palma da mão sobre a testa. “Ele diz que é o seu favorito,” diz ela para si mesma. “Chá preto Darjeeling é o chá *favorito* dele. Ele tem *ações* em uma empresa de chá.” Seus olhos se abrem, mas estão vidrados. Sua cabeça se abaixa novamente.

Ela está ouvindo Ellis.

“Eu sei” ela concorda e começa a virar a cabeça lentamente. Seus olhos se voltam para o estuprador de crianças. Empurro a puta morta ao meu lado para o chão, então me viro no meu lugar para obter uma visão melhor do homem. Não quero perder o que a minha Dolly está prestes a fazer. “Nós gostamos de Earl Grey.” Ela assente em resposta a algo que Ellis havia dito. “Gostamos da sua coloração cristalina. Do seu sabor de bergamota. É uma mistura excepcional.” Ela assente de novo e franze os lábios em desgosto. “E

ele tem a audácia, o descaramento, de nos servir Chá Preto? Porque é *o seu* favorito...”

Prendo minha respiração quando Dolly para de falar. Então ela se move. Em um instante, Dolly está sobre a mesa, esmagando a comida, os bolos e o chá com seus pés. Ela corre até o imbecil sentado a dois lugares de distância de onde estou e cai de joelhos. Segurando a faca com ambas as mãos, ela a mergulha em seu peito. E faz isso de novo, e de novo, mais uma vez e mais outra. Gemo e meu pau endurece até o ponto de agonia enquanto ela corta seu tórax até que as costelas do indivíduo começam a aparecer. O corpo do imbecil desmorona sobre a cadeira. Mas Dolly só para de esfaqueá-lo quando fica sem fôlego.

Inclinando-se para frente, ela agarra seu colarinho e o traz para perto, com os olhos ainda bem abertos. Chiando e sem fôlego, ela cospe em seu rosto, então diz calmamente, “Somente Earl Grey, sempre.”

Não consigo evitar. Não consigo continuar sem tocá-la, enquanto ela está sentada sobre a mesa, banhada de sangue, com os olhos brilhando de fúria por causa das mortes que impôs. Fico de pé, largando minha bengala e envolvo minhas mãos ao redor de sua garganta. Eu a arrasto para mim e colo minha boca sobre a dela. A minha língua gira em sua boca. Dolly geme e puxa meu cabelo. Eu a inclino sobre a mesa, comendo sua boca, antes de me afastar e olhar para ela, vestida de azul, encharcada de sangue, olhos e cabelos selvagens.

"Acabe com eles" eu exijo entre dentes cerrados. À minha volta, eu sinto o medo e isso traz um sorriso para o meu rosto. Eu colo minha boca na dela novamente, precisando saborear seus lábios mais um pouco, antes de soltá-los e começar a sugar a pele de sua garganta. “Acabe com todos eles, caralho” grito na orelha dela. Retrocedo e agarro a bengala, chutando minha cadeira para fora do caminho.

Eu ajeito o meu pau na minha calça quando Dolly se desloca até o final da mesa, pernas abertas, dando-me uma visão perfeita de sua "calcinha com babados" como ela a chama. “Quer se divertir, Rabbit?” Ela provoca com um brilho em seus olhos azuis.

“Sempre, querida.” Estendo a mão e a giro para fora da mesa.

Ela escova um cabelo imaginário do meu casaco e ronrona, "Meu Rabbit... tão cavalheiro.”

Dolly pula para Tweedledee e Tweedledum. Ela para atrás deles e joga os braços ao redor de seus ombros. “Agora é a vez de vocês” anuncia. Olhando para mim, ela diz: “Você seria um querido e me ajudaria, Rabbit?”

Faço uma reverência e caminho, girando minha bengala. Olho nos olhos do filho da puta ainda vivo na mesa e da empregada. Ambos estão chocados, paralisados de medo. Quando chego ao lado de Dolly, ela ordena: “Puxe as suas cadeiras.” Sorrindo com desdém, arrasto as cadeiras dos gêmeos até que os dois estão longe da mesa, mais para fora na varanda.

Dolly saltita em torno deles até os encarar. Ela se vira para a empregada, que ainda está sentada no banco. “Preciso de duas facas do mesmo tamanho.” Os olhos da criada se arregalam. Dolly a enxota com a mão. “Anda, anda...” diz ela, soando tão, mas tão malditamente inglesa. A empregada corre para dentro da casa. Vou atrás dela. Quando chego à porta, seus olhos se arregalam e ela recua para as gavetas da cozinha.

“Certifique-se de que estejam afiadas” grito. A empregada tira duas facas da gaveta e as entrega para mim. “Para ela,” eu digo, apontando para Dolly, que está ocupada depositando beijos nos lábios da cabeça da boneca Alice. A empregada passa por mim, nunca tirando os olhos dos meus, e entrega as facas a Dolly. Dolly coloca a cabeça da boneca sobre a mesa e segura as facas. Ela havia guardado sua própria faca e arma no cinto do seu vestido.

Vou até onde ela está parada. Mantenho minha bengala por perto quando ela oferece as facas aos gêmeos Tweedledum e Tweedledee. Eles a encaram, sem se moverem. Dolly suspira. “OK. Posso ver que vocês dois estão confusos, então vou explicar.” Ela se abaixa como se estivesse falando com crianças rebeldes e diz: “Apenas um de vocês sobreviverá hoje à noite.” Ela brande as facas em suas mãos. “Vocês vão lutar. Um de vocês matará o outro.” Ela encolhe os ombros. “Aquele que sobreviver deverá ser libertado.” Um sorriso. Outro encolher de ombros. “Simples.”

Tweedledee e Tweedledum sacodem a cabeça quando Dolly lhes oferece as facas novamente. Farto com suas merdas, puxo a minha própria lâmina e a empunho contra suas gargantas. Seus olhos avermelhados pousam em mim. “A senhora não está lhes dando uma escolha.” Dou um sorriso ensanguentado. "Ela está *insistindo*." O meu sorriso desaparece. “Agora, levantem-se, caralho.” Dolly bate as palmas bem alto atrás de mim. Uso a minha lâmina para obrigá-los a se levantar com cuidado. “Peguem as facas.” Eles olham para mim, prontos para recusar, mas aperto minha lâmina com força contra suas gargantas. Pânico aparece em seus rostos e eles pegam as facas. Eu os guio para trás. De repente, Dum foge e pula em direção à Dolly. Antes que ele possa alcançá-la, atinjo a lateral do seu corpo com minha lâmina e ele se curva com a dor. O segundo dos gêmeos, Dee, me olha de um jeito chocado. Encolhendo os ombros, o recompenso com exatamente a mesma lesão. Quando ele cai no chão, eu olho para Dolly. “Achei melhor fazer com que a luta seja justa.”

Ela bate o dedo em sua cabeça. “Bem pensado, Rabbit.”

Dolly se vira para o homem solitário à esquerda na mesa e para a empregada. “Levantem-se e venham aqui.” Eles obedecem. Ficam junto aos gêmeos no chão. “Façam as suas apostas” Dolly canta, andando em círculos em volta do estuprador e da empregada. “Quem vencerá esta noite? Será Tweedledee, o homem que segurou Ellis e a fodeu enquanto ela chorava? Ou será Tweedledum, o homem que bateu no rosto de Ellis enquanto a

mantinha presa para que removessem dela o lugar onde os bebês crescem?"

Dolly para junto da criada. "Faça a sua aposta. Tweedledum..." ela aponta para um dos gêmeos "... ou Tweedledee?"

O lábio inferior da empregada treme. "Tw-Tweedledee" ela sussurra. Dolly assente confirmando.

Ela se vira para o homem. "Tweedledee" ele ecoa tremendo.

De pé entre os gêmeos, ela coloca os braços no ar. "Tweedledum enfrentará o favorito, Tweedledee, em uma competição mortal. Ao meu sinal, a batalha terá início!" Ela olha para mim e sorri. "Preparar, vai... Tique taque!" Dolly pula para trás, mas nenhum dos gêmeos se move. "Lutem!" Ordena Dolly com as mãos nos quadris, mas eles se recusam obstinadamente. Ela olha para mim e suspira. "Pelo jeito teremos que fazer isso nós mesmos."

Meu pau lateja enquanto Dolly cai de joelhos atrás de Tweedledee e levanta a mão em que ele está segurando a faca. Antes mesmo de ter a chance de lutar contra ela, Dolly guia a faca diretamente no ombro de Tweedledum. Dolly ofega. "O primeiro ataque é de Tweedledee!" Ela olha para mim por cima do ombro e pergunta: "A pergunta é, o oponente vai revidar?"

"Não!" Tweedledum grita, segurando a lateral do seu corpo que está sangrando. Ele tenta escapar, mas eu o seguro pelos cabelos e agarro a mão na qual ele segura sua faca. Eu facilmente o domino, mergulhando a lâmina no fundo do estômago do seu irmão. Os dois gêmeos gritam e Dolly ri.

"Você é doente!" Tweedledum grita.

"Sim!" Dolly responde com entusiasmo. "Somos os Sick Fux!"

Fico cansado, com o fato daqueles dois fodidos ainda estarem vivos, então, enfio a faca no coração de Tweedledee. Os seus olhos

se arregalam em choque, depois esfriam lentamente ficando vidrados com a morte iminente.

“Não!” Tweedledum grita outra vez quando seu irmão cai no chão.

Dolly fica de pé e coloca as mãos nos quadris. "Não é justo!" Ela faz beicinho.

“Dolly” eu digo e ela se vira para mim a contra gosto. Eu jogo Tweedledum no chão e seguro seus pulsos atrás da cabeça, deixando o seu abdômen livre. “Eu nunca privaria você de algo tão delicioso, querida?”

Dolly arranha a bota no chão, e relutantemente sacode a cabeça. “Não.”

“Agora” digo e aponto com minha cabeça em direção à barriga de Tweedledum. “Você não gostaria de fazer com ele o que ele fez com Ellis? Ellis também não gostaria disso?”

Dolly olha fixamente, ouvindo a voz em sua cabeça, então ela se vira para mim e um sorriso lento brota em seus lábios. “Sim. Nós duas concordamos.”

Dolly corre até os pés de Tweedledum e pega sua faca. Tweedledum se debate em meus braços. “Não!” Ele grita, tentando se libertar. "Solte-me, caralho!"

Os olhos de Dolly se nublam. Ela bate com a parte de trás de sua mão no rosto do gêmeo. “Cale a boca!” Ela grita e faz isso de novo. “Você! Cale sua boca!”

Dolly levanta a camisa e golpeia a barriga dele com a faca. Mas ela não para. Ela faz isso de novo e de novo, e mais uma vez. Ela o marca, tal como ele a marcou, mas ele tem muito mais. Ele tem tantos cortes que sua pele já não é mais visível. Tweedledum cai em meus braços e Dolly recua com a lâmina no ar. Ela fixa seus olhos com os meus. Eu posso ver a fome em seu olhar.

O meu pau se contorce e sei que a sua buceta também está encharcada.

Lançando o corpo ao chão, fico de pé e viro na direção do convidado que ainda está vivo, desembainhando minha bengala. “Você perdeu a aposta” digo, antes de atirar na cabeça do bastardo.

Mas, assim que aponto na direção da empregada, que tinha fechado seus olhos, pronta para o golpe, Dolly puxa o meu braço. “Não, Rabbit!” Grita e olha para a empregada. Ela é loira de olhos azuis. Dolly fica de pé diante dela, na ponta dos pés para acariciar o rosto da mulher. “Ela é muito bonita para morrer.” Dolly passa sua mão pelo rosto da empregada e sobre seus lábios, fazendo carinho. “Ela parece uma boneca.” Sorri. “Ela se parece comigo.”

Ela não parece. Nem um pouco parecida com a minha Dolly, mas não quero explodir sua bolha discordando dela.

“Nós podemos deixá-la viver” diz Dolly, e os olhos da empregada se arregalam. Eu rosno, querendo matar a cadela e deixá-la fria como pedra, mas Dolly se vira com um rosto austero. Com relutância, concordo e remonto minha bengala. Dolly se volta para a mulher. “Mostre-me a sua mão” ordena Dolly severamente. A empregada obedece. Dolly ergue a mão e bate forte na parte de trás da mão dela. A empregada grita, mas logo fica quieta. Ela está com muito medo de se mexer. “Você trabalhou para homens muito maus” Dolly a repreende e balanço a cabeça. “Da próxima vez” diz Dolly, apontando para o rosto da empregada, “faça escolhas melhores!”

Dolly corre para a parede branca da varanda, um cenário contrastante para a pilha de corpos no chão e puxa seu batom. Depois de rabiscar "SICK FUX" de cor-de-rosa na parede, ela pega a cabeça da boneca na mesa. Quando ia voltar, ela pega dois donuts de um prato intocado. “Um donut pra gente comer na estrada?”

Concordo. Dolly pega minha mão. Quando saímos da fazenda, ensopados em sangue e precisando de uma foda, sei que

não vai demorar nada até pararmos o carro no meio do caminho para eu colocar o seu corpo debaixo do meu.

Imundo.

Coberto com o sangue deles.

Quente.

Molhado.

A mais pura perfeição.

***

A minha mandíbula aperta enquanto as mãos de Dolly sobem e descem pela minha coxa. Os seus seios estão pressionados contra o lado do meu corpo e seus dentes brincam com o lóbulo da minha orelha. Seguro o volante com tanta força que chego a pensar que ele será arrancado.

“Rabbit” ela sussurra e acaricia o meu braço. A sua mão cobre uma das minhas e ela a tira do volante, passando sobre a alavanca de câmbio e a colocando sobre sua coxa. Ela inspira fundo quando eu toco sua pele nua.

“Preciso que você me toque” Dolly sussurra no meu ouvido. “Só você. Ninguém mais. Ninguém mais pode me tocar. Apenas o meu Rabbit. Porque o meu Rabbit faz com que eu me sinta tão bem.” Eu rosno na minha garganta. “E a sua Dolly é a única que pode tocar em você.” Ela guia a minha mão para mais perto de sua buceta. Posso sentir o seu calor debaixo da bainha da saia. “Nenhum homem malvado pode nos machucar mais. Porque Dolly e Rabbit apagaram um do outro, com suas mãos, bocas e partes íntimas, o toque deles.” Ela geme e enfia minha mão em sua calcinha de babados. No instante em que meus dedos sentem sua

buceta quente e molhada, eu chio e viro minha cabeça para explorar sua boca com a minha.

Dolly geme contra a minha boca, depois me morde com força. Seus dentes se afundam no meu lábio, perfurando a carne. Ela esmaga sua boca contra a minha novamente, bebendo o sangue do meu lábio. O carro sai de lado e afasto minha boca. Endireito o carro antes de acertar uma árvore. Mas os lábios de Dolly lambem minha bochecha e meu pescoço enquanto ela se aproxima cada vez mais de mim.

Estou prestes a parar o carro para foder com ela na beira da estrada, quando pingos de chuva começam a bombardear nossa pele. Dolly ofega quando uma gota de chuva atinge sua bochecha e ela olha para o céu e fecha seus olhos quando se ouve um profundo estrondo de trovão. Os pingos de chuva dão lugar a um aguaceiro torrencial. Relâmpagos atingem as pastagens arborizadas a uma distância próxima. O riso alto de Dolly se sobrepõe à música do som. Quando olho para ela, sua cabeça está voltada para trás, os olhos fechados, enquanto as gotas de água escorrem por sobre sua pele, lavando o sangue dos bancos de couro. As suas mãos se lançam no ar enquanto a chuva a limpa do sangue daqueles vermes.

Estou tão fascinado, observando seu rímel e o relógio ao redor de seu olho esquerdo escorrendo por suas bochechas, que quase não vejo as sirenes explodindo à distância.

Polícia.

Grunhindo, pego o braço de Dolly e a puxo para o assento. Ela vira a cabeça em minha direção, com uma carranca no seu lindo rosto. A maquiagem que ela aplicou tão perfeitamente antes de irmos à fazenda agora está borrada, preto delineando os seus olhos e rosa manchando os seus lábios.

Ela parece selvagem. Selvagem, e tão fodidamente bela.

“Polícia” cuspo enquanto enfio o pé no acelerador. O Mustang ruge quando eu piso fundo. Desligo as luzes e mergulho na escuridão.

A empregada, eu penso, enquanto Dolly procura atrás de nós qualquer sinal de luzes azuis.

“Não importa o que você faça, não deixe nenhuma testemunha viva” insistiu Hyde antes de eu sair.

Chapel assentiu em acordo. "Não importa se são inocentes, mate-os rapidamente. Não deixe aberto nenhum olho que tenha visto o rosto de vocês.”

Mas eu ferrei com tudo. Falhei na regra número um de matar, tudo porque a minha pequena Dolly achou que a empregada era linda. Como uma boneca.

Verifico o espelho retrovisor e não há indícios de luzes azuis. Percorro as estradas rurais desertas o mais rápido que posso. As sirenes ficam fracas, mas eu sei que haveria mais vindo. A chuva bombardeia o para-brisas e estou dirigindo sem enxergar nada.

“Corra, corra, Rabbit” Dolly cantarola ao meu lado. “Corra, corra o mais rápido que puder!” Olho de lado e vejo que ela está dando pulos em seu assento, com pura excitação.

Ela não tem nenhuma ideia do que aconteceria se nos pegassem.

Penso no estado em que ela estava, quando a encontrei. Ela voltaria para aquilo. Dolly seria tirada do País das Maravilhas e mergulharia de volta no quarto das portas. Grande demais para caber em qualquer porta que lhe devolvesse a vida... a sua mente sã.

Não quero a sua mente sã. Eu a quero assim: fodida e perfeitamente sombria.

Empurro o acelerador com tanta força que o carro derrapa com o esforço. Dirijo por horas e horas, até chegarmos a uma pequena cidade. Nós dois estamos encharcados e não consigo mais ver a tempestade furiosa. Vislumbrando um edifício adiante, recuado da estrada e cercado por árvores grossas, viro à direita e vou naquela direção. O carro desliza no cascalho áspero quando eu viro e estaciono na parte de trás, sob a cobertura de árvores e da escuridão. Esperaríamos os policiais passarem antes de nos dirigirmos ao nosso próximo destino.

Desligo o motor, a chuva diminui devido ao abrigo das grossas folhas das árvores. Dolly se inclina sobre o painel e olha para as brilhantes luzes de néon que dançam no telhado do prédio, pergunta, “O que isso diz, Rabbit?”

Olho para ela. Com as roupas molhadas, ela parece tão jovem. Grandes olhos azuis e lábios cor de rosa. O vestido dela se agarra ao corpo, seus lábios estão molhados e brilhantes. O sangue, agora, apenas mancha seu vestido e meias. “Rabbit?” Ela diz, acariciando os cabelos no meu rosto, lisos devido à chuva.

Olho para a placa luminosa e levanto minhas sobrancelhas com interesse. “Garotas” digo, observando a dança do neon no telhado.

“Garotas...” Dolly diz com admiração. Ela senta em seu banco e imita a dançarina. Mesmo preocupado com a polícia e sem saber que diabo de lugar é este, não posso deixar de olhar minha menina. Os meus olhos estão sempre fixos nela. Nunca consigo desviar meu olhar. Não há nada mais no firmamento - estrelas, sol ou mar - nada é suficiente para tirar meu olhar dela.

Puxando meu celular, mando uma mensagem a Chapel.

EU: Ligue para os policiais. Diga a eles que você nos viu em direção ao leste. Tire-os da nossa pista.

CHAPEL: Bem, que bom ouvir algo de você, jovem escudeiro. Como dizem, deixa comigo.

Outra mensagem chega quase que imediatamente.

CHAPEL: Quantos faltam?

Observo Dolly, que ainda está dançando enquanto ouve sua fita cassete e olha a dançarina de néon com fascínio arrebatador.

EU: Dois.

CHAPEL: Momentos emocionantes, Mauricinho. Boa sorte. Hyde envia seus cumprimentos... Henry também, embora ele não esteja muito por aqui ultimamente.

Faço uma careta e me pergunto por que Henry estaria ausente, quando outro trovão soa acima de nós. A tempestade está se aproximando. Saio do carro e abro a porta no lado de Dolly. "Vamos, querida." Ela segura minha mão estendida e caminhamos até a entrada do prédio. Um homem musculoso está na entrada. Seus olhos se estreitam quando nos aproximamos. Ele cruza os braços sobre o peito.

"Identidade" diz ele. Levanto minha sobrancelha para ele.

"Uau..." Dolly diz espreitando por trás de mim. "Você é enorme!" Ela estende a mão e apalpa um de seus braços. Eu afasto a mão dela. Ela estreita os olhos para mim, irritada, mas não quero nem saber. Ela não toca ninguém além de mim.

Pego um maço de notas de cem dólares do meu bolso. Dou um passo em frente e encho o bolso do casaco do gigante com elas. Os olhos dele se arregalam quando veem o quanto eu havia colocado lá. O dinheiro é cortesia do escritório secreto de Tweedledee e Tweedledum, que eu tinha tomado, por segurança, antes de partirmos.

Dou um passo atrás e descanso as mãos na minha bengala. "Sem perguntas. Sem identidades. Um quarto privativo. E se a polícia chegar, você não nos viu."

O monte de músculos olha para mim. Eu sorrio, esperando que ele me desafie. Na verdade, eu o convido a fazer isso. Mas a montanha sai do nosso caminho e abre a porta. Tomando a mão de Dolly, entro no prédio. O cheiro de fumaça entope o ar. A música sacode as paredes enquanto o monte de músculos nos conduz por um corredor. Os meus pés ficam presos no carpete. E aumento minha pegada sobre Dolly quando homens passam por nós, olhando para ela de cima a baixo, enquanto ela sorri para eles e acena, dançando no ritmo da música ao caminhar.

O monte de músculos nos conduz para uma cortina vermelha... e os meus olhos se arregalam com a cena diante de nós. Coloco Dolly ao meu lado. Ela fica de boca aberta quando olha para um palco. Mulheres, mulheres nuas e mulheres que estão tirando suas roupas ao som da música, atraem o nosso olhar. Os homens vagam ao lado do palco. Uma mulher cai em um agachamento, vestindo somente uma corda solitária como calcinha em seu corpo oleoso. Um homem escorrega dinheiro debaixo da cordinha e então ela se volta e dança no outro lado do palco.

Não era a mesma dança que Dolly fazia para mim. Essas prostitutas fodem os homens com os olhos, enquanto desfilam pelo palco em saltos altos. Elas balançam seus corpos e se tocam.

“Rabbit...” Dolly sussurra alto o suficiente para eu ouvir. Ela fica paralisada pelas mulheres. Ela nunca tira os olhos delas. Eu não tiro meus olhos de Dolly, então não percebo uma prostituta tocar minhas costas. Eu não vejo a meretriz meio nua chegar colocando a sua mão ao meu redor e colar a boca na minha orelha. “Olá, bonitão” diz ela. “Veio aqui para brincar?"

Incapaz de suportar o seu maldito toque, giro e agarro a mulher pela garganta. Eu a jogo contra a parede e coloco minha bengala ao lado da sua cabeça, deixando o lado da arma pronto para disparar. “Não toque em mim, caralho!” Eu brado enquanto seus olhos se abrem em choque. Aperto minha mão com mais força em volta de sua garganta, observando seus olhos ficarem vermelhos.

A vadia vai morrer.

Uma mão no meu ombro me arranca de cima dela. Eu me viro com dentes apertados, pronto para cortar a porra de uma garganta. O monte de músculos está ali. “Não toque nas dançarinas,” diz ele e depois recua com os braços no ar, quando vê meu rosto assassino.

Volto minha cabeça para a prostituta, apenas a tempo de ver a cadela fugindo para uma sala dos fundos. A raiva cresce dentro de mim, até que Dolly desliza seus braços pela minha cintura. Ela aperta os seios e o seu corpo contra o meu abdômen. Eu rapidamente inalo o aroma de seu cabelo. O perfume que ela sempre usa, rosas.

Rosas, rosas, rosas.

Dolly olha para mim e sorri. Solto a longa inspiração que estava segurando no meu peito. Mas eu ainda posso sentir o toque daquela cadela. Ainda posso senti-la, até...

Dolly leva os braços até minhas costas e começa a esfregar o local que a puta ousou me tocar. Respiro. Inspiro e expiro enquanto o toque de Dolly começa a substituir o da vadia. Mas eu preciso de mais. À medida que minha raiva perdura, enquanto observo as batidas do coração no pescoço de Dolly e enquanto as suas mãos me tocam, incendiando meu sangue, eu preciso de muito mais.

“Nosso quarto?” pergunto, sabendo que o monte de músculos ainda está parado atrás de mim. “O quarto privativo. Agora. Ou considere o dinheiro que dei a você como ajuda de custo para as despesas do seu funeral.”

O monte de músculos caminha para a direita e desce outro corredor. Gemidos e grunhidos emergem por baixo das portas. Mas continuamos andando, a minha mão apoiada na parte de trás do pescoço de Dolly. O brutamonte para em uma porta e me entrega uma chave. “Ela tranca. Há também uma porta dos fundos, apenas

por precaução.” Concordo. Claramente, não éramos as primeiras pessoas que eram abrigadas ali por dinheiro.

Assim que estou prestes a entrar no quarto, uma mensagem chega ao meu celular.

CHAPEL: Feito. Lancei a isca. Espere uma hora antes de sair. Boa Sorte. Vá com Deus.

Deslizo o celular no bolso e passo pela porta. Dolly me segue, passando por mim quando vê o que há no centro do quarto. “Um palco...” sussurra e se aproxima. Ela vai até ele, acariciando o poste de metal no meio do palco preto.

“É o que as mulheres lá fora estavam usando para dançar.” Fecho a porta, nos trancando lá dentro. As luzes são fracas, apenas um brilho vermelho vindo da luz do teto. A música sai pelos alto-falantes. Em frente do palco há um grande sofá.

Passo por Dolly, a raiva ainda me atingindo como um furacão. O meu pau fica mais duro enquanto sinto meu pulso palpitar e meu sangue correr pelas minhas veias. Quando passo por Dolly, estendo a mão e coloco meus dedos na parte de trás do seu pescoço. O meu dedal afiado raspa a sua pele molhada. Dolly se vira com seus olhos flamejando e curva a sua espinha para mim. Eu continuo indo para o sofá. Sem olhar para trás, tiro o casaco e o jogo num canto do quarto. Sento-me e deposito minhas mãos na cabeça de coelho da minha bengala.

Fico reclinado contra a parte de trás do sofá. Então olho para cima. Vejo Dolly me observando ao lado do palco. O seu cabelo está molhado. Os seus olhos estão arregalados. Pupilas dilatadas.

Sei que ela também está molhada.

Sei que ela gostou de me ver empurrar aquela puta contra a parede por tocar o que é dela. Sua buceta ficou molhada pelo fato de que o único toque que eu suporto é o dela.

Suas tetas estão pressionadas contra o espartilho do seu vestido. Chapel iria rasgar a minha cabeça por chamá-las de "tetas." *Peitos*, ele me disse. *Mauricinho, nunca se deve parecer um pagão sem educação e sem classe. Mesmo que o chapéu sirva direitinho.*

Mas agora, com o calor da morte e com a necessidade de matar a puta que me tocou, *sou* um maldito pagão. E estou olhando as *tetas* de Dolly.

Vermelho recobre a sua pele pálida e rasteja como um incêndio pelo seu pescoço e bochechas. Dolly balança de um lado para o outro, as suas coxas apertadas tentando aliviar a pressão; sei que meu olhar está incitando sua buceta.

Ela morde o lábio. As suas mãos caem pela lateral e seus dedos começam a arrastar a bainha do seu vestido. Segurando na minha bengala com cada vez mais força, assisto aqueles dedos.

Então, "Dance."

Os olhos de Dolly se voltam para os meus quando eu olho para ela com olhos inflexíveis e autoritários.

Não movo nem um músculo quando Dolly pergunta: "O quê?"

Meus olhos se direcionam para o palco e se voltam para ela. "Dance."

Os olhos de Dolly ficam enevoados e vagam para o palco preto iluminado por um facho de luz vermelha. O poste prateado brilha no centro. A música enche a sala com uma batida pesada, tão alta que posso senti-la no peito.

"Eu sempre danço para você, Rabbit." Ela se vira para mim com um sorriso provocante em seus lábios cor-de-rosa. Ela sabe exatamente o que está fazendo. Sabe que ela é uma encantadora de serpentes e que está acordando o meu pau com seus atos de inocência.

"Não assim" falo, acariciando meu dedal na parte de trás da minha mão apoiada sobre a bengala. Inclinei-me para frente. “Como as prostitutas lá fora.” Dolly respira fundo e se contorce mais. Inclino a cabeça para o lado, mantendo o nosso olhar fixo. “Eu vi você observá-las, querida. Vi você querendo subir nesse palco. Vi você querendo rebolar em torno do poste, cobiçando a atenção que elas conseguem, dançando nuas.” Sorrio. “Eu vi você querendo se despir para mim.” Os meus olhos escurecem. “Só para mim... e você quer dançar. Você quer usar a adrenalina das mortes desta noite para dançar.” Recostando-me, deixo minhas mãos ainda descansando na bengala. “Sei que você quer me provocar, então coloque para fora toda essa energia reprimida. A vitória de livrar o mundo de Tweedledee e Tweedledum.”

Dolly está sem fôlego, as suas bochechas bem vermelhas. Levanto uma sobrancelha e casualmente aponto com o meu dedo. “Então dance... e isso não é um pedido.” enfatizo, sabendo que ela já sabe o que vou dizer em seguida. Deixando todas as sutilezas de lado, adoto o tom escuro que sei que ela vai obedecer. "Eu *insisto*.”

Dolly está sem fôlego e o seu corpo se move para o palco, honrando o meu comando. Minha marionete, sob minhas cordas.

Com os dentes apertados, observo quando ela sobe as escadas que levam ao palco. O meu pau lateja enquanto ela caminha até o centro e acaricia o poste de metal. O seu vestido azul está encharcado, rasgado e manchado de sangue. O seu cabelo loiro é uma massa de cachos, selvagem, como se eu tivesse acabado de fodê-la contra a parede, arruinando minha pequena boneca perfeita. Seus olhos estão cobertos de preto e seus lábios estão manchados com o rosa de seu batom. Suas meias têm manchas de sangue, mas continuam intactas, as listras pretas e brancas parecem uma escada, que me levaria ao ponto onde ambos queríamos que eu chegasse.

Uma nova música sai dos alto-falantes, um baixo profundo agita as paredes do quarto. O cantor fala sobre uma mulher que se

transformou em uma selvagem. A música é bem adequada. Em torno de minha pequena Dolly querida, perco a minha cabeça.

Quase nenhuma sanidade permanece.

Tento relaxar, mas tudo isso vai por água abaixo quando Dolly começa a se movimentar. Os seus quadris balançam enquanto ela se segura no poste. O seu olhar se prende ao meu enquanto seus dedos dançam subindo e descendo no metal. São lentos e sedutores. Eu sei como será quando eles estiverem manejando o meu pau. Ela também sabe disso. Sorrindo, ela acaricia o poste como se estivesse me acariciando.

“Mais rápido” peço, sabendo que ela consegue me ouvir bem sobre a música. Dolly caminha ao redor do poste até ficar de costas para ele, de frente para mim. Ela se balança contra ele, os seus olhos se fecham quando o seu traseiro toca o metal duro. Ela sobre seus braços e segura o poste acima de sua cabeça. Então ela começa a descer, lentamente pelo poste. As suas coxas estão pressionadas juntas, até ela chegar lá embaixo, onde se abrem. Lentamente.

De forma dolorosa... caralho... muito lentamente.

Resmungo baixinho quando suas coxas leitosas se espalham e revelam sua "calcinha.” As costas de Dolly se arqueiam e então ela solta uma mão do poste e acaricia o seu corpo até a sua coxa, atingindo a borda de sua calcinha. A minha respiração fica presa na garganta e eu tento me acalmar, fico imóvel, enquanto ela afasta o tecido branco... e a sua buceta loira aparece.

Rosno alto e os olhos de Dolly se abrem com o som. Então, ela solta sua calcinha, que desliza de volta para o seu lugar.

Olho para ela, o meu pau desesperado para ser solto, e então ela sobe pelo poste, girando, ficando com suas costas voltadas para mim. As mãos escorregam pelo poste. Os meus olhos permanecem colados nas longas meias que cobrem suas pernas magras. O meu olhar se move para cima até chegar às suas coxas leitosas. Dolly

chicoteia seu cabelo e lentamente me encara. Minha atenção vai para o seu rosto. Para os seus olhos que sorriem, conscientemente. A minha mão desce para minha virilha e eu endireito meu pau duro dentro da minha calça.

Uma risada alta e vitoriosa explode da garganta de Dolly. Ela gira, de frente para mim, com a coluna encostada contra o poste de metal. O sorriso largo desaparece quando seu olhar pousa em mim. As suas pupilas se dilatam e ela contorna os lábios com a língua. Seus olhos me examinam da cabeça aos pés, suas tetas empurrando contra seu espartilho apertado.

"Rabbit, Rabbit, Rabbit..." seu rosto muda em um instante. Lá se foi a inocente Dolly que eu conhecia. Em seu lugar, está a Dolly prostituta. Dolly, a dançarina de poledance, empurrando os quadris para frente.

Dolly a mulher, não a garota inocente com quem eu cresci.

Com esta versão de Dolly, tenho quase certeza de que não estamos mais no País das Maravilhas.

Empurrando o poste, Dolly avança dois passos e depois para. Ela segura as fitas do seu espartilho. Olhando para mim com os olhos enevoados, ela começa a desamarrá-las, os seus quadris rebolando, ao mesmo tempo em que o baixo pesado toma conta da sala. A minha mandíbula se aperta quando o espartilho apertado começa a se abrir. O sangue escaldante nas minhas veias corre para o sul. Centímetro por centímetro, o meu pau cresce tão duramente que eu rosno com a dor induzida pelo ato sedutor de Dolly.

Os meus lábios rolam sobre meus dentes quando a fita cai no chão sobre as botas de Dolly. "Oops!" Com olhos de corça, ela cobre a boca com sua mão. Ela olha para a fita e depois novamente para cima. Um sorriso lento surge em seus lábios e a mão dela desce. Caminha para frente outra vez e seus dedos magros puxam o espartilho.

Eu gemo e o som fica mascarado pela música enquanto seus seios são descobertos – uma bela mão cheia – como se tivessem sido concebidos pelo diabo, exclusivamente para mim. Ela balança em seus pés, os quadris rebolando de um lado para o outro enquanto seu espartilho desliza lentamente até à sua cintura.

Os olhos de Dolly se fecham como se ela estivesse dominada pelo ritmo selvagem da música. Ela passa as mãos pelo seu corpo, sobre a pele nua. Meu foco permanece nela enquanto as suas mãos sobem e sobem até agarrarem seus peitos. Sua cabeça gira, os lábios se separam e ela aperta os polegares sobre os mamilos duros.

Agarro a parte superior da minha bengala com mais força. Sinto o metal sob a palma da minha mão enquanto luto para controlar minha necessidade por esta garota. Em minha mente, jogo a bengala para o lado e subo no palco. Na minha mente, agarro sua garganta e bato suas costas contra o poste. Abaixo a cabeça e lambo a pele úmida em seus mamilos, e sugo um deles para dentro da minha boca. Dolly lutaria contra mim, mas eu a seguraria no lugar. Controlando-a, tornando impossível que ela faça qualquer coisa, além de se submeter a mim.

Seu senhor, seu rei.

A minha mão desceria ainda mais, empurrando a saia do seu vestido e arrancando a sua calcinha. A sua buceta estaria lisa e molhada e os meus dedos escorregariam para dentro dela. Dolly gritaria enquanto eu estivesse com minha mão na sua garganta, depois a moveria para o seu cabelo. Eu enrolaria minha mão em seus fios, três voltas, e faria com que ela fechasse os olhos comigo. E tomaria tudo dela. Eu tomaria todos os seus gemidos, gritos e os engoliria profundamente. Abriria minhas calças e, levantando a sua coxa, com o poste servindo de alavanca, me enterraria dentro dela. Faria minha menina gritar mais alto e mais alto na minha orelha enquanto a seguraria no lugar, um rubor subindo pelo seu rosto. E ela gozaria. Ela gozaria, tremendo sob o meu aperto enquanto eu não deixaria ela se mover. Eu tomaria cada pedaço de seu prazer até que ela não pudesse mais ficar de pé sozinha.

Então eu a preencheria com minha porra. Eu a preencheria tão profundamente que sentiria isso contra as minhas coxas. “Minha Dolly...” Eu sussurraria em sua orelha quando ela ofegasse. “Toda. Minha. Caralho!”

Meus olhos piscam e a fantasia se vai, fazendo com que eu volte meu foco para o palco, novamente. As mãos de Dolly estão na cintura do seu vestido. Com os polegares enrolados no tecido azul, ela o empurra, descendo sobre o seu estômago, seus quadris e, finalmente, sobre suas coxas. Dolly morde o lábio quando o tecido cai no chão, deixando-a apenas com a calcinha de babados e as meias sete oitavos. Empurro a palma da minha mão sobre o meu pau, tentando mantê-lo domado por enquanto. Forço meus músculos a permanecerem sentados.

Este é o momento de Dolly.

Esta é a Dolly me seduzindo. Depois de todos esses anos... ela está vindo para *mim*.

Quando a próxima música começa, Dolly cai de joelhos. Ela se inclina para frente e espalma suas mãos na superfície do palco. De quatro e com um sorriso nos lábios, ela se move em minha direção. Fico completamente imóvel enquanto ela chega à borda do palco. Perto o suficiente para eu tocar, se quisesse. Perto o suficiente para eu forçar sua boca nos meus lábios... perto o suficiente para eu deslizar meu dedal sobre sua garganta e observar o sangue escorrer enquanto ela dança.

Como se estivesse lendo minha mente, Dolly inclina a cabeça para o lado, expondo a pele leitosa do seu pescoço. Sua mão desliza pela barriga e desaparece dentro da sua calcinha. Os olhos dela se fecham enquanto ela brinca com o seu clitóris. Um rubor vermelho escuro explode em suas bochechas e sua garganta se movimenta quando ela engole com prazer.

Lambendo os meus lábios, faminto com o convite, deslizo para a ponta do assento. Levanto minha mão e corro o meu dedal

sobre o seu pescoço branco, delgado, e cuidadosamente perfuro a pele. Preciso de todo o meu autocontrole para continuar sentado e apenas observar a gota escarlate descendo sobre a sua pele. Dolly geme tão alto que sobrepõe a música que está tocando. A sua mão deixa a buceta e seus dedos molhados esfregam o sangue em seu pescoço, misturando tudo. A minha boca fica cheia de saliva, desesperada para experimentar. Mas continuo quieto. Assisto enquanto ela me provocava e faz eu me aproximar cada vez mais do ponto de perder o controle.

Ela não tem ideia do que aconteceria com ela se eu me descontrolasse.

Eu só posso ser pressionado até um determinado ponto... mesmo por Dolly. Será que eu poderia conter a escuridão que sempre andava comigo, sob minha pele, sempre pronta para ser libertada? O monstro que *eles* criaram.

"Condicionamento" disse Henry quando eu perguntei sobre isso uma noite. Os pensamentos que eu tinha, aqueles que envolviam somente Dolly. "É desse jeito que você consegue ter mais prazer." Ele encolheu os ombros. "É típico em casos de abuso." Ele se sentou para frente na escuridão do seu canto em nossa cela. "Ela pode estar igual, quando você a encontrar. Ela pode aproveitar ao máximo o prazer do jeito que você deseja oferecê-lo a ela." Henry suspirou. "Vocês são vítimas das circunstâncias, Rabbit. Isso não faz de você o errado. Simplesmente... diferente. Isso é conhecido como edgeplay[16]. É uma interpretação de papéis. Algo que na vida real seria um ato impensável. Entre dois adultos que consentem e que são gratificados com este ato. É simplesmente uma forma de expressão sexual."

"Prove." A voz de Dolly entra no meu ouvido, arrastando-me para fora dos meus pensamentos. Olho para a minha garota, apoiada na borda do palco, a umidade de sua buceta e o sangue de

[16] É um termo subjetivo para uma atividade (sexual ou manipulação mental) que pode desafiar o que é convencional. Uma relação em geral é considerada tal se for segura, saudável e convencional; neste tipo de relação se estão conscientes dos riscos e consequências e estão dispostos a aceitá-los então esta atividade é do tipo RACK (risk-aware consensual kink), ou seja, risco consciente consensual pervertido.

sua garganta esperando no pescoço, sendo oferecidos como um banquete para mim. Os meus lábios se separaram com necessidade.

“Experimente.” diz Dolly, mais severa desta vez.

Colocando a mão no meu queixo, ela me guia para frente. Seus olhos nunca deixam os meus enquanto eu me aproximo. As suas pálpebras ficam entreabertas enquanto eu rosno e me pergunto se Henry tinha razão. Se ela seria capaz de aceitar isso. Se assim eu seria capaz de extrair mais prazer.

Quando ela choraminga assim que mostro a ponta da minha língua e lambo o sangue e a sua umidade, penso que talvez ela seja capaz, sim. Estimulado por esse pensamento, eu mergulho em busca de mais. Pressionando meus lábios em sua pele, chupo forte, o sabor inebriante do coquetel de sangue explode na minha língua. Então, perdendo o resto do controle que eu ainda tinha, dou uma mordida. Eu afundo meus dentes na pele dela.

Dolly endurece debaixo de mim, então solta um gemido tão alto que quase gozo ali mesmo. Sua mão agarra o meu cabelo. Suas unhas raspam o meu couro cabeludo, arrancando um grunhido da minha garganta. Ela me puxa mais perto. Eu a mordo com mais força. Ela grita mais alto. Os seus mamilos endurecem, ainda mais, contra o meu peito.

Então Dolly me afasta. Eu luto. Sou mais forte, empurrando contra ela e me recusando a ficar afastado. Mas, então, ela empurra mais... e o meu sorriso se alarga. Suas mãos se tornam garras, empurrando-me para longe.

Eu me afasto para trás, precisando olhar em seus olhos. Precisando tentar ler o que ela está demonstrando e ver se Henry estava certo. Quando me afasto alguns centímetros, o olhar feroz de Dolly encontra o meu. Ela se move, então uma mão vem e bate no meu rosto. A minha cabeça recua, mas volto a olhar para ela. Ela está respirando pesadamente e os meus olhos recaem na marca de

mordida em seu pescoço. Olho em seus olhos novamente, e meu coração troveja, quando vejo o que está neles. Necessidade. Desejo.

Desespero.

Em um segundo, Dolly tem o seu braço em volta do meu pescoço e está pressionando seus lábios contra os meus. Nós nos transformamos em uma massa de dentes e línguas, enquanto continuamos mordendo e lambendo a boca um do outro. Ela me empurra para trás. Meus cotovelos escorregam de onde descansavam na borda do palco. O salto da bota de Dolly está no meu peito. Ela me chuta, avisando que devo voltar ao meu lugar. Meu lábio se curva em um sorriso malicioso, quando sinto que o meu sangue está faiscando com o seu desafio.

Nossos olhos estão presos, uma batalha de vontades... até eu sentar de volta, com as pernas esparramadas e desabotoar minha calça. Os olhos de Dolly ficam vidrados enquanto ela observa. Ela assiste quando eu seguro minha calça e tiro o meu pau. O pau que vai comê-la antes de sairmos desse lugar.

Que eu sei que ela anseia tanto quanto eu anseio por sua buceta, que logo será minha.

O olhar de Dolly se estreita e ela se vira de joelhos. Suas mãos percorrem o seu corpo, pousando na borda da sua calcinha – que ela rola abaixo de seus quadris, fazendo aparecer sua buceta loira. Ela se senta e chuta as pernas para o ar. Ela imita as prostitutas que tinha visto lá fora enquanto remove lentamente a calcinha para fora de suas pernas. Coloco a mão no bolso do colete e tiro um pouco de dinheiro e, quando os seus olhos encontram os meus, eu jogo as notas para ela. Fogo acende os olhos de Dolly e sua calcinha se engancha na ponta da bota. Com um rápido movimento, a peça voa em minha direção e pousa no meu peito. Guardo-a dentro do bolso.

E então, prendo a respiração quando Dolly fica de pé e me encara. Nua, somente de meias e botas. Os seus cabelos molhados

estão selvagens e formam uma moldura em volta do seu rosto. Suas mãos se movem até os quadris. Aproveito a vista, dedos, abdômen, coxas e aquela buceta loira, tudo chamando o meu nome.

Dolly morde o lábio enquanto se agacha e se move para tirar suas meias. Eu levo minha bengala até a coxa dela. Os olhos de Dolly se voltam para os meus. “As meias ficam.”

A expressão de Dolly muda, como se ela estivesse prestes a me desafiar. Meu coração bate mais rápido, sabendo que eu teria que *insistir*... mas, seu lábio se abre em um sorriso e ela se levanta. Meias pretas e brancas e botas de couro preto, são tudo o que eu posso ver.

Então Dolly começa a se movimentar. Ela balança e rebola os quadris com a música enquanto se move para as escadas do palco. Eu acaricio meu pau com mais força quando ela começa a caminhar em minha direção. Seus olhos não se afastam dos meus quando ela contorna o palco, sua pele branca está avermelhada com a iluminação suave.

Ela para diante de mim, a sua cabeça inclinada enquanto me olha, ali sentado no sofá. Seus olhos azuis caem sobre a minha mão ocupada. Seus lábios se separam e ela inspira profundamente.

Dolly fica ainda mais perto. Ela coloca os joelhos de cada lado do sofá, montando em mim. Não me toca. Em vez disso, ela balança sobre mim. Os seus braços se movem pelos lados da minha cabeça, agarrando o encosto do sofá. Seus quadris começam a moer no ritmo da música, seus seios a poucos centímetros do meu rosto. Minhas bochechas se aquecem, e o meu corpo ferve com a necessidade de agarrá-la pelos pulsos e jogá-la no sofá. De atacar sua boca e meter meu pau dentro dela.

Mas fico quieto, enquanto ela se senta sobre a minha coxa. Solto o meu pau, e ela me olha fixamente, faminta. Mas, resiste, torturando-me e rebolando enquanto seus seios vêm na direção do meu rosto, seus mamilos duros tocando os meus lábios. Eu gemo

quando eles vão e vem, de novo e de novo. Então Dolly se abaixa, sua coxa nua contra a minha coxa vestida. A ponta do meu pau descansa contra a sua barriga enquanto ela balança para frente e para trás. A sua bochecha roça a minha e sua boca pousa em meu ouvido. Eu ouço que ela está respirando rapidamente e fora de controle. Estou formigando enquanto seu clitóris incha em meu colo.

Minhas mãos estão fechadas em punhos ao meu lado. Olho para o rosto de Dolly, perdido no arrebatamento. Então, ela olha para baixo e todo o movimento dela cessa. Seus olhos brilham e um sorriso lento aparece em sua boca. Sua língua lambe os lábios úmidos, e então acontece. A frase sussurrada que me parte.

Que traz a escuridão que eu vinha lutando para manter escondida...

“Rabbit pertence a Dolly agora.”

Pulo para frente, envolvendo minhas mãos ao redor do seu pescoço. Dolly grita quando eu a tiro do meu colo e jogo no sofá. As mãos dela descem pelos meus braços e suas unhas se enterram em minha pele. Mas não sinto nada disso. Movendo o joelho para o peito de Dolly, de forma a mantê-la presa, rasgo os botões do colete e da camisa. Jogo-os para longe do meu corpo, do outro lado da sala. Meu peito está apertado com antecipação. Fecho os olhos e giro a cabeça, apenas para abri-los e ver Dolly lutando pela liberdade em baixo de mim. Sorrio e desço minha cabeça até que minha boca fique em seu ouvido. “Não há como me afastar, pequena Dolly.” Sussurro. Dolly se debate debaixo de mim. Suas mãos batem nas minhas costas, e eu assovio com prazer quando sinto suas unhas cortarem minha pele. Ela me arranha como um gato selvagem, mas eu a mantenho bem presa. Movo meu corpo enquanto sinto que ela está tirando meu sangue. Ajeito-me de forma que o meu pau fique apoiado entre as suas pernas. Sua buceta está encharcada enquanto a seguro. Enquanto ela luta para se libertar... enquanto ela tenta me empurrar.

Afasto-me um pouco e encontro seus olhos. Estão em êxtase. Furiosos. Arregalados com violenta felicidade.

Meu coração fodido explode dentro do meu peito.

A minha Dolly gosta de jogar.

Seguro seus ombros, mantendo-a no lugar. “Saia de cima de mim.” Grita. Minha boca aperta quando a vejo sorrir. Quando sinto sua bofetada no meu rosto, suas unhas varrendo a pele dos meus braços, peito e pescoço. “Não toque em mim!” Dolly está ofegante, a sua respiração difícil e pesada.

Então não resisto mais.

Inclinando-me, agarro seu rosto com uma das minhas mãos. “Vou foder você.” Digo a ela. O calor sobe aos olhos de Dolly e eles se fecham. Meu sangue corre mais rápido, e mais rápido, enquanto os quadris de Dolly se levantam do sofá, sua buceta se esfregando contra a ponta do meu pau.

Ela movimenta os quadris cada vez com mais força, até que ela se contorce sob o meu aperto. Até que seus olhos se fixam nos meus e ela sibila com os dentes cerrados, “Saia!”

Sorrindo escandalosamente, sabendo o que ela realmente quer, forço as suas coxas com os meus joelhos e levanto os seus pulsos acima de sua cabeça. Dolly luta contra mim todo o tempo, chutando e batendo, sempre fazendo com que eu fique mais duro. Acrescento mais pressão, até que ela está imobilizada embaixo de mim.

Corro a ponta do meu nariz da bochecha e até os seus lábios. Pego o seu lábio inferior entre os dentes e mordisco. Os gemidos de Dolly preenchem os meus ouvidos, então ela tenta me empurrar.

Fico com raiva.

Segurando seus pulsos com uma mão, levo a outra para a sua garganta. Os olhos de Dolly se arregalam, a sua luxúria

alimentando o meu toque violento. Aperto e observo o seu rosto ficar vermelho e suas bochechas se encherem de calor. Então, com o meu pau mais que pronto, penetro em seu interior. Dolly grita enquanto eu a preencho até o fim.

E não paro. Não dou tempo para ela se ajustar. Não dou tempo para ela recuperar o fôlego. Eu derramo a minha escuridão sobre ela, os seus pulsos presos e a sua garganta sendo apertada; bato dentro dela, implacável, áspero e duro, e é bom pra caralho.

Seus lábios tentam falar enquanto a seguro. Mas a voz dela não consegue emitir um som, com minha mão em sua garganta a apertando. “Sem palavras” exijo e coloco o meu rosto logo acima do dela. Seu olhar fica aceso com o desafio enquanto tenta falar novamente. Levanto seus pulsos e os jogo de volta contra o sofá. Mas os lábios de Dolly continuam tentando. A minha mandíbula fica tensa enquanto sua buceta aperta o meu pau.

Rosno ao ver a vitória nos olhos de Dolly. Ela luta para libertar os pulsos, mas eu os prendo como se fosse uma morsa. “Não me provoque,” digo a ela e aperto a sua garganta em um lembrete.

Em resposta, Dolly empurra os quadris contra os meus, soltando um gemido na garganta. O suor percorre nossa pele escorregadia enquanto continuo batendo dentro dela. Sua buceta aperta cada vez mais, no mesmo ritmo que os sons sufocados do seu orgasmo iminente.

“Renda-se,” peço e aumento minha velocidade. Dolly luta com mais força, em uma tentativa final de me combater. Minhas bolas se apertam enquanto ela continua resistindo como tanto desejei.

“Renda-se.” Grito com um impulso final. O grito de Dolly se junta à música que está vibrando no ar. Ela se arqueia contra o meu peito, antes que seu corpo fique mole sob o meu toque. Vendo ela deitada contra o sofá, os pulsos fracos e a garganta vulnerável à minha mão, o calor me varre e eu gozo. Aperto os dentes juntos,

com uma sensação que eu nunca vivenciei antes, um jorro tão forte que eu rosno e rosno, deixo me levar e sinto estar sendo incinerado por dentro.

Eu empurro, e empurro até que a buceta apertada de Dolly para de agarrar o meu pau. Suas pernas caem de lado, seu corpo completamente esvaído.

Sem fôlego, coloco minha testa no seu pescoço e ombro. Seu corpo treme e estremece debaixo do meu. Calor enche o meu peito quando eu percebo quem foi que causou esses movimentos bruscos. Eu. Minha brutalidade. Sua luta. Nossa fodida loucura perfeita.

Precisando vê-la, levanto a cabeça e olho para baixo. Os olhos de Dolly estão fechados enquanto ela respira profundamente pelo nariz. Seu cabelo está cobrindo o rosto, as bochechas ruborizadas e vermelhas. O corte em seu pescoço está vermelho do golpe do meu dedal. O sangue mancha a sua carne e a marca da minha mordida recente está gravada em sua pele.

Gemo, gostando disso mais do que tudo. Isso anuncia a todos que Dolly pertence a mim. Ela está marcada com a minha marca.

Os seios de Dolly sobem e descem enquanto ela vai se recuperando do seu clímax. Meu pau se contrai ao olhar uma das minhas mãos segurando os seus pulsos acima de sua cabeça. Minhas bolas doem ao ver minha mão sobre sua garganta.

Como se estivesse sentindo o meu olhar, Dolly abre os olhos, os longos cílios postiços agora são a única maquiagem que permanece em seu rosto. Ela pisca, afastando o nevoeiro de sua visão. Seguro a minha respiração, esperando que ela diga alguma coisa. Que ela reaja.

Então, ela sorri.

Expirando, solto seus pulsos e tiro a minha mão de sua garganta.

As mãos de Dolly lentamente deslizam de cima de sua cabeça. Seus olhos nunca deixam os meus, quando ela coloca as mãos atrás do meu pescoço. Abaixo a minha testa contra a dela e apenas respiro.

Ela não fala nada, até eu tentar sair do meio de suas pernas. “Não” ela diz, envolvendo suas coxas na minha cintura. Eu poderia facilmente dominá-la e sair, mas gosto que ela queira que eu fique dentro dela. O meu pau começa a acordar quando encontro os seus olhos e ela acena com a cabeça. “Quero que você fique aqui.”

Eu me sento, levando Dolly comigo e descanso as minhas costas contra o sofá. Dolly está colada ao meu peito, a cabeça pousada no meu pescoço. Corro as minhas mãos pelas suas costas. Dolly praticamente ronrona em meus ouvidos enquanto os seus quadris balançam ligeiramente ao meu toque.

Olho direto para frente, relembrando seus gritos e gemidos dentro da minha cabeça. Olho para o poste e o palco, vendo novamente a minha Dolly se despindo para mim. Vendo-a oferecer sua veia para mim. Dou um beijo em seu ombro e me pergunto se alguém já havia feito isso antes. Pergunto se algum fodido lá fora tem isso com sua garota. Uma mulher que foi feita exatamente na medida certa para ele.

Perfeição, forjada no inferno.

Dolly suspira e lentamente afasta a cabeça. Seus braços ficam soltos em volta do meu pescoço. “Querida” eu a cumprimento, vendo seus olhos baixarem e um rubor aparecer em suas bochechas. Ela olha para mim por baixo de seus cílios e morde o lábio.

Que vista magnífica.

Dolly acaricia uma mexa de cabelo na minha testa. O dedo dela recai sobre a tatuagem de espadas no lado do meu rosto. Então, ela olha diretamente para mim. “Você acha que outras

pessoas no País das Maravilhas, pessoas como nós, Rabbit e Dolly, encontram prazer assim?"

Estreito os meus olhos. "O que você quer dizer?"

Dolly passa a mão pelo meu peito e sobre os vergões que ela fez arranhando a minha pele tatuada. Foco minha atenção para a marca de mordida em seu pescoço.

Dolly me abraça mais apertado. "Eu estava assistindo televisão na outra noite. Tinha um filme."

Espero que ela continue.

"As pessoas... pessoas como nós, estavam fazendo o que fazemos. O que acabamos de fazer." Ela faz uma pausa novamente. Coloco a minha mão debaixo do seu queixo e levanto a sua cabeça até que ela esteja olhando para mim. Levanto minha testa, questionando-a. Dolly suspira. "Eles não fizeram o que fazemos. Era diferente."

"Diferente..." paro, me perguntando como outras pessoas devem ser quando estão fodendo.

Dolly assente com a cabeça. "Eles estavam em um cobertor. Num campo sob as estrelas." A sombra de um sorriso aparece em seus lábios. Ela encolhe os ombros. "Não houve luta. Não houve sangue sendo compartilhado." As minhas sobrancelhas se juntam, tentando imaginar esta cena.

O dedo de Dolly vai até o meu peito. Ela traça a tatuagem Sick Fux. "O homem estava por cima da mulher. Ela o estava segurando. Suave..." a voz de Dolly parece tão confusa quanto eu. "Foi lento. Foi gentil." Ela sorri e inclina a cabeça para cima, colocando o seu braço no ar. "Foi sob as estrelas. A lua estava tão grande. E... e ele disse que ela possuía o coração dele. Ele disse que a amava."

Ela balança a cabeça e leva a mão ao meu peito. "O povo do País das Maravilhas leva vidas estranhas. Vão a bailes, usam

vestidos de princesa e coroas para comemorar o fato de terem terminado a escola. Unem os seus corpos sob as estrelas, sossegados e suaves, apenas com um cobertor debaixo deles." Ela balança a cabeça e então, sorrindo, diz, "Eles são completamente loucos, Rabbit! Completamente doidos! Que criaturas estranhas são eles!"

Aceno com a cabeça de acordo, mas a minha cabeça está espessa com uma neblina pesada. O sorriso de Dolly desaparece e eu vejo diretamente através de sua charada. Ela está triste quanto ao jeito como as outras pessoas são. Como eles são diferentes de nós.

Colocando as minhas mãos em suas bochechas, eu a puxo para a minha boca. Antes de nossos lábios se tocarem, olho em seus olhos. Ela pisca, mas eu vejo lágrimas crescerem independentemente de tudo. Lágrimas por algo que ela nunca teve. Os vestidos. As estrelas. A declaração de... amor? Isso me deixa, acima de tudo, perplexo.

Limpando a minha mente, aperto os meus lábios contra os dela. Mas desta vez, faço isso suavemente. Suavemente...

Quando me afasto, Dolly suspira e seus olhos se abrem Ela me olha sem palavras, estranhamente.

"Nós devemos ir" digo.

"Ok." Dolly sai do meu colo. Coloco a minha camisa e meu colete e visto a calça, fechando o zíper. Olho para Dolly enquanto ela veste o seu vestido azul, arruinado e sujo de sangue, de volta ao seu corpo. Quando se vira para me olhar, minha respiração é varrida de dentro de mim.

Ela é minha.

Ela é toda minha, caralho.

Estendo a mão. Dolly caminha até mim e enfia a sua mão na minha. Guio-a pela porta dos fundos que o guarda havia nos

mostrado. Quando entramos no carro e voltamos para as estradas rurais, o céu está claro, coberto por um mar de estrelas. Eu havia colocado o meu casaco sobre Dolly para mantê-la aquecida. O sorriso que ela me deu cauterizou meu coração enegrecido. Outro ponto na contagem de quantas vezes ela já fez o meu peito doer.

Deixo as luzes apagadas enquanto dirijo. Uma balada sai dos alto-falantes enquanto nos movimentamos pela noite silenciosa. As palavras de Dolly giram dentro da minha cabeça. Sobre o homem e a mulher no filme. Sobre as estrelas e o cobertor. A ausência de sangue e de aspereza...

De olho em Dolly, vejo que ela está profundamente adormecida. Um pequeno sorriso está em seus lábios enquanto ela sonha, embrulhada em meu casaco. Preto cobrindo cor. Exatamente como nós somos. A minha escuridão ofuscando a sua luz.

Mas não há outra maneira. Não posso existir sem ela. Eu nunca deixaria isso acontecer. As coisas são como são.

Tirando o meu celular do painel, chamo o número de Chapel. Ele responde ao terceiro toque.

"Jovem Mauricinho" diz ele. "A que devo esse prazer inesperado?"

"Como as pessoas fodem?" Pergunto, com cuidado para não acordar Dolly.

O silêncio me cumprimenta. Então, "A maioria das pessoas não faz isso como você faz, arriscando um palpite." Eu faço uma careta. Chapel suspira. "Gestos românticos, jovem escudeiro. A maior parte das intimidades nasce do romance. Toques suaves. Beijos. Toques delicados no cabelo." Ouço em silêncio. "Começaria por dar um presente à menina, algo que a fizesse feliz. Que a fizesse sorrir. Então romance – uma refeição, um encontro... uma dança lenta." Olho novamente para Dolly enquanto viro para a direita em outra estrada. A caminho do homem que feriu minha menina mais

do que todos. “As roupas seriam removidas um pelo outro, saboreando cada toque de seu amante. Ele a levaria para a cama, ou algum outro lugar que fosse confortável para o que estaria por vir.” Engulo enquanto Chapel continua. “Então eles fariam amor, Mauricinho. Não, foderiam. Sem agressão. Nada desagradável, apenas ele e ela. Juntos. Íntimos. Lento. Beijos doces e toques sensuais até chegarem ao clímax.” A minha mão aperta o volante enquanto eu tento imaginar como isso poderia ser. Eu nem consigo evocar a imagem.

“Então o homem, sendo o cavalheiro que é, a abraçaria logo depois. E se o coração dele sentisse isso, diria a ela que a ama.”

Congelo, fico completamente congelado.

“Mauricinho?” Diz Chapel. Quando não respondo, ele pergunta, “Você ama a sua querida pequena Dolly, não é?”

“Amor?” Pergunto.

“Não pode imaginar a sua vida sem ela nela? Mataria se alguém a machucasse? Morreria se alguma vez a perdesse? Não pode respirar ou dormir sem ver o rosto dela?”

O meu pulso troveja no pescoço enquanto eu olho para ela de novo. Tudo isso. Eu sinto tudo isso. O que seria o Rabbit sem a sua Dolly?

Chapel fala. "Você deve contar a ela, jovem escudeiro. Isso é algo que as mulheres jovens gostam de ouvir.” Uma pausa. “Você está a caminho da penúltima matança?”

“Sim” respondo.

“O ás no baralho, se eu me lembro corretamente?”

O meu lábio se levantou em desgosto. “Sim.”

“Então, se a memória não me falha, uma declaração de amor pode ser bem-vinda depois que a querida Dolly o fizer. Encontrar-se com os fantasmas do passado, especialmente um que foi mais do

que instrumental em seu sumiço, pode fazer estragos com as emoções de alguém.” Exala pesadamente. “Apenas uma sugestão.”

Eu desligo sem dizer adeus. A explicação de Chapel deixa uma fodida palpitação no meu cérebro. Olho para as estrelas acima. *Eles estavam sob as estrelas. A lua estava tão grande. E... e ele disse que ela possuía o coração dele. Ele disse que a amava...*

Que se fodam as estrelas, penso quando os meus olhos se voltam para a garota ao meu lado. A única digna da minha atenção. Dos meus olhos.

Todos são completamente loucos! Ela havia dito em uma risada alta. Mas eu conheço minha pequena Dolly. Se fossem "loucos,” ela também queria ser louca.

A balada termina, então eu rebobino a fita cassete e toco-a outra vez. *Romance*. A música lenta e suave parece adequada às necessidades de Dolly. Adequada para como eu me sinto por ela.

Dirijo até o sol começar a subir, crescendo sobre o horizonte, a palavra "amor" ainda fazendo estragos na minha mente.

Não pode imaginar a sua vida sem ela? Mataria se alguém a machucasse? Morreria se alguma vez a perdesse? Não consegue respirar ou dormir sem ver o rosto dela?

Amor, eu penso. Uma palavra tão estranha ao meu vocabulário, mas que parece ter vivido comigo desde os nove anos. *Amor*. Não é suficientemente profundo para descrever os meus sentimentos por Dolly.

Mas teria que bastar.

Eu não tenho outra palavra tão poderosa ou tão forte.

CAPÍTULO 13



Eddie

"Jesus Cristo," murmuro enquanto caminho pela pilha de corpos. A empregada está tremendo, enrolada em um cobertor.

"Eles simplesmente entraram?" Pergunta o meu tio a ela.

Ela assente. "Entraram como se fossem convidados. A mulher, ou melhor, era mais uma menina, sentou-se lá – ela aponta para uma cadeira no centro da mesa – e começou a se servir de chá e comer bolos." Ela balança a cabeça. "Eles eram insanos. Ambos eram loucos."

Meu tio descansa a mão em seu ombro e, em seguida, permite que o desenhista de retratos falados sente ao lado dela para desenhar os assassinos através de suas descrições. Meu tio vem até mim. "Homem e mulher. Parecem estar na casa dos vinte e poucos anos."

Concordo com a cabeça e me afasto dos corpos enquanto os médicos forenses começam o seu trabalho. A mesma marca havia sido escrita na parede, com o mesmo batom rosa.

Meu tio coloca as mãos nos bolsos e sacode a cabeça. "Eles estão ficando piores. Cada morte é mais brutal do que a anterior."

Ele inclina a cabeça mais perto da minha. "Tenho uma pista que eu quero que você siga."

Arqueio minha sobrancelha, questionando-o.

"O que encontramos com Clive, o terceiro corpo. As crianças que ele abusou. Eu decidi cavar mais fundo." Ele olha em volta para garantir que ninguém está escutando. "Descobri que o ex-chefe dos Rangers era um amigo íntimo de Earnshaw." Arrepios percorrem minha espinha. Alguma coisa simplesmente não me parece certa. "Acontece que há vários anos, foi apresentada uma queixa. Um jovem afirmou ter sido abusado quando era criança. Um órfão que vivia em lares adotivos. Alegou que foi levado para a propriedade de Earnshaw, junto com outros, e lá foi estuprado. Que seu assistente social recebeu dinheiro de Earnshaw e de seus parceiros para foder com ele e com outros na mesma situação." Sinto o sangue se esvair de meu rosto, gota a gota. Meus olhos se arregalam e balanço a cabeça. "Não é possível." Digo, imaginando o Sr. Earnshaw na minha cabeça. Ele não era esse tipo de homem.

Meu tio encolhe os ombros. "O caso, por qualquer motivo, foi abafado. Classificado como uma denúncia falsa e arquivado tão profundamente que você nunca saberia que esta queixa existiu, a menos que você estivesse procurando... com afinco." Ele bate uma mão no meu ombro. "Enquanto analiso tudo aqui, quero você investigando isso. Pode não ser nada, mas talvez valha a pena conversar com o cara."

"Smith?" A voz do retratista corta nosso silêncio. Sigo o meu tio de volta até a empregada e o desenhista. Ele estende um pedaço de papel. Meu foco se desvia novamente para a assinatura na parede branca. As linhas estavam ficando mais nítidas. Sugerindo que sua confiança está aumentando. Pela aceleração de suas mortes e pela maneira como os assassinatos foram executados, isso fica óbvio.

"Que diabos?", Meu tio observa enquanto estuda o desenho. Ele se vira para a empregada. "Eles estavam vestidos assim?"

Ela assente lentamente.

Pego o desenho e olho... se meu sangue deixou o rosto ao ouvir sobre a falsa queixa de abuso de Earnshaw, agora, com certeza, ele é drenado até a morte ao ver os rostos me encarando. E não apenas os rostos. Seu estilo de vestir.

Trajes e rostos que eu conheço muito bem.

"Eddie?" A voz do meu tio penetra nos meus ouvidos. Sua mão bate no meu ombro e aperta. "O que foi filho?"

Engolindo para umedecer minha garganta seca, eu sussurro "Ellis."

O papel treme. Percebo que minha mão treme. Meu dedo percorre o rosto. Seu rosto pintado, com um relógio desenhado à mão que circunda seu olho esquerdo. Então meu olhar cai sobre o homem ao lado dela. Aquele que fez meu sangue inflamar. Aquele que tirou minha melhor amiga de mim.

Aquela pessoa obcecada com morte e que corrompeu a bondade de Ellis.

"Heathan James," eu digo, minha voz traindo minha aversão. O choque logo substitui o desagrado. Heathan está vivo? Depois de todos esses anos, ele ressurge. De onde? E como?

"Filho? Você quer explicar?" Meu tio sonda.

Abaixando lentamente o papel, eu o encaro. "Heathan James."

O reconhecimento aparece no rosto do meu tio. "O garoto que você conheceu quando era jovem? O fugitivo? Aquele que nunca foi encontrado, e que está presumidamente morto?"

Aceno com a cabeça e vejo aqueles olhos me encarando novamente, de forma provocativa. Tirando sarro de mim... rindo de mim. Olhos cinzentos e frios. Como balas de aço. Nenhuma vida em suas profundezas. Sem alma.

E ele está com a minha Ellis.

Ele a corrompeu. Obrigando-a a fazer coisas más.

"Ele pegou Ellis. Ele está com ela contra sua vontade." A raiva toma conta de mim. "Ele está fazendo com que ela fique assistindo os assassinatos."

Meu tio esfrega a mão por sua testa. Ele está prestes a dizer algo quando a empregada se manifesta. "Não," ela diz, com a cabeça tremendo.

"O que, querida?", Meu tio pergunta.

Ela aponta para a foto de Ellis. "Você está errado."

"Sobre o quê?", Pergunto.

"A menina." A empregada aperta o cobertor com mais força sobre seus ombros. Ela estremece visivelmente, embora a noite estivesse quente e pegajosa. Ela está tremendo com as lembranças do que testemunhou... dos assassinos.

Os assassinos, que conheço pessoalmente.

A empregada limpa a garganta. "A menina não é inocente." Minha respiração fica presa em meus pulmões. Seus olhos azuis encontram os meus. "Era ela que estava liderando." Seu rosto está sem cor. "As coisas que ela fez..." Ela bate em sua cabeça. "Ela é louca. Os dois são. Ele é cruel." Sufoca um soluço. "Ele queria me matar. Ela me poupou..." balança a cabeça, os olhos fechados. Quando reabrem, diz: "Ele não a controla. Ela é tão culpada por esses assassinatos quanto ele. Até mais, na verdade."

"Ellis não faria isso," argumento, implorando que meu tio entenda. "Trata-se de Heathan. De alguma forma, ele deve ter feito uma lavagem cerebral nela."

"Esses não eram seus nomes," a empregada corta. Olho para ela. "Eles se chamavam de Dolly e Rabbit." Ouço isso alto e claro. Ela aponta para os homens gêmeos no chão. Homens que eu

também conheci enquanto crescia. "Eles os chamaram de Tweedledum e Tweedledee. Você sabe os personagens de..."

"*Alice no País das Maravilhas*," completo e fecho os olhos, inspirando profundamente pelo nariz. Quando os abro novamente, meu tio está me observando. Ele tem uma expressão questionadora em seu rosto. "Quando éramos crianças... Ellis adorava esse livro. Ela..." lembro do seu vestido azul. Olhando para o desenho, vejo que ela usa um semelhante ao que tinha quando era criança. Mas este é mais provocante. Muito mais revelador. Eu respiro profundamente. "Ela costumava fingir que morava no País das Maravilhas." Uma lembrança de nossa juventude volta para mim. "Ela batizou Heathan James de 'Rabbit'. Ela dizia que ele era o Coelho Branco do País das Maravilhas, e que viria levá-la para uma aventura."

"E?", Meu tio disse.

Arrumo o chapéu. "Ela dizia que eu não era um deles. Que eu era muito certinho. Não era 'louco o suficiente'. Foi quando a perdi para ele."

Ainda me lembro de cada parte desse dia...

"Você não pode ser o Chapeleiro Maluco, Eddie. Simplesmente não combina. Você não pertence ao País das Maravilhas..."

Olho para a mesa. "Uma festa do chá." Balanço a cabeça. "Ellis sempre adorou festas do chá." Percebo que todo mundo está me olhando estranhamente. Dou um tapinha no esboço. "Isto tudo é coisa do Heathan. Ele é o mentor intelectual por trás disso. Ele sempre foi inteligente demais para seu próprio bem. Manipulador. Um verdadeiro maquiavélico. Ellis ficou encantada por ele desde o momento em que o conheceu. Ele tinha a capacidade de convencê-la a fazer todos os seus caprichos. Ela acreditava em todas as suas palavras." Aperto o maxilar. "Este é ele. Ele veio buscá-la, para incriminá-la nesta série de assassinatos."

"Filho. Sei que você sempre teve um fraco por esta garota, mas talvez você não a conheça mais tão bem depois de tudo."

"Eu conheço!" Respondo. "Ela não é capaz disso..."

"Ela é má," afirma a emprega, interrompendo-me. Seu rosto é uma pedra. "Essa menina é má. Muito, perversa, um demônio." Ela estremece. "Ela ria enquanto matava. Ela desfrutava do sangue deles em sua pele." A empregada fica mais ereta, vencendo suas memórias. "Aquela garota é fruto do diabo... os dois são."

Meu tio me afasta. "O que sabemos sobre este Heathan James?"

"Tudo o que sei é que sua mãe o abandonou para viver com seu pai na propriedade Earnshaw quando ele tinha nove anos." Coloco as mãos na nuca. Estou com dor de cabeça. "Ela disse que o menino a assustava. Ela não foi mais localizada depois disso. Quando o pai dele morreu em um acidente na propriedade, o pai de Ellis ficou com Heathan."

O rosto do meu tio é impassível. "Então, talvez precisemos encontrar a Sra. James para lhe fazer algumas perguntas."

Eu concordo. Quando o meu tio vai se afastar, eu digo: "Restam outros dois." Pego a carta de baralho que havia sido colocada em um saco de evidências. "São 'tio John' e o pai dela." Exalo com força. "E nós não temos ideia de onde eles podem estar. Mas estes dois devem ir atrás deles em seguida. Estão eliminando sistematicamente quem viveu naquela propriedade." Acrescento um fato que não queria enfrentar. "E as mortes estão ficando mais horrendas. A emoção está desempenhando um papel. E, pelo jeito como os assassinatos estão ficando mais intensos, o pior ainda está por vir."

"Vamos reunir todos que conseguirmos para ficarem no rastro deles. Mas uma coisa me intriga," fala o meu tio. "Por que, aparentemente, esses grandes e formidáveis empresários se esconderiam?" Ele se aproxima e baixa a voz. "Bem na hora em que

foram acusados de abusar de uma criança." Sua sobrancelha se arqueia. "Não podemos excluir nenhuma possibilidade."

Quando ele sai, olho para a carta na minha mão. O desenho dos gêmeos é tão preciso que eu sinto calafrios. Então me lembro dos desenhos de Heathan quando ele ficava sentado com Ellis no gramado. Imagens doentes e torcidas. Imagens deles matando.

Fecho os olhos. *Ellis... Por que diabos ele fez você fazer isso?*

***

"Heathan?"

A Sra. James - agora a Sra. Lockwood - empalidece quando fala o nome de seu filho.

"Nós só queremos saber mais sobre ele."

Os olhos cinzentos da Sra. Lockwood - os olhos de Heathan - recaem no meu tio e em suas mãos torcidas sobre o colo. Seu marido pega sua mão. Ela dá a ele um sorriso agradecido.

A Sra. Lockwood é uma mulher pequena. Aparentemente tímida e fraca. Não dá para imaginar que Heathan é seu filho. Mas, eu tinha certeza de que o mal em Heathan é inato, não é algo que foi aprendido.

Seu marido esfrega suas costas, encorajando-a a falar. A Sra. Lockwood tira uma mexa de cabelo preto do rosto e diz, "Heathan, desde muito jovem, sempre demonstrou algumas... tendências." Seus olhos se tornam distantes. "Ele sempre foi um filho quieto. Vivia em sua própria cabeça a maior parte do tempo. Não gostava de ser tocado." Ela toma um gole de água. Colocando o copo de lado, ela diz, "Para encurtar uma longa história, não conseguia mais lidar com ele." Ela inspira profundamente. "Ele... ele me assustava. Heathan sempre foi uma criança bem grande. Bem

TILLIE COLE
SICK FUX

constituído para sua idade. Quando ele tinha nove anos, era do mesmo tamanho que eu." Ela morde seu lábio. "Houve... houve um incidente e eu soube que não poderia mais ficar com ele." Sua cabeça cai entre as mãos e um soluço rasga sua garganta. "Eu temia que ele fosse me matar." Ela esfrega seus olhos chorosos e diz, "Ele me disse que o faria. Disse que se eu alguma vez o traísse, ele me mataria." Ela funga. "Meu próprio filho. Meu filho de nove anos de idade. Eu estava sozinha. Uma mãe solteira, com um filho cheio de ameaças, e que eu achava ser capaz de cumpri-las. Temi pela minha vida."

"Por que ele era assim?", Pergunta o meu tio. "Existe um momento particular que você pode identificar?"

A Sra. Lockwood esvazia o copo de água e o marido lhe entrega um lenço de papel. Ela assente. "Eu era muito jovem quando tive Heathan. Tolamente, acreditei que o seu pai me amava. Mas não. Logo que Heathan nasceu, ele nos deixou." Ela olha pela janela, seus olhos sem foco. "Sem dinheiro, não tive escolha senão voltar a morar com o meu pai. Minha mãe havia morrido anos antes de câncer." Seu marido segura sua mão com mais força.

"Meu pai era um homem difícil. Um capataz. Ele era particularmente rigoroso com Heathan. Heathan nunca disse nada, mas eu sabia que ele o odiava."

Fico tenso enquanto ouço a história.

"Um dia, voltei do trabalho e encontrei meu pai no chão da nossa cozinha." Ela fecha seus olhos bem apertados. "Heathan estava sentado ao lado dele, encharcado em sangue." Ela soluça. "Havia ocorrido uma invasão. Os homens foram pegos. Mas esses homens entraram e tentaram tirar dinheiro do meu pai. Tudo o que ele tinha era um relógio de bolso, uma herança de família da qual ele se recusava a desistir. Mais tarde, confessaram tudo à polícia. Meu pai foi esfaqueado, dez vezes, bem na frente do meu garotinho, por não entregar esse maldito relógio de bolso."

Meu sangue gela quando me lembro desse relógio. *Tique taque... tique taque ... tique taque ...*

A Sra. Lockwood fica perdida em suas lágrimas. "Eu sabia que Heathan seria afetado pelo assassinato. Que criança de seis anos não seria? Só que ele não foi afetado como eu esperava. Não..." Ela sacudiu a cabeça. “Heathan não ficou com medo da memória. Ele parecia inspirado.” Os cabelos na parte de trás do meu pescoço ficam eriçados. "O relógio de bolso desapareceu após o assassinato. Todos pensaram que os assassinos o haviam levado ou que o jogaram fora. Acontece que Heathan ficou com ele. Estava danificado, quebrado e não tinha conserto. Encontrei-o com ele quando o peguei sentado ao lado do cachorro no portão ao lado da estrada. Atropelado por um carro. Heathan estava apoiado sobre aquele pobre cachorro, com os *olhos arregalados de admiração ao estudar o cadáver, segurando aquele relógio, repetindo ‘Tique taque... tique taque ... tique taque ...’* O garoto acreditava que o relógio estava funcionando. Parecia associar esse relógio com qualquer coisa relacionada à morte. Sempre pronunciando ‘Tique taque’. Percebi naquele momento que assistir ao assassinato do meu pai o havia mudado para sempre. Tudo o que ele fez depois disso foi ler sobre morte, assassinatos, assassinos em série e jeitos de matar.”

"Eu não podia pagar nenhum especialista para examiná-lo. E então, as coisas só ficaram piores. Sua obsessão cresceu. Ele queimou insetos. Destruiu borboletas. Ele ficou fascinado com a morte deles, com as mortes causadas por suas próprias mãos.”

"Um dia, quando ele tinha nove anos, cheguei em casa e o encontrei sentado no chão da cozinha. Heathan estava coberto de sangue. Havia uma faca no chão ao lado dele e ele tinha cortado todo seu corpo, machucados que ele claramente havia infligido a si mesmo. Ele estava esfregando o sangue na pele de seus braços e rosto, apenas para escrever ‘tique taque’ no chão da cozinha com o dedo, usando seu próprio sangue como tinta. Gritei, e tentei tirar aquele maldito relógio de suas mãos." Suas bochechas ficam

pálidas. "Esse menino. Ele... ele se levantou, colocou a mão na minha garganta e me forçou contra a parede. Ele me ameaçou, e disse que se eu me aproximasse dele novamente, que se ousasse pegar o relógio, ele me mataria dormindo." Ela olhou para o meu tio. "E ele teria feito isso." Ela endireita suas costas. "Esse foi o dia em que o levei até a propriedade Earnshaw e o entreguei ao pai. Eu não aguentava mais."

Meu tio sacode as mãos da Sra. Lockwood e fica de pé quando a entrevista termina. Vou atrás dele. Quando estamos partindo, a Sra. Lockwood coloca a mão no braço do meu tio e diz, "não sei o que ele fez, mas esse garoto é um problema. Nada ou ninguém jamais vai chegar até ele. Ele nunca permitirá que ninguém tente."

É aí que ela está errada. Porque a garota que ele deixou se aproximar dele, uma vez pertenceu a mim. Uma loira extrovertida, de um metro e meio de altura e que não pesa mais do que cinquenta quilos, agora tem toda a atenção de Heathan James. Ela devolveu o favor.

O parceiro mais fodido que já vi.

Dirigimos de volta à base dos Rangers em silêncio. Não consigo parar de pensar no que a mãe de Heathan havia dito. Como ele matava, mesmo quando criança. As horas passam enquanto trabalho na minha mesa. Assim que eu assino meu último relatório sobre o massacre da festa do chá, outro arquivo pousa na minha mesa. Eu gemo e olho para o oficial subalterno.

"Não me culpe. Seu tio disse para eu te entregar isso assim que chegasse."

Voltando a ligar minha lâmpada, pego o arquivo. "Earnshaw", diz a etiqueta. Corro minha mão sobre o arquivo. É velho.

A queixa falsa.

Viro a página e começo a ler... e não paro até chegar à última página. Reclino-me na cadeira e passo a mão pelo meu cabelo, sentindo-me enjoado até os ossos. O relógio na parede marca três horas, os carrilhões altos reverberam dentro do escritório deserto.

No entanto, fico com os olhos fechados, sabendo que o que acabei de ler era verdadeiro. E mencionava Ellis. A pequena Ellis. Inquieta, frágil, pequena Ellis.

E Heathan.

Também mencionava Heathan James.

Aperto os olhos com mais força, lutando contra a bile que sobe na minha garganta. E, dirigindo-me a ninguém e a todos, abro minha boca e sussurro "Jesus Cristo."

TILLIE COLE
SICK FUX

CAPÍTULO 14

Jaguadarte



Dolly

"Você gostou do seu retrato?" Pergunto a Rabbit enquanto dirigimos por outra estrada nova.

Rabbit encolhe os ombros. "Não me importo com retratos."

Eu me inclino para trás no meu assento e penso na imagem em minha cabeça. Assim que liguei a TV esta manhã, vi um desenho de mim e do meu Rabbit. Foi feito a lápis. "SICK FUX" estava sendo exibido ao longo da parte inferior da tela. Não consegui ler o resto tão bem; as palavras passaram muito rápido. Mas Rabbit me disse que estavam dizendo que nós dois somos "Assassinos em Série." Diziam que estávamos à solta. Descreviam o que estamos vestindo e diziam às pessoas para terem cuidado conosco.

Não me importo com nada disso. Eu simplesmente gosto do nosso retrato. Queria ter uma cópia dele. Queria colocar esta imagem em um quadro. "Você ficou tão bonito", digo ao me virar e lhe direcionar um sorriso.

Rabbit arqueia a sobrancelha. Sorrio da sua cara mal-humorada. "Você é o menino mais bonito que já vi." Rabbit olha para mim com o canto dos olhos e sorri.

Aumento o volume da música. A música da minha mãe toca para nós. Penso no que ainda está por vir. Abraço a minha boneca contra o peito, quando o meu estômago começa a revirar e os arrepios brotam por todo o meu corpo...

O Jaguadarte.

Engulo, sentindo algo que nunca tinha senti antes de encarar os homens maus. Medo. Sinto medo, enquanto olho para a carta dele. Rabbit me deu esta carta hoje de manhã. Ele me disse que o Jaguadarte seria meu, para eu matar.

O Jaguadarte é o mais feroz e mau, de todos os homens.

Ele é diabólico e foi quem mais feriu Ellis.

Foi ele quem colocou um bebê dentro dela... e depois, arrancou tudo.

Passo a mão sobre o rosto de Jaguadarte. Estremeço com seus olhos olhando para mim.

Olhos feios, nojentos e perversos.

A mão de Rabbit pousa na minha coxa. Respirando fundo, olho para ele. Eu já havia colocado os meus cílios postiços extralongos hoje. Apliquei o meu batom com cobertura extra. Eu preciso de sua proteção. O Jaguadarte é um lutador, um lutador muito bom.

Ele seria o meu maior desafio até agora.

"Você consegue derrotá-lo." Rabbit me assegura, lendo minha mente.

Balanço a cabeça, mas minha boneca treme em minhas mãos instáveis. "Eu..." inspiro fundo. "Estou com medo, Rabbit. O Jaguadarte. Ele me assusta muito."

Rabbit cerra os dentes. Olha para mim, e por um momento, eu me perco em seus olhos prateados. São como duas lindas luas. Sua beleza me deixa um pouco melhor. "Você pode derrotá-lo", repete Rabbit. Sua voz é baixa e dura. Sei que Rabbit está irritado. Sei que ele está com raiva. Ele está agindo do mesmo jeito que fez quando fomos atrás do Gato Risonho. Só que hoje, ele não me deixou sozinha em nenhum momento. Onde quer que eu fosse, ele também ia. Quando tomei banho, ele esteve comigo, tocando meu rosto e acariciando meus cabelos. Quando fiz minha maquiagem, sentei-me no seu colo. E agora, sua mão permanece firmemente na minha coxa.

Se não o conhecesse tão bem, eu pensaria que meu Rabbit também sente medo.

"Você tem sua faca e sua arma", continua. "Estarei lá o tempo todo." Suas narinas se dilatam. "Eu não vou deixar que ele machuque você."

Não sei o porquê, mas meu lábio inferior começa a tremer. Minha visão fica turva quando olho para a mão de Rabbit no meu joelho. E então olho outra vez para a carta em minhas mãos. Ele não é diferente dos outros homens que tínhamos matado. Mas, ao mesmo tempo, ele é completamente diferente. Porque ele foi o homem que mais feriu Ellis.

Sem dúvida nenhuma, eu sei que ela o teme acima de tudo.

Ellis tinha ficado quieta em minha mente. Desde que eu disse a ela que estávamos quase chegando, mas que antes nós teríamos que derrotar o Jaguadarte, ela havia parado de falar comigo. Mas eu posso senti-la; ela está escondida em minha mente. E está na escuridão. Assustada e escondida em um lugar onde o Jaguadarte não pode encontrá-la novamente.

Porque ele queria ferir Ellis. Ele sempre quis machucá-la. Assim como quando Ellis era mais jovem, ele a feriu... depois a feriu mais. Uma e outra vez, sem se importar que ela chorasse. Sem se importar que ela quisesse o Heathan, para fazê-la se sentir melhor. O Jaguadarte continuou a tomar e tirar tudo, até Ellis ficar presa atrás da porta... presa em uma floresta escura, cheia de criaturas malvadas e com pesadelos paralisantes.

Rabbit pega a minha mão. Uma lágrima cai do meu olho sobre a parte de trás da mão dele. Sem falar, Rabbit leva minha mão aos seus lábios. Eu prendo minha respiração, chocada por ele estar sendo tão suave e gentil comigo.

E então ele me beija. Seus lábios, tão macios e rechonchudos, beijam a palma da minha mão. O calor substitui o gelo dentro do meu peito enquanto sua preciosa respiração paira sobre a minha pele. Quando ele baixa a mão, ele a mantém no meu colo. Ele não diz nenhuma palavra, mas tenho certeza de que o momento teria sido estragado com conversas idiotas.

O silêncio me diz tudo. Meu Rabbit me ama. Ele nunca falou, mas eu sinto isso. E isso seria suficiente por enquanto.

Seguro sua mão durante todo o caminho até o local onde o Jaguadarte está. Quando entramos na cidade que o protege, eu sinto o cheiro de sal no ar. Posso ver o mar enquanto passamos pelas ruas tranquilas.

"Onde estamos?", Pergunto.

"Del Rio", Rabbit responde e fica em silêncio novamente.

Percorremos um longo caminho, e então, Rabbit sai da estrada. Continuamos por uma estrada rural até chegarmos a um grande trecho de água. Suspiro com a beleza. Eu nem tenho a chance de falar sobre isso, antes que Rabbit pergunte, "Como você pretende matá-lo?"

Olho para nossas mãos juntas. "Eu... eu não sei." Olho para a água, o azul brilhando à luz do sol. "Quero fazê-lo pagar." Uma respiração profunda. "O Jaguadarte é o pior de todos os homens. Pior até que o Rei de Copas, porque ele foi quem mais feriu Ellis. Ele a aprisionou atrás da porta e a deixou sozinha por muito tempo."

Eu pisco enquanto as lágrimas crescem em meus olhos novamente. "Ellis me contou que ele foi o responsável por mandar Heathan para longe." Rabbit se acalma. Sua mão aperta a minha, tanto que quase me machuca. "Ele fez tantas coisas ruins que eu sinto, e Ellis sente, que o Jaguadarte deve morrer da pior maneira possível. Mas..."

"Mas o que?"

"Mas eu simplesmente não consigo pensar. Por algum motivo, com o Jaguadarte, minha cabeça não consegue pensar. Não sei por quê. Há uma grande neblina no meu cérebro."

Rabbit acaricia minha bochecha suavemente. Minhas sobrancelhas estão franzidas. Esse é o segundo toque suave que recebo de Rabbit. "Rabbit?" Pergunto, sem saber o que estou realmente perguntando.

"Você simplesmente mata", disse ele. "Sem brincadeiras. Você entra lá. Escolhe a arma e você o mata. Não deixe ele te machucar. Apenas mate-o. Então..." ele fecha os olhos.

"Só restará mais um", termino por ele.

Ele abre os olhos e assente.

"Rabbit?" Seguro sua mão mais forte e olho para trás sobre a água. Está tão quieto. "Estamos quase na casa dele, não estamos?"

Rabbit fica tenso, mas assente de novo. "São cerca de dez minutos nesta estrada."

Eu respiro pela boca e depois pelo nariz. Não tenho certeza de quanto tempo nos sentamos no carro, olhando para a água, mas, quando um pássaro avança no céu, eu me viro para Rabbit. "Estou pronta", declaro, ouvindo um tremor na minha voz. Rabbit, em seu terceiro ato de cavalheirismo inesperado, acaba com a distância entre nós e me beija nos lábios. Meu coração pula uma batida, com a sensação de seus lábios contra os meus, de forma tão gentil e suave. Não há sangue. Sem morder, sem dureza, simplesmente paz e suavidade.

Rouba o meu coração.

Quando ele se afasta, deixa a mão na minha bochecha. "Rabbit", sussurro sem fôlego e abro meus olhos. Rabbit engole em seco, suas bochechas coradas. Há um olhar estranho em seus olhos. Não consigo decifrar. Mas se eu tivesse que adivinhar, diria que parece... um tipo de... Felicidade.

Rabbit desliza para o seu lado e volta o carro para a estrada de terra. Quando passamos pela beira da água, aperto minha faca na mão. Fecho os olhos e deixo as coisas terríveis que ele havia feito com Ellis preencherem minha mente. Não só Ellis me contou o que ele tinha feito com ela, ela também me mostrou. Então eu repito as imagens uma após a outra. Deixo os gritos de Ellis encherem os meus ouvidos até que estejam doendo com o volume. E me permito sentir Jaguadarte entre minhas pernas, empurrando e fazendo Ellis gritar.

Raiva, mais raiva do que jamais experimentei, começa a preencher o meu corpo. Sinto isso alastrar em mim, rápido como o fogo, atingindo meus braços, minhas pernas e meu peito. Chega aos dedos, que apertam a faca. Abraço a raiva, tanto que quando chegamos à casa, cercada por árvores escuras... uma floresta escura, como a que aprisionou Ellis... nem penso. Eu ajo.

Guiada pela raiva que borbulha no meu estômago, saio rapidamente do carro. E corro e corro. Eu corro sobre o gramado e

direto para a casa. Corro pelos degraus e atravesso o caminho da porta da frente.

Não espero para ver se Rabbit está atrás de mim. Uma névoa vermelha está revestindo minha visão. Eu preciso seguir minha raiva até encontrar a sua fonte: Jaguadarte. Corro pelo corredor, procurando por ele em todos os quartos, procurando por qualquer sinal de movimento. Da terceira porta, alguém salta para cima de mim. Eu mergulho minha faca em seu peito... e continuo correndo. Nem paro para ver quem eu havia matado. Simplesmente sei que não é ele. Instintivamente sei que o reconhecerei quando nos encontrarmos. Nunca poderei esquecer o rosto feio e maligno que Ellis gravou em minha mente.

Outra pessoa me pega pelos cabelos quando passo correndo, puxando-me de volta. Quando me viro, um homem, vestido de preto, está diante de mim. Eu o apunhalo com minha faca, em sua garganta e até seu cérebro. O sangue imediatamente atinge o meu rosto e suas mãos soltam meu cabelo.

Eu me viro, examinando a casa grande e procurando minha próxima vítima... e então ouço isso. "Ellis!" Uma voz grita do alto da escada. "Ellis!" Meu sangue congela. Conheço essa voz. Ellis tinha me avisado sobre esta voz... e pior... está chamando o seu nome.

O Jaguadarte, o pior dentre todos, está chamando o nome de Ellis. Provocando. Tirando sarro de mim...

Ele vai morrer.

Subo correndo as escadas de dois em dois degraus. Levanto minha faca acima do ombro, pronta para atacar. Quando chego ao topo, ouço passos. Virando a cabeça para a direita, eu parto em uma corrida curta. Persigo o som dos passos até entrar em um quarto escuro. Estreito os olhos, procurando pelo monstro, quando ele chama o seu nome novamente. O Jaguadarte está do outro lado da sala, parado nas sombras.

Ele está bem diante de mim.

Eu tremo de raiva. Eu tremo, quando a energia impulsionada pela raiva surge dentro de mim, e minhas pernas me impulsionam para frente. Apenas dou três passos antes que meu pé falhe. De repente, estou caindo. Grito enquanto caio... para baixo e para baixo. Até que toco algo abaixo de mim. Algo suave amortece minha queda. Olho para cima, medo e terror absoluto, me mantendo aprisionada.

Um buraco... um buraco acima de mim... uma toca de coelho.

"Não", sussurro e procuro em torno de mim. Estou em uma sala: um quarto com três portas. Saltando de onde quer que eu esteja sentada – olho em volta e descubro que é uma cama – eu corro para a primeira porta. Está trancada. Corro para a segunda. Também, trancada. "Não!" Grito mais alto, minha voz arranhando minha garganta. Eu me aproximo da terceira porta, arrastando os pés. Estendo a mão... está trancada.

Balanço a cabeça. Balanço a cabeça tão rápido que fico tonta. Algo cai no chão. Quando olho para baixo, vejo que minha faca está na madeira dura. Eu recuo. Eu recuo até as minhas pernas baterem no colchão.

Meu lábio inferior treme quando analiso as quatro paredes que me cercam. As três portas... é uma réplica da sala em que eu estive presa por anos.

Estou de volta ao quarto das portas.

Um soluço se arrasta em minha garganta. A força abandona o meu corpo, como sangue escorrendo de uma ferida. Meu corpo, automaticamente, se enrola na cama, os braços envolvendo minha cintura, como proteção. Fecho os olhos, tentando lutar contra a escuridão e o poço fundo que está se formando no meu estômago.

De repente, a porta da minha direita se abre. Meus olhos se abrem, o medo frio congelando meus ossos. Vejo quando um homem atravessa o quarto. Olho para seus pés, em seus suaves

sapatos de couro preto... é tudo o que preciso para saber quem me pegou.

Suas pernas estão em minha linha de visão quando ele alcança a cama. Fecho os olhos quando uma mão puxa o meu cabelo. Eu quero me mexer, quero fugir, mas o quarto das portas me mantém presa. Meu corpo não se move. Minha mão não empurra seu toque.

"Ellis." Sussurra. Sinto sua voz cortar a minha alma. Sinto suas garras raspando o vidro frágil que é o meu coração, tocando nos pontos fracos, até o destruir e finalmente drenar toda a minha coragem e esperança.

A mão de Jaguadarte se arrasta grosseiramente pelo meu rosto, substituindo a trilha sensível que Rabbit tinha deixado há pouco. Eu quero o toque de Rabbit. Eu quero que seu toque suave acaricie minha pele.

Quero Rabbit, ponto final. Quero Rabbit. Mas ele não me encontraria nesta sala. Ele não conseguiria entrar – todas as portas estão trancadas. Somente Jaguadarte tem as chaves.

"Minha Ellis", Jaguadarte sussurra. A cama afunda ao meu lado. Sinto o corpo de Jaguadarte se aproximar. Sinto o cheiro de seu perfume – uísque e cigarro.

Odeio o cheiro de uísque e cigarro.

"Você acha que eu não sabia que você estava vindo?" Ele ri. O som dói em meus ouvidos. "Assim que ouvi os nomes das vítimas, logo que vi o retrato falado nos noticiários, soube que você viria atrás de mim." Um dedo desliza debaixo do meu queixo. Ele força minha cabeça para um lado. "Abra seus olhos."

Incapaz de resistir ao seu comando, faço o que ele pede. No instante em que vejo sua cara, sinto a maquiagem que Rabbit comprou para mim cair do meu rosto. Sinto o meu vestido desaparecer, transformando-se de azul em preto. Sinto o

desaparecimento de Dolly. Sinto sua bravura e coragem se evaporando no ar úmido. Eu tremo com medo.

"Ellis Earnshaw", diz Jaguadarte. Só quando olho nos seus olhos, vejo que ele não é o Jaguadarte. Em vez disso, tio John está sentado ao meu lado, segurando o meu rosto.

"Tio John", sussurro. Ele sorri.

"Aí está ela", ele diz e desce sua mão pelo lado do meu corpo até descansar na minha coxa nua. "Minha pequena Ellis. Com um sotaque inglês, nada menos." Seus olhos brilham quando recaem no meu vestido. "Você sempre gostou de jogar, não é?" E então ele começa a levantá-lo. Minha respiração treme enquanto sua mão calejada sobe por minha coxa em direção ao meu traseiro. Eu soluço, quando ele afasta minha calcinha e espalma sua mão na minha nádega. Aperto os olhos, quando ele se move para se ajoelhar ao meu lado.

O tio John me deita de costas. Abro os olhos e olho para o teto enquanto ele levanta o meu vestido. Levanta o meu vestido até que fique amontoado em volta da minha cintura. Suas mãos se engancham no cós da minha calcinha e ele a rola pelas minhas pernas, deslizando-a sobre minhas botas e atirando-a no chão.

Ele se levanta e se arrasta sobre mim. Meus olhos se estreitam quando imagino Rabbit em minha mente. Imagino seus olhos prateados. Imagino suas tatuagens e seus cabelos negros. Mas acima de tudo, imagino o beijo que ele havia me dado hoje, perto da água. Suave, gentil e muito amoroso.

Imagino amar o meu Rabbit.

Os dedos percorrem minhas pernas, subindo, até chegarem ao meu abdômen. As pontas dos dedos do tio John tocam minha cicatriz. Ele inspira fundo. "Eu me lembro disso." Ouço o sorriso triunfante em sua voz. "Nós tivemos tanta diversão depois que este corte foi feito, não foi, Ellis?" Sua cabeça mergulha e ele beija minha barriga. Vômito sobe por minha garganta. Engulo de volta.

"Você sempre foi a minha favorita, Ellis. Além de tudo que eu te ensinei, você era minha favorita." Ele suspira. "Mas então, você foi se apagando, perdendo sua centelha. Foi um momento triste, Ellis, quando você me deixou, quando a luz em seus olhos diminuiu até se apagar." Ele passa a ponta do dedo sobre minha sobrancelha. Quero lutar contra ele, mas meu corpo está paralisado. Meu corpo nunca consegue lutar contra tio John.

Tio John é o meu dono. Ele sempre foi. Ele me ganhou anos atrás, em um jogo de pôquer.

"Eu odiei ter que deixar você, Ellis. Mas agora, você está de volta, de volta com aquela centelha em seus olhos." Sua mão mergulha no interior da minha coxa.

Meu coração bate em um ritmo errático. Eu peço que ele me deixe em paz. Mas o pedido não é atendido. O pedido não é suficientemente forte. Então fecho os olhos e tento bloquear os sons. Tento bloquear a sensação de sua mão escorregando entre minhas pernas.

Eu bloqueio tudo.

Eu dou boas-vindas ao retorno da escuridão.

De volta ao meu quarto de portas.

Volto a estar sozinha.

CAPÍTULO 15



Rabbit

"Merda!" Grito, enquanto olho através de uma das janelas. Dois homens mortos aos meus pés, gargantas e estômagos foram cortados. Dolly tinha desaparecido através de uma porta no andar de cima.

Ela desapareceu de vista.

E então ela grita.

Passo minhas mãos pelo meu cabelo enquanto caminho de um lado para o outro. Existe guardas lá dentro. Os guardas que o filho da puta não tinha antes.

As notícias. As notícias da TV mostraram nossas fotos. Revelou os nomes das vítimas. Agora eles sabem que estamos indo atrás deles.

Claramente, esses novos guardas é algo relevante a ser ultrapassado.

Corro de volta ao meu carro. Abrindo o porta malas, procuro através de toda a merda que tenho aqui. A merda que comprei ontem à noite enquanto Dolly dormia no banco de trás.

Encontro o AK-47 e o pego. Bato a tampa do porta-malas fechado, e então congelo. Olho para a casa. E então, meu coração se afunda.

E se ela tivesse desaparecido?

E se aquele filho da puta a tivesse matado?

Ela correu.

Desapareceu, antes que eu pudesse chegar até ela.

A dor divide meu peito e rouba toda a minha respiração. Eu luto para respirar através do pensamento de perder Dolly. De não ter ela ao meu lado. Matando. Compreendendo.

Tê-la debaixo de mim.

Com as mãos tremendo, eu alcanço o celular. Pressiono o único número que tenho registrado.

"Mauricinho!" Diz Chapel.

"Ele está com ela!" Sibilo e sinto meu coração começar a desmoronar. Não posso respirar com o pensamento dela ali, sangrando... morta. Não Dolly. Ela é a única pessoa que não posso ver morta.

"Respire." Outra voz surge na linha. Henry.

"Ele está com ela! Na casa de merda dele!" Minhas pernas enfraqueceram, e me inclino contra a lateral do carro. "Ela fugiu. Eu não consegui chegar até ela. Antes que a porta se fechasse e ele a trancou lá dentro." Engulo com dificuldade, assustado quando sinto uma lágrima cair do meu olho.

Meu maxilar aperta. "Ele está com ela..."

"Então pegue ela." Eu fico congelado quando a voz familiar e rude de Hyde surge no alto-falante. "Recomponha-se homem e vai buscar a sua garota." Minhas mãos apertam minha bengala e o AK-47.

"Ela gritou... e se ele a matou? " Quase engasgo com as palavras.

"Então você mata todos eles. Quem quer que esteja dentro dessa casa, você acaba com eles. Você elimina todos eles. E se você for também, então pelo menos você não estará longe da sua Dolly por muito tempo."

"Ele também pode não ter matado ela, Mauricinho," diz a voz calmante de Chapel. "Ele pode simplesmente ter prendido ela." Ele faz uma pausa. "E ela estará esperando o seu Rabbit resgatá-la."

Abaixo minha cabeça e respiro fundo com suas palavras. Quando levanto a cabeça, olho para frente e deixo minha raiva em relação ao filho da puta infundir em minhas veias.

"Tenho que ir," grito no telefone e o deixo cair dentro do carro.

Vejo a casa à minha frente. Endireito minha gravata torta, me apoio firme em minha bengala e seguro meu AK-47 em posição de tiro. Eu caminho no início, e então salto sobre o gramado, pura determinação, me fazendo continuar quando eu avanço pela porta da frente. Desmonto minha bengala e seguro a lâmina firmemente. Um guarda vem na minha direção, depois um segundo, depois um terceiro. Atinjo todos eles. Tiros foram disparados, mas acabei com os atiradores antes que eles pudessem me atingir.

Então, subo a escada. Viro à direita e olho para a porta que prende minha Dolly dentro. Arrombo a fechadura com o alfinete da minha gravata. A fechadura gira e a porta de madeira se abre. O mais silenciosamente possível, entro no quarto, arma e lâmina preparados para quem está por ali. Um quarto vazio me cumprimenta.

Caminho suavemente sobre o chão de madeira, então de repente ouço uma voz vindo de baixo. "Você sempre foi tão ansiosa, pequena Ellis. Sempre pronta para o tio John."

Raiva escaldante me domina, quando a voz dele agride os meus ouvidos, vomitando sua merda fodida para minha Dolly. Procuro no chão por sua origem... e meu estômago revira.

Um buraco no chão?

Um buraco de coelho.

Dolly tinha caído em um buraco de coelho.

Meus olhos se arregalam para o que isso significava. O que isso significaria para ela, como ela perceberia essa queda em sua mente danificada...

Ela não estaria mais no País das Maravilhas. O que significaria...

"Não," sussurro. Eu circulo em volta do buraco, apenas para congelar. Dolly está deitada sobre uma cama no centro do quarto. Eu tremo com raiva no que vejo em seguida.

Aquele filho da puta. O Jaguadarte paira acima dela. Os olhos de Dolly estão perdidos, sem olhar para nada. Um corpo catatônico na cama.

Minha pequena boneca quebrada.

Eu me afasto do buraco. Verifico o quarto, procurando outra maneira de chegar até ela. Há uma porta no canto. Rapidamente alcanço-a e abro. Uma escada estreita aparece, levando ao quarto abaixo.

Desço as escadas em direção a uma porta no final. Respiro, tentando manter a calma**.** *Ele é a morte dela*, eu me lembro. *Quando ela voltar - porque ela* vai *voltar para você - Dolly terá a cabeça de Jaguadarte em um prato.*

Eu conto até cinco e chuto a porta. A madeira cede facilmente sob minha ira. Jaguadarte olha para cima.

Ele e eu, ambos aqui pela boneca. Competindo pela posse.

Ela é minha.

E ele está praticamente morto.

Jaguadarte salta da cama. Seus olhos se arregalam e depois ele fala. "Heathan James." Balança a cabeça. "Nunca pensei em *vê-lo* novamente. Na verdade, paguei muito dinheiro para me certificar de que não veria."

Meus lábios curvam em desgosto. Este cretino nem sequer merece uma conversa. Tudo o que posso ver é *ele* prendendo minha garota na cama. Tudo o que imagino na minha mente era esse cretino segurando-a, estuprando-a, depois tirando o seu bebê de sua barriga. Eu fervo, minha raiva inflamando meus sentidos de dentro para fora.

Irrompendo no quarto, disparo um tiro do meu AK-47 diretamente na sua perna. Ele pega a arma na sua cintura. Eu atiro outra vez acertando o pulso dele. Sangue respinga o chão enquanto ele grita.

Meu pau se contrai com o som celestial.

Jaguadarte cai no chão. Levantando a cabeça, ele começa a lutar por algo. Olho para baixo e vejo a faca de Dolly perto dos meus pés. Jogando a alça do meu AK-47 sobre o meu ombro, abaixo e pego a faca. Jaguadarte é um bastardo persistente. Lentamente, ele se arrasta para frente, uma fúria assassina iluminando os seus olhos.

Deixo-o se arrastar até os meus pés – exatamente onde ele pertencia. "Filho da puta," ele cospe, pulverizando meus sapatos com sua saliva sangrenta.

Eu inclino minha cabeça para o lado enquanto examino sua forma lamentável. "Sick Fux, aparentemente," respondo com uma pitada de sarcasmo. Sorrio. "Você parecia muito mais assustador quando eu era criança." Eu me abaixo até que estou a poucos centímetros do seu rosto. Suas bochechas estão vermelhas, sem

dúvida resultado da dor que minhas balas estão infligindo em seu corpo. Olho para a cama e vejo minha Dolly encarando o teto. Minha respiração falha enquanto eu observo o seu peito. Então, exalo, alívio como nunca senti antes cai sobre mim, quando eu o vejo levantar e descer, lentamente.

Então meus olhos seguem mais abaixo... e desta vez eu entro em um maldito inferno. Tremo incontrolavelmente quando vejo o vestido de Dolly ao redor de sua cintura. Quando vejo sua calcinha no chão... e quando vejo pernas dela separadas. Seus membros estão paralisados. Jaguadarte forçou Dolly a sair do País das Maravilhas, de volta ao quarto de portas, para o qual ele a tinha exilado por todos aqueles anos perdidos.

Afasto os olhos de Dolly e focalizo no estuprador aos meus pés. Minhas mãos apertam em torno da lâmina da faca de Dolly.

Ela vai Matá-lo, lembro-me severamente, quando minha alma enegrecida tenta usurpar o controle e acabar com o filho da puta. Olho de novo para a cama. No estado catatônico que ela entrou tão facilmente sob o toque dele. Os jogos mentais dele voltaram a dominar minha Dolly. Ele passou anos manipulando a sua mente inocente, para que pudesse tomá-la todas as noites, fode-la até que se tornasse um robô inconsciente, fazendo o que ele ordenasse.

Foi ele quem baniu Ellis.

Foi ele quem nos separou.

Foi ele quem financiou meus anos na Torre de Água. Descobri isso nos registros do diretor quando escapei.

Esse cretino aos meus pés, o idiota balbuciando para respirar, rangendo os dentes com dor, é a razão pela qual eu perdi minha garota por todos esses anos vazios.

Levanto o pé. Incapaz de resistir por mais tempo, acerto o estômago de Jaguadarte com o pé. Ele se encolhe, tossindo em meus sapatos de couro. Eu rosno com desgosto, e então o jogo de

costas com a ponta do meu sapato. Passo de um lado para o outro enquanto ele se deita de costas, a barriga dele, induzida por uísque, oscila como uma onda no mar. Balanço a cabeça, pensando em cortá-lo do umbigo até o nariz.

Viro-me novamente para Dolly, olhando para o rímel que havia escorrido em seu rosto.

Ele a fez chorar.

Este patético filho da puta a fez chorar.

Ela deve matar ele. Seu último batimento cardíaco teria que ser entregue pela mão de Dolly. Lançando minha lâmina em uma mão, a confortável faca da Dolly na outra, eu giro e deslizo ambas as lâminas nos ombros dele. Jaguadarte grita. Sorrio enquanto olho para ele. As lâminas de aço haviam mergulhado na madeira embaixo de seus ombros prendendo ele no chão.

Ele está imobilizado.

Agora, ele é a presa, esperando Dolly despertar de seu sono. Ele se debate, tentando se mover, mas ele não irá a lugar nenhum. Seus olhos se encontram com os meus. Vejo, naquele momento, sua percepção de que havia perdido.

Então seus olhos seguem para Dolly... e dá um pequeno sorriso de vitória. Porque ele tinha reduzido Dolly a isso, deitada ali, na cama. Para a garota que eu encontrei todas aquelas semanas atrás sentada na cadeira, olhando sem ver nada, para fora de uma janela suja.

A menina perdida vestida de preto.

Mas não mais. Ela está perdida temporariamente, porque está sem mim. Jaguadarte não é páreo para o Rabbit dela.

E vou mostrar isso a ele.

Subo na cama. Minha mão se acomoda suavemente no rosto de Dolly. Ela parece uma pedra fria. Seus olhos direcionados através de mim até o teto. Eles não reconhecem minha presença.

"Dolly," sussurro no ouvido dela. Não houve nenhum som. Nem mesmo uma oscilação de movimento. Empurro seu vestido sobre a sua buceta, então volto a olhar para o rosto dela.

"País das Maravilhas," sussurro, pensando no conselho de Henry na nossa discussão há meses. Tenho que trazê-la de volta.

Tenho que levá-la através de um buraco de coelho.

Olho para o buraco no teto. Não há nenhuma maneira de usá-lo. Erguendo ela nos meus braços, afasto-nos da cama indo em direção a uma das portas trancadas. Chuto várias vezes até que a fechadura cede. Um armário. Corro para a porta ao lado e chuto na madeira. Esta é mais forte. Eventualmente, a madeira estilhaça. Quando a porta se abre, um banheiro aparece. É enorme, com acabamentos finos, com um chuveiro e banheira.

Entro no banheiro e coloco Dolly no chão. Ligo a torneira e coloco o plugue. Água surge, enchendo a banheira. Sento e arrasto o corpo de Dolly sem vida em meus braços. Balanço ela de um lado para o outro no meu colo. Acaricio seus cabelos e beijo o seu rosto. "Volte para mim, querida," imploro e balanço mais rápido. "Volte para mim, pequena Dolly." Minha voz sai rouca e falhada.

Verifico a água, desejando que enchesse mais rápido. Os olhos de Dolly estão presos no toalheiro atrás de nós. Sem vida. Nenhuma faísca.

Nada de Dolly, em suas profundezas azuis.

"Fique comigo!" Eu a puxo mais alto, mordendo gentilmente seu pescoço. "Volte," ordeno e deslizo meu dedal através da minha garganta. Meu sangue escorre na minha camisa e posiciono a boca de Dolly no meu pescoço. "Beba," ordeno. "Sinta-me. Sinta nosso vínculo. " Afastando-a, deslizo meu dedal em minha mão. Faço o

mesmo com a dela e junto nossas palmas. Aperto-as com força, mas as mãos de Dolly estão flácidas.

Repressão. Ouço o aviso de Henry em minha mente. *Às vezes, os reprimidos estão perdidos para sempre. Para sempre aprisionados no alcance mais profundo e inacessível de suas mentes.*

"Eu a trouxe de volta uma vez," digo quando solto nossas mãos. A banheira está cheia. Pego seu corpo leve e mergulho na água. A maquiagem de Dolly escorre quando a água lava seu rosto. Agarrando levemente sua garganta, movo a cabeça, então ela está me encarando. Forçando seus olhos a encontrar os meus, eu resmungo, garganta apertada e coração quebrado, "Sou o Rabbit... eu vim para levá-la ao País das Maravilhas. Havia uma missão. Você se perdeu." Engulo e fecho meus olhos. "Mas agora nós precisamos você de volta." Eu tusso e luto para respirar. "*Eu* preciso você de volta." Pegando o relógio de bolso no meu colete, aproximo ele do meu ouvido, diretamente em sua linha de visão, e sussurro, "Tique taque."

Então eu a empurro debaixo da superfície.

Agarro seu pescoço com as duas mãos e a seguro debaixo da água. Bolhas saem do seu nariz, mas ela permanece quieta...

Até que sua perna começa a contrair. Meus olhos seguem o movimento. Aperto sua garganta com mais força, mantendo-a para baixo. "Desça o buraco do coelho."

O braço de Dolly se move. Suas pernas começam a chutar. No início, apenas movimentos ligeiros, então sua mão agarra a minha. Meus olhos brilham quando vejo a vida se infiltrando em seu corpo. "Desça o buraco do coelho!" Grito, enquanto suas mãos cobrem as minhas e ela arranha minha pele. Empurro ainda mais, até que a cabeça de Dolly tocar o fundo da banheira.

Ela começa a se debater violentamente. Debater seu corpo inteiro, lutando contra o buraco negro que ela precisa viajar para

voltar para mim. Meus olhos se enchem de lágrimas, desfocando minha visão, enquanto ela luta contra mim.

"Vamos lá!" Grito. "Vamos lá! Volte para mim!"

Mas Dolly luta todo o caminho, até que seus membros começam a se cansar. Até suas mãos, agarrando e arranhando a minha, relaxam o aperto... até que escorregam para o lado dela.

Sem vida novamente, as bolhas do nariz de Dolly param.

Arrasto Dolly para fora da banheira e a coloco no chão de azulejos. Eu faço respiração boca a boca e começo a fazer compressões no seu peito. Eu bombeio várias vezes, usando minha respiração para soprar vida dentro dela. Sua pele está pálida e seus cabelos estão grudados em seu rosto.

"Volte!" Eu repito, batendo minhas mãos contra seu peito. "Venha de volta! Isso é uma ordem!"

Dolly arqueia no chão, balbuciando e tossindo a água da banheira. "Dolly!" Eu exclamo e afasto o cabelo de seu rosto. Seus olhos se abrem.

"Rabbit," ela grita com uma voz em pânico. Então ela olha para o corpo dela e grita. Ela começa a bater em seus braços e pernas. "Estou muito alta!" Ela grita, os olhos arregalados e selvagens. Sua cabeça girando ao redor do banheiro. "As portas! Não consigo passar pelas portas!"

Eu tiro o frasco do meu sangue de seu pescoço e mordo a cortiça. "Beba," ordeno. Eu inclino sua cabeça para trás e derramo o sangue pela sua garganta.

As gotas perdidas caem do lado de sua boca. Ela engole em seco, e então se senta. Ela olha para seus braços e pernas. "Está funcionando!" Ela grita, assim como na primeira vez que eu a trouxe de volta para mim. "Está funcionando!" Ela disse novamente, mas seus olhos nublam com a escuridão. Sua alegria de curta

duração foge de suas profundezas, apenas para ser substituída pelo olhar mais cruel.

"O Jaguadarte," ela disse friamente. "Ele fez isso comigo." Dolly se levanta. Ela está molhada, o sangue escorrendo pelo seu queixo. "Onde ele está?"

"Ali," respondo, apontando para a outra sala. Eu me levanto, observando a beleza de Dolly ser consumida com ira, pronta para fazer o homem pagar por destruir sua vida.

Dolly sai do banheiro, seu cabelo loiro balançando enquanto se move. Sigo rapidamente, não querendo perder um segundo dessa morte.

Dolly olha para o Jaguadarte, meio-crucificado no chão. Eu assisto quando seus olhos pousam nela. Sua boca se move para falar, mas antes que pudesse, Dolly corre para ele, monta sobre a cintura dele e arranca a lâmina dela do seu ombro. Ela não para. Nem mesmo um momento, quando ela o atinge. Ela o esfaqueia várias vezes, nunca parando. Nunca perdendo um segundo, ela o corta enquanto ele está deitado no chão, nada além da luxúria pela morte nos olhos dela.

Ela o esfaqueia até que começa a perder força e seus braços frenéticos finalmente falham. Ela alcançou mais de cinquenta ataques.

Encharcada de sangue, Dolly se afasta do Jaguadarte, agora morto pela mão de sua ex-vítima, sua força vital escorrendo no chão.

Dolly respira fundo, seus braços segurando suas costas. Soluços começam a cortar os suspiros, e logo eles são tudo o que pode ser ouvido. Seu peito se contraindo, seu corpo inteiro treme. As lágrimas caem em cascata por suas bochechas.

Então ela me vê. Ela rapidamente engatinha para os meus pés e agarra minhas pernas. "Rabbit... você veio para mim. " Ela

chora enquanto me agarra firmemente. Sua cabeça cai para frente, descansando no meu joelho. "Obrigada," ela sussurra, a voz agora completamente cortada e grossa. "Rabbit... você veio para mim. Me resgatou da sala das portas... obrigada...obrigada...obrigada..."

Ela está adorando os meus pés. Eu, seu Deus, seu mestre... aquele a quem ela finalmente pertencia. Ela soluça e cai no chão. Mas não posso fodidamente aceitar isso. Não posso vê-la humilde e ajoelhada.

Minha pequena Dolly não é minha escrava.

Ela é minha deusa, um maldito titã.

Inclinando-me, coloco meu dedo debaixo do seu queixo, que eu cutuco ordenando ela me olhar. Seus olhos baixam submissos ao meu toque. Eu balanço a cabeça. Dolly espera, espera pacientemente que eu fale, presa em cada movimento meu.

"Uma rainha não se curva a ninguém," eu disse, e o rosto de Dolly se transforma. Se ilumina com luz e cor.

Dolly sempre pertencia à cor.

Inclinando-me, nivelando meus olhos com os dela, eu digo, "Especialmente para o rei dela."

Dolly ofega e pula em meus braços. Sua boca sufoca a minha quando ela me beija. Ela me beija, jogando seus braços em volta da minha cabeça. Ela me segura enquanto tira de mim o que precisa.

Minha boneca rainha vestida de azul.

Eu seguro-a também até ela se afastar. Os olhos dela estão dilatados e a respiração ofegante. Ela me solta e fica de pé. Dolly caminha, silenciosamente, para o Jaguadarte morto, esparramado no chão. Tirando a gravata que ele usava ao redor de seu pescoço, ela mergulha o tecido na piscina de sangue ao redor dele e começa a escrever na parede de trás. "SICK FUX", desta vez escrito em carmesim, escrito no sangue dele. Seu sangue em pagamento pelos

crimes cometidos ao longo dos anos. Dolly se aproxima do ombro dele e arranca minha lâmina. Ela puxa uma carta de baralho encharcado do seu espartilho. Ela coloca a carta na testa dele.

O Ás de copas.

Dolly olha para o rosto dele, agora sua máscara de morte. Ela permanece ali por vários minutos. Então ela vira para me encarar. "Para você," ela disse e me entrega minha lâmina. Monto minha bengala, não me incomodando em limpá-la.

Quero manter o sangue de Jaguadarte no meu aço por mais um tempo.

"Estou cansada," Dolly anuncia de repente, um novo tipo de tristeza entrando em sua doce voz. Ela pega minha mão na dela. Seus dedos ainda estão frios. "Vamos, Rabbit. Não quero mais ficar aqui."

Dolly me puxa pela porta, mas eu a guio pela casa. Nós tomamos um banho rapidamente em um banheiro que encontramos, livrando nossa pele do sangue contaminado de Jaguadarte. Nós lavamos nossa roupa, não nos importando que ficássemos molhados depois. Está quente lá fora. Nós nos iriamos nos secar rapidamente.

Uma vez terminado, eu a guio para o carro. Nenhuma música toca quando nos afastamos. Dolly se aconchega no banco de trás, envolta em minha jaqueta. Só passam alguns minutos antes do seu corpo exausto sucumbir ao sono.

Olho mais para ela do que para a estrada enquanto eu dirijo. Ela pediu para ir direto a um motel. Mas nós estamos indo para outro lugar. Dolly merecia o que fiz por ela, de qualquer forma. Mas depois desta noite, vou me certificar que ela me adore.

Ela nunca me adoraria tanto quanto eu a adoro.

Meu estômago aperta quando vejo a mudança em seu sono, mãos delicadas se agarram ao meu casaco com carinho. Ela arrasta

minha jaqueta ao nariz e inala. Meu coração desmorona completamente quando seus lábios formam um pequeno sorriso.

Enquanto respira profundamente em seu sono, tudo o que eu posso pensar é sobre hoje à noite. Como quase a havia perdido. Eu sei, sem sombra de dúvida, que se ela morresse, eu certamente a seguiria.

Não havia Rabbit sem Dolly.

Não havia Dolly sem Rabbit.

Enquanto dirijo para o nosso destino, meus olhos mal se desviam dela. Minha boneca está quebrada, mas não tanto que não possa ser reparada.

E sou o único mestre de boneca suficientemente habilidoso para realizar esses reparos.

***

Estou de costas e examino a cena diante de mim. Respiro profundamente e passo minhas mãos pelo cabelo. Endireito meu terno novo e gravata que tirei da minha mala no porta-malas. Eu balanço a cabeça, dando uma rápida risada com o que diabos estou fazendo.

Então olho para o Mustang. Meus olhos seguem para a loira dormindo no banco de trás. E eu sei.

Ela.

Isso é tudo por ela.

Minha corajosa e pequena campeã.

Abro o porta-malas. O som está na frente. Pressiono liga-lo, sabendo que as músicas seriam perfeitas para esse momento. A

música lenta enche o ar. Eu paro, escondido pela tampa aberta do porta-malas. Enrolo as mangas da minha camisa e inclino minha cabeça para trás. Olho para o céu... e sorrio.

Ela teria exatamente o que queria.

Indo para o banco de trás, inclino e acaricio a bochecha de Dolly. Ela se move com um suave gemido, mas não acorda. Sorrindo com a sua teimosia, acaricio sua bochecha novamente, desta vez sussurrando, "Dolly?"

Ela puxa minha jaqueta mais alto sobre seus ombros. Então tento novamente. "Pequena Dolly querida," disse, mais alto desta vez. Os olhos de Dolly piscam. Ela estica os braços. Eu a observo, hipnotizado, e então ela se vira para me olhar.

Um pequeno sorriso cruza seus lábios. "Rabbit... " dia com a voz ainda fraca da experiência das horas anteriores. Seu cabelo secou na viagem, e suas roupas não estão mais úmidas. "Estou cansada," diz e se curva para voltar a dormir.

Balanço a cabeça, meu peito ficando leve, mais uma vez, com quão delicada ela pode ser. "Mas eu tenho uma surpresa," anuncio e assisto seus olhos lentamente abrirem.

Dolly se vira para mim. Suas sobrancelhas estão levantadas. Ela vira sua cabeça novamente, desta vez na direção da música. "É o meu aparelho de som que está tocando?"

Aceno com a cabeça, então estendo a mão. "Venha."

Com um sorriso confuso, Dolly pega a minha mão, e a ajudo a sair do assento traseiro. Precisando senti-la contra mim, envolvo meus braços ao redor dela. Dolly grita levemente quando eu a levanto do carro. Ela encontra meus olhos e engole, nervosa sobre o que pensar de tudo isso. Não sou eu. Eu não agia assim. Eu não operava dessa maneira.

É o estado mais nervoso que já senti em minha vida.

E nunca me senti nervoso. É estranho sentir a emoção. Demorou um tempo, enquanto ela estava dormindo, para rotular isso.

Estou nervoso que ela fosse odiar isso.

Estou nervoso que eu não conseguisse fazer isso.

Coloco Dolly no chão, e um rubor invade as maçãs de suas bochechas. Esse rubor me destruiu onde eu estou. Sempre fez; isso, e suas covinhas, que aparecem quando ela sorri.

Dolly desliza sua mão na minha, e olho para as nossas mãos juntas. Lembrando que ela gostou disso antes, levanto sua mão para os meus lábios e pressiono um beijo suave sobre ela.

Dolly ofega. Sua respiração aumenta a frequência.

"Venha," eu disse de novo e levo-a para o porta-malas do carro.

"Rabbit? O que está acontecendo?" Perguntou, olhando ao nosso redor.

Solto sua mão. "Feche os olhos."

Dolly balança a cabeça, sorrindo, mas depois faz o que eu pedi. Olho seu rosto por um momento enquanto ela está parada com os olhos fechados. Confiando em mim completamente. Meu peito espreme novamente. Forçando-me a me mover, levanto o presente do porta-malas. "Abra os olhos."

Dolly faz o que lhe disse... e seus olhos azuis arregalam tão grandes que parecem com a lua. "Rabbit," ela sussurra enquanto pega o vestido. Seus olhos inspecionam a peça. Ela estende a mão, aparentemente com medo de tocar o material azul brilhante.

"É..." Lágrimas nos olhos. "É... é para mim?"

Concordo. "Para você." Balanço a cabeça em sua direção. "Coloque-o."

Dolly solta um longo suspiro, então tira o vestido das minhas mãos. Eu alcanço dentro do porta-malas os sapatos. Quando eu me viro para dá-los a ela, faço uma pausa. Dolly está em silhueta pela lua cheia. No centro do campo em que estamos estacionados, existe apenas nós; ela e eu, e um céu cheio de estrelas.

Não me importo com elas. Sua beleza empalidece em comparação com a sua majestade.

Dolly tinha tirado suas roupas. A pele leitosa de suas costas parece branca como papel com o brilho da lua. Ela levanta o vestido sobre a cabeça e desliza-o sem esforço sobre o seu corpo. Ando até onde ela está. Sei que ela sabe que estou atrás dela quando seus ombros ficam tensos por um momento. Então a cabeça dela inclina para o lado, me oferecendo o pescoço.

Incapaz de resistir, empurro suavemente os cabelos para o lado e pressiono um beijo suave na lateral de sua garganta. Ela ofega e um arrepio cobre a sua pele.

Estendo os sapatos por cima do seu ombro e, em seguida, abaixo as mãos para fechar o vestido. Puxo o zíper muito devagar. Saboreio a vista enquanto cubro cada centímetro de pele pálida. Afasto e espero que ela coloque os sapatos.

Quando estão em seus pés, ela se vira. Meus olhos se deleitam com ela enquanto eu a inspeciono da cabeça aos pés. O longo vestido azul desce até os seus tornozelos. Os brilhantes sapatos de prata encaixam perfeitamente em seus pés pequenos.

"Você gosta?" Ela pergunta ansiosamente, alinhando as mãos sobre a saia.

Concordo com a cabeça e encontro seus olhos. Voltando ao aparelho de som, rapidamente avanço até que a música que eu quero começa. Quando as notas de abertura começam a tocar, viro e estendo a mão para Dolly. Corando, olhos baixos, ela vem até mim.

TILLIE COLE
SICK FUX

Ela sempre veio quando chamei.

Dolly desliza sua mão na minha. Ela espera, segurando a respiração, pelo que eu faria a seguir. Levo sua mão na minha boca e lhe dou um rápido beijo suave, e depois me abaixo. Olhando para cima da minha posição de cavalheiro, pergunto, "Posso ter essa dança?"

O rosto de Dolly demonstra seu choque. Ela não fala. Em vez disso, ela concorda. Ficando em pé, eu a puxo contra o peito. Estendo nossas mãos e cuidadosamente coloco outra em volta da sua cintura. Dolly coloca a mão no meu ombro. Olho nos olhos dela. Eles estão presos em mim. Suas bochechas cheias de cor.

À medida que a música começa, e um homem canta sobre ser incapaz de viver com ou sem alguém, balançamos com o ritmo. Dolly nunca desvia o olhar enquanto a abraço, deixando as letras falarem como ela se sente. Discordo de não poder viver com Dolly. Eu definitivamente posso fazer isso. Nós nunca vamos ficar separados.

Nem na morte, tenho certeza.

"Rabbit," disse Dolly calmamente quando seus olhos azuis brilham como as estrelas. "Você não dança."

Sorrio e a aperto ainda mais. Sinto o calor sair de sua pele. Ela cheira as rosas que sempre sinto quando estou perto dela. "Esta noite, aparentemente, eu danço."

Dolly me recompensa com um sorriso, depois uma risada que flutua no ar. Nós dançamos enquanto a música se desenrola. Quando a próxima música começa, uma igualmente lenta, ela olha ao nosso redor e pergunta, “Rabbit? É... isso é um baile de formatura?”

Trazendo nossas mãos juntas ao meu peito, concordo com a cabeça. "Seu baile, Dolly querida. Um baile bem merecido, apenas para você."

TILLIE COLE
SICK FUX

"E você," ela diz sem fôlego. Ela parece preocupada com tudo. Dolly inclina a cabeça para trás e olha para as estrelas. "Rabbit... um manto de estrelas." Olha para a direita. "E a lua tão cheia e brilhante."

"Elas vieram para você," eu disse, e o brilho do seu sorriso poderia ter rivalizado com o sol do meio-dia.

Nós dançamos. Nós dançamos por mais três músicas. O rosto de Dolly estava corado de dançar. Quando paro, abaixo novamente e beijo sua mão. "Obrigado pela dança, pequena Dolly."

Ela ri.

Quando me endireito, vejo a centelha em seus olhos voltar, a faísca que foi perdida ao destruir o Jaguadarte. Vejo a leveza voltar a seus ossos e vejo a inocência, que ele tinha roubado temporariamente, voltar como se fosse entregue por partículas de poeira da lua.

"Feche os olhos novamente," eu disse.

"Rabbit!" Ela repreende. "Chega de presentes. Já me sinto totalmente mimada!"

"Mais um." Espero que ela feche os olhos, um olhar severo no meu rosto. Dolly ri, mas faz o que eu pedi.

Vou ao porta-malas e pego o presente final. Volto para Dolly e paro em frente a ela. "Abra," falo. Os olhos de Dolly se abrem. Ela espera enquanto escondo o presente nas minhas costas. Quando eu decido que ela esperou tempo suficiente, mostro o presente escondido atrás das minhas costas.

Os olhos de Dolly se arregalam de espanto. Suas mãos mascaram um suspiro audível. "Rabbit..." ela lentamente estende a mão. Passa as pontas dos dedos sobre as pedras brilhantes. "Uma... uma... uma coroa," ela meio que grita com descrença.

Levanto o item. Com os olhos de Dolly, voltados para mim, com nada além de adoração, coloco a coroa em sua cabeça. "Para minha rainha."

Eu a fixo no lugar e dou um passo atrás para admirar meu trabalho. Não posso afastar minha atenção dela. Minha pequena Dolly. Minha pequena Dolly, uma vez quebrada, curada por um vestido bonito e uma coroa. De pé diante do seu rei como a realeza que ela é.

Minha rainha da escuridão.

"Bem?" Ela pergunta nervosamente, colocando as mãos nos seus lados.

Dou um passo em direção a ela. Então outro. Estudo sua coroa, o azul brilhante dos seus olhos, o rosa de seus lábios. "Perfeita," afirmo, minha voz baixa e rouca.

Dolly abaixa o olhar, depois o levanta para sussurrar, “Rabbit bobo."

Meu lábio se curva no canto. Ela está de volta. Minha pequena Dolly está de volta comigo. Não perdida. Mas ao meu lado. Tomando o lugar legítimo como minha rainha.

Lembrando-me das palavras da Chapel, movo minha boca em direção a dela. Me aproximo lentamente. Dolly prende a respiração enquanto eu direciono meus lábios em torno dos dela, mal tocando. Sinto o seu tremor enquanto eu provoco sua boca. Então eu pressiono, fundindo nossas bocas. Dolly geme levemente ao meu toque. Um calor desconhecido corre por minha espinha enquanto provo o gosto dela. Apenas seu beijo, nada mais.

Quando eu me afasto, pressiono minha testa contra a dela e apenas respiro. A mão de Dolly aparece e toca o meu peito. A noite está em silêncio, e nós também.

O tempo passa; nem mesmo o tique taque sempre presente do meu relógio de bolso pode ser ouvido. "Eu tenho outra coisa para te mostrar," digo e pego sua mão.

Dolly me deixa levá-la mais longe no campo. Uma fazenda no meio do nada. Apenas nós, o céu e os nossos pecados. Sei que Dolly tinha visto o cobertor no chão, pela ligeira falha em sua respiração. Não me viro para encará-la no início. Enquanto eu também olho para o cobertor, penso no que ela havia dito sobre o filme que ela assistira.

Não tenho certeza se posso fazer isso.

Mas então a mão de Dolly desliza no meu ombro, e sinto que ela pressiona sua testa contra as minhas costas. Abaixo a cabeça e respiro profundamente. Afasto os pensamentos obscuros que ameaçam surgir. Expulso os toques abusivos e sons da minha cabeça.

E me viro lentamente, meus olhos fechados. Os pequenos dedos de Dolly esfregam traços suaves pela minha bochecha. "Rabbit." No sussurro de meu nome por Dolly, deixo meus olhos abrirem. Ela respira fundo.

Sei então que ela está tão nervosa quanto eu.

"Não sei se posso fazer isso... como você quer," eu admito, minha cabeça lateja com o pensamento de tomá-la lentamente. Suavemente. Nenhum sangue. Sem mordidas ou sem arranhar minhas costas.

"Eu também não." Ela solta uma risada dolorida. Com os olhos brilhantes, ela sussurra, "Mas podemos tentar."

Suspiro, tenso, enquanto os dedos hábeis de Dolly começam a desabotoar o meu colete. Minhas mãos relaxam em meus lados quando ela empurra o colete de meus ombros. Ela desamarra minha gravata, tirando o alfinete que poucas horas atrás, usei para libertá-la da sala das portas. A seda preta voa para o chão quando

ela solta isso do meu pescoço. Minha camisa é a próxima, e estou diante dela, sem camisa e ainda tenso.

Dolly respira fundo e seus olhos seguem para o meu peito. Suas mãos descansam nos peitorais, então começam a explorar lentamente. Minha mandíbula aperta enquanto ela passa os dedos pelos muitos relógios que eu tinha tatuado na minha pele. Tatuagens que Chapel desenhou com uma agulha e tinta. Tatuagens que haviam afastado Heathan, para em seu lugar nascer Rabbit. Ela me rodeia, parando nas minhas costas. Sei que ela está olhando seu rosto encarando ela. Então sinto seus lábios beijar esse lugar. Seus lábios são como as borboletas que eu pegava e matava quando era criança. Faz cócegas na pele.

Dolly se move. Ela pressiona um beijo sobre o meu coração.

Ele bate mais rápido em resposta.

Suspiro quando ela se afasta. Olho para a faixa preta no seu cabelo. Isso sempre esteve lá – constante familiar... Dolly.

Esta é a minha Dolly diante de mim. A única pessoa que eu já tinha deixado entrar. A única pessoa que sempre me quis, sendo quem sou.

A assassina ao meu lado.

Eu posso fazer isso.

Ou pelo menos eu preciso tentar.

Dolly é uma estátua, quando estendo a mão e empurro seu cabelo do seu ombro. Ela fecha os olhos. Quando os abre, eu estou pressionado contra ela, contra seus seios. Deixo minhas mãos descer dos seus ombros para as costas. A respiração de Dolly encontra o meu pescoço. Aperto os dentes quando puxo o zíper. As pontas dos meus dedos roçam sua pele nua quando o zíper expõe suas costas. Respirando fundo, dou um passo atrás e o vestido que descansava contra o meu corpo, cai lentamente no chão. Engulo

um nó na garganta quando Dolly está diante de mim, nua e vulnerável.

Ela levanta o queixo. Avança e coloca a mão na minha cintura. Seus dedos se arrastam abaixo até que tomam posse do botão da minha calça. Dolly abre e gentilmente puxa o zíper. Minha calça desliza para o chão.

Estou tão exposto quanto ela.

Dolly suspira quando baixa o olhar. Mais tatuagens. Mais relógios. Nenhum centímetro quadrado deixado sem marca. Dolly olha para mim, esperando instrução. Pego sua mão na minha e a direciono para o cobertor.

Nós ficamos, um de frente para o outro, sem palavras, apenas o ar sendo compartilhado. Eu me aproximo, minha atenção em seus lábios. Eu me aproximo. Eu a beijo e Dolly corresponde. Envolvo a mão em seu cabelo, mas não puxo. Não tento dominar, apenas deixo acontecer; sem agressão, simplesmente sentindo.

Dolly suspira contra a minha boca. O som bate em meu peito.

Ela gosta assim.

Luto contra a minha necessidade de tomá-la com força, e a coloco deitada sobre suas costas. Eu pairo sobre o seu corpo nu. Olho nos olhos dela. Ela olha de volta. Então deixo o meu olhar descer. Deslizo sobre o seu corpo, colocando beijos em seu pescoço, seus seios, seu estômago e suas coxas. Dolly passa as mãos nos meus cabelos enquanto eu refaço o caminho para cima. Ela procura o meu rosto, e então diz, "Leve-me, Rabbit." Eu seguro o desejo de tomar o controle. "Faça amor comigo." Um sorriso toca seus lábios. "Como fizeram no filme. Sob as estrelas. Apenas ela e ele, fazendo amor."

Fechando os olhos, digo a mim mesmo para fazer o que ela pede. Sinto as pernas de Dolly deslizar e se abrirem debaixo de mim. Gemo quando seus dedos envolvem o meu pau. Abro os olhos

e afasto-os da veia em seu pescoço. Em vez disso, olho em seus olhos. Fico concentrado neles enquanto me posiciono na entrada dela.

Dolly assente. Ela está me dando permissão. Dolly está dando sua permissão... para mim. Para nós. Para esta noite.

Empurro para frente, braços apoiados em ambos os lados de sua cabeça. Lentamente entro, centímetro por centímetro. As mãos de Dolly pousam nas minhas costas. Mas, em vez de arranhar, ela esfrega a ponta dos dedos subindo e descendo, provocando arrepios em minha pele. Dolly geme quando a encho. Eu congelo acima dela, ofegando enquanto me contenho de fazer o que o meu demônio interno exige que eu faça.

"Rabbit," suspira, os olhos fechados enquanto eu começo a me mover. Lentamente impulsiono dentro dela. Movimentos delicados. Não demora muito para a necessidade de tomá-la mais rudemente desaparecer. Enquanto eu estudo seu rosto, olho para os lábios se separando um pouco. Suas bochechas vermelhas e o prazer em seus olhos. Sei que eu poderia ficar aqui para sempre, apenas observando seu rosto bonito perdido no meu toque. Sentindo suas mãos nas minhas costas. Sentindo suas mãos enquanto passeiam pela minha lateral até que pousam nas minhas bochechas. "Rabbit," disse Dolly, suavemente.

Não tenho escolha senão beijá-la.

Então eu faço.

Pressiono os lábios sobre os dela enquanto meus quadris se movem mais rápido. Mas a gentileza continua. O suor explode no meu corpo enquanto eu a tomo na noite amena. A respiração de Dolly aumenta a velocidade, e sinto sua buceta começar a apertar. Eu gemo contra sua boca, minha língua deslizando contra a dela. Engulo os gemidos de Dolly e ela engole os meus enquanto cresce nosso desejo. Minhas mãos engancham sob seus ombros à medida que a pressão cresce na base da minha coluna vertebral. Minhas

coxas contraem. Meu peito está nivelado contra Dolly, meus lábios se fundem com os dela.

"Rabbit," ela sussurra contra a minha boca. Sinto sua buceta contrair, e a boca de Dolly se separa da minha e a cabeça inclina para trás. Ela grita com prazer, o som e a sensação de estar dentro dela, me carregando com ela. Eu gemo os olhos fechados, quando entro dentro dela. Nossos corpos estão escorregadios de suor, os braços envoltos um do outro.

Respiro com força quando abaixo minha cabeça, me enfiando na curva do seu pescoço.

Dolly acaricia meu cabelo, suas respirações curtas e instáveis aquecendo minha pele.

Abro os olhos. Eu pisco na escuridão e, lentamente, levanto a cabeça para a noite. Os olhos de Dolly encontram os meus. Sinto uma dor no peito. A dor de saber que eu nunca poderei viver sem ela. Dolly é uma parte de mim como meu sangue e coração batendo. E sou parte dela.

Lembro o que Chapel me disse.

Meu nervosismo volta. Quando vejo um sorriso cruzar seus lábios, eu abro minha boca e deixo as palavras saírem. "Eu te amo."

Não existe uma parte de Dolly que não ficou tensa. Congelo, e então eu fodidamente quebro, quando as lágrimas enchem os olhos de Dolly e escorrem em suas bochechas. "Rabbit..." ela diz em voz baixa. "Eu também te amo."

Meu nariz infla com as suas palavras. Penso em todas as mortes que fiz. Do seu sangue que eu tinha consumido, e todas as vezes que tínhamos fodido... então, a única vez que fizemos amor.

Nada comparado.

Nada comparado a minha pequena Dolly, debaixo de mim, dizendo que ela também me ama. Dolly coloca as mãos na minha

bochecha e olha nos meus olhos. "Heathan James, você devorou o meu coração e bebeu a minha alma. Sou sua. Fui consumida por você... alegremente."

Eu pisco, com certeza ela não tinha notado do que ela me chamou. *Heathan James*... ela me chamou pelo meu *verdadeiro nome*. Minha Dolly, minha Ellis. Duas personalidades muito diferentes que compartilham o mesmo corpo.

Eu amo as duas.

Minutos se passam. Nós nos beijamos. Então eu rolo para o lado. Dolly pousa a cabeça no meu peito, olhando as estrelas enquanto o aparelho de som continua tocando todas as suas músicas favoritas. A mão de Dolly acaricia o meu peito. Eu brinco com seus longos cabelos loiros.

"Só nos resta mais um," diz Dolly, quebrando o silêncio.

Minha mão ainda em seus cabelos. "Sim."

"O Rei de Copas"

"Sim."

Dolly não olha para mim. "Então o que, Rabbit? Depois de destruir o último homem ruim e libertar Ellis, o que vem depois?"

Minhas sobrancelhas se unem. "Eu não sei," disse honestamente. "Nunca planejei além da morte final." Não além da nossa fuga, de qualquer maneira.

Estou perdido em pensamentos quando Dolly sugere, "Uma festa do chá, eu acho." Sorrio. "Devemos celebrar com uma festa do chá, com todos os bolinhos amanteigados que alguém poderia comer!" Ela suspira alegremente. "Sim. Uma festa do chá é o que nós devemos ter. Podemos decidir o que fazer depois disso." Ela ri e meu coração para por um segundo com o som. "Uma boa xícara de Earl Grey. Tudo é resolvido, compartilhando uma xícara de Earl Grey."

Sorrio e passo os dedos pelos seus cabelos novamente. Fecho os olhos, inalo seu perfume de rosas e concordo, "Somente o Earl Grey, sempre."

TILLIE COLE
SICK FUX

CAPÍTULO 16

O Rei de Copas



Rabbit

Observo da cama, enquanto Dolly aplica sua maquiagem. Precisando senti-la de novo, caminho até onde ela está sentada. Ela sorri para mim no espelho enquanto aplica a sombra azul. Pego-a e sento no banquinho. Dolly grita enquanto eu a coloco de volta no meu colo.

Tudo é parte do jogo dela. Eu tinha feito isso todos os dias desde a noite no campo. Desde aquela noite, eu não pude tirar minhas mãos dela.

Dolly pega o seu blush rosa e começa a passar em suas bochechas. Descanso meu queixo em seu ombro e simplesmente a observo. Afastando o cabelo do caminho, descobrindo o pescoço, eu beijo sua pele. Direciono os olhos para o reflexo dela. Sua mão para no ar e suas pálpebras ficam entreabertas.

Estamos em Laredo agora. O último lugar no meu mapa, na casa do Rei de Copas – o pai de Dolly. O cérebro por trás do círculo dos estupradores. O homem que aposta a buceta da filha. Deixou-a para quem ganhasse uma rodada de pôquer.

Fecho os olhos, inalando o aroma de rosas da pele de Dolly. Quando os abro novamente, ela está terminando o batom. Ela abaixa o batom na mesa e, suspirando, se recosta contra o meu peito. Meus braços envolvem sua cintura. Eu a seguro. Esfregando o nariz em sua bochecha.

"Mmm," ela murmura e fecha os olhos. Suas mãos cobrem as minhas em sua cintura. Seus dedos acariciam minha pele. Quando me afasto, encontro seus olhos abertos no espelho. Eu brinco com a fita em volta do seu pescoço, aquela que segura o frasco que diz "Beba-me". Ele está cheio desde a noite na casa de Jaguadarte.

Meu sangue, mais uma vez, pendurado em volta do pescoço dela.

"Nós temos que ir," eu disse. Dolly assente. Estamos em uma cabana que Chapel organizou para nós. É outra de suas casas. Agora que a polícia está atrás de nós, agora que nossos rostos estão espalhados por todas as notícias, não podíamos nos arriscar em hotéis.

Não poderíamos arriscar viajar durante a luz do dia.

"Os Sick Fux", segundo as notícias, "são altamente perigosos". Os Texas Rangers haviam declarado uma caçada. Um prêmio foi oferecido pela nossa prisão.

Isso nunca vai acontecer.

Eu não viveria sem Dolly.

Ela não sobreviveria sem mim.

Dolly guarda toda a maquiagem em sua bolsa sobre a cômoda. "Pronto," ela falou. Levanto-a e coloco seus pés no chão. Endireito minha gravata no espelho e pego minha jaqueta da cama. Eu abotoei-a e peguei a minha bengala de onde estava encostada na cômoda.

Quando me viro, Dolly está segurando sua coroa. Ela está acariciando as "joias", como as chamava. Na realidade, são pedras coloridas de baixo custo.

Vendo o quanto ela está feliz, apenas olhando aquela maldita coroa, derreteu meu coração sombrio. Caminho até ela e paro a alguns centímetros de distância. Dolly ergue os olhos e me lança um enorme sorriso. Pego a coroa de suas mãos e coloco-a em sua cabeça.

Dolly fica imóvel enquanto eu faço isso. Ela toca a coroa, e seus olhos tentam ler meu rosto. "Uma rainha nunca foi vista em público sem sua coroa," eu disse. Esta noite é a primeira vez que vamos sair pelo mundo desde que derrotamos o Jaguadarte.

"As rainhas não são vistas sem suas coroas." Assente. Ela se vira para se olhar no espelho. "Tão bonita..." Murmura, sem tirar sua atenção da coroa cintilante.

Penso exatamente o mesmo, embora eu não esteja olhando para a coroa, apenas ela.

Sempre ela.

Eu estendo a mão. "Vamos."

Dolly coloca a mão na minha e a guio para fora. Passamos pelo Mustang que nos tinha levado através do massacre dos "homens maus". A mão de Dolly desliza fora da minha e acaricia a porta. "Adeus, Mustang," ela fala enquanto o deixamos para trás.

Desbloqueio a garagem no final da propriedade. Quando as portas de madeira se abrem, Dolly ofega e olha para a grande caminhonete preta que nos espera.

"É enorme!" Ela corre para frente alisando o capô. "E tão brilhante!"

Passo por ela e abro a porta. Inclino em sua direção. "Sua carona aguarda, Sua Majestade."

TILLIE COLE
SICK FUX

Uma risada forte explode de sua garganta. Deslizando a mão na minha, ela acena com a cabeça e diz, "Bem obrigada, gentil senhor."

Levanto Dolly sobre o assento e fecho a porta. Coloco sua bolsa de maquiagem na parte de trás da caminhonete com o resto de nossas coisas. Pego o aparelho de som e pulo no banco do motorista; a caminhonete é muito nova para ter um som instalado. Dolly pega o aparelho de som e pressiona o play. Ela dança enquanto saio da garagem e sigo para a estrada de terra que nos leva para fora da propriedade.

Apago as luzes, os olhos focados no escuro enquanto seguimos em direção ao nosso destino final. A viajem é silenciosa exceto pela música. Paro fora dos limites da propriedade, escondendo a caminhonete da vista atrás de um antigo celeiro.

Não tenho certeza de como isso vai acontecer. Mas se nós conseguirmos sair, quero garantir que a caminhonete esteja pronta.

De todos os homens maus, Earnshaw foi o único que o detetive particular não conseguiu informações. Ele nunca deixou sua casa. Não saiu em dois anos. Tanto quanto o detetive descobriu, ele não tem guardas. Não há sinal de uma governanta. Apenas um homem de entrega ocasional. O detetive não soube o que ele estava entregando.

Não fiquei surpreso. Earnshaw sempre foi o esperto. O criador da vida fodida que ele e os tios lideravam. O jogador de xadrez que nos movia por aí, com suas patas fodidas. Ele nunca me tocou. Não sabia se ele tocava Dolly. Ela nunca o mencionou em suas conversas com Ellis.

Mas eu sei que ele havia tocado todas aquelas crianças que vi sendo trazidas pela noite. Entregue em caminhões, pelo amor de Deus. Meu sangue gela, quando me pergunto se era o que estava sendo entregue à sua porta. Mais crianças de casas adotivas.

Cuidadores recebendo milhares de dólares para levar crianças para serem estupradas.

"Rabbit?" A voz de Dolly me arrasta dos meus pensamentos fodidos. "Você está pronto?"

Balanço a cabeça, olhando para ela com seu vestido azul, meias listradas e a coroa em sua cabeça. Sua maquiagem está impecável. Então eu olho as cicatrizes em seus braços. Aquelas que ela ganhou quando começou a ficar louca. Aquelas que ela se infligiu por causa do que ele deixou acontecer. Quando ele me enviou para aquele inferno, a Torre de Água. Dias sem fim na escuridão, desprovidos de Dolly.

Meu sangue começa a ferver, como uma chaleira borbulhando com o aumento do calor. Ele foi responsável por tudo isso. Foi ele quem me levou para aquele escritório e me embebedou com uísque. Me deixou tão bêbado, dia após dia, para o Gato Risonho me foder. Para me segurar e me foder com força.

Foi ele quem pegou a Dolly no seu décimo aniversário e entregou ao Jaguadarte. O homem responsável por tanta dor, que por muitos anos sua mente bloqueou sua vida, recuando para o mundo de um zumbi. Uma concha da menina que gostava de cantar e dançar, e realizar festas de chá imaginárias comigo.

O menino que ela amava... que foi enviado para matar um deles.

O fodido merecia morrer.

"Rabbit?" Dolly chama novamente.

Acenando, saio da caminhonete. Mantenho minha bengala perto. Caminho até a porta de Dolly e a levanto colocando-a de pé na grama alta. A noite está úmida e pegajosa. Dolly segura a cabeça da boneca na mão esquerda. Sua faca e arma estão enfiadas no cinto dela.

Dolly desliza sua mão na minha. Eu olho nossos dedos entrelaçados. Nós sempre andamos assim agora. Desde a noite no campo, ela nunca me deixou ir. Eu só a tomei daquela maneira uma vez. Não estava em mim ser... romântico. Eu precisava de mais. Precisava do sangue. Da luta.

Dolly precisava disso também. Mas ela também precisava que eu fosse suave com ela. Gentil. Mantê-la ao meu lado, deixar ela feliz depois de tantos anos separados, é um sacrifício que eu posso fazer.

Quando a casa entra na nossa linha de visão paramos de caminhar. Virando-me para Dolly, eu digo, "Não sei o que está nos esperando lá." Acaricio sua bochecha sobre o blush que ela tão habilmente aplicou na sua pele de porcelana. Observo seus enormes olhos azuis, guardando a imagem na minha memória... como garantia.

"Rabbit?" Ela sussurra e levanta-se nas pontas dos pés para beijar minha bochecha. "Você parece triste."

Penso sobre isso. Tristeza. Balançando a cabeça, afasto a verdade de sua declaração e digo, "Não sei o que acontecerá lá, Dolly querida."

Ela pisca, longos cílios falsos encostando na parte superior de suas bochechas. Ela olha para baixo, depois de volta para mim. Engole em seco, como se ela entendeu o que eu estava falando. "Pode ser perigoso," ela arrisca.

Concordo com a cabeça, tocando seu rosto de novo. Passo meus dedos por sua bochecha, pelo pescoço e pelos braços dela. Aperto sua mão ainda forte na minha. "Ele sabe que estamos chegando," eu digo e vejo Dolly assimilar todas as minhas palavras. "Ele já nos viu no noticiário. Ele saberá que matamos seus amigos." Paro quando Dolly respira fundo. "Ele vai estar nos esperando."

"Será perigoso." Desta vez, havia maior certeza em seu tom. Quando ela abaixa o olhar e segura a minha mão um pouco mais apertado, eu sei que ela entendeu perfeitamente.

Podemos não sair disso vivos.

Mas ele precisa ser destruído. É a penitência que ele precisa pagar por todos os anos de dor que ele nos causou. Por todos os anos que ele nos manteve separados.

"Ele tem que morrer," disse Dolly, como se tivesse escutado meus pensamentos. Concordo e vejo um brilho de lágrimas nos seus olhos. Ela desvia o olhar, enxuga os olhos e diz, "Ellis deve ser libertada... mesmo que Dolly e Rabbit devam morrer."

"Sim," digo com uma voz áspera, tentando e não conseguindo imaginar um mundo sem ela nele.

"Rabbit?" Pergunta ela. Levanto meu queixo. "Para onde é que se vai quando alguém morre no País das Maravilhas?"

Sorrio, vendo a onda de esperança em seu rosto. "Para a melhor parte," eu digo. "Céus brilhantes. Campos Verdes... e muitas, muitas festas de chá."

Seu rosto se acende. "Com chá Earl Grey, torradas com manteiga e tortas de morango?"

"Claro," confirmo. Inclinando, beijo seus lábios, e então sussurro contra eles, "Apenas o Earl Grey, sempre."

Eu ia me afastar, precisando ir e encarar o idiota, e afastar o pensamento de perder Dolly, mas ela puxou o meu braço. Deixando cair uma lágrima. "Eu te amo, Rabbit." Um sorriso cruza seus lábios. "Talvez até mais do que o chá Earl Grey."

Meu coração fodido quebra. "Eu também amo você." Minha voz saiu áspera, ressoando pelo meu interior. Aproximando, eu beijo as costas de sua mão. "Mas não há nada para compará-la, porque eu nunca amei nada mais. Sempre foi você. Somente você."

TILLIE COLE
SICK FUX

"Rabbit..." Dolly sussurra, envolvendo seus braços ao redor da minha cintura. Ela me abraça por alguns instantes, e então ela se afasta. Colocando a cabeça de sua boneca em seu cinto pelo cabelo, pega a sua arma na mão. Ergue o braço, desliza a outra mão na minha e diz, "Nós vamos chegar atrasados."

Nós caminhamos, minha bengala pronta. Dolly segura sua arma quando nos aproximamos da casa escura. Nós checamos o chão, esperando por qualquer sinal de movimento, de ameaça... não existe nenhuma.

Chegamos à porta da frente. Está desbloqueada. Nós entramos no grande corredor de entrada. Está tão deserta quanto o terreno. A mão de Dolly segura a minha apertada enquanto procuramos nos quartos. Cada um está vazio.

Uma porta solitária está no final do corredor. Nós ficamos de pé diante dela. Dolly olha para mim e me lança um pequeno sorriso.

Um segundo depois, abro a porta. Seguro a minha bengala para o alto, Dolly prepara sua arma... e diante de nós está uma grande mesa, idêntica à do escritório da propriedade Earnshaw.

E atrás dessa mesa está Earnshaw.

Ele está vestido com um terno. Seu cabelo é branco onde já foi escuro. Ele está magro onde já foi robusto... e há dois tanques ao lado dele; tubos plásticos transparentes seguem de um para o seu nariz.

Seus olhos nos encontram, frios.

Uma arma de mão repousa em sua mesa, nada mais. Duas cadeiras estão posicionadas em frente a ele. Eu analiso a sala.

"Heathan James. Eu estava esperando você."

Sinto o congelamento de Dolly. Ouço sua respiração vacilar em ofegos curtos e rápidos. O Rei de Copas olha para ela. Seu rosto

se derrete, um olhar de adoração pura enfeita seus traços pálidos. "Ellis..." suspira. Lágrimas parecem acumular nos olhos dele. "Você está linda." A mão de Dolly começa a tremer na minha.

"Sente-se." Ele gesticula com uma mão fraca para as cadeiras vazias opostas a ele. Meus olhos se estreitam, esperando que alguém pulasse e atacasse. Eu esperava que ele pegasse a arma e disparasse. Mas suas mãos abaixam de forma instável em seu colo, os tubos ligados a ele tocando o topo da madeira.

Dou um passo hesitante para dentro do escritório, depois outro, mantendo Dolly atrás de mim no caso de isso ser uma armadilha. Eu não esperava nada menos. Ele é inteligente. Calculista.

Eu também sou.

"Por favor," ele diz, sua voz, uma vez profunda e comandante, agora fraca e cansada. Sento-me. Em vez de deixar Dolly sentar sozinha, enfrentando o homem que deveria ter amado ela mais do que a própria vida, puxo ela no meu colo. Mantenho minha bengala ao meu lado, pronta para disparar quando chegar a hora. Olho para a arma de Dolly. Ela segura pronta para entrar em ação.

Então eu estudo Earnshaw. Sacos de medicamentos pendem ao seu lado em postes metálicos. Sua pele está pálida, e ele sibila quando respira.

"Câncer de pulmão," ele me informa, observando claramente meu interesse.

Olho para o filho da puta, sem me importar.

"Acontece que todos os charutos que eu fumava eram ruins para mim." Ele riu e depois tossiu.

Eu zombo.

Dolly permanece em silêncio.

Imóvel.

Earnshaw desloca-se em seu assento, um movimento que o faz sibilar de dor. Suas bochechas enrubescem com o esforço. Quando ele chega à posição que queria, encontra os meus olhos. "Eles pensam que só tenho alguns meses."

Meu coração bate mais rápido com essa notícia. Não porque fiquei feliz, mas porque queria que nós - Dolly e eu – fôssemos quem o mataria. Não o câncer. Nossas balas e lâminas. Nosso pagamento pelo que ele havia feito.

"Parece que sua chegada aqui foi fortuita," diz ele. "Mais tempo e eu não estaria vivo." Ele sorri, e esse é o sorriso que lembro. O sorriso que sinaliza que ele percebeu a dor das crianças. Aquele que me deu enquanto me drogava com uísque. Aquele que me deu quando o Gato Risonho levou-me ao meu quarto, mudando o curso da minha vida para sempre. Aquele que me deu quando voltei e ele me vendeu para qualquer idiota que quisesse minha bunda depois.

"Eu não estaria aqui para conversar. Para lhe dizer por que fiz o que fiz."

Dolly permanece em silêncio. Ela mal está se movendo. Meu maxilar contrai. "Por quê?" Pergunto, me odiando por até mesmo lhe permitir a palavra.

Seu olhar fixa-se no meu. "Porque eu adorei," ele fala com prazer. Sinto a temperatura do meu sangue subir tão alta como nunca esteve. "Porque eu realmente gosto de foder crianças. Porque gosto de brincar com a vida das pessoas. Porque a vida é aborrecida sem prazer... e as crianças me dão muito prazer. É simples assim."

Eu respiro. Respiro. Eu respiro enquanto me impeço de matá-lo naquele momento.

"Tenho dinheiro," continua ele. "Tenho tudo o que poderia desejar. Dinheiro pode lhe comprar qualquer coisa." Ele dá o mais fino sorriso. "Mesmo você, Heathan James."

"O que?" Digo, os dentes apertados.

"Seu papai," ele diz com um aceno cansado de sua mão. "Tudo que precisou foi de alguns milhares para garantir que, se alguma coisa acontecesse com ele, eu iria adquirir você. Eu me tornaria seu tutor legal." Sinto a cor sumir do meu rosto. "Apenas precisou de alguns milhares para um homem desesperado, garantir que o Sr. James teve um acidente infeliz, terminando sua vida, logo quando seu filho estava preparado para a escolha. Idade, sabe. Isso conta muito para homens como eu e para os meus colegas." Ele acena sua mão novamente. "Você mantém zero apelo para mim, agora."

Me sinto enojado quando suas palavras fazem sentido. Então seu olhar encontra Dolly. Ela era uma estátua no meu colo. "E Ellis, minha doce garota." Ele sorri para ela. Quero atravessar a mesa e arrancar sua cabeça predatória. "Minha garota, que acreditava ser Alice. Que desfilou por aí com um lindo vestido azul." Ele aponta com a cabeça para a roupa dela. "Parece que nada mudou."

Sinto as pernas de Dolly se contraírem.

"Foi uma pena que sua mãe tenha descoberto sobre as minhas... preferências." Minha respiração pausa. Cada parte de Dolly fica tensa. "Eu não poderia deixá-la saber que eu sabia, é claro. Mas, como você, ela amava o seu chá. Earl Gray, se bem me lembro." Ele olha atrás de nós. Eu viro e vejo uma foto da mãe de Dolly pendurada na parede perto da porta. Earnshaw balança a cabeça. "Uma pequena gota de arsênico em suas muitas xícaras de chá assegurou que ela nunca roubaria minha garotinha de mim, como eu sabia que ela planejava. *Eu* tinha planos para Ellis. Eu sabia o que meus amigos gostavam, e ela definitivamente era isso. Eles jogaram bons jogos de pôquer pelo privilégio de violentá-la pela primeira vez."

Ele suspira. "O único empecilho nos trabalhos era você, jovem Heathan. Sua obsessão com minha filha." Ele balança a cabeça. "Se ao menos você não tivesse matado um dos meus

melhores amigos, você teria ficado ao lado dela." Ele dá de ombros. "Talvez ela não ficasse louca. Ellis, minha pequena garota divertida, tornou-se um surdo-mudo." Ele dirigiu a cabeça para ela, que sentou-se ereta no meu colo. "Parece que ainda não mudou muito." Dolly permanece imóvel. Entro em pânico. Será que ela voltou a ficar reprimida?

Earnshaw dá um longo suspiro. "Eu adoraria saber como você escapou da Torre de Água, Heathan." Ele fala baixo. "Você e aqueles homens que escaparam juntos, irritaram muitas pessoas. Pessoas importantes que confiaram nesse lugar para enterrar suas indiscrições."

Meu lábio se curva no canto com desgosto. Eu totalmente odeio esse idiota. Ele ri quando vê a minha expressão. "Heathan James," ele murmura e ri novamente. "Você acha que somos tão diferentes?" Ele inclina para frente, colocando as mãos na mesa. "Eu gosto de foder com crianças. Você gosta de matar. Eu me satisfaço com os gritos delas. Você se satisfaz com o sangue derramado de suas vítimas. Nossos gostos podem diferir, mas somos muito semelhantes."

"Não sou nada como você," digo, segurando Dolly ainda mais firme.

Sorri vitoriosamente. "Você *é*." Ele inclina apoiando suas costas na cadeira. "Você gosta do poder que matar lhe dá." Ele lambe os lábios secos. "Você usa sua raiva para alimentá-lo. Acho que você precisa me agradecer por isso. Todos esses anos sendo fodido devem ter irritado você."

Balanço minha bengala, pronto para disparar, mas Earnshaw pega sua arma e aponta para mim. Ele abre a boca, prestes a dizer algo mais, algo para me fazer perder a calma, quando uma bala o atinge bem entre os olhos.

O rosto de Earnshaw fica congelado. Seu braço cai na mesa, levando a arma com ela. Eu olho para Dolly, braços estendidos, sua arma ainda em posição de tiro.

"Hora do chá," declara com frieza, depois abaixa lentamente a arma. Ela encolhe os ombros. "Fiquei muito cansada dele falando, Rabbit. Ele tinha maneiras tão ruins, você não acha?" Ela enruga sua testa e faz beicinho. "Você sabe como me sinto sobre más maneiras."

Dolly salta do meu colo e limpa as mãos sobre a saia. Eu a observo, vendo o sangue de Earnshaw começar a aglomerar na mesa pelo canto do meu olho.

Jogo a carta final ao lado da cabeça dele.

Não havia mais o Rei de Copas.

Dolly caminha até a parede das fotos ao lado da porta. Sua respiração falha quando encara a foto da sua mãe, os longos cabelos loiros e olhos azuis. Ela parece exatamente com Dolly.

As mãos trêmulas de Dolly traçam o rosto dela. Meu interior torce quando vejo deslizar uma lágrima de seus olhos. Então ela se move para a foto de Ellis. Ela devia ter apenas oito anos. Lembro dela assim. A menina que se sentou ao meu lado na grama, quando ninguém mais falou comigo. A garota que me disse que éramos amigos, quando nunca tinha tido um antes.

Dolly coloca sua mão contra o rosto sorridente de Ellis por tanto tempo que me levanto da minha cadeira. Antes de me aproximar, Dolly diz, "Ellis foi embora." Eu congelo, a meio-passo. "Ellis está livre..." Dolly suspira e vira-se para mim, sua mão escorregando do rosto de Ellis. "Ela foi para a parte do País das Maravilhas onde os céus são azuis brilhantes. A grama é verde, e há muitas, muitas festas de chá."

Os olhos de Dolly abaixam. Quando me olham novamente com pestanas falsas, eu sei o porquê. Ela está avaliando minha

reação. Vendo como eu reagiria ao saber que minha pequena Ellis, a pessoa que vivia atrás de uma porta na mente de Dolly, tinha ido.

Ela queria saber se Dolly era boa o suficiente para mim.

Caminho até ela e seguro o seu rosto. "Estou feliz que ela tenha ido. Quero que ela seja feliz. Não há mais trevas, nem mais tristeza." Beijo a boca de Dolly e ela suspira contra os meus lábios. "Rabbit tem sua Dolly; é tudo o que importa agora."

O sorriso dela em resposta é ofuscante.

Dolly olha ao redor da sala. "E agora, Rabbit?"

"A missão está completa." Alcanço o bolso de Dolly e pego o seu batom. "O último," pergunto, e Dolly concorda.

Ela olha pela sala. Seus olhos se fixam na parede atrás de onde Earnshaw está morto. Dolly caminha atrás dele e começa seu rabisco. "SICK FUX", pela última vez, no seu batom rosa favorito...

Logo abaixo, uma foto de Ellis sentada no colo de Earnshaw.

Dolly deixa cair o tubo semi-usado no chão. Ela abre a boca para dizer outra coisa, mas o barulho das sirenes da polícia vem lá de fora.

"Venha. Devemos ir," eu disse, o pulso no meu pescoço saltando de repente.

Dolly ri com entusiasmo e corre para mim. Arrasto ela da sala por uma das janelas. Os carros da polícia vêm em alta velocidade pela estrada.

"Que lindas luzes azuis!" Diz Dolly com admiração.

Puxando-a pela mão, rapidamente desço as escadas. Eu tento porta após porta até encontrar uma que desce até o porão. Eu sei pelos mapas do detetive que há um túnel subterrâneo para o celeiro. Sem dúvida o caminho que ele usou para trazer os lotes de crianças que havia estuprado antes de ficar doente.

Nós corremos até o porão, fechando a porta atrás de nós, apenas momentos antes de ouvir a polícia entrar na casa. Vozes silenciadas vieram dos pisos acima de nós. Puxo Dolly pelo grande porão até encontrar uma porta. Abro para ver um túnel estreito. Estou prestes a correr quando percebo que isso leva ao abrigo de tempestade.

"Errado," digo e começo a procurar outras portas. Meu coração bate mais rápido quando não consigo encontrar uma. Então eu vejo uma grande estante. Uma teia de aranha se agarra ao topo... uma teia de aranha que oscila como se houvesse um vento por trás disso.

A porta está atrás das prateleiras.

Puxo Dolly nessa direção e solto sua mão para começar a empurrar as prateleiras fora do caminho. Dolly murmura atrás de mim, dançando no local.

Um suspiro vem do final da escada.

Eu me viro rapidamente para ver um homem usando um chapéu de cowboy. Coração batendo selvagemente, empurro Dolly atrás de mim e preparo minha bengala. Mas o Ranger não está olhando para mim. Seus olhos estão fixos em Dolly.

Dolly espia ao lado da minha cintura e olha para ele.

Ele se aproxima, ignorando-me, até eu bloquear seu caminho. Olhos estreitados olham para mim... e foi quando eu vi. Aqueles olhos. Conheço esses olhos. Olhos que me olham com ódio.

"Eddie fodido Smith," digo e observo seu rosto ficar tenso. Olho para o uniforme dele e sorrio. Ele conseguiu realizar seu desejo afinal.

Texas Ranger.

"Rabbit?" Dolly sussurra por trás de mim. "Quem é esse?" Ela dá um passo ao meu lado. Eddie Smith engole em seco quando vê

Dolly em sua roupa de Alice no País das Maravilhas. Enquanto os olhos azuis dela, os olhos que ele amou por muitos anos, fixam nele. Por sua reação, eu tenho certeza de que o amor ainda não desapareceu.

Eddie não fala, apenas olha fixamente. Quando Dolly olha para mim, esperando que eu respondesse a sua pergunta, digo a única coisa que me veio à mente. "O Chapeleiro Maluco," anuncio, olhando o chapéu em sua cabeça. "Dolly, este é o Chapeleiro Maluco." Dolly ofega de excitação, suas mãos cobrindo a boca.

Então, encontrando os olhos de Smith, pergunto, "A pergunta é, o que o Chapeleiro Maluco está prestes a fazer?"

CAPÍTULO 17



Eddie

Não posso acreditar que seja ela. Ellis. Em carne. Falando. Sorridente... feliz.

"A pergunta é, o que o Chapeleiro Maluco está prestes a fazer?"

Ouço nossos homens lá em cima, procurando nos quartos. Eu sei que em algum lugar, Earnshaw estaria deitado em uma piscina de seu próprio sangue. Ele era o último alvo que tinham, o orquestrador do abuso deles. O maestro de todos os movimentos doentios e torcidos que ocorreram na propriedade Earnshaw.

Apenas muito recentemente eu soube tudo.

Olho para Ellis e quero chorar pelas coisas que soube que foram feitas para ela. Eu levanto os olhos para Heathan. Embora o odeio com cada grama do meu ser por roubar minha garota, nunca teria desejado o que tinha acontecido a ele causado por aqueles homens malvados.

Eu relembro a entrevista com Simon Wells. Aquele que fez a queixa sobre Earnshaw e seus colegas anos atrás. A queixa foi ignorada.

Relembro o que ele me contou, sobre as coisas terríveis que Earnshaw e seus colegas tinham feito com ele. Sobre como ele viu Heathan, e mais tarde Ellis, sendo conduzidos para quartos onde o mesmo destino, sem dúvida, os esperava. Eu tinha corrido diretamente para o banheiro e vomitado.

"Você é o Chapeleiro Maluco?" A voz de Ellis interrompe minha lembrança do testemunho de Simon. Mas o que ele me disse permanece. Enquanto olho para o rosto pesadamente maquiado, um relógio estranho desenhado ao redor de seu olho esquerdo, tudo o que posso pensar é em como ela foi tomada por esses homens... entregue pelo seu próprio pai.

O homem morto no andar de cima, quem eu acredito ter merecido a morte.

Inferno, todos mereceram morrer.

"Sim," respondo. Ellis falou com um sotaque inglês. Ela veste as roupas de uma Alice no País das Maravilhas sexualizada e, para finalizar, carrega uma coroa em sua cabeça. "Sou o Chapeleiro Maluco," confirmo e vejo Heathan respirar com mais facilidade. Quando olho para ele, ele está olhando Ellis com o mesmo olhar miserável e possessivo que ele tinha quando eram crianças.

Percebo que em sua própria maneira fodida... ele a ama.

Ele voltou por ela.

Jesus... acho que ele a salvou.

Se vingou daqueles que os haviam prejudicado, sem dúvida... por *ela*.

Ellis corre para mim, e perco o fôlego de quão linda ela está. Eu vejo a lâmina no cinto dela. Vejo a arma na mão. A cabeça da

velha boneca também está na sua cintura. "Você faz festas do chá?" Pergunta com entusiasmo.

Admirando a inocência de Ellis, concordo com a cabeça. Entro no seu jogo... uma última vez. "Sim." Minha voz áspera traiu o aperto da minha garganta. "Faço festas de chá."

Ellis grita e eu gemo, rezando para que a voz não tenha sido ouvida pelos homens lá em cima. "Devemos frequentar um dia, não devemos, Rabbit?"

"Claro, querida," disse Heathan. Seus olhos cortaram o teto quando o som de passos se aproximava da escada do porão.

"Você está convidada," eu disse, e ela bate palmas. Olho para Heathan e vejo ele me observar. Ele está tentando descobrir o que vou fazer.

Vejo a sua bengala. Soube pela empregada que essa bengala é constituída por uma lâmina e uma arma. E esperei que ele fosse me matar agora. Sabendo que ele está ouvindo e sabendo que ele iria entender pela interpretação, digo a Dolly, "Você precisa correr agora, para não chegar atrasada. Você deve seguir o Rabbit por um novo buraco. Mas um dia..." sorrio, vendo os olhos azuis dela arregalarem e tão, tão lindos, "Mas um dia, teremos essa festa. E vou trazer o chá Earl Grey."

"Earl Grey!" Ela se vira para Heathan. "Rabbit? Isso não parece absolutamente encantador?"

"Claro, pequena Dolly." Ele balança a cabeça para ela ir até ele. Dolly obedece, como Ellis sempre tinha feito com Heathan. Heathan puxa-a para o lado dele, depois vira-se para uma estante atrás deles. Uma que agora revela a entrada de um túnel.

"Vou fechá-la atrás de você," aviso, e o olhar suspeito de Heathan se estreita em mim. Eu removo o chapéu. "Por ela," digo. O entendimento espalha no seu rosto. "Pelo que fizeram... a vocês dois."

Heathan faz uma pausa, os olhos ainda estreitados e depois concorda. Pegando a mão de Dolly, ele a puxa através da lacuna. Eu corro para assisti-los desaparecer de vista, Heathan correndo, Dolly pulando, segurando a mão com força. "Chapel," ouço ele dizer ao telefone. "Preciso daquela travessia de fronteira agora!"

Ouvindo a porta do celeiro abrir, empurro a estante no lugar e corro para a porta oposta, para a qual sei que é um abrigo de tempestade. Meu tio desce os degraus. "Earnshaw está morto. Tiro. E recentemente. Ele ainda está quente. Eles estão próximos."

Aponto para a porta do abrigo de tempestade. "Ouvi vozes aqui embaixo. Acho que são eles."

Os homens atrás do meu tio avançam pelo túnel, levando-os na direção oposta de Heathan e Ellis. Meu tio me olha estranhamente, então eu corro pelo túnel.

Enquanto corro, prendo o chapéu na minha cabeça e penso, *O Chapeleiro Maluco. Depois de todo esse tempo...*

...finalmente.

EPÍLOGO



Dolly

México

Ando sobre a areia até onde eu sei que Rabbit me espera. O guarda-sol grande esconde o seu rosto. Mas vejo seus antebraços tatuados, as mangas da camisa enroladas até os cotovelos.

Mão no quadril, caminho ao redor do guarda-sol até que sei que ele pode me ver. Olho para o mar. Rabbit e eu moramos em uma casa de praia. Temos nossa própria praia privada. Podemos ver a praia pública ao nosso lado. Afinal, observar as pessoas no País das Maravilhas é uma das minhas coisas favoritas na vida. Com cada dia aqui, nesta nova parte do País das Maravilhas, fiquei curiosa.

Ouço Rabbit rosnar profundamente em sua garganta.

E sorrio.

Eu arqueio minhas costas, fingindo ver algo na distância. Rabbit rosna novamente e diz, "Vire-se."

Arrepios sobem pela minha coluna ao seu comando. Arrumo meu cabelo com as mãos, prendo minha coroa e giro... lentamente... oh tão devagar. Meu aparelho de som canta uma

música sobre uma bebida de fruta chamada Piña Colada. Eu balanço meus quadris com a batida.

Quando olho, Rabbit tinha inclinado sua espreguiçadeira. Eu sorrio ao vê-lo. Ele se veste como sempre fazia, apenas suas calças estão enroladas até os joelhos, mostrando suas pernas tatuadas. As mangas de sua camisa preta também estão enroladas. Sua camisa está desabotoada até o umbigo, e sua gravata desliza ao redor de seu pescoço.

E ele usa um monóculo no olho esquerdo. Eu tinha comprado para ele de presente. Meu Rabbit não poderia ser um *verdadeiro* Rabbit sem um monóculo.

O frasco com o meu sangue pende do seu pescoço. Minhas coxas contraem apenas olhando para ele... pensando naquela noite. E as muitas noites que foram assim. Adoro tocar o meu Rabbit.

Não passou uma noite que não nos tocamos e brincamos.

"Aqui," ordena Rabbit, apontando para o pequeno espaço na espreguiçadeira. Eu mantenho minha mão no quadril enquanto saltito para ele. Fico de pé ao lado da espreguiçadeira e pergunto, "Bom?"

Espero ele comentar sobre o meu novo biquíni azul claro e branco. Os olhos de Rabbit brilham enquanto eles avaliam o meu corpo. Olho para sua virilha e sorrio.

Ele gostou muito do que viu.

De repente, Rabbit agarra meu pulso e me puxa para o seu peito. Grito quando caio. Mas sorrio quando o meu peito atinge o dele. Quando meus lábios pairam acima dos dele.

"Você gosta?” Pergunto. "Do biquini?"

A mão do Rabbit se move para a parte de trás do meu pescoço e ele bate seus lábios sobre os meus. Ele devora a minha boca, mordendo o meu lábio. Contra atacando, mordo seu lábio tão

forte que sinto gosto de sangue. Rabbit geme alto quando ele intensifica o beijo.

Quando nos separamos, suas pupilas estão dilatadas. "Rabbit bobo," repreendo e bato no seu peito duro.

Alguém limpa a garganta. O garçom trouxe nosso chá. "Hora do chá!" Grito e aponto para a mesa ao nosso lado para o garçom colocar a bandeja. Os braços do Rabbit ficam ao redor da minha cintura, segurando-me no lugar. Eu não vou a lugar algum.

O garçom retira-se. Eu me inclino e sirvo o Earl Grey em nossas xícaras. Leite e açúcar, dois cubos cada. A mão do Rabbit descansa sobre o meu estômago. Quando eu me viro para lhe dar seu chá, ele está olhando para o seu telefone. Deito ao lado dele e coloco o seu chá na mesa do outro lado. Coloco minha cabeça em seu ombro e observo ele escrevendo as palavras que não consigo ler.

"Um dia vou conhecê-los?" Perguntei, balbuciando. Eu quero ser amiga do Sr. Chapel e dos senhores Henry e Hyde.

"Talvez um dia," Rabbit diz e guarda o telefone. "Eles têm suas próprias viagens para fazer primeiro. Seus próprios homens maus para matar."

Eu me sento animada e tomo um gole do meu chá. "Estou entediada," reclamo, soltando um profundo suspiro. Viro para Rabbit. "Sinto falta de matar, Rabbit. Sinto falta de afundar minha lâmina na carne das pessoas e fazê-las sangrar." Eu penso em todas as nossas adoráveis matanças. Sorrio com carinho. "Sinto falta de ouvir os altos gritos que nossa perversidade causa também."

Aqueles sons doces e celestiais...

"Eu também, querida," ele responde, e sorri próximo a xícara, sua parte impertinente fica dura em sua calça. Eu sei que ele está imaginando todo aquele adorável sangue em suas mãos.

Eu me ocupo com o meu chá. Eu tinha tomado apenas quatro goles, Rabbit tinha tomado apenas dois, quando um barulho alto pode ser ouvido da praia pública ao nosso lado. Nossas cabeças viram naquela direção. Um homem segura um menino pequeno – não mais do que oito anos – pelo pescoço. Sua boca está no ouvido da criança... então ele passa a mão pelas costas descendo para a bunda do menino.

O menino chora.

Minha xícara de chá treme na mão com a visão da cena. Para o homem lambendo o pescoço do menino. O garotinho congela, sua cabeça caindo enquanto o homem o conduz a um carro que espera na beira da praia.

"Dolly," diz a voz gelada de Rabbit enquanto observamos o carro sumir de vista.

"Sim, Rabbit?"

Ele se vira para mim, seus olhos tão furiosos quanto os meus. "Nós vamos entrar em uma nova aventura." Sinto o sangue borbulhar pelas minhas veias. Eu concordo com prazer. Ele termina o chá e depois senta-se na beira da espreguiçadeira.

Fico de pé, pronta para correr atrás do carro.

Rabbit estende a mão e me detém segurando o meu pulso. Ele envia mensagens em seu celular. "Chapel terá o endereço dele em dez minutos. O idiota me deixou ver sua placa do carro."

Sorrindo, ele se levanta e me puxa contra o seu peito. Seus olhos estão selvagens, seu pau duro pressionando contra minha perna. "Vá buscar sua arma e sua lâmina..."

"E meu vestido, meias, botas e batom," digo, interrompendo-o. "Eu não posso matar sem todas as minhas coisas favoritas." Meus olhos se arregalam. "Oh! E minha Alice também. Ela simplesmente *ama* nos ver matar."

Então espero. Espero pelo Rabbit... meu Rabbit... assinalar o início de nossa nova aventura.

Eu o observo, respiro profundamente. Observo quando um sorriso lento e malvado cruza seus lábios. Observo quando ele alcança seu colete e pega seu relógio de bolso.

Meu coração acelera quando ele olha nos meus olhos. Meu olhar preso no dele enquanto levanta o relógio até sua orelha.

Tocando no metal.

E com maldade em seu coração e escuridão em suas veias, sorri e diz, "Tique taque."



"SICK FUX" por Ed Williamson

PLAYLIST

Dear Jessie — Madonna

Love The Way You Lie — Eminem, Rihanna

Ballroom Blitz — The Struts

Monster — Kanye West, JAY Z, Rick Ross, Nicki Minaj

Dark Fantasy — Kanye West

The Land of Make Believe — Bucks Fizz

Poison — Alice Cooper

Living Doll — Cliff Richard & The Drifters

Savage (feat, Flux Pavilion & MAX) — Whethan (Strip club scene)

Sexxx Dreams — Lady Gaga

My Boy Lollipop — Millie Small (The Caterpillar scene)

Fragile — Kygo, Labrinth

Chitty Chitty Bang Bang: Doll on a Music Box/Truly Scrumptious — Original Cast Recording

Issues — Julia Michaels

Two Fux — Adam Lambert

Believer — Imagine Dragons

Seven Nation Army — The White Stripes

Crazy Train — Ozzy Osbourne

Two Ghosts — Harry Styles

With Or Without You — U2 (Prom Scene)

Feels — Care

One Mississippi — Zara Larsson

Many Of Horror — Biffy Clyro

If We Were Vampires — Jason Isbell & the 400 Unit

Praying — Kesha

These Four Walls — Little Mix

What About Us — P!nk

Power — Little Mix

Make Me Wanna Die — The Pretty Reckless

Monster — Lady Gaga

We Found Love — Rihanna, Calvin Harris

Escape (The Pina Colada Song) — Rupert Holmes

Dusk Till Dawn — ZAYN, Sia (The Jabberwock Scene)

Mad Hatter — Melanie Martinez

Cocaine Blues — Joaquin Phoenix

Para acessar a playlist de SICK FUX, é só seguir o link: https://open.spotify.com/user/authortilliecole/playlist/1ALHjkVtdpEdV3hAFhWoE7?si=f41AChgh

Para acessar a playlist de músicas da Dolly é só seguir o link: https://open.spotify.com/user/authortilliecole/playlist/6JNlLwv7jbdZWt062myaFT?si=SGT0EXts

